



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ELVINO MIGUEL DE OLIVEIRA BORGES

**O projeto do Padre Francisco Libermann e a
atividade missionária dos Espiritanos em Cabo
Verde (1941-1975)**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Adélio Abreu

**Porto
2015**

SIGLAS E ABREVIATURAS

ADECV – Arquivo do Distrito Espiritano de Cabo Verde, Praia.

APNSR – Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Ribeira Grande, Cabo Verde.

APPCSSp – Arquivo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, Lisboa.

APSC – Arquivo da Paróquia de Santo Crucifixo.

CV – Cabo Verde.

DS – Directoire Spirituel.

F.-M.-P – François Marie Paul.

ICL – Instituto cabo-verdiano do livro e do disco.

LIAM – Liga intensificadora da Ação Missionária.

ND – Notes et Documents relatifs à la Vie et l'Œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann.

PAIGC – Partido africano para a independência de Guiné – Cabo-Verde.

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

RP – Reverendo Padre.

RVE – Regra de Vida Espiritana.

USA – United States of America.

INTRODUÇÃO

Falar do Projeto do Padre Francisco Maria Paulo Libermann e da ação dos Espiritanos em Cabo Verde pode, à primeira vista, configurar-se como a articulação forçada de dois temas bem distintos. Na realidade, porém, os dois assuntos encontram-se vinculados, pois o primeiro deles vai servir de fundamento ao edifício missionário erguido pelos missionários em Cabo Verde.

A Congregação do Espírito Santo, fundada por Claude PoullartdesPlaces, em 1703, nasceu vocacionada para se dedicar aos pobres. Tal dedicação teria, porém, de se alicerçar numa espiritualidade profunda decorrente dos votos e da vida comunitária, fontes de dinamismo apostólico bem distinto da mera agitação filantrópica. A dedicação aos pobres tinha a finalidade bem marcada de, antes de mais, salvar almas, o que se obtém pela oração e consagração ao Senhor mais do que mediante correrias através dos continentes. Esta finalidade de uma vida religiosa profunda tendo em vista a salvação das almas mais abandonadas não incluía em concreto qualquer campo de apostolado: indicá-lo seria obra da vontade de Deus. Assim aconteceu de facto: Libermann, que fundara a Sociedade Missionária do Imaculado Coração de Maria, tinha missionários preparados para este apostolado difícil, mas o campo de apostolado ainda não aparecia. Até que surge a fusão em 1848 com a Sociedade de PoullartdesPlaces...

Portanto, aconteceu que a Congregação do Espírito Santo com seu imenso campo de apostolado na Europa, América e Ásia, fica sem missionários para o preencher. Libermann veio, pois, dar novo fôlego missionário à nova Sociedade, acrescentando-lhe ainda o discernimento de quanto a África estava sedenta de Evangelho.

Algo maravilhoso aconteceu também com Cabo Verde. Apesar de não aparecer como evidente campo de realização dos objetivos imediatos da Congregação, em 1941 a Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo é chamada a evangelizar as ilhas de Santiago e do Maio, descobrindo o quanto Cabo Verde era campo adequado ao

exercício da sua vocação específica: lá depararam com um povo pobre, com necessidade de salvação e ansioso por dispor dos meios para a ela aceder.

Nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, Cabo Verde passou por momentos e circunstâncias difíceis que levaram a uma quase total decadência, quer do ponto de vista económico quer do religioso, apresentando-se, portanto, como campo apostólico que correspondia aos fins da Congregação.

No desenvolvimento do tema *O projeto do Padre Francisco Libermann e a atividade missionária dos Espiritanos em Cabo Verde (1941-1975)*, vamos tentar mostrar, em primeiro lugar, quais foram as aspirações e as orientações missionárias do Padre Libermann; depois traçaremos um pequeno esboço histórico do povo cabo-verdiano; seguidamente referiremos que, graças também ao contributo dos missionários, podemos constatar a ocorrência de um processo de progressiva revitalização social e religiosa; em seguida, confrontaremos, por último, a prática missionária dos agentes da missão em Cabo Verde com as prescrições do Padre Libermann: vamos, pois, mostrar em que medida a ação dos missionários respeitou as linhas de força traçadas por Libermann. Em suma, apresentaremos em síntese o projeto missionário de Libermann e, de seguida, descreveremos o modo como entre nós foi concretizado.

Aquando da viagem apostólica a Cabo Verde em 1990, São João Paulo II, na homilia que proferiu na esplanada de “Quebra Canela”, apelou aos cabo-verdianos que mantivessem uma atitude de agradecimento para com os missionários e justificou tal pedido dizendo que foi por intermédio dos missionários que eles tiveram a possibilidade de serem discípulos de Cristo e de acolherem a Sua salvação. Sentimo-nos pessoalmente interpelado por esse apelo, como cabo-verdiano autóctone da ilha de Santiago (ilha onde os missionários da Congregação do Espírito Santo assentaram arraiais e onde, com o despojamento de si mesmos, conseguiram a atual floração cristã); foi a nossa pertença à Congregação do Espírito Santo e a nossa paixão pela história da missionação desta ilha que nos levaram a escolher este tema. Independentemente da facilidade ou não do acesso às fontes, seguimos em frente com aquilo que nos propusemos desde o início, pois o nosso duplo objetivo é aprofundar cada vez mais os nossos conhecimentos quer do ensino e orientações missionárias do segundo fundador da Congregação do Espírito Santo, quer da história geral do povo cabo-verdiano, de forma a compreendermos melhor o porquê da presença dos missionários Espiritanos em Cabo Verde a partir do ano de 1941 e a sua respetiva ação e trabalho levados a cabo até ao final do ano 1975.

Visto que os missionários eram na sua maioria portugueses da metrópole e que, portanto, tinham de se movimentar no âmbito do acordo missionário firmado entre a Igreja e o governo, quisemos pesquisar até que ponto se mantiveram fiéis à sua vocação, não obstante não poderem abstrair por completo das normas governamentais. Tendo nós bem presentes as inúmeras cartas espirituais, comentários bíblicos e conselhos aos missionários de Libermann, tentaremos fazer uma síntese destes escritos de forma a identificarmos o essencial da sua doutrina.

A informação sobre o projeto de Libermann foi colhida a partir de diversas fontes. Tivemos a oportunidade de consultar os seus escritos nos arquivos e bibliotecas de duas comunidades espiritanas da Província Portuguesa, respetivamente a comunidade do Pinheiro Manso, no Porto, e a casa provincial dos Espiritanos na rua de Santo Amaro à Estrela, em Lisboa. Em França, tivemos acesso à biblioteca da comunidade espiritana de Saverne e a oportunidade de efetuar uma visita guiada aos passos de Libermann, a começar pela pequena aldeia onde nasceu até se estabelecer em Paris (rue L'homond), onde faleceu. O desejo de aprofundar a vida de Libermann surgiu-nos durante o noviciado em França (Chevilly-Larue) quando pela primeira vez, por intermédio de testemunhos de missionários especialistas em Libermann, descobrimos a importância das suas doutrinas e orientações sobre a missão. No que se refere a Cabo Verde, obtivemos informação vária a partir de cartas ou relatos dos próprios missionários, além de testemunhos orais de pessoas que presenciaram a missão e de pessoas conhecedoras do repositório histórico da presença espiritana no arquipélago. A nossa vontade de efetuar uma pesquisa alargada levou-nos a colher informação também a partir de artigos de jornais, revistas, livros, *sites* da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, que focassem a ação apostólica desempenhada pelos Espiritanos desde a sua chegada a Cabo Verde. Conseguimos ainda documentos no arquivo da Diocese de Cabo Verde. Para termos também informação dos leigos sobre a ação dos missionários, elaboramos um pequeno questionário que dirigimos a leigos das ilhas de Santiago e Maio. Dada a nossa permanência em Portugal por motivo de estudos, este questionário foi entregue a nosso irmão, licenciado em sociologia, que diligentemente se esforçou por conseguir os depoimentos de algumas pessoas. Nem todas se prestaram a dar o seu testemunho, mas sempre obtivemos algumas respostas interessantes, reveladoras sobretudo do temperamento, das reações e do modo de fazer apostolado de certos missionários em

particular ¹ . Conseguimos ainda vídeos e blogues que também descrevem acontecimentos marcantes e dão a conhecer obras por eles criadas. A nossa pesquisa via internet tinha em vista a comparação entre as duas distintas fontes de informação: os documentos dos missionários, por um lado; e a reação do povo ao seu apostolado, por outro. Podemos afirmar que, sobre o tema, consultámos tanto quanto nos foi possível, pelo que quanto dizemos resulta de informação sustentada e controlada a partir de vários pontos de vista (Espiritanos e leigos).

Uma vez que se aproximam os 75 anos de presença espiritana em Cabo Verde, não podíamos deixar escapar a oportunidade de, por este trabalho, mostrar a nossa gratidão por tudo o que os missionários fizeram em benefício do povo cabo-verdiano que hoje desfruta de uma sociedade bem organizada, embora com algumas limitações. O Padre Libermann, que mandara os seus filhos serem africanos com os africanos, à maneira de Cristo que sendo Deus fez-se homem assumindo a condição humana, estará satisfeito com a ação missionária de seus filhos, da Província Portuguesa e da Suíça, enviados ao povo do arquipélago de Cabo Verde desde o ano 1941? É isso que vamos descobrir ao longo do nosso trabalho. Buscaremos a maneira de sermos o mais realista possível, sem fugir à verdade dos acontecimentos: não fugiremos da realidade, mostraremos até os deslizos, caso os encontrarmos, pois onde há homens, ainda que santos, não deixa de haver algum joio entre o trigo.

O nosso trabalho terá uma introdução, um corpo de texto com três capítulos e uma conclusão. Os três capítulos obedecerão ao seguinte conteúdo: 1. Francisco Libermann e o seu Projeto Missionário; 2. A Atividade Missionária dos Espiritanos em Cabo Verde (1941-1975); 3. O Confronto do Projeto de Libermann com a Missão dos Missionários em Cabo Verde.

No primeiro capítulo apresentaremos Francisco Maria Paulo Libermann, um judeu alsaciano que se converteu ao cristianismo, seguindo depois a sua vocação sacerdotal e missionária. Destacaremos o projeto elaborado por ele em benefício dos mais pobres e abandonados da época. Enquadraremos o seu plano nas circunstâncias históricas da época, como forma de realçar a intuição que teve sobre a oportunidade de um tal género de apostolado.

No segundo capítulo, destacamos a chegada dos Espiritanos pela primeira vez a Cabo Verde, as suas atividades pastorais, os momentos altos e baixos da sua ação, no

¹ Em apêndice oferecemos um relatório dos dados recolhidos. Os depoimentos encontram-se em anexo.

decurso do seu labor missionário. Antes, porém, faremos um enquadramento histórico da realidade cabo-verdiana desde a descoberta do arquipélago até à véspera da chegada dos missionários Espiritanos. Esse capítulo será dividido em duas fases: a primeira é a fase da atividade missionária que vai de 1941 a 1955; a segunda, a que vai de 1955 a 1975. Acharmos conveniente abordar a atividade missionária de 1941 a 1975 em duas fases pelas seguintes razões: na primeira fase começa com a chegada dos primeiros Espiritanos na companhia do Bispo D. Faustino Moreira dos Santos, do ano 1941 a 1955, devido às condições extremas da Diocese de Cabo Verde procuraram responder às grandes necessidades desta igreja local; a segunda fase começa com a chegada do Bispo D. José do Carmo Colaço em 1956 que retomou a dinâmica pastoral do seu antecessor, e por consequência, em 1975 a Diocese teve o seu primeiro bispo originário o bispo D. Paulino Livramento Évora. Por isso, pretendemos mostrar a especificidade missionária, ou seja, a dinâmica pastoral que se levou a cabo nas respetivas fases.

No terceiro capítulo faremos o confronto entre as propostas missionárias do Padre Libermann e o exercício da ação missionária pelos Espiritanos em Cabo Verde, para aferir a aplicação daquelas. A ação deles restringe-se às ilhas de Santiago e Maio, o campo que lhes foi entregue, porque mais condizente com seu carisma. Além desta atividade específica, haveria a assinalar a sua influência em todo o arquipélago mediante a ação formativa do clero autóctone, já que a direção do seminário diocesano sempre lhes foi confiada. Após a morte de D. Faustino, espiritano, sucedeu-lhe D. José do Carmo Colaço, do clero secular de Goa; mas, após a morte deste, o seu sucessor foi um outro espiritano. Não deixaremos de apresentar empecilhos, e até mesmo certas resistências, à ação dos missionários.

CAPÍTULO I:

FRANCISCO LIBERMANN

E O SEU PROJETO MISSIONÁRIO

Um novo desafio para a Igreja começou aquando dos Descobrimentos, ao longo do século XV, com a descoberta da América por Cristóvão Colombo: muitos africanos foram comprados e transportados para a América onde eram vendidos como escravos e, depois de serem vendidos, eram obrigados a submeter-se inteiramente aos seus mestres.

As Ordens Mendicantes e os clérigos regulares do século XVI deram um importante contributo para a evangelização dos novos povos (*ad gentes*) mas não conseguiram responder cabalmente, devido às circunstâncias da época, já que surgiu a questão da existência ou não de uma alma nos novos povos (os negros da África e os indígenas da América do Sul). As revoluções e as novas ideias do iluminismo marcaram o pensamento de várias pessoas e, ao mesmo tempo, obscureceram o pensamento de muitas outras. Ao longo dos séculos, esta dissemelhança de pensamento provocou algumas instabilidades por causa das convicções ideológicas defendidas por certas pessoas, convicções que iam contra os valores e doutrina da Igreja. Apesar dos empecilhos que se apresentaram na missão *ad gentes*, o Espírito Santo foi agindo na Igreja de forma a encontrar sempre soluções para os obstáculos que as circunstâncias de cada época apresentavam.

Foi assim que Francisco Libermann (1802-1852), francês de origem nascido no seio de uma sociedade em mudança e numa época em que várias pessoas e movimentos lutavam com um objetivo determinado, se encarrega ele próprio de dirigir uma Obra apostólica. Essa Obra era fruto da ideia de dois antigos colegas seus no Seminário de São Sulpício (Paris). Libermann, consciente das dificuldades que o esperavam, aceitou com satisfação a proposta dos dois colegas, de dirigir um projeto de evangelização com o nome de Obra dos Negros.

Libermann foi um homem que ganhou muita experiência no contacto que foi tendo com pessoas de várias classes e posicionamentos na ordem social. Isto permitiu-

lhe redigir um projeto missionário que mais tarde viria a servir como guia do quotidiano dos membros da futura sociedade.

1. A resposta a uma vocação missionária

A experiência religiosa de Libermann foi lenta, progressiva mas ao mesmo tempo, foi profunda e eficaz. Através da sua atitude paciente diante de Deus, pelo discernimento, foi tomando consciência e descobre que estava a responder a uma vocação imposta, e progressivamente foi descobrindo qual era verdadeiramente a sua missão. A total confiança em Deus fê-lo descobrir e realizar a vontade de Deus, que consistia na evangelização dos mais pobres e abandonados daquela época.

Depois da sua conversão, sentiu-se chamado ao sacerdócio. Ele começou a sua caminhada no Seminário de São Sulpício, em Paris, mas o seu percurso não devia terminar ali, porque Deus tinha para ele uma outra missão que nunca imaginara. Por isso, consideramos que a compreensão da sua vida, do seu percurso desde o nascimento ao leito de morte, nos permitirá uma intuição profunda e imediata sobre a decisão que ele tomou. Olhando para a situação em que se encontrava, constatamos que Libermann tanto podia cair na desgraça como conseguir um excelente resultado. Na decisão tomada por ele de aceitar a direção da Obra dos Negros, aconteceu tudo providencialmente e, segundo Libermann, aconteceu segundo a vontade de Deus.

Desonerado da sua família por causa da sua conversão, excluído entre os candidatos ao sacerdócio por causa da epilepsia, sem terra e sem bens, Libermann experimentou uma pobreza extrema. Mas isso não o desencorajou, porque a sua intimidade com Deus e a sua confiança n'Ele eram muito fortes. Isto impulsionou-o a responder zelosa e dinamicamente ao chamamento de Deus, arriscando a sua própria vida na fidelidade a esse chamamento. Numa carta enviada ao seu irmão Sanson e à sua cunhada em 1839, informa-os sobre o seu medo, as suas dúvidas e, ao mesmo tempo, faz uma grande profissão de confiança em Deus, com a afirmação de que, apesar das dificuldades, ele se considerava como o homem mais feliz do mundo porque apenas lhe restava Deus com Jesus e Maria². A resposta dele será igual à resposta da Virgem Maria ao Arcanjo Gabriel: que se faça segundo a vontade de Deus.

²*LETTRES Spirituelles du Vénérable Libermann : premier supérieur général de la Congrégation du S. Cœur de Marie.* Publiées par un père de la même Congrégation, 3eme édition, Paris : Libraire Poussielgue Frères, 1889, vol. 2, p. 302 (Lettre du 10 décembre 1839).

1.1. O percurso de um judeu

Jacob³ Libermann, quinto filho de um Rabino de Saverne (Alsácia, França), nasceu em 1802, no seio de uma família que praticava radicalmente a religião judaica. Viveu os 20 primeiros anos da sua vida (1802-1822) em Saverne, num ambiente cultural judaico e, portanto, num meio separado da influência das esferas sócio-políticas, ideológicas e culturais francesas e alemãs⁴. A sua mãe morreu quando ele tinha 11 anos. O pai, chamado Lázaro, como rabino, encarregava-se de proteger a comunidade de cerca de 250 israelitas contra toda a influência estrangeira⁵. Em casa e no seu bairro, falava-se só o *yiddish* e observavam-se as tradições (alimentação, vestuário) que fazem de Israel um povo consagrado a Deus e separado dos outros.

Desde muito jovem, Jacob Libermann foi iniciado nas Escrituras hebraicas. Além disso, falou o hebraico até aos 20 anos de idade. Inteligente e aplicado, depressa adquiriu um conhecimento profundo da tradição judaica e parecia corresponder ao sonho de seu pai, que o queria fazer rabino e seu sucessor. Mas Jacob, aproveitando a licença do pai para prosseguir os estudos em Metz (1822), entrou em contacto com a cultura profana e, discretamente, começou a estudar francês, alemão, latim e um pouco de grego⁶. Com a ajuda do seu irmão Sansão, recém-convertido ao cristianismo, com o acesso às obras de Bossuet e a leitura da obra *Emílio* de Jean-Jacques Rousseau, Libermann caiu numa espécie de indiferença religiosa.

Perante a dúvida que invadia a sua alma, por intermédio de David Drach⁷ que o acolheu no colégio Stanislas, Libermann aprendeu a história da doutrina cristã e a história da religião. Estando ele sozinho num quarto, prostrou-se de joelhos, pedindo a Deus que o iluminasse de forma a escolher a religião verdadeira. É assim que Jacob Libermann se converte ao cristianismo: «...lembrando-me do Deus de meus pais, caí de joelhos e Lhe roguei que me iluminasse sobre a verdadeira religião. [...] Imediatamente

³ Era o primeiro nome do Francisco Libermann antes da sua conversão ao cristianismo.

⁴ Cf. COULON, Paul – *François Libermann: Petit traité de la vie intérieure*. Paris-Orbey: Arfuyen, 2011, p. 9.

⁵ Os judeus dessa época em França estavam divididos. Alguns como Lázaro, pai de Libermann, resistiram às influências estrangeiras impostas depois da Revolução e do consulado de Napoleão.

⁶ COULON, Paul; BRASSEUR, Paule – *Libermann 1802-1852: Une pensée et une mystique missionnaires*. Paris: CERF, 1988, p. 92.

⁷ David Drach nasceu em 1790 e era amigo da família Libermann. Foi rabino e doutor da lei e, nessa condição, diretor ou professor da escola moderna judaica em Paris. Converteu-se ao cristianismo e foi solenemente batizado por Mons. Quélen, arcebispo de Paris em 29 de março de 1822.

fui iluminado e vi a verdade. A fé penetrou o meu espírito e o meu coração»⁸. Isto aconteceu no dia 13 de novembro de 1826, em Paris, e, na vigília do Natal, Libermann fez-se batizar, tomando o nome do seu padrinho e da sua madrinha. Abandonou o nome de Jacob e adotou o de François-Marie-Paul.

1.2. Do batismo à ordenação sacerdotal

Libermann, depois de batizado, manifestou o desejo de ser padre e foi admitido no Colégio Stanislas de Paris em 1827, passando depois para o seminário de São Sulpício, no mesmo ano, por intermédio do Senhor Drach. Quando seu pai soube que o seu filho preferido se tinha convertido ao cristianismo, manifestou a sua cólera através duma carta que lhe escreveu (1828) e lançou sobre ele a pior maldição, considerando-o como morto. O rabino morreu (1831) sem perdoar ao seu filho⁹.

Pouco antes de Libermann ser admitido ao subdiaconado, manifestou-se-lhe epilepsia, doença que o impedia de avançar para as ordens sacras. Devido à influência positiva que exercia sobre os seminaristas, foi autorizado, porém, a permanecer no seminário sulpiciano de Issy e ali ficou durante seis anos como colaborador espiritual e como ecónomo assistente.

Em 1837, foi convidado para assistente do mestre de noviços dos eudistas, em Rennes, congregação então em vias de reestruturação. Aí permaneceu com bastantes dificuldades físicas e espirituais, até que, em 1838, dois dos seus antigos condiscípulos e amigos de São Sulpício o convidaram para colaborar e orientar um projeto com que sonhavam: a Obra dos Negros para a evangelização dos escravos negros das colónias francesas. Eram os jovens Frederico LeVavasseur, natural da ilha de Bourbon, e Eugénio Tisserant, originário do Haiti. Estavam preocupados com a situação degradante em que viviam tanto os escravos de Bourbon como os negros do Haiti, recentemente libertados¹⁰. O sonho desses dois jovens era fundar um instituto religioso que formasse missionários que partissem para as suas pátrias, velhas colónias francesas, defendessem os interesses dos nativos (escravos uns, recentemente libertados outros) e os evangelizassem¹¹.

⁸ *NOTES et Documents relatifs à la vie et l'œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann*. Paris: Maison-Mère, 1929-1941, vol. 1-13, p. 65-66.

⁹ COULON – *Libermann 1802-1852*, p. 94.

¹⁰ Cf. COULON – *François Libermann*, p. 13.

¹¹ Cf. COSTA, António Luís Pinto da – *Levados por um Sonho: Vida quotidiana e educação nos seminários spiritanos portugueses (1919-1984)*. Braga: Uniases, 2012, p. 26.

Libermann, depois de dúvidas e hesitações, acabou por aceitar a orientação do projeto¹². Partiu para Roma para pedir a necessária autorização da Santa Sé. Enquanto esperava pela decisão da Santa Sé, foi elaborando a regra provisória do futuro instituto religioso. Segundo a regra, a nova sociedade visaria uma entrega total a Cristo, para a salvação dos negros, as almas mais miseráveis, as mais afastadas da salvação e as mais abandonadas na Igreja de Deus. Os seus membros viveriam em comunidade e pronunciarão os votos de pobreza, de obediência e de castidade. O superior seria escolhido pelos seus confrades e o instituto ficaria na dependência direta da Santa Sé.

A Congregação da *Propaganda Fide* encoraja-o e propõe-lhe uma condição: a sua própria ordenação presbiteral. Em janeiro de 1841, Libermann parte de Roma e vai a Estrasburgo preparar a sua ordenação. Aí foi ordenado diácono, em agosto do mesmo ano, e rapidamente aluga uma casa para o noviciado. Foi ordenado presbítero em 18 de setembro de 1841, em Amiens. Sete dias depois, a 25, celebrou missa aos pés do Coração de Maria, na Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, com a presença de LeVasseur, Tisserant, Collin¹³, e ainda, do padre Desgenettes¹⁴, o pároco, que sempre se mostrou interessado em colaborar na missão de África¹⁵.

Passados dois dias, na casa já alugada em Neuville-les-Amiens, para o noviciado, Libermann foi mestre de dois noviços. Daí em diante, Libermann passou a sua vida a formar jovens que se sentiam chamados a partir em missão para terras longínquas. Era

¹² A Obra dos Negros concretizou-se depois de ter passado por vários processos. A ideia surgiu dos dois jovens crioulos (Frédéric LeVasseur e Tisserant). Entre 1838 e 1839 partilharam a ideia com várias pessoas e, ao mesmo tempo, esperavam a colaboração dessas pessoas para a realização da Obra. Durante a sua estadia em Rennes, em agosto de 1838, Libermann recebe a visita de LeVasseur, de quem fora diretor espiritual no Seminário de Saint-Sulpice, que lhe falou da evangelização dos negros da sua ilha. No início do ano de 1839, LeVasseur mostrou ao seu diretor espiritual, Galais, a Memória sobre o apostolado para a ilha Bourbon. Também de seguida pôs o diretor do seminário de Saint-Sulpice, Pinault, a par do mesmo assunto. No dia dois de fevereiro o padre Desgenettes, pároco da paróquia de Nossa Senhora das Vitórias em Paris, recebeu uma carta dos dois crioulos que pediam apoio. Entretanto, Desgenettes lançou uma cruzada de orações pelos povos da raça negra. No final do mês de fevereiro e princípio do mês de março, LeVasseur mostrou o seu projeto de apostolado a Libermann, que o encorajou mas sem se sentir incluído. Tisserant, por sua vez, depois de ver o projeto de comunidade que LeVasseur lhe tinha proposto, pede conselho a Libermann que também o motivou a unir-se a LeVasseur e deu-lhe algumas orientações que podiam servir-lhes como princípio de base para um bom começo. Libermann ajudou-os a organizar a Obra dos Negros, mas sentia-se ao mesmo tempo fora (colaborador) e dentro (autor) da Obra. Por várias razões, hesitou em dar uma resposta satisfatória, mas depois de longo discernimento, no dia 28 de outubro, na festa dos Apóstolos São Simão e São Judas, Libermann recebeu uma pequena iluminação, que o fez juntar-se aos da Obra dos Negros. (Cf. COULON – *Libermann 1802-1852*, p. 96).

¹³ Os seus dados biográficos encontram-se disponíveis na obra: *ANTOLOGIA Espiritana*. Textos escolhidos e apresentado por Christian de Mare. Lisboa: Congregação do Espírito Santo, 2010, vol. 1, p. 516.

¹⁴ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 517.

¹⁵ Cf. COSTA – *Levados por um Sonho*, p. 27.

um grupo formado por um pequeno número de homens que buscavam Deus com amor e queriam ser suas testemunhas no mundo, uns como padres e outros como irmãos, segundo o mesmo espírito ou carisma do instituto.

Assim começou a vida missionária de Libermann, que durou 12 anos, até ao momento da sua morte (1839-1852).

1.3. Da fundação da Sociedade à fusão com os Espiritanos

Como resposta ao intenso esforço de Libermann na formação de missionários, no ano 1842 já havia um grupo de cerca de dez prestes a partir para a missão. Mas surgiu um novo problema: «Falta-nos a terra, [...] todas as portas se fecham»¹⁶. Libermann lamentava-se de não ter para onde enviar os seus missionários. Ele referiu-o ao padre Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias em Paris, no sentido de, por seu intermédio, poder encontrar para onde enviar os missionários. Acontece que o bispo Barron¹⁷, Vigário Apostólico das Duas Guinéas, passou pela paróquia de Nossa Senhora das Vitórias, à procura de missionários para a sua imensa missão. Desgenettes falou-lhe de Libermann e, no dia 20 de dezembro de 1842, o bispo Barron concluiu um acordo com Libermann para o envio de missionários para África. A 13 de setembro de 1843, os missionários do Sagrado Coração de Maria partem de Bordéus para África. Eram dez franceses, sendo sete padres e três jovens considerados “irmãos” (embora não tendo qualquer compromisso religioso)¹⁸.

Em diferentes campos de missão, os Missionários do Sagrado Coração de Maria encontraram-se com os Padres do Espírito Santo e nem sempre as relações foram cordiais, sobretudo nas colónias francesas, como evidenciaram algumas acusações mútuas ou denúncias. Com a sua calma habitual, Libermann acreditava que as coisas poderiam mudar: «A união das nossas duas sociedades sempre me pareceu conforme à vontade de Deus; dedicam-se à mesma obra, visam os mesmos objetivos; ora não é normal a divina Providência suscitar duas sociedades para uma obra específica, quando basta uma»¹⁹.

¹⁶ ND, vol. 6, p. 43.

¹⁷ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 513.

¹⁸ Podemos considerar estes missionários como sendo os primeiros enviados em massa, mas não são os primeiros a ser enviados, porque Libermann já tinha enviado os missionários Jacques-Désiré Laval para a Ilha Maurícia, Frédéric LeVasseur para a Bourbon e Eugène Tisserant para o Haiti.

¹⁹ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 427.

A Congregação do Espírito Santo tinha um nome, uma história, um reconhecimento oficial diante do governo francês, mas faltava-lhe o entusiasmo de outros tempos e revelava alguma dificuldade em adaptar-se ao fenómeno crescente da emancipação dos escravos. Os “filhos” de Libermann, cheios de entusiasmo e voltados sobretudo para esta faixa humana, precisavam de mais apoio e reconhecimento. Nas diversas diligências tidas em Roma abordava-se o assunto e olhava-se a união das duas congregações como um bem maior para a Igreja: «A Propagação da Fé desejava ardentemente esta união»²⁰.

Libermann soube ler os sinais dos tempos, mas esperou o momento de Deus. Na realidade, com a morte do P. Fourdinier²¹, um novo espírito de entendimento surgiu entre as duas congregações. Todas as dificuldades que até então se opunham com força invencível a essa fusão desapareceram e, pelo fim do ano de 1848, operou-se a reunião de todos os membros: «A Sociedade será consagrada ao Espírito Santo sob a invocação do Imaculado Coração de Maria»²².

A fusão era anseio tanto de Libermann como da *Propaganda Fide*. Os dois grupos complementavam-se.

Até à fusão em 1848, Libermann nunca quis antecipar ou avançar com o seu projeto antes de um prévio discernimento para aí descobrir qual a vontade de Deus²³.

2. O zelo pela evangelização dos marginalizados

O homem, em certa medida, é o resultado ou o fruto da sociedade onde nasceu e cresceu. Libermann, LeVavasseur e Tisserant encontraram-se no Seminário Sulpiciano de Issy-les-Moulineaux (periferia de Paris) e eram de proveniências diferentes, mas possuíam uma vocação e uma missão comum – cada um com a sua própria personalidade e a sua própria história, mas a mesma finalidade. Em Libermann podemos

²⁰ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 428.

²¹ Na ordem dos superiores gerais, ele foi o sétimo superior geral da Congregação do Espírito Santo, desde 1832 a 1845. Em 1839, o governo francês deu ao Seminário do Espírito Santo o monopólio de enviar padres para as colónias francesas. Este Senhor, M. Fourdinier, recusava receber os missionários da Sociedade do Sagrado Coração de Maria.

²² *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 429.

²³ Não nos foi possível mostrar detalhadamente todos os passos de Libermann, mas fizemos um esforço por identificar os acontecimentos mais influentes e marcantes da sua vida. Aos interessados que pretenderem conhecer com mais profundidade os detalhes de todo o percurso feito por Francisco Libermann, proporíamos a leitura da grande obra de COULON, Paul; BRASSEUR, Paule – *Libermann 1802-1852: Une pensée et une mystique missionnaires*. Paris: CERF, 1988.

constatar algo de extraordinário. Por causa da sua conversão, foi expulso da sua família, com o desejo de ser padre não pôde avançar, por causa da epilepsia, e em consequência vivia uma extrema pobreza. Portanto, olhando todo o histórico dele, vem-nos à mente que a pedra rejeitada veio a ser fundamental para a construção de uma obra missionária. Deus tinha uma nova missão para ele, e entretanto, pacífica e progressivamente foi descobrindo qual seria essa missão. Deus, pelo seu Espírito Santo, vai assistindo a sua Igreja respeitando a situação de cada época. Por isso, por intermédio dos dois crioulos, assimilando os sinais dos tempos, Libermann aceitou aliar-se ao grupo. Como reconhecimento pela colaboração e pela sua entrega total em benefício das almas mais abandonadas, em 1841, Libermann foi reconhecido e escolhido como superior para dirigir a Congregação recentemente fundada²⁴.

Todo o caminho percorrido por Libermann não foi em vão, porque nos seminários onde se formou, o diálogo ou contacto com pessoas experientes na missão, a leitura de obras espirituais fizeram nascer nele um amor incondicional para com os mais pobres e abandonados.

A relação entre Igreja e o Estado, no tempo de Libermann, não era muito estável mas, aos poucos, pela influência de ideias iluministas e revolucionárias, a relação foi melhorando tanto em França como nas colónias francesas²⁵. Em comunhão com o projeto dos colegas, Libermann propôs um método missionário básico que servia de orientação, tanto para os missionários pertencentes à Sociedade recentemente fundada, como para uma boa ação missionária nos lugares para onde seriam destinados.

Libermann consciente de tudo o que se passava na sociedade francesa da época, movido ou influenciado por alguns ideais que iam circulando, acreditou que era oportuno para a Igreja Católica dar a sua colaboração no socorro às almas mais pobres e abandonadas. Como um dos membros da Igreja, quis fazer algo em concreto para que a Igreja pudesse chegar à altura da sua verdadeira missão: evangelizar, batizar, libertar, curar todos os pobres e oprimidos.

²⁴ Cf. COULON – *Libermann 1802-1852*, p. 99.

²⁵ O ambiente da sociedade onde nasceu Libermann aproximava-se dos acontecimentos por que muitos ansiavam. Um dos anseios da época passava por readquirir a liberdade religiosa e por um certo zelo na libertação ou emancipação dos escravos negros das colónias. O combate pela emancipação dos escravos também estava a acontecer nos outros países. A Inglaterra suprimiu a escravatura nas colónias em 1833. Nos USA foi suprimida em 1865, no Brasil em 1888 e no império português em 1869. Até aí houve lutas, protestos, publicações de artigos com assuntos relacionados com a questão da escravatura. E progressivamente foram-se conseguindo alguns resultados.

Mas para ir ao socorro desses pobres e oprimidos, era necessário um projeto, um plano de vida interior e exterior que os missionários deviam cultivar e respeitar. Por isso, como dissemos anteriormente, com apoio de outrem, elaborou um projeto missionário em 1840-1845²⁶. Depois da fusão em 1848, Libermann fez uma revisão da Regra Provisória a fim de adaptá-la ao novo contexto. Em 1849, a Regra Provisória foi incluída ou enquadrada na Regra de Vida da Congregação do Espírito Santo²⁷.

Não pretendemos dizer tudo o que Libermann escreveu como projeto ou regra, mas, valorizar e salientar os aspetos que achamos ser mais relevantes do que escreveu quer nas Regras de Vida, quer nas cartas espirituais.

2.1. A vocação perante os desfavorecidos

Libermann é um homem do seu tempo. Depois de se inteirar das situações amargas de um povo, com fé num Deus providente que não falha, ele arrisca e, ainda que com algumas limitações, não hesita em pôr o seu talento a render em favor dos mais pobres e desprotegidos: «A nossa confiança na divina Providência é total, porque sabemos que Ela não nos abandonará nunca nem em nenhuma circunstância»²⁸. A sua generosidade impeliu-o a dar a sua vida aos mais pobres e, por isso, foi considerado o apóstolo da raça negra²⁹. Numa carta a um missionário de Dakar, Libermann disse-lhe o seguinte: «Jesus morreu pelos africanos como também morreu para nós. Por isso, paciência, coragem, perseverança e que Deus vos bendiga»³⁰; e numa outra a Eliman, rei de Dakar, dizia Libermann: «Eu sei que os amei muito a vós também; eu estou aflito por causa do vosso sofrimento [...] quer que saibais que o meu coração é vosso, que o meu coração é para os africanos, para os homens cujas almas são limpas e os corações puros»³¹.

Os dois crioulos confiaram em Libermann e tentaram seguir as suas orientações e, ao mesmo tempo, tentaram conquistá-lo para o grupo, o que acabaram por conseguir. LeVavasseur, na sua memória de 1839, diz que já tinha terminado a elaboração do projeto que pretendia para a futura sociedade. Quando, em 1840, Libermann elaborou a

²⁶ Cf. COULON – *Libermann 1802-1852*, p. 307.

²⁷ Cf. COULON – *Libermann 1802-1852*, p. 313.

²⁸ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 295.

²⁹ GAY, Jean Mgr – *François Libermann: Les Chemins de la Paix*. Paris: Congrégation du Saint-Esprit, 1995, p. 146.

³⁰ *LETTRES Spirituelles du Vénérable Père aux Membres de la Congrégation*. Paris: Procure Générale de la Congrégation, 1889, vol. 4, p. 650.

³¹ *ND*, vol. 10, p. 22.

Regra Provisória apresentada à *Propaganda Fide*, considerou o projeto de LeVavas seur e dele destacou três elementos fundamentais:

1º Objetivo da Obra missionária: ir aos mais abandonados, aos que estão desligados da Igreja local.

2º Para isso, era necessário que o cultivo de uma vida em comunidade pela obediência e pelo testemunho da pobreza precedesse e fundamentasse a ação.

3º Manter uma ligação direta com Roma. Pretendia-se que a Sociedade se comprometesse a um apostolado profundamente missionário. Por isso, queriam uma estrutura desligada das estruturas ordinárias das dioceses e das paróquias.

Em síntese, Libermann concentrou a sua atenção sobre três aspetos que, para ele, constituíam as bases firmes em que assentavam a vida dos missionários e a sua atividade evangelizadora: vida apostólica, vida comunitária e vida religiosa. A vida comunitária e a vida religiosa são os meios de aperfeiçoamento espiritual que levará o missionário a desempenhar corretamente a sua missão apostólica.

2.2. Liberto para libertar os pobres e abandonados

Segundo um estudo feito e apresentado por Paul Coulon³², na Revista número 2 da *Mémoire Spiritaine do ano 1995*, Libermann nasceu numa data muito importante, porque uma nova esperança começava a desabrochar para os que não eram totalmente livres. Na semana de abril de 1802 em que nasceu Libermann, celebrava-se em Paris um acontecimento muito importante para a sociedade francesa. Foi o restabelecimento do culto católico no dia de Páscoa, 18 abril 1802, em Notre-Dame de Paris. Bonaparte tomou consciência de que a perseguição à Igreja Católica só trazia desvantagens para o Estado francês e assinou a paz religiosa.

Portanto, Libermann convertido ao cristianismo, em 1926, foi influenciado pela força do entusiasmo religioso que começara a desabrochar com a assinada paz religiosa, e foi amadurecendo na fé. Também os rumores que circulavam sobre a situação de extremo abandono da raça negra, e a luta clandestina para a abolição da escravatura

³² Paul Coulon é um padre Espiritano de nacionalidade francesa. Passou quatro anos no Congo Brazzaville, como jornalista em *'La Semaine Africaine'*. É professor no Instituto Católico de Paris e no Centro Missionário Laval (Chevilly-Larue) lecionando sociologia e antropologia cultural africana. É especialista das fontes espiritanas, principalmente libermanianas. É colaborador das revistas *'Spiritus'* e *'Pentecôte sur le monde'*. (Cf. COULON, Paul – *A propos de la naissance de Libermann: 1802 ou le générique d'un siècle. Mémoire Spiritaine*. 2 (1995) 11).

despertaram a atenção de Libermann, que pouco depois se comprometeria em colaborar em função do bem-estar integral dos mais desprezados (Obra dos Negros).

A declaração dos direitos do homem e do cidadão (1789) surgiu com a Revolução Francesa, que foi uma das consequências do iluminismo. A Revolução Francesa, na implementação das ideias iluministas que eram anticlericais, exerceu uma certa repressão contra os eclesiásticos. Por isso, podemos considerar a Declaração de 1789 como sendo o ponto de partida para uma liberdade religiosa futura, porque tanto o homem como a religião não desfrutavam ainda da devida liberdade e autonomia. Com a liberdade religiosa, deu-se em 1802 o restabelecimento das sociedades missionárias em França. Nesse mesmo ano havia quem estivesse a lutar pela liberdade dos negros. Foi o caso de Henri Grégoire³³ que, em junho e julho do ano de 1802, se encontrava na Inglaterra com os abolicionistas de “*African Institution*”. Antes disto, ele já tinha lutado em favor dos judeus, fazendo com que as assembleias revolucionárias proclamassem a emancipação dos judeus no dia 27 de setembro de 1791³⁴. Muitas vezes, é-nos apresentado um Libermann, que, de súbito, convencido pelos colegas do seminário, resolve colaborar na evangelização dos negros. Mas, como judeu, Libermann nasceu francês, emancipado pela Revolução. Segundo Paul Coulon, ele conheceu a sociedade francesa (1815-1848) marcada pelos debates sobre a escravatura, que Grégoire fomentou até à morte através dos seus escritos. Libermann esteve a par destes acontecimentos e chegou mesmo a contactar com algumas pessoas influentes da colónia francesa do Haiti que eram contra a escravatura e que sofreram pelo facto de terem exigido a sua abolição.

A Igreja também vivia esta preocupação³⁵. O Papa Gregório XVI, no dia 3 de Dezembro de 1839, publicou a carta apostólica *In Supremo Apostolatus fastigio*, a condenar o tráfico de negros e afirmar a igualdade das raças. Esta publicação vai servir de apoio e motivação ao Padre Libermann que tinha uma missão do mesmo género e no mesmo campo. Sublinhamos também a relação de Libermann com o Monsenhor

³³ Henri Jean-Baptiste Grégoire conhecido também por Abade Gregório nasceu no dia 4 de dezembro de 1750 em Veho, na Lorena. Ele foi educado no colégio jesuíta de Nancy, foi ordenado padre em Metz no ano 1776 e nomeado pároco em Emberménil, Lorena, no dia 5 de maio em 1782 (Cf. <http://www.legrandsoir.info/l-abbe-gregoire-catholique-franc-macon-et-revolutionnaire-en-1789.html>, 21/05/2014. 21:13).

³⁴ Cf. *Mémoire Spiritaine*. 2 (1995) 24.

³⁵ A Igreja e as nações católicas, muitas vezes, foram criticadas por causa da sua atitude passiva ou mesmo negativa face à campanha abolicionista que estava sendo levada a cabo pela Inglaterra. Mas, durante o pontificado do Papa Gregório XVI, a Igreja começou a manifestar-se contra a escravatura.

Luquet³⁶, que tinha sido o responsável pela missão do Extremo Oriente e, ao mesmo tempo, o inspirador da Encíclica *Neminem Profecto* de Gregório XVI, na qual Libermann se baseou³⁷ em grande parte. Por intermédio de correspondências com os missionários, Libermann pôde conhecer com mais detalhes a situação do povo da raça negra e, ao mesmo tempo, procurou soluções ou meios para uma presença missionária eficaz no meio dos pobres e infelizes.

No seu discernimento, descobriu que era da vontade de Deus continuar com a missão junto dos pobres, infelizes e maltratados. Aquilo que já afirmara a respeito dos negros, pretende agora que seja posto em prática. Ele sabe que os negros foram acusados de todos os vícios, mas sabe também que os negros estavam naquele estado por causa das humilhações sofridas. Ultrapassando toda a espécie de pessimismo, Libermann acreditou que era possível a conversão daquele povo. Para isso acontecer, os missionários deviam “semear”, começando pelo testemunho de uma vida santa na comunidade e no meio do povo.

Os acontecimentos do ano de 1843 tiveram influência sobre Libermann, obrigando-o a buscar uma nova estratégia de evangelização³⁸. A solução encontrada seria a formação do clero africano³⁹. Os missionários deveriam criar escolas e casas centrais nas missões onde seriam formados os candidatos que mostrassem aptidão para o sacerdócio. Os adolescentes que porventura mostrassem marcas de verdadeira piedade mas que não fossem capazes de guardar o celibato eram instruídos com o intuito de os fazer acólitos, catequistas e professores. Segundo Libermann, estes seriam preciosos colaboradores dos missionários. Libermann pediu ainda à *Propaganda Fidei* aprovação de algo não muito comum nas missões. Pediu que os bispos conferissem a tonsura e as ordens menores aos catequistas, mesmo sem a intenção de os encaminhar para o sacerdócio, de modo a que, durante os atos litúrgicos, fossem obrigados a usar o hábito. Libermann justificou o seu pedido do modo seguinte:

«Estes homens sentir-se-iam fortemente encorajados a zelar pelo bem espiritual dos seus compatriotas; seriam obrigados a ter um comportamento exemplar no seio das

³⁶ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 524.

³⁷ Cf. COULON – *Libermann 1802-1852*, p. 311.

³⁸ Neste ano, dos dez primeiros missionários do Sagrado Coração de Maria que partiram para a Costa da Guiné, sete morreram vítimas das doenças tropicais. Isto fez com que, no ano seguinte, Libermann apresentasse um projeto missionário adaptado ao meio e à cultura da Costa Ocidental de África (Libéria, Costa do Marfim).

³⁹ Na verdade, já em 1840, no memorando enviado ao Secretário da Sagrada Congregação da Propagação da Fé, Libermann deixou bem claro que, se os missionários vivessem em comunidade nos locais para onde fossem enviados, podiam formar aí um clero indígena. Cf. *ND*, vol. 2, p. 71.

suas famílias e dos seus concidadãos; sentir-se-iam mais respeitados e, por conseguinte, mais capacitados para fazer o bem. Finalmente, nalgumas localidades insalubres onde o sacerdote europeu não pudesse viver, e enquanto não dispusermos de sacerdotes nativos suficientes para todos os cargos, estes homens como clérigos menores poderiam substituí-los até certo ponto, presidindo às assembleias dos fiéis, dirigindo as orações públicas da manhã e da tarde, cantando os ofícios nos dias de festa e dando ao povo as instruções oportunas. [...] Teremos de agir com prudência e cautela nestas promoções dos catequistas ao estado clerical e às funções litúrgicas»⁴⁰.

Para um terceiro grupo de indivíduos menos letrados e menos interessados das funções sagradas, Libermann reservava a formação em técnicas agrícolas e em artes e ofícios⁴¹.

Vemos já em Libermann o desejo de garantir um futuro próspero ao povo carente e sem uma digna civilização. Uma das suas convicções era que os missionários evangelizassem só depois de garantir às populações pobres um meio civilizado e organizado. É próprio da Igreja trabalhar para o desenvolvimento e o bem-estar integral da humanidade. Uma civilização aperfeiçoada deve ter como base não só a religião, mas também a ciência e o trabalho que em conjunto favorecem o bem-estar da população. Deve haver um equilíbrio e um acordo entre a fé e a civilização porque as duas são indispensáveis para o bem-estar presente e escatológico de todos os homens.

Os nativos deviam ser instruídos de uma forma integral para que no futuro fossem eles a dar continuidade ao trabalho, começado pelos missionários, nos seus próprios países.

2.3. A visão do homem africano

Quando pediram a Libermann para se juntar ao grupo da Obra dos Negros, ele já tinha conhecimento da amarga situação e condição do povo africano. Mas a correspondência com os missionários fez com que nascesse em Libermann um sentimento de compaixão e paixão pelo povo que desde há muito tempo vivia numa profunda miséria. Ele tornou-se um verdadeiro defensor da raça negra, não só pela influência dos outros, mas principalmente pela sua convicção pessoal, adquirida ao longo da descoberta da sua vocação.

Libermann não era o único interessado em ver reconhecida a dignidade da raça negra. No século anterior ao nascimento de Libermann, houve pessoas e correntes, que se opunham à escravatura com as suas ideias e pugnavam pela cessação da escravatura.

⁴⁰ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 315-316.

⁴¹ Cf. *ND*, vol. 8, p.247.

Durante o tempo de Libermann, a Igreja ainda admitia que a raça negra tinha sido a raça descendente de um dos filhos de Noé chamado Cam, amaldiçoado por Deus. A escravatura e a cor negra foram consideradas como sendo consequências da maldição de Deus sobre Cam. Os exegetas e biblistas da época tentaram encontrar justificações para a questão da maldição da raça negra, justificações que durante muito tempo se consideraram razoáveis. E isto alimentou a ideia de que a escravatura era algo natural, decorrente da vontade Deus. Libermann, influenciado por exegetas católicos, também acreditava que a raça negra tinha sido amaldiçoada por Deus, mas Jesus Cristo veio pôr termo a esta maldição. Por isso, em 1851, numa carta enviada ao Monsenhor Lairé⁴², Libermann disse-lhe o seguinte: «A cegueira e o espírito de satanás estão bem enraizados nestes povos e a maldição do pai deles continua ainda sobre eles. Eles precisam de ser libertados pelas dores unidas às de Cristo [...] para assim os lavar da maldição de Deus»⁴³.

Nas colónias francesas, em particular, os negros encontravam-se num estado de profunda miséria em todos os sentidos, pois viviam na ignorância, numa vida desregrada, de miséria, acompanhada pela corrupção e superstição⁴⁴. Pensava-se que nada se podia fazer em favor dos negros que os pudesse livrar daquele estado deplorável.

Aquilo que se disse sobre o estado da raça negra era verdade, mas dizer que nunca podiam sair daquele estado era falso. Libermann, depois de se inteirar dos preconceitos sobre a raça negra, precisou um tempo considerável para poder explicar com fundamento a realidade do estado do povo da raça negra em África e nas colónias⁴⁵.

No relatório enviado ao Prefeito da *Propaganda Fide*, em 1846, Libermann disse que infelizmente existia muita perversidade entre os escravos negros em geral nas Costas Africanas, mas que eles se comportavam daquela maneira por ignorância porque nasceram num ambiente miserável desde a infância, sem receber alguma formação moral. Durante um longo período de tempo (séc. XV-XIX), nas colónias, os negros viviam privados de sua liberdade e foram vítimas de trabalho forçado, humilhados e

⁴² Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 521.

⁴³ *ND*, vol. 13, p. 143.

⁴⁴ Cf. *ND*, vol. 1, p. 635.

⁴⁵ Libermann não partiu do nada, mas esperou o momento oportuno até encontrar meios suficientes para sustentar os seus argumentos em favor da raça negra. O Padre Tiago Laval, um dos primeiros missionários da Sociedade do Sagrado Coração de Maria na Ilha Maurícia, assim como LeVavas seur, Tisserant e outros missionários, partilhavam com Libermann as experiências que ia tendo nas missões junto do povo da raça negra. Libermann acolheu e recolheu as informações, para depois desmentir ou explicar a razão do estado desse povo, de um modo mais formal.

tratados como animais. Estas pessoas geralmente aprendiam com facilidade a doutrina cristã nas catequeses. E frequentemente levantavam questões cheias de sentido e inteligência⁴⁶. Libermann, “sociólogo” da missão *ad Gentes*, analisou os dados recebidos com muita prudência e mostrou que a pessoa (branca ou negra) é também fruto do meio onde nasceu e cresceu. E manifestou-se contra o juízo que se faz à primeira vista sobre uma coisa ou realidade em determinada situação.

Libermann deu um considerável contributo para a desmitificação tanto do homem africano como da própria cultura africana. Os seus missionários partiam em missão com uma boa preparação espiritual e humana, com o intuito de libertar e integrar os mais desfavorecidos na sociedade e na Igreja. Fiéis às orientações do Padre Libermann, os missionários lutaram contra as ideologias que negavam a dignidade da pessoa de raça negra. Também fizeram com que os negros se auto-reconhecessem como filhos de Deus, pois Deus é universal.

2.4. A especificidade metodológica da missão

À medida que o tempo ia passando, Libermann ganhava experiência no campo da ação missionária. Este facto transparece nas redações, correções e acrescentos feitos à Regra Provisória entre 1840 e 1849. As revisões feitas à Regra não alteraram o objetivo primordial da Sociedade do Sagrado Coração de Maria unida à Congregação do Espírito Santo⁴⁷. O objetivo principal era formar missionários e enviá-los em socorro dos mais abandonados. Estes missionários após receberem uma autêntica formação espiritual e humana, partiam para junto dos mais pobres e abandonados. A presença dos missionários não devia ser passiva, devia ser uma missão que devia ser concretizada em ações concretas como: zelar pelo reconhecimento dos direitos ou dignidade de todos os seres humanos; orientar as pessoas a cultivar uma vida espiritual segundo a vontade de Deus; ser verdadeiros advogados dos mais pobres e abandonados.

Libermann, com grande capacidade espiritual, acompanhava os seus candidatos quer durante a formação quer na missão. Mesmo distante deles, continuava a acompanhá-los com as suas orientações práticas e espirituais por escrito através de cartas: «Há muito que não vos dei notícias sobre nós; agora tomei a decisão de não

⁴⁶ Cf. LEGRAIN, Michel – *Éthique Chrétienne et Esclavagisme.Mémoire Spiritaine*. 9 (1999) 74.

⁴⁷ A fusão foi considerada por Libermann como sendo uma graça de Deus, na medida em que ele pôde, através da Regra de Vida Espiritana, corrigir aspetos da Regra Provisória, o que desde há muito tinha sido sua intenção fazer (Cf. COULON – *Libermann 1802-1852*, p. 315)

deixar passar dois meses sem vos escrever; ...sinto-me bem estando em comunicação convosco»⁴⁸. A distância não impediu Libermann de ser diretor espiritual dos seus antigos formandos em missão. Ele continuou a ser seu mestre, orientador e amigo.

Dizia Libermann que a finalidade do projeto devia consistir na inteira dedicação pela salvação dos negros, pois, eram os mais miseráveis e mais abandonados da Igreja de Deus⁴⁹. Como método para a melhor missão, Libermann considera três aspetos que são fundamentais: a santidade, os três conselhos evangélicos e a vida comunitária. Primeiro que tudo está a vida espiritual dos missionários e só depois um plano missionário para manter a missão da Congregação.

2.4.1. O ir para onde ninguém quer ir

“Ir para onde ninguém quer ir” pode parecer uma frase contraditória ou mesmo sem lógica. Portanto, trata-se de uma frase cheia de significado para os que se sentem chamados a transformar o “ninguém” em alguém. O “onde” faz-nos pensar imediatamente no espaço geográfico, mas é mais do que isso. Trata-se de realidades, situações, necessidades, circunstâncias concretas, uma voz muda ignorada⁵⁰. No memorando de 1 de julho de 1839 apresentado ao Padre Gallais⁵¹ e, possivelmente, a Libermann, LeVavas seur descreveu o estado de abandono em que se encontravam os povos das colónias:

«No que diz respeito aos negros, muitíssimo mais numerosos que os brancos, nem os párocos nem os seus vigários se ocupam deles. A única preocupação dos patrões, todos eles sem religião, é conseguir o maior rendimento material possível dos negros, de maneira que esta gente, já de si miserável, vive sem a mínima instrução religiosa. A sua ignorância é total e não sei se, em cada dez pessoas, haverá três ou quatro que saibam fazer o sinal da Cruz»⁵².

Perante esta situação LeVavas seur acreditava num possível futuro próspero para esse povo. Por isso, ele próprio propôs soluções para remediar a situação daquele povo:

«[...]A única maneira de os salvar é criando uma associação de homens apostólicos, que seriam como que suplementos e servos dos párocos[...] O único meio que pode oferecer alguma esperança de os instruir e conquistar é ir ao encontro deles, oferecer-

⁴⁸ Cf. *ND*, vol. 8, p. 388.

⁴⁹ Cf. *ND*, vol. 2, p. 69.

⁵⁰ O homem negro da época era considerado sem voz ou seja, sem direito, sem liberdade, sem dignidade. Era, portanto, uma voz muda a pedir socorro, uma voz comovente, mas que não comovia a todos.

⁵¹ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 519.

⁵² *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 280.

lhes a palavra da vida, mesmo dando a entender que só vamos para instruir os negros»⁵³.

A Igreja começou a reagir, pois considerava que a escravatura devia ser abolida. O Papa Gregório XVI condenou categoricamente a escravatura em 1839, incrementando a criação do clero indígena e favorecendo a implantação de igrejas locais⁵⁴. A exortação do Papa motivou os jovens a seguir em frente com o projeto de mostrar o caminho da salvação aos negros que ainda não tinham ouvido a Boa Nova e conhecido a Deus.

Quando Libermann aceitou a direção da Obra dos Negros, não alterou o objetivo primordial da Obra mas, consciente do abandono e da miséria em que se encontrava a raça negra, não tardou em fazer algo em concreto para o resgate do povo africano. Dizia Libermann:

«Há cerca de dois anos que nos sentimos enormemente preocupados pelos grandes males que afligem estas populações em muitas terras de que ouvimos falar e pela fraca ajuda que têm recebido para sair da ignorância e do vício em que se arrastam e a que se juntam muitos outros males que os acabrunham e quase os forçam à perdição eterna. Decidimos dedicar-nos à sua salvação, sem olhar a sacrifícios, porque não ignoramos as dificuldades, humilhações e contrariedades de todo o género que teremos de enfrentar nesta santa obra»⁵⁵.

Portanto, todos os que iam ingressando na Sociedade do Sagrado Coração de Maria, entravam com o intuito de serem missionários *ad gentes* e, concretamente, de irem para longe, para os mais pobres e abandonados que ainda não tinham ouvido a Boa Nova de Jesus Cristo. Os negros eram pobres e abandonados, não só pelo facto da falta de liberdade ou por não terem a posse de grandes bens, mas também porque eram, em certa medida, ignorados pelo próprio clero que por aí passava. É contra o tabu de alguns clérigos que Libermann, através dos seus missionários, vai combater pela via da humildade, da entrega total e, em síntese, pela via do amor, da caridade.

2.4.2. A vocação apostólica dos futuros missionários

Um pouco antes da integração de Libermann no grupo da futura Obra, numa carta enviada a Tisserant no dia 25 de março de 1839, Libermann pediu firmemente aos colegas que não aceitassem no grupo qualquer candidato apenas por se mostrar interessado. Os candidatos não deviam ser homens frágeis ou fracos, mas sim

⁵³ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 280-281.

⁵⁴ Cf. FLORISTÁN, Cassiano - Missão do Cristão. In *DICIONÁRIO de Pastoral*. Porto: Perpétuo Socorro, 1990, p. 344.

⁵⁵ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 285.

fervorosos e firmes na relação com Deus. Devem ser homens decididos a deixar tudo por causa da glória de Deus, homens maduros ou que ao menos se mostrassem fiáveis. Todos os que se comprometem a fazer parte da Obra, devem conter em si um espírito dócil e com disposição para se submeterem em obediência a um futuro superior e às regras que serão prescritas. A Obra exige uma organização para uma boa vivência em comunidade⁵⁶.

LeVavas seur, no dia 28 de outubro de 1839, recebeu uma carta de Libermann a manifestar o seu desejo de se integrar no grupo, mas com a condição de que o grupo fosse um instituto sólido, fervoroso e apostólico. Um candidato que desejasse fazer parte daquela congregação devia ter um espírito fervoroso, generoso e disponível a dar-se completamente como Cristo, o verdadeiro Mestre.

Ainda, podemos considerar uma carta de Libermann a um candidato à vida missionária:

«Presta atenção ao que um dia terás de fazer [...]; vê se podes ser instrumento nas mãos de Deus, de modo a nunca fazeres a própria vontade, nunca seguires as tuas próprias ideias, gostos e modo de ver [...]. Vê se em tudo isto, e por meio disto, poderás um dia trabalhar pela glória de Deus e salvação das almas, de modo firme e incansável, sem olhares para ti, sem procurares, da parte dos homens, qualquer satisfação no que fizeres [...], pois é isso, meu caro, o que devem ser os nossos missionários: homens de perfeita obediência, sem vontade nem juízo próprios, totalmente rendidos, totalmente entregues a Nosso Senhor»⁵⁷.

Um candidato à vida missionária deve ter o zelo, que é uma virtude fundamental para a sua vida apostólica. Libermann é um pedagogo que tem a Sagrada Escritura como base dessa pedagogia. Por isso, aquilo que propunha aos seus missionários não eram ideias resultantes do egocentrismo pessoal, mas eram ideias dialogadas, rezadas e discernidas. Ele não ficava só na teoria, mas agia e queria que os missionários também agissem no momento certo. Esse momento foi designado por ele de “momento de Deus”. Um missionário deve cultivar a sua vida interior a fim de poder testemunhar exteriormente esse cultivo em espírito e em verdade exteriormente. A vida de santidade só seria possível na medida em que os seus missionários fossem capazes de experimentar a *kénose*(esvaziamento, despojamento), ou seja, assim como Jesus foi servo, os missionários deviam ser seus imitadores em tudo.

Libermann era muito determinado naquilo que estipulava. O seu caráter ou o seu temperamento faziam que ele atingisse ou concretizasse os objetivos pretendidos. Como

⁵⁶ Cf. *ND*, vol. 1, p. 648-649.

⁵⁷ *ND*, vol. 2, p. 111.

11º superior geral da Congregação do Espírito Santo, o seu pensamento e a sua ação não surgiram do nada, mas foram resultado da sua experiência pessoal com Deus e da partilha com os que lhe eram próximos. Podemos considerá-lo um exemplo para os missionários, dado que ele propunha aos missionários aquilo que ele próprio experimentava e vivia no seu quotidiano.

2.4.3. O verdadeiro modelo de vida apostólica

Em Libermann, ser santo e ser missionário é a mesma coisa. O verdadeiro zelo e a verdadeira vida apostólica têm a sua origem em Deus. Numa das suas cartas aos missionários, ele deixou bem claro que para a conversão do povo africano não bastavam somente os esforços dos missionários hábeis e capazes. Pela santidade e o sacrifício dos missionários Deus salva o povo africano⁵⁸. A missão mais do que deixar a sua casa, é sair de si e lutar contra toda a espécie de interesse próprio. O zelo apostólico deve ser o mesmo que Cristo experimentou na terra: «Ele que era de condição divina não se valeu da sua igualdade com Deus mas aniquilou-se a si próprio, assumindo a condição de servo tornou-se semelhante aos homens ... por isso Deus o exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes» (Fl. 2, 5-11).

Em Cristo, os missionários encontram todas as virtudes para a sua santificação. Essas virtudes fazem que cada missionário viva dignamente como religioso e ao mesmo tempo como apóstolo. Libermann considerou a santidade como sendo a excelência da vocação espiritana. Um homem chamado ao apostolado deve revestir-se das qualidades de Jesus Cristo. A possibilidade que existe de o homem pecar por causa da fragilidade da sua natureza humana, não justifica a queda definitiva do homem no pecado. Deus enviou o seu Filho, Verbo Encarnado, para santificar e salvar todos os homens de boa vontade. Os missionários são enviados por Jesus Cristo a trabalhar na sua messe como seus verdadeiros discípulos. A graça de Deus é oferecida aos que na humildade souberem responder fielmente à vocação a que foram chamados. Isso só acontece quando o missionário reveste o seu espírito com o uniforme da santidade de Cristo⁵⁹. Tanto na Regra Provisória⁶⁰ (1840) como na Regra de Vida Espiritana (1849)

⁵⁸Cf. ND, vol. 13, p. 143.

⁵⁹Cf. *DIRECTOIRE Spirituel ou Instructions du Vénérable F.-M.-P. Libermann aux membres de la Congrégation.* 2ª Ed. Paris: Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie -Maison - Mère, 1910, p. 23.

⁶⁰ Cf. ND, Vol. 2, p. 235.

Libermann destacou o fundamental da vocação espiritana, dizendo que a vida apostólica é a vida de amor e de santidade que o filho de Deus levou na terra, salvando e santificando os homens para a glória de Deus Pai. A vida apostólica, o anúncio da Boa Nova aos pobres, deve ser o objetivo principal dos espiritanos⁶¹. Vida apostólica não é sinónimo de puro ativismo, mas é uma vida em Cristo, uma vida animada pelo seu Espírito.

Nos escritos espirituais de Libermann há um acento muito forte da teologia joanina, ou seja, por intermédio dos seus escritos podemos constatar que ele tinha uma admiração especial pelo Quarto Evangelho⁶². Ele apresenta Jesus como Verbo Encarnado, luz, vida, bom Pastor, verdadeira videira; o homem é apresentado como aquele que está no mundo de pecado, de trevas. Deus comunica a sua vida ao homem por intermédio do Seu Filho. O homem que for capaz de abandonar a vida das trevas e acolher a vida de Deus em Cristo será santificado⁶³. A santidade consiste em ser seguidor de Jesus Cristo. A santidade é primordial, particularmente para os homens apostólicos, pois estão obrigados a serem santos.

2.5. A vida religiosa

A vida religiosa, segundo Libermann, não pode separar-se da vida apostólica porque são complementares:

«[...] verdadeiramente a missão é o fim, mas a vida religiosa é um meio *«sine qua non»* e este meio precisa de toda a nossa atenção e de ser o objeto de todas as suas preocupações. Se eles são santos religiosos, salvarão as almas; se eles não o são, não farão nada, porque a bênção de Deus reside na santidade deles, e a santidade deles depende unicamente da fidelidade deles às práticas da vida religiosa»⁶⁴.

A vida religiosa confere aos missionários uma maior liberdade e maturidade humana e espiritual. Esta maturidade e liberdade são dons ou frutos da docilidade à ação do Espírito Santo. Segundo Libermann, quem se abandona totalmente à ação do Espírito Santo facilmente conseguirá dar-se a si próprio por amor dos que sofrem, como Cristo fez. A vida religiosa, assim como o abandono, é a disposição fundamental da alma que

⁶¹ Cf. *ND*, Vol. 13, p. 354.

⁶² Uma prova disso é que Libermann já em 1840, em Roma, depois de entregar a Memória da Obra à Santa Sé, enquanto esperava pela resposta da Santa Sé, comentou uma parte do Evangelho de São João. Seguramente, este pequeno trabalho deixou impresso no espírito de Libermann algo de extraordinário que o ajudaria mais tarde no exercício da sua função como mestre de noviços e como superior da Congregação.

⁶³ Cf. *DIRECTOIRE Spirituel*, p. 25.

⁶⁴ *ND*, vol. 13, p. 354.

se deixa, em qualquer circunstância, conduzir pelo Espírito Santo. A Congregação foi consagrada à proteção do Imaculado Coração de Maria e isso não foi por acaso. Maria é exemplo para os missionários, porque ela foi generosa na sua resposta ao pedido que Deus lhe fez pelo anjo Gabriel.

Entre as condições estabelecidas pedidas aos candidatos que pretendessem fazer parte da Sociedade, a principal era que pessoalmente fizessem uma consagração ou entrega definitiva de todo o seu ser a Deus através dos votos de pobreza, obediência e castidade⁶⁵. Os três elementos são as virtudes fundamentais da vida religiosa. Estes elementos fazem com que a vida religiosa seja um verdadeiro meio para a santificação dos missionários e, conseqüentemente, para a eficácia da missão.

Libermann dá-nos a perceber, através da redação da Regra de Vida Espiritana em 1849⁶⁶, qual o estilo de vida religiosa que ele achou conveniente para garantir aos membros da Congregação do Espírito Santo o cultivo duma vida santa, favorável à missão. Por isso, de uma forma breve vamos abordar alguns pontos que, considerados fulcrais por Libermann, cada missionário deve cumprir no seu quotidiano e fazer que os outros cumpram.

2.5.1. Viver pobremente

Dedicar-se totalmente a trabalhar para a salvação dos negros, na perspectiva de Libermann era algo bom mas, ao mesmo tempo, exigente. Porque os verdadeiros homens apostólicos devem ser homens prontos a se despojarem de si próprios para servirem os abandonados: «Decidimos dedicar-nos à sua salvação, sem olhar a sacrifícios, porque não ignoramos as dificuldades, humilhações e contrariedades de todo o género que teremos de enfrentar nesta santa obra»⁶⁷. Esta frase permite-nos constatar um Libermann tão entusiasmado com a Obra que até parece ignorar os perigos que o

⁶⁵ *DIRECTOIRE Spirituel*, p. 588.

⁶⁶ Esta regra em 1840 foi denominada de Regra Provisória porque a sua elaboração tinha sido concluída, embora incompleta, e essa mesma regra se destinava a uma Congregação que ainda não tinha sido reconhecida pelo Estado francês. Em 1849, a Regra Provisória passou a ser denominada de Regra de Vida Espiritana, por causa da fusão entre as duas congregações (1848). A Congregação do Espírito Santo, cuja fundação fora em 1703 por Cláudio Francisco PoullartdesPlaces, possuía uma regra de vida bem organizada; a Congregação tinha a aprovação do Estado. Depois da fusão com a Congregação do Sagrado Coração de Maria, Libermann adaptou a sua Regra Provisória à Regra de Vida Espiritana. Providencialmente Libermann encontrou na regra dos Espiritanos todas as modificações e correções que ele pretendia para concluir a redação da Regra Provisória (Cf. COULON – Libermann 1802-1852, p. 315).

⁶⁷ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 285.

esperavam⁶⁸. Libermann adquire com a experiência uma rica percepção do conceito de pobreza perfeita. A pobreza antes de ser exterior deve ser experimentada interiormente. Os missionários são convidados a ser modestos, a não se deixarem apegar às coisas do mundo ou iludir com as coisas dos grandes da terra. Libermann não encarava a pobreza como austeridade extrema, mas sim viver com o suficiente: em caso de abundância, ter o espírito de poupança e, em caso de dificuldades, esperar com a calma de um homem de Deus⁶⁹. Viver a pobreza para Libermann era fazer um uso moderado de tudo o que se tem⁷⁰. Nessa linha podemos considerar algumas palavras suas:

«É preciso economizar; mas fazê-lo de maneira a que nem vocês aí fiquem doentes, nem se deixe morrer o noviciado à fome. É preciso controlar as despesas, economizar, sem, no entanto, descurar em nada a saúde dos missionários. Sejam mansos e pacíficos com toda a gente. Acautelem-se de querer ser mais que os outros; pelo contrário, procedam de modo a que os outros gozem sempre de mais consideração do que vocês. Quando trabalharem numa paróquia, escolham para vocês o que é trabalho e deixem todas as honrarias e vantagens dele resultantes aos padres dessa paróquia»⁷¹.

Este pequeno texto pode conduzir-nos à concepção que Libermann tinha da pobreza. Nos escritos de Libermann, é raro não encontrar conselhos, orações, pedidos que não estejam imbuídos desse espírito de pobreza. A pobreza constitui uma das virtudes mais importantes e fundamentais da vida religiosa.

Libermann utiliza várias expressões quando faz referência à pobreza. Vamos salientar algumas que aparecem com mais regularidade nos seus escritos: desprendimento, renúncia, modéstia, simplicidade, pôr em comum os bens ou partilha, sacrifício, servo. Os missionários devem praticar a pobreza a exemplo de Cristo que se fez pobre para salvar toda a humanidade. Neste mundo, o homem apostólico não se deixará escravizar ou dominar pelas riquezas da terra mas, será imitador de Cristo libertador.

⁶⁸ Numa primeira fase da missão, Libermann parecia muito influenciado pelas ideias de LeVasseur que pretendia uma vida missionária austera. Esta ideia teve repercussão na ação dos primeiros missionários formados por Libermann. Mas, com o desastre da Guiné, Libermann começa a ver as coisas de modo um pouco diferente (Cf. CABON, Adolphe – *De Saverne à L'Afrique et Aux Iles Lointaines. Mémoire Spiritaine*. 16 (2002) 81).

⁶⁹ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 377.

⁷⁰ A pobreza em Libermann não é só fazer um bom uso dos bens materiais, mas passa também pelas atitudes humildes (caridade, paciência, respeito, franqueza, transparência) que um missionário deve adotar.

⁷¹ *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 446, 377, 223.

2.5.2. A castidade

A castidade é uma das pedras fundamentais da vida religiosa. Pela prática da castidade, os missionários manifestam o desejo de seguir Cristo de uma forma radical. Esta forma tem o seu fundamento no amor incondicional de Jesus Cristo que veio salvar todos os homens. Libermann propôs uma série de meios que os missionários devem usar para poderem preservar a castidade. O primeiro meio é o seguimento de Jesus Cristo que foi casto. Em Cristo, os missionários aprendem a amar cada pessoa com um amor fraternal, e isso, os vai ajudar no desempenho dos seus ministérios. Para se manter puro, é necessário que cada um tenha um conhecimento das suas fragilidades e trabalhe por superar essas fragilidades. Libermann, consciente das fragilidades (físicas, emocionais, sentimentais) que podiam derrubar os missionários, não hesitou em exortá-los e ajudá-los a compreender algo sobre a afetividade e a sexualidade. O corpo humano, muitas vezes, arrasta o homem para a concupiscência. Por isso, os missionários deviam prestar muita atenção à forma como se relacionam com as pessoas do sexo feminino e com as crianças. A oração, a prudência, o espírito de ascese e o apoio fraternal são meios que podem ajudar um missionário a viver dignamente o voto de castidade⁷².

2.5.3. A obediência e a vivência fraterna

Segundo Libermann, a perfeita obediência consiste na renúncia à vontade própria, para submeter-se com amor à vontade de Deus, manifestada pelas regras da Congregação e pelos seus superiores⁷³.

Os missionários devem obedecer não só aos superiores mas também aos que circunstancialmente forem designados para desempenhar um determinado cargo na comunidade. A verdadeira obediência é a submissão ou a docilidade, de cada missionário, à ação do Espírito Santo.

A obediência está no coração da missão, porque é por meio dela que se pode edificar um projeto coerente. Jesus Cristo foi obediente até à morte; Maria disponibilizou-se gratuitamente a cooperar no projeto salvífico de Deus. Ambos são, portanto, modelos para os missionários. A obediência será santa, humilde, simples,

⁷² Cf. *DIRECTOIRE Spirituel*, p. 595-600.

⁷³ Cf. *ND*, vol. 10, p. 564.

cheia de amor e satisfação, quando os membros da Congregação obedecerem aos seus superiores, não como aos homens, mas como a Jesus Cristo que eles representam. Isto acontece pelo cultivo da fé e pela partilha de um objetivo comum ou comunitário.

Para concluir a parte da vida religiosa e introduzir a parte da vivência comunitária, vamos citar um pequeno texto da carta de Libermann aos missionários:

«Como homens de comunidade, deveis tender à vossa santificação e à dos vossos confrades; deveis em tudo dar bons exemplos; deveis ser homens interiores, homens de oração, fiéis à regra e cheios do seu espírito; deveis considerar Nosso Senhor Jesus Cristo na pessoa dos nossos superiores. Vivei juntos na paz, na mais perfeita união de caridade; suportai-vos mutuamente uns aos outros; suportai os defeitos; dulcificai as vossas mútuas penas; consolai os vossos confrades e não julgueis; amai-os e sede amáveis com eles, mesmo quando vos desgostarem. Se acontecer não serdes do mesmo parecer, diluí a vossa opinião geral. A teimosia nas próprias ideias é um dos maiores males para as pessoas que devem viver juntas na paz e na caridade de Cristo. Evitai a dureza nos vossos juízos e palavras, desejos e atitudes. Da dureza nunca pode sair nada de bom. Deveis conservar nas vossas almas a amabilidade, a calma, a longanimidade e a moderação cristã. Sede fiéis e avançareis a passos largos na verdadeira santidade»⁷⁴.

Este texto resume toda a personalidade humana e espiritual do Padre Libermann enquanto sacerdote superior da Congregação, formador e orientador espiritual dos noviços e missionários. Ele não cessa de os orientar de forma a viverem em união e comunhão, dentro e fora da comunidade.

2.6. A vida comunitária

Um verdadeiro missionário não deve fugir ao carisma que o identifica como membro de uma congregação. A atividade missionária não deve ser motivo que dificulte a vivência e convivência fraterna entre os confrades (viver em comunidade) nem deve impedir o cultivo pessoal da vida espiritual, pois um missionário não pode dar aquilo que não tem. Alimentado com o espírito da Congregação, o missionário será capaz de dar-se totalmente sem esquecer o essencial, velar pela salvação de si próprio e das almas dos mais pobres e abandonados.

Segundo a Regra Provisória (1840-1845), redigida por Libermann em Roma, aos missionários da futura Sociedade do Sagrado Coração de Maria, na segunda parte, intitulada *Da Constituição ou do estado espiritual da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Maria*, foi apresentado um conjunto de regras cujo objetivo principal era incentivar os missionários, mostrando-lhes como devia ser a composição

⁷⁴ MARTINS, Amadeu Gonçalves – *Espiritualidade Missionária de P. Libermann*. Lisboa: LIAM, 2002, p. 49-50.

da comunidade, quais os valores a serem respeitados e a importância da vida comunitária⁷⁵. Não pretendemos dizer tudo, mas salientar os artigos que nos permitirão conhecer as ideias de Libermann na orientação da Obra.

Uma das regras importantes e fundamentais na Congregação era a de os membros viverem em comunidade e nunca trabalharem durante um longo período de tempo separados uns dos outros. As comunidades nunca devem ter menos de seis membros e não devem ser também muito numerosas. Se num país o número de comunidades ultrapassar os 13, estabelecem-se duas casas, ambas na parte central, de forma a permitir que os missionários se encontrem regularmente para as respetivas partilhas. Também não é necessário que os missionários que fazem parte destas comunidades fiquem sempre juntos. Segundo as circunstâncias e as necessidades do país, os membros podem ser subdivididos em dois ou três para cada comunidade, segundo as ordens do superior. Sempre que o superior envia dois ou mais a exercer o ministério evangélico, ele elege superior um deles que deve ser obedecido pelos demais. A partir deste momento, eles seguirão todas as regras que se seguem na comunidade. Para os seus exercícios comunitários, podem estabelecer uma hora que não interfira com o ministério, de forma a permitir ou garantir a presença de todos os membros da comunidade. A hora estabelecida deve ser respeitada por todos, exceto em caso extraordinário e com a permissão do superior. A comida deve ser pobre, ou seja, a comida dos missionários deve aproximar-se da comida das pessoas, nos lugares para onde são enviados. A alimentação deve ser saudável e substancial.

Os missionários não devem comer em casa de “pessoas do mundo”⁷⁶, a não ser em caso especial. O superior deve ser devidamente informado pelo missionário que for convidado para uma refeição fora da comunidade. Em casa para onde sejam convidados, os missionários devem comportar-se segundo as regras da comunidade: não demorar muito tempo à mesa, comer com sobriedade e evitar tomar bebidas alcoólicas.

Todas as seis semanas ou a cada dois meses, os missionários reúnem-se na comunidade matriz e passam dois ou três dias juntos. Cabe ao superior da comunidade matriz o dever de organizar a data desse encontro, para que seja regular e sem a ausência de qualquer membro. Durante este encontro, cada um apresentará por escrito uma redação de tudo aquilo que foi a sua atividade missionária, de forma detalhada,

⁷⁵ Cf. *ND*, vol. 2, p. 259-272.

⁷⁶ Libermann usou esta expressão para designar as pessoas ricas, ou seja, os nobres da época. Os nobres com as suas riquezas tentam colocar os missionários sob as suas ordens.

principalmente as atividades realizadas em favor dos mais pobres, focalizando por escrito todas as maravilhas que Deus operou em favor dos pobres por intermédio do ministério dos missionários. No final desse encontro, o superior aconselha cada um segundo o seu estado e também deve pôr por escrito tudo aquilo que examinou com cada missionário, a fim de, no final do ano, poder enviar um relatório ao superior da Congregação.

Todos os anos é determinado um tempo favorável em que todos os missionários se reúnem para fazerem, juntos, um retiro de oito a dez dias. Mesmo havendo muitas comunidades num país, convém que se reúnam todos na mesma casa. Este retiro deve garantir aos missionários um repouso físico e, ao mesmo tempo, um revigoramento da vida espiritual para poderem continuar a trabalhar, com zelo e amor, para a salvação das almas. Ao longo do retiro, os superiores vão salientar pontos da regra e aspetos que considerem importantes para o bom andamento dos seus exercícios. As exortações devem ser feitas com muita humildade e sem querer rebaixar ninguém, de forma a corrigir os abusos introduzidos e mostrar a importância de algumas regras que foram negligenciadas. Todos os dias durante esse retiro, reúnem-se os superiores de todas as comunidades de missão a fim de juntos partilharem o andamento das suas atividades e o estado das suas comunidades e, a seguir, buscar meios para remediar alguns males. Antes do fim, os superiores fazem uma espécie de balanço geral, mostrando o estado da missão e algumas decisões tomadas e respectivas razões. Isto tudo é examinado e assinado por todos os participantes e depois enviar-se-á o documento ao superior da Congregação, de forma a este saber o que se passa e constatar que nada está a ser feito sem as suas ordens.

Durante as reuniões gerais, o superior da província é o único superior. É ele quem deve presidir às reuniões ficando os outros na condição de simples missionários. É nessa reunião que, segundo a regra, os missionários podem ser mudados de comunidade ou de missão. Em caso de urgência, caso um grupo ainda não se tenha reunido, o superior provincial deve comunicar o facto ao superior geral e esperar o seu consentimento

3. Orientações missionárias

Libermann passou por vários momentos difíceis mas sempre confiou na vontade ou providência divina. Tinha um grande desejo de ser padre, mas a doença quase o

impediu definitivamente de chegar ao sacerdócio. Perante esta provação, ele foi dócil à ação do Espírito Santo que guardava para ele uma nova missão.

Impressionou muita gente pela sua maneira de ser, soube aceitar a doença e fez uma profunda caminhada interior. Mesmo doente continuou a irradiar a fé e a orientar espiritualmente os seminaristas que caminhavam para o sacerdócio. Por isso, quando Luiz de Morinière⁷⁷ quis restaurar a sociedade dos eudistas e procurava alguém que o ajudasse a formar os noviços, os sulpicianos recomendaram-lhe Libermann, que passaria dois anos no noviciado dos eudistas da cidade de Rennes (1837-1839). Ali Libermann adquiriu uma grande maturidade espiritual e humana. Através das suas numerosas cartas podemos constatar que ele tinha o dom de aconselhar, orientar, guiar, animar não só os seus missionários e os leigos, mas também bispos e religiosas das diferentes congregações. Nas suas instruções aos missionários, Libermann tinha a convicção de que o projeto no qual ou pelo qual trabalhava não era o seu projeto pessoal mas um projeto que lhe foi dado por Deus; nada depende do projeto humano, o Espírito dado por Jesus Cristo é dono e dirigente do mesmo; a disponibilidade para as ações do Espírito Santo é a porta principal para uma missão consistente; nos momentos difíceis (de sofrimento, dúvidas, hesitações), Libermann apela à paciência, à calma, com a seguinte frase: «Paciência meu caro amigo [...] no primeiro instante do nascer do sol não pode haver tanta claridade como em pleno meio-dia. O grande segredo está em ter paciência e esperar o momento de Deus»⁷⁸.

Essas doutrinas espirituais enviadas aos missionários através de inúmeras cartas são, todas elas, fruto de toda a experiência pessoal que Libermann adquiriu ao longo de toda a sua vida.

Não é fácil resumir o conjunto daquilo que Libermann propôs aos missionários. Mas o que temos vindo a mostrar permitir-nos-á, de uma certa forma, intuir o concreto do projeto estipulado por Libermann na evangelização dos pobres. Para concluir este capítulo, vamos ainda ressaltar dois aspetos que harmonizam todas as orientações de Libermann em benefício da missão:

- O Ser africano com os africanos: o despojamento;
- O Bom Pastor: Cristo, verdadeiro modelo dos missionários.

⁷⁷ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 525.

⁷⁸ MARTINS – *Espiritualidade missionária do P. Libermann*, p.55.

3.1. Ser negro com os negros

Há qualidades que são fundamentais num missionário que procura avançar com um projeto. Só quem for capaz de se configurar com Cristo pobre, humilde e obediente, dócil à ação do Espírito Santo, é que poderá ser verdadeiro e santo missionário. Por isso, para uma boa evangelização era necessária uma coerência de vida ou seja, a santidade. Os meios para a santidade, segundo Libermann, eram viver em comunidade e cultivar a pobreza e a união prática. Libermann estipulou princípios e meios para uma melhor evangelização: a santidade e a inculturação. Libermann convida os missionários a descer ao nível do povo como Jesus Cristo fez. Na famosa frase, “fazei-vos negros com os negros”⁷⁹, está toda a intensidade da humanidade e espiritualidade libermaniana proposta aos missionários. Esta é a via descendente, meio pelo qual os missionários são chamados a imitar, mais de perto, a Cristo servo, pobre e obediente.

No dia 19 de novembro de 1847, Libermann escreveu uma carta à comunidade de Dakar e do Gabão e dizia-lhes o seguinte:

«Não julgueis à primeira vista; não julgueis segundo o que tiverdes visto na Europa, segundo aquilo a que estáveis habituados na Europa, despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; fazei-vos negros com os negros, e julgá-los-eis como devem ser julgados; fazei-vos negros com os negros para os formar como eles devem ser formados, não à maneira da Europa, deixai-lhes antes o que lhes é próprio; sede para eles como os servos devem ser para os seus mestres, nos usos, maneiras e hábitos, e isso para os aperfeiçoar, os santificar, os levantar da sua baixaza e fazer deles, a pouco e pouco, com o tempo, um povo de Deus. É o que São Paulo chama, fazer-se tudo para todos, a fim de ganhar todos para Jesus Cristo»⁸⁰.

Libermann, como grande admirador do apóstolo São Paulo, não ignorou o seu método missionário na evangelização dos judeus e gregos. Ele fez-se, portanto, judeu com os judeus e grego com os gregos; por isso escreveu: «fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns» (1 Cor 9,22). São Paulo limitava-se a imitar Cristo, o Verbo Encarnado que, assumindo a condição humana, se fez fraco com os fracos, pobre com os pobres, até ao cumprimento da promessa, morrendo como servo. O apóstolo dos gentios, depois da iluminação, dedicou toda a sua vida ao anúncio do Evangelho, primeiramente aos judeus e depois aos gentios. Libermann, como judeu que se converteu ao cristianismo, encontrou em São Paulo a sua fonte de inspiração para a

⁷⁹ ND, vol. 9, p. 330.

⁸⁰ ND, vol. 9, p. 330-331.

sua nova missão. Há um paralelo entre a vida de Paulo e Libermann⁸¹. Libermann absorveu muita doutrina paulina de tal forma que deixou transparecer nos seus escritos espirituais vários traços das cartas do Apóstolo São Paulo. Como referimos, anteriormente, Libermann exorta os missionários com as fórmulas paulinas: fazei-vos negros com os negros. Ele incentiva os missionários para a prática de uma espécie de mestiçagem cultural. Fazer-se negro com os negros não era algo impossível, mas exigia um esforço, ou seja, um despojamento de si próprio. Com isto, ele não aprova todos os atos ou comportamentos dos negros, mas quer, em primeiro lugar, ajudar os missionários a ganhar as almas pelo uso do método da *kenosis*. Não se trata de fazer tudo como eles, mas de aceitá-los como são e procurar conviver com eles sem os julgar ou menosprezar. Os missionários eram todos de proveniência europeia, imbuídos de cultura totalmente diferente da que encontraram em África. Sendo assim, como bons pastores, os missionários, pela caridade, mansidão, ternura, moderação, doçura, suavidade, tinham a missão de levar toda a gente para Deus.

Os missionários devem ser apóstolos de Cristo, sendo assim testemunhas vivas do amor, da santidade e do sacrifício de Cristo. O Espírito Santo opera as suas virtudes nos missionários dóceis. Ele opera a paz, a força, a doçura, o domínio de si, a perseverança, a humildade e a paciência. Essas virtudes são consideradas por Libermann como sendo virtudes apostólicas, fundamentais para os missionários em missão, porque os ajudam a ultrapassar e superar todas formas de preconceitos⁸².

3.2. Missionário, simultaneamente ovelha e pastor

Depois do batismo, Libermann manifestou o desejo de ser sacerdote. Fez uma longa caminhada nos seminários, descobriu quão nobre e grande era o ministério sacerdotal. Foi ordenado sacerdote em 1841, e passou uma grande parte da sua atividade apostólica a fazer promoção e acompanhamento espiritual dos padres. Mais de três quartos das cartas de sua volumosa correspondência foram enviados a seminaristas e padres. Segundo Libermann, Cristo é o paradigma do sacerdote. Os homens chamados ao ministério sacerdotal devem cultivar um amor e um grande desejo pelas almas

⁸¹ Os dois eram judeus convertidos ao cristianismo; ambos experimentaram muitas dificuldades ao longo da sua missão (Paulo pela perseguição e Libermann pela doença); e, ainda, ambos se consagraram para anunciar o Evangelho aos mais pobres e abandonados (os considerados infiéis e pagãos).

⁸² GILBERT, Alphonse – *Nas tuas mãos Senhor: um caminho de santidade com Francisco Libermann*. Lisboa: Missionários do Espírito Santo, 1997, p. 276.

pobres, abandonadas e infelizes. Jesus é o bom Pastor por excelência, n'Ele os missionários encontram todas as qualidades de um verdadeiro missionário. Cristo é a referência para todos os homens apostólicos, porque ele é simultaneamente Pastor e Cordeiro.

A Igreja, nas colônias onde trabalhavam os missionários de Libermann, durante o século XIX, não tinha autonomia administrativa. Por isso, os missionários de Libermann não podiam tomar partido pelos negros de qualquer maneira, porque a presença deles, no meio da raça negra, dependia da aprovação ou da aceitação da Administração. Libermann, sabendo das ameaças e das amargas situações experimentadas pelos missionários nas colônias, chamou-os à prudência, calma, moderação; a que evitassem conflitos e discussões com os dirigentes. Como reação às situações de injustiças e de violências, Libermann, em 1849, propunha o seguinte para um missionário:

«Proceda em todas as circunstâncias com prudência, suavidade, caridade e a moderação de um homem de Deus [...] Com as pessoas que lhe forem opostas, que o perseguirem e odiarem, siga o que o Divino Mestre nos recomenda, ao confiar-nos a nossa missão: *Ide como cordeiros para o meio dos lobos* (Mt 10,16). Um cordeiro não se defende e sobretudo não morde. Sofra pois, com paciência»⁸³.

Se compararmos alguns dos seus escritos espirituais com algumas ajudas espirituais aos missionários, podemos ter a sensação de que Libermann como que se contradiz de vez em quando. Mas, na prática, como homem de discernimento, sempre procurou agir com racionalidade, prudência, moderação. Denunciar a injustiça é evangélico, mas isto não justifica o uso da violência contra os violentos, sob pretexto de estar a defender as vítimas. Libermann era contra a violência; por isso, pedia aos missionários que renunciassem ao mal, mas não odiassem os perseguidores, pois isto é que prova a verdadeira força de um homem apostólico⁸⁴. Durante a formação dos missionários no noviciado, Libermann dava-lhes várias orientações sobre como deviam ser os seus comportamentos com as autoridades. Muitas vezes, perante as dificuldades com as autoridades, os missionários em missão esqueciam tais orientações, e Libermann cheio de mansidão e força exortava-os a que imitassem Jesus o bom Mestre, que perante a injustiça e a violência lutou com as armas da mansidão e do perdão. Portanto a violência devia ser categoricamente evitada.

⁸³ ND, vol. 11, p. 318-319.

⁸⁴ Cf. ND, vol. 318

O bom pastor, segundo Libermann, é aquele que, simultaneamente é pastor e ovelha. Um missionário não deve esquecer que o seu lugar é a seguir ao seu Mestre e não ter a presunção de querer precedê-lo. A Salvação vem de Jesus Cristo, o bom Pastor que está sempre a atrair as suas ovelhas para onde a pastagem é abundante. Para isso, Jesus não se importou com o sofrimento, não se importou com o pôr-se na pele da miséria humana, para depois superar essa miséria que não deixava o homem viver numa total comunhão com Deus. Jesus Cristo, bom Pastor, é também o Cordeiro já prefigurado pelo Profeta Isaías como sendo o Servo sofredor, que não respondia com ameaças aos que lhe batiam. Em Filipenses, São Paulo dizia: “Por isso Deus O exaltou para sempre”. Um verdadeiro missionário segundo Libermann é aquele que imita o bom Mestre em tudo.

Como combate contra a ociosidade, Libermann, tendo tido em Roma momentos em que não tinha nada para fazer enquanto esperava a resposta da *Propaganda Fide*, comentou os 12 primeiros capítulos do Evangelho de São João⁸⁵. No comentário feito ao décimo capítulo do Quarto Evangelho, Libermann deixou aos missionários uma reflexão sobre a verdadeira relação que devia existir entre o pastor e as ovelhas.

O trabalhar na messe do Senhor não deve ser encarado como o exercer de uma função ou como puro ativismo. Os chamados devem ultrapassar os fariseus na condução dos rebanhos. O bom pastor entra no redil e, pouco a pouco, vai entrar espiritualmente nas almas das ovelhas e as das ovelhas na do Pastor. Só se é bom pastor na configuração, na fé, como Filho de Deus encarnado. O bom pastor não busca o seu próprio interesse, não usa as ovelhas como meio de satisfação das suas necessidades mas, num espírito de abnegação, dá a sua própria vida em resgate das suas ovelhas. Cristo é a porta onde todos devem passar e quem se recusar a entrar por ela é ladrão e salteador. O bom pastor é dócil à graça de Deus; por isso, a sua voz será escutada porque ele se identifica com o divino Espírito do seu Mestre. Ele é diferente do mercenário que só quer o proveito próprio, ou seja, só se interessa com o seu salário e não se preocupa com a vida das ovelhas.

Os missionários deviam trabalhar com toda a sua alma na realização das obras que Deus se dignou encarregá-los, mas deviam ter o cuidado de não as fazer obras suas ou obras pessoais. Em forma de conclusão, vamos citar duas frases ditas por Libermann que podem servir de síntese ao conjunto de todo o seu pensamento: «Somos um bando

⁸⁵ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 100.

de pessoas pobres, reunidos pela vontade do Mestre que, Ele só, é a nossa esperança. Podemos formar grandes projetos porque as expectativas não são baseadas em nós, mas n'Aquele que é todo-poderoso»⁸⁶. Libermann concentrou toda a sua confiança em Deus e pediu aos missionários que fizessem o mesmo, porque, segundo a sua experiência, Deus responde a todos aqueles que O invocam em verdade.

⁸⁶ *ND*, vol. 4, p. 303.

CAPÍTULO II:

A ATIVIDADE MISSIONÁRIA DOS ESPIRITANOS EM CABO VERDE (1941-1975)

A Congregação do Espírito Santo, na fidelidade ao seu carisma, continuou a sua missão de ocupar-se dos ministérios humildes e difíceis, para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros apostólicos, especialmente a evangelização dos infieis, e entre estes os mais miseráveis, os da raça negra. A penosa situação do arquipélago de Cabo Verde provocada pelas secas cíclicas⁸⁷, a instauração da República em 1910 agravaram a situação da prática religiosa em Cabo Verde, e só a partir do ano 1941, favorecido pela Concordata de 1940, foi possível a reevangelização da Diocese por intermédio da ação apostólica dos Espiritanos⁸⁸ quase todos da Província Portuguesa e duma minoria da Suíça, e apoiados pelas Congregações religiosas masculinas e femininas e por alguns padres seculares. O intenso trabalho destes, fez com que em 1975 Cabo Verde tivesse pela primeira vez na história um Bispo de origem cabo-verdiana.

1. Da descoberta à véspera da chegada dos Espiritanos

Para uma melhor compreensão da realidade cabo-verdiana desde a descoberta do arquipélago em 1460 até à chegada dos missionários do Espírito Santo em 1941, achamos necessário delinear, muito sucintamente, a história geral de Cabo Verde, tendo em conta os seguintes âmbitos: descoberta, povoamento, evolução das vertentes sócio-económica, religiosa e política.

⁸⁷ Cf. MIRANDA, José Pereira – *Padre LouizAllaz: Missionário em Cabo Verde 1947-1976: Uma estrela na madrugada cabo-verdiana*. Assomada: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2014, p. 10.

⁸⁸ Quando dizemos, por intermédio da ação dos Espiritanos, não estamos a ignorar as ações dos seculares e religiosos que também desempenharam papéis significativos na reevangelização de Cabo Verde. Por conseguinte, pretendemos, com isso, sublinhar o dinamismo missionário levado a cabo pelo bispo D. Faustino Moreira dos Santos (enquanto espiritano) em toda a Diocese de Cabo Verde.

1.1. Descoberta e povoamento

Cabo Verde é um arquipélago atlântico de origem vulcânica, ao largo da costa ocidental africana⁸⁹ (da qual dista cerca de 500 quilómetros), situado entre as latitudes de 17° 12' e 14° 48' N e as longitudes de 22° 41' e 25° 22' W, composto por dez ilhas e cinco ilhéus, com a superfície total de 4.033 quilómetros quadrados. Das dez ilhas, atualmente, só a ilha de Santa Luzia não é habitada. Essas ilhas estão organizadas em dois grupos: o grupo de Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista) e o grupo de Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava)⁹⁰. Quanto ao seu descobrimento, embora haja rumores de passagem humana por alguma das ilhas de Cabo Verde antes de 1460, quer de pescadores oriundos da costa africana próxima, quer do veneziano Cadamosto (que teria vislumbrado a ilha da Boavista em 1456), admite-se, de modo geral, que as ilhas foram encontradas em 1460 por Diogo Gomes e António da Noli (genovês ao serviço do rei de Portugal), a bordo de duas naus. Os descobridores não se aperceberam de quaisquer indícios de presença humana no arquipélago, embora se admita a possibilidade de já ter sido visitado anteriormente, ainda que só de passagem⁹¹, por berberes mauritanos.

Foi precisamente pelas ilhas de Santiago e do Fogo que o povoamento começou (séc. XV-XVI); nas outras ilhas iniciou-se mais tarde. Em 1489⁹², o governo da ilha de Santiago foi repartido por duas capitânias (norte e sul): a capitania do norte, com sede em Alcatrazes (Praia Baixo); e a do sul, na Ribeira Grande (Cidade Velha).

Os primeiros povoadores das ilhas de Cabo Verde foram portugueses idos do Alentejo, do Algarve e da Madeira; e se alguns deles eram nobres, outros eram condenados enviados por D. Afonso V⁹³, juntamente com genoveses trazidos por António da Noli. Primeiramente vão estabelecer-se na Ribeira Grande e em Alcatrazes.

O povoamento das ilhas fez-se, pois, com pessoas provenientes não só da Europa (portugueses, italianos, espanhóis), mas também (e em número muito maior) da África (Senegâmbia e Guiné), pelo que a população do arquipélago apresenta traços étnico-

⁸⁹ Cf. CERRONE, Frederico – *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*. S. Vicente: Gráfica do Mindelo, 1983, p. 13.

⁹⁰ Cf. COSTA, Alfredo da – *Cabo Verde: Conferência em sessão especial realizada em a noite de 10 de Janeiro de 1913 na Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Tipografia Universal, 1913, p. 5.

⁹¹ Cf. BARROS, Simão – *Origens da colónia de Cabo Verde*. Lisboa: Cosmos, [s.d.]. Impressão: Oficinas Gráficas, Cadernos Coloniais; 56, p. 3-8.

⁹² Cf. BARROS – Cadernos Coloniais 56, p. 11.

⁹³ Cf. *COROGRAFIA cabo-verdiana: das províncias das ilhas de Cabo Verde e Guiné*. Publicada por José Conrado Carlos de Chelmicki. Lisboa: Typ de L. C. da Cunha, [s.d.], vol. 1, p. 5.

culturais dos dois continentes⁹⁴ que contribuíram para a sua formação. Os indivíduos provenientes da África eram escravos negros, comprados nesse continente e destinadas ao Brasil (do século XV até finais do século XIX). Cabo Verde, durante estes séculos, serviu de entreposto dos navios transportadores de escravos. Cabo Verde situava-se num ponto estratégico que permitia aos marinheiros uma paragem adequada à manutenção do navio, ao abastecimento da água e alimentos necessários para o resto da travessia até ao Brasil. Entretanto alguns escravos, porque necessários para o serviço dos senhores brancos⁹⁵, permaneceram no arquipélago. Poucos anos depois, a maioria da população já era de raça negra (foi o caso da ilha de Santiago). Depois foi naturalmente acontecendo uma certa mestiçagem entre brancos e negros, o que deu origem a um novo tipo humano (homem mestiço), a uma nova mentalidade, a uma nova cultura e a um novo linguajar (crioulo). Podemos, pois, considerar que a população cabo-verdiana é fruto de um processo de miscigenação. Com o passar do tempo, Cabo Verde começou a contar com um número de mulatos superior a 70%, com 1% brancos e um pouco mais 25% de negros. Este processo foi determinante para a constituição do homem e da cultura cabo-verdiana.

1.2. A situação social e económica

Como anteriormente se referiu, Cabo Verde foi povoado por brancos europeus e escravos negros comprados na Senegâmbia e na Guiné. Os escravos eram comercializados pelos donatários e povoadores europeus que, por privilégio da casa do Infante, podiam fazer “escravaria”⁹⁶ na costa. Desde a descoberta até 1975, Cabo Verde foi território colonial português; por isso, no início do povoamento ainda não se podia falar de cabo-verdianos, pois a sociedade cabo-verdiana originou-se da mistura entre os

⁹⁴ Cf. VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa-Rita – *História da medicina em Cabo Verde*. Maia: ICL, 1989, p. 11.

⁹⁵ Uma investigação pela obra intitulada “*Notícia Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde*”, admite que quando o Infante Dom Fernando chegou à ilha de Santiago que lhe tinha sido oferecido pelo rei Dom Afonso V, esta ilha se achava já habitada de muitos homens pretos, que por tradição, tinham fugido do seu país com toda a sua família a buscar refúgio, em canoa, na costa duma das ilhas de Cabo Verde, mas, porque foi acometido de uma veemente tempestade de vento leste, que são frequentes nesta Costa desde maio até outubro, o ímpeto dos ventos fez aportar a canoa nesta ilha, que fica a oeste do mesmo Cabo Verde. E todos estes pretos se sujeitaram logo aos brancos, que os domesticaram e fizeram abraçar a todos a Religião Católica Romana. Cf. *NOTÍCIA: Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde por um amante da Pátria e Leal Vassalo da sua Majestade Fidelíssima* – 1789, (Inéditos Coloniais, Série A; 3), Lisboa, Empresa da Revista Diogo Cão, 1937, p. 8-9.

⁹⁶ BARCELLOS, Christiano José de Senna – *Alguns Apontamentos: As fomes em Cabo Verde desde 1719 a 1904*, Lisboa: Typ. da Cooperativa Militar, [s.d.] 1.

brancos e os pretos; estes, ao longo de muitos anos, dominados pelos brancos, os senhores, que ocupavam o topo da pirâmide social. Por 1582, Cabo Verde tinha um total de 87,3% de escravos (sem contar os menores de idade) e 12,7% de homens brancos, pardos e pretos livres⁹⁷. Por causa do clima⁹⁸, os senhores brancos eram menos numerosos que os negros (minoría livre e maioria escrava). No decurso do tempo, com a fuga de escravos para o interior das ilhas, com a concessão de alforrias e ainda devido ao surto emigratório, iniciado com a pesca da baleia por navios americanos (do final do séc. XVII a princípios do séc. XVIII)⁹⁹, a sociedade cabo-verdiana sofreu transformações e adquire outra face. No século XIX, aboliu-se a escravatura e então a maioria mestiça, já toda autóctone, ganha a liberdade mas sem proveito, pois o povo não era detentor de grandes fazendas, que continuavam a ser dos senhores da metrópole. Estes possuíam grandes extensões de terra que arrendavam a quem estivesse interessado, na condição de o arrendatário pagar ao senhor (morgado) uma taxa e lhe cedesse a estipulada porção da colheita.

As ilhas de Cabo Verde, localizadas na zona subsaheliana, foram encontradas áridas e desertas. A penúria de água é uma constante, por causa da escassez de chuva, o que, ao longo do tempo, vitimou pessoas, e a flora¹⁰⁰. Com as secas, o cabo-verdiano esteve sujeito a condições de vida extremamente duras e difíceis ao longo dos séculos. Este fenómeno teve influência na poderosa desestruturação da economia do país, provocando ajustamentos sociais de resposta a tão severos condicionalismos¹⁰¹. Houve uma deslocação de pessoas, em massa, do campo para os centros urbanos (êxodo rural), isto é, aquela situação impulsionou a emigração interna¹⁰² e a externa¹⁰³. A economia

⁹⁷ Cf. CARREIRA, António – *Cabo Verde: Classes sociais, Estrutura familiar, Migrações*. Lisboa: Ulmeiro, 1977, p. 12.

⁹⁸ Cf. *HISTÓRIA Geral da África: África do século XII ao XVI*. Editado por DjibrilTamsirNiane. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, vol. 4, p. 356.

⁹⁹ Cf. CERRONE, Federico – *Cabo Verde: Cruzamento do Atlântico Sul*. 2ªEd. Turim: Centro Missões Estrangeiras Frades Capuchinhos; Mindelo: Rádio Nova, 1998, p. 102.

¹⁰⁰ Cf. *COROGRAFIA cabo-verdiana*. Publicada por José Conrado Carlos de Chelmicki, vol. 1, p. 6.

¹⁰¹ Cf. COSTA – *Cabo Verde*, p. 14.

¹⁰² São três ilhas as que durante a crise constituíram internamente os polos de atração, embora não se revelassem suficientes para satisfazer as necessidades sentidas. Para a ilha de Santiago, os indivíduos eram atraídos pelas maiores possibilidades de obtenção de emprego no Estado e no comércio e obras; para São Vicente, eram atraídos pelas atividades portuárias; e para a ilha do Sal, pelos serviços do aeroporto.

¹⁰³ A emigração cabo-verdiana para o estrangeiro começou através dos navios americanos que vinham pescar baleias nos mares do arquipélago. A procura de mão de obra para a faina facilitou a entrada de cabo-verdianos na América. Mais tarde, os cabo-verdianos entram em massa em Portugal para preencher o vazio deixado pelo surto de emigração e pela mobilização de soldados para o ultramar. O continente Africano e a América Latina foram, também, lugares de emigração para o povo cabo-verdiano.

das ilhas baseava-se na criação de gado, no fabrico de açúcar e de aguardente, na produção agrícola (algodão, semente de purgueira, urzela, dragueiro), na tecelagem artesanal e na pesca. Durante muito tempo, Cabo Verde foi um dos maiores produtores de urzela (que era muito procurada pelos compradores de Londres, Amesterdão e Génova) e de sal (de boa qualidade), o que fez com que o Arquipélago se tornasse num importantíssimo entreposto de comércio e navegação¹⁰⁴.

O arquipélago, durante um bom período de tempo, experimentou estabilidade e conforto em todos os aspetos. Infelizmente tal não perdurou pois a partir da primeira metade do século XIX deu-se uma queda na exportação dos produtos nacionais devido não só à superabundância de urzela nos mercados externos, mas também aos frequentes assaltos de piratas. Assim, o comércio foi caindo e a situação económica do país foi enfraquecendo progressivamente¹⁰⁵.

Com a abolição da escravatura, a sociedade deixou de ser escravagista, pois os libertos passaram a beneficiar de privilégios que antes não lhes eram reconhecidos. Todavia, essas pessoas continuaram sob o jugo dos grandes proprietários que lhes arrendavam o terreno e a quem deviam pagar a tempo e horas. Daí se originou a famosa “Revolta de Ribeirão Manuel”¹⁰⁶ no ano de 1910¹⁰⁷, em Santa Catarina, que teve início, com a instauração da república, por instigação do proprietário Annibal dos Reis Borges, sendo então governador Marinha de Campos.

Em suma, a sociedade cabo-verdiana foi evoluindo ao longo dos anos mas não conseguia atingir um satisfatório patamar e de estabilidade, por influência de fatores, tais como: as variações climáticas; os ataques dos piratas franceses, ingleses e holandeses; a fuga de escravos; a concorrência dos mercados externos; as migrações interna e externa; e, finalmente, o próprio regime político colonial.

¹⁰⁴ A posição estratégica de Cabo Verde facilitou o comércio triangular, na medida em que no arquipélago paravam muitos navios para beneficiarem de alguma reparação ou para se abastecerem dos mantimentos necessários para o resto da viagem. Depois da descoberta deste importante posição de Cabo Verde, a partir de 1530 começou a servir de escala a várias embarcações. Conta-se que Vasco da Gama, Pedro Alves Cabral, Thomé Lopes, João de Empoli foram figuras importantes que tiveram a oportunidade de fazer escala em Cabo Verde. Cf. *COROGRAFIA cabo-verdiana*. Publicada por José Conrado Carlos de Chelmicki, vol. 1, p. 7.

¹⁰⁵ Cf. BARROS – *Cadernos coloniais* 56, p. 17.

¹⁰⁶ Cf. GRAÇA, António Duarte da – *Quatro meses e meio de uma administração ultramarina a pontapés, ou A administração da Sr. Marinha de Campos*. Lisboa: Flat Lux, 1911, p. 23.

¹⁰⁷ CERRONE - *Cabo Verde*, p.52.

1.3. A situação religiosa e política

Segundo uma tradição, aquando do descobrimento a ilha de Santiago já era habitada por uma minoria (Jalofos) que devia ter as suas crenças; também os escravos trazidos para Cabo Verde trouxeram com eles as suas crenças tradicionais. Para plantar nestas gentes a verdadeira fé e evitar a proliferação das outras crenças¹⁰⁸, o rei de Portugal achou por bem enviar, sem demora, missões para a ilha.

Entretanto, a difusão do Cristianismo prosperou, acompanhando o progressivo povoamento de Santiago e do Fogo, por ação da Ordem de Cristo¹⁰⁹, à qual tinha sido entregue oficialmente a evangelização de Cabo Verde, pois era costume os territórios ultramarinos descobertos serem evangelizados por essa Ordem, herdeira, em Portugal, da extinta Ordem dos Templários¹¹⁰. Devido ao seu reduzido número de membros, a Ordem de Cristo concedeu esse campo de evangelização aos Franciscanos (1462) e aos Dominicanos (1473). Foram estes, pois, os primeiros apóstolos do arquipélago.

Os missionários ocuparam-se da propagação da fé cristã no meio daquele ambiente supersticioso e muçulmano. Ao contrário do que acontecia nas colónias francesas, nas colónias portuguesas todos os escravos eram batizados e instruídos na fé de acordo com a lei, que exigia o batismo em massa para os escravos de passagem para a América Latina¹¹¹. As duas Ordens (Ordens de Cristo, Ordens Mendicantes) prestaram serviço apostólico tão bom que, antes de o arquipélago ter completado um século após a sua descoberta (e a pedido do Rei), o Papa Clemente VII, em 1533, erigiu pela bula *Pro Excellentia* a Diocese de Santiago de Cabo Verde, com sede na Ribeira Grande, desmembrada da Diocese do Funchal e com jurisdição em toda a costa do continente, desde o Senegal ao cabo Mesurado (República da Libéria)¹¹².

¹⁰⁸ Segundo as normas estabelecidas no padroado ultramarino português para a conquista dos territórios ultramarinos, a Igreja esteve sempre lado a lado com a coroa, tendo como objetivo principal a difusão da fé.

¹⁰⁹ Cf. *HISTÓRIA Geral de Cabo Verde*. Coordenação de Maria Emília Madeira Santos. Lisboa: Instituto de investigação Científica Tropical; Praia: Instituto nacional da cultura de Cabo Verde, Imprensa de Coimbra Lda, 1995, vol. 2, p. 362.

¹¹⁰ Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 143.

¹¹¹ Como testemunho deste facto encontramos na revista *Mémoire Spiritaine* nº 2 (p. 28) Henri Gregoire (1750-1831), um autêntico lutador em favor da abolição da escravatura e da liberdade dos judeus, numa das suas cartas (*Épître aux Pasteurs fidèles des colonies françaises*), em 1800, sublinhava a necessidade de clero indígena nas colónias francesas, dizendo claramente que naquelas colónias os franceses não reconheciam nos negros a piedade religiosa, e isso levou-o a perguntar citando as palavras do P. GRUNEAUM-BALLIN que escreveu: «Pourquoi ne les y verrait-on pas, comme aux îles du Cap-Vert, servir et monter à l'autel?» (Cf. *Mémoire Spiritaine*. 2 (1995) 28).

¹¹² Cf. *HISTÓRIA Geral da África: África do século XII ao XVI*, vol. 4, p. 356.

Mais tarde, os Jesuítas (1604)¹¹³ chegaram a Cabo Verde e deram o seu contributo à evangelização do país. A cristandade foi bem acolhida e sedimentou-se muito bem no arquipélago. Mas houve momentos de crise¹¹⁴, momentos difíceis para a Diocese, ao longo dos séculos. Perante uma querela com o governo central, os Jesuítas regressaram à metrópole em 1652 e foram substituídos pelos Padres Recoletos, em 1656, os quais permaneceram até 1830¹¹⁵. Desde o ano 1866, como forma de garantir uma estabilidade social e religiosa, fundou-se o Seminário-Liceu em São Nicolau, o qual formava quadros para a vida clerical e para o funcionalismo civil até meados do ano 1900. Graças a esta iniciativa, depois de alguns decénios, a Diocese contava com um número considerável de clérigos nativos que fizeram nascer uma geração mais preparada, com sólida cultura humanística¹¹⁶.

A diocese teve eclesiásticos virtuosos bem como alguns afetados de fragilidades e limitações. Uma carta do cabo-verdiano Padre António da Costa, de 2 de fevereiro de 1893, a um espiritano da Província Portuguesa, pedia missionários ao mesmo tempo que lhe contava a situação da Igreja no Cabo Verde daquela época:

«A nossa pobre diocese está completamente desprovida de clero instituído e formado segundo o espírito sacerdotal. As Igrejas estão sujas, os templos silenciosos e abandonados, as cerimónias mal feitas e [...] as vestes sagradas sujas e fora de uso; de sermões, ensino religioso, confissões, práticas de devoção é melhor não falar, pois de tudo isto há pouco. Ninguém pratica a religião sinceramente, nem o clero nem o povo: este, em virtude da sua ignorância, rotina, inconsciência, relaxamento, para não dizer aviltamento em que se encontra. O diretor espiritual e bons professores fazem muita falta no seminário»¹¹⁷.

A governação e evangelização de Cabo Verde dependiam em grande parte das decisões que lá se tomavam, ou seja, a política local era influenciada pelos altos e baixos da situação na metrópole¹¹⁸. Até à revolução republicana, em 1910, prelado e governador mantinham uma relação bastante boa, embora o clero estivesse em certa

¹¹³ Cf. *COROGRAFIA cabo-verdiana*. Publicada por José Conrado Carlos de Chelmicki, vol. 1, p. 147.

¹¹⁴ Em 1652 o jesuíta Padre António Vieira escreveu o seguinte: «Há aqui cónegos e clérigos nativos tão compostos, tão autorizados, tão doutos, tão grandes místicos, tão discretos, tão morigerados que fazem inveja aos que vemos nas nossas catedrais (da metrópole)». Todavia havia lacunas e pontos negros, no dizer de Vieira: «As almas estão em extrema necessidade espiritual porque não há religiosos que as cultivem, e os párocos são mui poucos e nem sempre exemplares». Cf. *ENCONTRO: Selecções Missionárias*, Lisboa, 1963-2009. 4:24 (1966) 8.

¹¹⁵ Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 143.

¹¹⁶ Alguns consideravam que estes clérigos eram possivelmente mais preparados intelectualmente do que zelosos. Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 158.

¹¹⁷ NEIVA, Adélio Torres – *História da província portuguesa 1867-2004*. Lisboa: Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria, 2005, p. 769.

¹¹⁸ Por exemplo, entre 1646 a 1668, por causa da rotura das relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé, a diocese permaneceu vacante; a situação repetiu-se um pouco mais tarde, devido à política do Marquês de Pombal; tal voltou a acontecer, mais tarde ainda, em 1910, com a revolução republicana.

medida subordinado à coroa. Com a revolução, o governador tomou várias medidas contra o prelado e o seu clero, medidas hostis à Igreja¹¹⁹. Fortunato de Almeida narra que uma vez o governador Marinha de Campos proibiu o desembarque do bispo D. José Alves Martins¹²⁰ na cidade da Praia (Santiago), sob o falso pretexto de que tivera de ter em conta a vontade do povo, que acreditava que o desembarque do bispo suspenderia as chuvas; este só pôde desembarcar na ilha de São Nicolau¹²¹, onde viria a tomar posse como bispo da diocese de Cabo Verde. Depois disto, foram sucedendo situações de ataque à Igreja e pensou-se mesmo que «[...] poucos mais anos volvidos, da diocese de Cabo Verde desaparecerá completamente o clero e, com este, o culto católico, se Deus não mudar para melhor rumo o curso dos acontecimentos»¹²².

Depois da fase turbulenta, surgiu um novo desafio e, simultaneamente, uma grande responsabilidade para a Igreja, que durante a época colonial foi usada como meio para a “caça” e repressão dos reivindicadores e organizações da resistência ao regime colonial¹²³. A Igreja aceitou acompanhar os colonos que aparentemente se mostravam zelosos na civilização da cultura e do povo africano. Mas a própria Igreja, pelos seus missionários constatou que havia negligência da parte do Governo colonial no que concernia ao desenvolvimento das colónias¹²⁴. Sem ignorar falhas e fraquezas de alguns missionários, importa frisar que houve nas colónias missionários exemplares que não se deixaram intimidar pela perseguição nem pela ameaça dos dirigentes do Governo. Houve missionários que, ultrapassando as barreiras do regime colonial, conseguiram chegar aos abandonados e marginalizados e, conscientes da sua missão, foram ajudando as pessoas a erguer-se.

¹¹⁹ Cf. REMA, Henrique Pinto – Cabo Verde. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, vol. 1, p. 356.

¹²⁰ D. José Alves Martins nasceu no lugar de Vergão, freguesia e concelho de Proença-a-Nova, em 22 de 1874. Admitido como aluno, em 1888, no Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim, foi ordenado padre em 1897, nomeado missionário da diocese de Angola e trabalhou durante muitos anos como missionário no Congo. Por decreto de 16 de dezembro de 1909, foi apresentado bispo de Cabo Verde e, a 10 de março de 1910, o Santo Padre Pio X confirmou a eleição. E pouco depois seria sagrado bispo e viria a tomar posse da diocese por procuração; embarca para Cabo Verde no dia 22 de novembro, tudo do mesmo ano.

¹²¹ Cf. ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Porto: Livraria Civilização, 1970, vol. 3, p. 611.

¹²² ALMEIDA – *História da Igreja em Portugal*, vol. 3, p. 612.

¹²³ Cf. AMÍLCAR Cabral: *Documentário; África Minha*. Apresentação de António Duarte Silva. Lisboa: Cotovia, 2008, p. 47.

¹²⁴ MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 10.

2. Primeira fase da missão espiritana (1941-1955)

Esta fase começou no ano 1941, data da chegada dos primeiros Espiritanos a Cabo Verde, e terminou no ano 1955, data da morte do bispo Dom Faustino Moreira dos Santos (espiritano), aquele que iniciou o apostolado espiritano na diocese e impulsionou o renascimento da fé cristã em todo o Arquipélago de Cabo Verde. Durante os seus 14 anos de prelado deu um novo vigor à diocese. Foi considerado o artífice do ressurgimento da Igreja em Cabo Verde, uma vez que nas vésperas do seu falecimento a diocese apresentava já uma nova face.

Para mostrar, de forma sucinta, a relevância desta fase, apresentaremos a situação da diocese nas vésperas da chegada dos Espiritanos e a mudança que se operou no decurso da mesma. Mostrar-se-á também o contributo da personalidade do bispo Dom Faustino Moreira dos Santos e apontar-se-ão algumas das dificuldades com que se deparou a ação concreta dos missionários da Congregação do Espírito Santo no desenrolar do seu labor apostólico.

2.1. O reacender da chama com a chegada dos Espiritanos

Documentos a que tivemos acesso¹²⁵ permitem-nos ter a perceção da vivência da realidade religiosa em Cabo Verde ao longo dos séculos até aos nossos dias.

Cabo Verde foi um dos primeiros países da África ocidental a ter um bispado. Os eclesiásticos, auxiliados pelos chefes responsáveis das colónias, catequizavam e batizavam, mesmo os escravos destinados ao Brasil. Os clérigos eram também mestres das escolas, mestres de gramática e lecionadores de moral (1592)¹²⁶. A sua ação nas ilhas de Cabo Verde, apoiadas pela estabilidade de uma vida social organizada, foram causa de um gigantesco salto em direção a um futuro promissor para o povo caboverdiano. É certo que nem sempre as coisas correram da melhor forma. A insularidade do país, as secas prolongadas e os condicionalismos político-religiosos da metrópole fizeram com que num determinado período houvesse falta de clero na evangelização do arquipélago. Como consequência, já antes da morte de Libermann, em 1850, Bessieux, Prefeito Apostólico do Gabão, numa carta enviada ao bispo Kobès, manifestou o desejo

¹²⁵ Não se trata de um único documento, mas de vários que fomos consultando ao longo da redação do nosso trabalho. Foram, portanto, os artigos publicados nas revistas, jornais da Congregação em Portugal, as obras publicadas pelos membros da Congregação, pelos leigos em Cabo Verde e respetivas correspondências dos bispos e missionários encontradas no arquivo do Distrito Espiritano de Cabo Verde.

¹²⁶ Cf. CARREIRA – *Cabo Verde*, p. 16.

de enviar dois ou três missionários para Cabo Verde, mas isso não foi possível por falta de missionários¹²⁷. Mais tarde, em 1893, como referimos anteriormente, o Padre António da Costa Teixeira enviou uma carta a um espiritano da Província Portuguesa, a pedir-lhe missionários espiritanos para a diocese de Cabo Verde:

«Tenha a bondade, Rev. Padre, de me informar se haverá qualquer possibilidade de me obter três ou quatro padres da sua congregação para dirigir o seminário-colégio da nossa diocese e diga-me também em que condições a Congregação poderia aceitar esta obra. [...] espero que me informe do que os superiores decidirão a este respeito»¹²⁸.

Naquela época, a diocese de Cabo Verde começava a sentir com mais premência a falta de sacerdotes. Progressivamente, a diocese foi-se tornando numa das dioceses prioritárias, mas instabilidades provocadas pela instauração da República agravaram ainda mais a situação, transformando Cabo Verde em terra de missão.

A Igreja Católica, na pessoa dos Papas, apontava, desde o início do séc. XX, as diretrizes que serviram de contributo para o desenvolvimento e alargamento da Ação missionária. O Papa Bento XV, na sua carta apostólica sobre a propagação da fé em todo o mundo, disse o seguinte: «a Igreja Católica não é estrangeira em nenhum povo ou nação»¹²⁹. Os sucessores deste papa prosseguiram esta cruzada em favor da universalidade da Igreja.

Graças ao elã missionário dos Pontífices e ao Acordo Missionário assinado entre a Santa Sé e a República Portuguesa (1940)¹³⁰, abriu-se o caminho para a renovação ou para um reacender da chama da fé na alma do povo cabo-verdiano, que vinha sendo penalizado por muitos acontecimentos desagradáveis. A chegada da República tinha deixado os seguintes traços:

«As condições religiosas da diocese foram-se agravando sucessivamente desde o advento da República. O Primeiro governador republicano acabou com o Instituto de D. Luís Filipe, que o bispo António Moutinho havia fundado na vila do Tarrafal, na Ilha de Santiago, e era dirigido por Irmãs hospitaleiras. Era aquele, em toda a diocese, o único instituto destinado à educação de meninas, e prometia ótimos resultados. As Irmãs quiseram ficar... o governador não consentiu. Mandou conduzi-las à Praia, internou-as, juntamente com as que serviam no hospital da cidade. Elas sofreram os maiores vexames até seguirem para Lisboa. O mesmo governador, por uma portaria do princípio de Janeiro de 1911, suspendeu do exercício e dos vencimentos a um professor do seminário-liceu, por ter pregado contra o divórcio. Na ilha de Santiago mandara prender o pároco de Santa Catarina, sob a falsa acusação de que ele

¹²⁷ Cf. NEIVA – *História da Província Portuguesa 1867-2004*, p. 769.

¹²⁸ NEIVA – *História da Província Portuguesa 1867-2004*, p. 769.

¹²⁹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1914-1922 (Bento XV) – *Maximum Illud*: [Carta Apostólica de 30 de nov. 1919], in AAS, vol. 11 (1919) 440-455.

¹³⁰ Cf. ASCHER, Françoise – *Os Rebelados de Cabo Verde: história de uma revolta*. Paris: L'Harmattan, 2011, p. 26.

aconselhara o povo a desrespeitar a propriedade alheia; transferiu o delegado de saúde da ilha de S. Nicolau, pelo facto de ter pegado numa das varas do pátio por ocasião da entrada solene do bispo; e praticou contra a religião outros actos, que produziram perniciosos efeitos na mal formada cristandade de Cabo Verde; o Decreto nº 233, de 25 de Novembro de 1913, estabeleceu nas colónias a separação entre a Igreja e o Estado; foram arrolados os bens da Igreja; a lei nº 701, de 13 de Junho de 1917, extinguiu o seminário-liceu. [...] Sem instituto para a formação do clero, sem o reconhecimento, por parte do Estado, das nomeações eclesiásticas, e dada a pobreza de quase todas as freguesias, desapareceu a possibilidade de prover de párcos as que vão vagando. Das 35 freguesias, que tem a diocese (de Cabo Verde e Guiné), em Julho de 1919 só estavam providas 18. A fragmentação insular de Cabo Verde agrava tão precário estado, pois na mesma época havia duas ilhas, a de Maio e a do Sal, totalmente desprovidas dos socorros da Religião»¹³¹.

A República portuguesa de 1910 extinguiu o único seminário-liceu da diocese de Cabo Verde, situado na ilha de São Nicolau. Em 1925, a diocese de Cabo Verde tinha, espalhados pelas ilhas, apenas 14 sacerdotes distribuídos pelas ilhas, para uma população bastante numerosa. Era necessário encontrar uma alternativa para formação do clero. Mas a situação não melhorou até 1940. A vida cristã foi decaindo, provocando o desânimo do bispo D. Frei Rafael (predecessor de D. Faustino) que, depois de quatro anos de presença, apresentou, em 1939, a sua demissão. A situação da diocese foi piorando, pois, fica com paróquias abandonadas, igrejas desertas, sacerdotes idosos e concubinários, sem nenhuma esperança de receber reforços do exterior¹³².

O ano 1941, ano da chegada dos padres do Espírito Santo, foi considerado o ano do Renascimento. O Governo de Salazar, no acordo com a Santa Sé, criara condições para a presença missionária nas colónias, embora dentro de certos limites. Então, o bispo D. Faustino Moreira dos Santos, missionário espiritano com larga experiência missionária em Angola, chega à sua nova diocese acompanhado de sacerdotes da Congregação do Espírito Santo que iniciaram de imediato a pastoral na ilha de Santiago, assumindo, de seguida, também a pastoral na ilha do Maio. A presença dos missionários proporcionou um progressivo crescimento e renovação da fé cristã no seio do povo daquelas ilhas.

2.2. Os primeiros Espiritanos recém-chegados:

Em 28 de janeiro de 1941, foi eleito bispo de Cabo Verde D. Faustino Moreira dos Santos. No dia 17 de novembro do mesmo ano, o D. Faustino partiu de Lisboa a bordo do Guiné com destino a Cabo Verde acompanhado de três missionários do

¹³¹ ALMEIDA – *História da Igreja em Portugal*, vol. 3, p. 612.

¹³² Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 162.

Espírito Santo: P. José Rodrigues Neiva de Araújo, P. Lúcio dos Anjos e P. Lindorfo Quintas, dois padres seculares (Félix Lopes e Abel Leite) e dois seminaristas¹³³. Nessa altura, a sede do bispado continuava na ilha de São Nicolau. Por isso, o bispo foi ocupar a sua sede naquela ilha acompanhado de seu secretário, P. José Rodrigues Neiva de Araújo. Os outros dois missionários seguiram para a ilha de Santiago, a ilha mais populosa, com quase metade da população de todo o arquipélago e, simultaneamente, a ilha mais cheia de dificuldades em diversos setores. Um pouco mais tarde foi anexada a administração eclesiástica da ilha do Maio à ilha de Santiago. A Igreja experimentara, nas duas ilhas, um abandono progressivo, causado pela morte de alguns sacerdotes diocesanos e pela idade avançada dos restantes. Como consequência, em 1946¹³⁴, foi definitivamente firmado um contrato entre a Diocese e a Congregação do Espírito Santo, sendo entregue aos padres do Espírito Santo a recristianização das ilhas de Santiago e Maio¹³⁵.

Os primeiros missionários, embora em número muito reduzido, estavam expostos a más condições climáticas, a doenças, e cada qual tinha de ter a seu cargo muitas paróquias, distantes umas das outras. Conseguiram no entretanto, aos poucos, reacender a chama da fé e o braseiro do amor divino na alma cabo-verdiana. Infelizmente, estes primeiros missionários não gozaram de longa vida para poderem presenciar os frutos das suas atividades missionárias. Providencialmente, a morte daqueles não impediu outros missionários de virem arriscar a sua própria vida em benefício destas gentes. Durante a primeira fase, a diocese de Cabo Verde recebeu da Província Portuguesa e da Província da Suíça¹³⁶ os seguintes missionários: “os três primeiros incluindo o bispo Dom Faustino Moreira dos Santos (1941), Frederico Duff e Henrique Alves (1942), Augusto Nogueira de Sousa (1944), Fernando Bussard, Manuel Rodrigues Ferreira (1944), António Amâncio Ventura, António Figueira Pinto, Arthur Emery, CyrCrettáz, Francisco Alves do Rego (1946), Jerónimo Ferreira, LouizAllaz (1947), Miguel

¹³³ Cf. BRÁSIO, António – Cabo Verde, novo campo de acção dos Missionários do Espírito Santo. *Acção Missionária*. Lisboa. 2:24 (1941) 4.

¹³⁴ Cf. Vinte e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. Revista da cultura missionária, Lisboa. 1894-1973. 25 (1968) 78.

¹³⁵ No nosso trabalho abordaremos a ação missionária dos missionários do Espírito Santo na ilha de Santiago e na ilha do Maio. Quanto às outras ilhas: a ilha de Santo Antão foi confiada aos padres Capuchinhos e Seculares; as ilhas da Brava, do Sal, do Fogo e de São Nicolau foram entregues aos padres Capuchinhos; a ilha de São Vicente foi confiada a padres Seculares e aos Salesianos; a Ilha de Boa Vista foi confiada a padres Seculares. Isto, graças ao apelo do bispo D. Faustino à Santa Sé. Cf. *ENCONTRO: Selecções missionárias*, Lisboa. 4:24 (1966) 5-6.

¹³⁶ Os missionários espiritanos suíços antes de partirem para Cabo Verde passavam pela Província Portuguesa com o intuito de aprenderem a língua portuguesa.

Madeira, Louis Mudry (1950), Afonso Vieira Gomes (1951) Avelino Vieira Alves, João Eduardo Moniz (1953), António Sá Cachada, Custódio Campos (1954), José Pereira de Oliveira, (1955)¹³⁷. Estes missionários reconheceram a fragilidade da Igreja nas ilhas de Santiago e Maio. Embora tendo enfrentado dificuldades sem conta, labutaram com denodo, percorrendo a pé, ou montados em animais, as zonas remotas das ilhas para acederem às aldeias mais distantes e reatarem o contacto com os cristãos ainda existentes.

2.2.1. D. Faustino Moreira dos Santos

O bispo D. Faustino e aqueles que o acompanharam foram considerados os verdadeiros protagonistas do renascimento da primeira hora. O bispo D. Faustino, porém, como personagem principal, merece ser considerado o autor principal desse feito notável, desse reerguer do Cabo Verde católico. A formação recebida na Congregação do Espírito Santo e as experiências adquiridas nas missões do Congo Português (1911-1940)¹³⁸ capacitaram-no para a sua função de apóstolo e missionário. Frederico Cerrone, no seu pequeno manual intitulado *História da Igreja de Cabo Verde*, citou estas palavras do padre António Brásio acerca do bispo D. Faustino:

«Um dos mais eminentes prelados, pelas realizações que levou a cabo, tendo encontrado a Diocese em perfeita ruína material e moral, quando entrou na Diocese, em 30 de Novembro de 1941, [...] não foi nunca um audacioso corredor de sertões, não foi nunca um romântico; mas foi sempre um sensato, prudente e dinâmico organizador»¹³⁹.

Faleceu ainda novo, com 70 anos de idade, deixando a Diocese em quase perfeito andamento ao seu sucessor, o bispo D. José do Carmo Colaço que deu a continuidade, conservando toda a organização empreendida pelo seu antecessor.

.1. O percurso de um bispo missionário

D. Faustino nasceu na freguesia de S. Miguel de Gandra, Diocese do Porto, no dia 29 de maio de 1885. Com 11 anos entrou no Seminário Menor da Congregação do Espírito Santo, na Formiga (Ermesinde), onde concluiu os seus estudos secundários e filosóficos. Muito cedo terminou e, por causa de ser ainda novo, ficou algum tempo no

¹³⁷ Apêndice intitulado *lista dos missionários Espiritanos em Cabo Verde*.

¹³⁸ Cf. IN MEMORIAM: Um grande Missionário. *Portugal em África*. 12 (1955) 382.

¹³⁹ CERRONE – *História da Igreja de Cabo Verde*, p. 52.

mesmo seminário como professor dos mais pequenos; conforme o costume, a seguir passou a ser professor e prefeito nos colégios do Espírito Santo, em Braga, e em Santa Maria, no Porto, antes de iniciar os estudos superiores.

A 16 de outubro de 1906 fez profissão no noviciado dos clérigos, em Sintra. Fez o seu curso de Teologia em Carnide e Chevilly, onde foi ordenado Sacerdote a 26 de outubro de 1909 e, no ano seguinte, começou o apostolado¹⁴⁰.

Devido às hostilidades causadas pela revolução de 1910, ele pede ao Superior Geral (Monsenhor LeRoy) a autorização para seguir para Angola e o seu desejo foi aceite. Em 1913, embarcou com destino ao serviço da Prefeitura do Congo Português mas, antes de assumir a Prefeitura, trabalhou durante seis anos como Superior da missão de Lucula. Como Prefeito Apostólico do Congo Inferior, fundou a missão do Maiombe (1922), a missão de Santo António do Zaire (1930) e a missão do Tomboco (1936). Em 1940, a bula *SolemnibusConventionibus*, de 4 de setembro, suprimiu a Prefeitura, integrando-a na Arquidiocese de Luanda¹⁴¹. Logo a seguir, em 1941, foi nomeado Bispo de Cabo Verde, vindo a receber a sagração a 13 de julho, em Viana do Castelo, pelas mãos de D. António Castro Meireles, bispo do Porto.

Chegou a Cabo Verde nesse mesmo ano de 1941, fixando a residência na Vila da Ribeira Brava, ilha de São Nicolau, onde, desde 1866¹⁴², fora a Sede do bispado; no dia 27 de maio do ano 1943, mudou a Sede para a cidade da Praia, na ilha de Santiago.

.2. A sua atividade apostólica em Cabo Verde

Cabo Verde precisava de uma recristianização consistente e imediata. Para isso, eram necessários pastores bem preparados e com capacidades para se lançarem ao trabalho da evangelização, na tentativa de, enfrentando as lacunas, levantar religiosa, cultural e materialmente as populações sedentas de uma verdadeira civilização.

Rico da sua anterior experiência missionária, o bispo D. Faustino Moreira dos Santos, ao chegar à Diocese de Cabo Verde, estudou a situação do país e concluiu quão urgente era a evangelização daquele povo. As almas estavam abandonadas (a vida cristã de muitos era sufocada pelas superstições, a terra era pobre, sem recursos. Após analisar

¹⁴⁰ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*. Lisboa: Secretaria Provincial, 2007, p. 141.

¹⁴¹ Cf. MISSIONÁRIO e Prefeito apostólico. In *Boletim da Província Portuguesa*. Lisboa: Congregação do Espírito Santo, 2:20 e 21 (1952-1958) 373.

¹⁴² Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 158.

a situação, deu início ao gigantesco trabalho que tinha pela frente e, como missionário experiente, gizou o seu plano e procedeu com método à sua execução de modo a organizar e orientar da melhor forma a Diocese. Daí que, progressivamente, Cabo Verde fosse respirando mais e mais o vital ‘oxigénio’ da fé cristã.

Na carta datada de 20 de Dezembro de 1941, o bispo dirigiu ao clero diocesano, às autoridades coloniais e aos fiéis, com muita humildade, uma carta que em seguida, mandou circular por todas as freguesias da Diocese. Na carta expunha o seguinte:

[...] «Só agora, mais livres das ocupações absorventes da iniciação nos diferentes ramos da administração diocesana, podemos dispor de uns momentos para fazer chegar até vós o eco da nossa voz, e o sentir do nosso coração; o eco da nossa voz para saudar em primeiro lugar o digno Cabido da nossa Sé catedral, que esperamos dentro em breve reconduzir à sua antiga grandeza e prestígio e, em segundo lugar, os nossos imediatos cooperadores no sagrado ministério, os párocos, cuja vida isolada de abnegação e sacrifício vai conservando viva a chama da fé cristã entre os fiéis e, em terceiro lugar, todos os fiéis diocesanos, sobre todos implorando as bênçãos do Altíssimo; e duma maneira particular saudamos a Autoridade Superior da Colónia e demais autoridades civis e militares, que, participando do próprio poder de Deus para bem e vantagem da Sociedade Civil, nós acatamos e respeitamos e recomendamos ao respeito dos nossos cristãos, que a elas devem obedecer em tudo quanto for justo e honesto; e o sentir do nosso coração, para vos dizer, que queremos ser, entre vós, não mestre e senhor, mas servo e amigo, compartilhando das vossas alegrias e tristezas, à semelhança do Divino Mestre, que veio para servir e não para ser servido; para vos auxiliar em tudo quanto possa, podendo dizer-vos, que sempre encontrareis em nós bom acolhimento em todas as circunstâncias ou dificuldades que possam surgir na nossa vida. Da parte do nosso muito amado Clero paroquial esperamos encontrar sempre uma cooperação sincera e leal em tudo quanto seja nosso dever determinar e realizar para salvação das almas, restauração do nosso Seminário, ou criação de obras necessárias ao desenvolvimento material e espiritual do rebanho confiado ao nosso múnus pastoral»¹⁴³.

Esta amável carta reflete a verdadeira personalidade do bispo recém-chegado e como que nos oferece um ponto de partida ao seu amplo apostolado. Na mesma carta está bem impressa a espiritualidade libermaniana, pois, Libermann nas instruções aos missionários pedia-lhes insistentemente que agissem à semelhança do Divino Mestre que se fez servo de todos.

Por conseguinte as palavras de D. Faustino estavam carregadas do espírito apostólico do padre Libermann. E isto não é de admirar, porque ele era um dos “filhos” de Libermann, ou seja, formou-se na Congregação do Espírito Santo. E, como espiritano, D. Faustino não poria de parte as estratégias ou orientações missionárias recebidas ao longo da formação na Congregação do Espírito Santo. Ele exerceu as suas

¹⁴³ APSC. Carta de apresentação à Diocese de Dom Faustino Moreira dos Santos; S. Nicolau 20/12/1941, Livro de Provisões e Circulares, p. 146v-148v [Disponível no Arquivo da Paróquia de Santo Crucifixo, Ribeira Grande, Cabo Verde], [doc. não catalogado].

funções na condição de bispo da Diocese, mas não ignorou o espírito ou o carisma da Congregação do Espírito Santo ao longo da sua missão.

Depois da tomada de posse em 27 de dezembro, elegeu clérigos para a reorganização dos serviços da Diocese. Em seguida, percorreu toda a Diocese com o objetivo de conhecer melhor o estado de cada capelania e preparar a nova era para o cristianismo no arquipélago. É próprio de um pastor ir em busca das suas ovelhas, isto é, conhecer o estado em que se encontra cada uma, para depois a conduzir às pastagens abundantes.

Pelas visitas pastorais, o bispo deu notável impulso ao processo da revitalização da fé cristã naquelas áreas. Posteriormente, apercebeu-se de que faltavam ministros suficientes que pudessem colaborar na obra de salvação das pobres almas abandonadas: «Bradou por confrades, chamou a Santa Sé em seu socorro e a Nunciatura de Lisboa, pedia oficialmente que os Padres do Espírito Santo acorressem à penúria extrema do Bispo de Cabo Verde. E vieram. Vieram depois outros institutos masculinos e femininos»¹⁴⁴. Colaborava com o clero de forma a garantir-lhe, segundo as suas possibilidades, condições favoráveis ao desempenho das suas atividades pastorais.

A Congregação do Espírito Santo, na pessoa do bispo D. Faustino, trouxe uma nova primavera à Igreja da Diocese de Cabo Verde. Na verdade, os missionários espiritanos consagraram-se especificamente à evangelização das ilhas de Santiago e Maio; mas, através das ações pastorais que o bispo estendeu a todo o Arquipélago, a honra da sua vocação evangelizadora cabe também a todos os Espiritanos. Foram inúmeras as ações deste bispo: para obviar à falta de sacerdotes e religiosos, pediu ajuda a padres seculares, Capuchinhos e Salesianos, chamou as Irmãs do Amor de Deus que vieram a assumir a direção de dois orfanatos em São Vicente e em São Nicolau. As congregações que responderam positivamente ao convite do bispo foram chegando e, de acordo com as suas espiritualidades e carismas específicos, sob a tutela do bispo, ajudaram a reanimar a Diocese mediante a instrução espiritual (catequese) e a instrução escolar (escolas primárias) e, no âmbito social, a criação de refeitórios para crianças desnutridas e de jardins de infâncias. A comunhão e comunicação entre o bispo e as Ordens presentes trouxeram à diocese e à sociedade cabo-verdiana um ambiente onde todas as pessoas podiam ter acesso aos sacramentos da Santa Igreja e fazer com que os seus direitos enquanto cidadãos fossem respeitados.

¹⁴⁴ CERRONE – *História da Igreja de Cabo Verde*, p. 52.

Muitas iniciativas foram levadas a cabo por D. Faustino, direta ou indiretamente, que ainda não salientamos mas, mais à frente, quando falarmos das atividades dos missionários, também as incluiremos por terem gozado do apoio do bispo. Todos os progressos acontecidos entre o ano 1941 e o ano 1955 lhe devem ser atribuídos, como chefe que era; uma testemunha ocular descreveu aquilo que foi a obra deste prelado, dizendo que arrancou a Diocese do caos em que estivera sepultada até ao dia da sua chegada¹⁴⁵. Em 1955, a quando da sua morte, a Diocese de Cabo Verde tinha adquirido as estruturas necessárias ao seu progresso pois, entre as suas visíveis ações, apoiado pelo Governo da Província, mandou construir 11 igrejas novas e reparou 13, construiu 5 capelas e reparou 3, também construiu cerca de 15 residências. Na área social, a partir de 1941, fez todo o possível para que a população lograsse boa formação humana. Em 1955,

«Cabo Verde contava já com dois orfanatos para meninas, um em S. Vicente e outro em S. Nicolau; uma escola de labores e um infantário, na cidade da Praia; um dispensário e uma escola de labores, em Santa Catarina; a Obra Salesiana em S. Vicente; 4 conferências de S. Vicente de Paulo, na Praia, Tarrafal, São Lourenço, no Fogo e Santa Catarina; 44 escolas rurais e 344 postos de catequese espalhados por todas as ilhas sustentados pela diocese»¹⁴⁶.

Portanto, tão bem assumiu a sua responsabilidade como pastor, que num espaço curto de tempo conseguiu resolver a situação alarmante de um povo que padecia corporal e espiritualmente.

.3. Asua espiritualidade missionária

D. Faustino Moreira superou os problemas e teve sucesso no seu trabalho pastoral em Cabo Verde porque era homem de fé. No Porto, o cónego Serpa Pinto disse-lhe que Cabo Verde era uma desolação, um campo de ruínas; mas, embora estivesse com idade avançada, não hesitou em partir.

Chegado a Cabo Verde, encontrou o país abandonado, com falta de assistência religiosa, pessoas a viver na miséria e, movido por Aquele em quem acreditava, sem se limitar ao puro ativismo, com caridade, agiu de forma a arrancar as almas do abandono em que se encontravam.

Os frutos conseguidos são o resultado da sua confiança firme em Deus, que é o dono da seara. Como bispo e missionário, D. Faustino concentrava em si valores

¹⁴⁵ Cf. O NOVO Seminário de Cabo Verde. *Portugal em África*. 14(1957) 78.

¹⁴⁶ *ENCONTRO: Selecções missionárias*. 4:24 (1966) 11.

espirituais que o ajudaram a levar a bom termo a sua missão. Foi considerado um apóstolo intrépido, zeloso, que soube encarar o presente e lançar as bases do futuro com confiança e otimismo¹⁴⁷. A formação que recebera dos Espiritanos fez com que ele adotasse doutrinas e posturas missionárias libermanianas. Neste sentido, confiou mais em Deus que na força dos homens, iniciou com calma, método e paciência a obra que o foi fragilizando até à morte. Numa das suas cartas pastorais, ele dizia o seguinte: «O apóstolo trabalha, planta e rega, mas é Deus que dá o incremento e faz germinar a semente lançada à terra»¹⁴⁸. Sabia que podia fazer muitas coisas para o bem da Diocese, mas com humildade reconhecia que era um simples instrumento nas mãos de Deus e que Deus é o verdadeiro dono da seara.

Na sua carta de apresentação como pastor fala em nome de todo o clero quando diz que não estará no meio do povo como senhor ou mestre, mas como imitador daquele Jesus que se fez servo de todos. Embora já atrás transcrita, exaremos aqui, uma vez mais, um extrato da mesma onde se confirma o teor cristão e libermaniano do seu autor:

«[...]queremos ser entre vós, não mestre e senhor, mas servo e amigo, compartilhando das vossas alegrias e tristezas, à semelhança do Divino Mestre, que veio para servir e não para ser servido; para vos auxiliar em tudo quanto possa, podendo dizer-vos que sempre encontrareis em nós bom acolhimento em todas as circunstâncias ou dificuldades que possam surgir na nossa vida»¹⁴⁹.

Trata-se de uma presença a exemplo de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Mais tarde, essa presença apostólica seria sublinhada no Documento *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, que teve como frase inicial a seguinte: «As alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo» (GS1). A missão dos Apóstolos é o seguimento do Bom Pastor que, assumindo plenamente a natureza humana na fidelidade e obediência ao Pai, levou ao pleno cumprimento o projeto salvífico. Foi, pois, com fé, esperança e caridade que D. Faustino se obrigou, juntamente com a sua equipa pastoral, a trabalhar fiel e

¹⁴⁷ Cf. Vinte e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 25(1968) 77.

¹⁴⁸ APNSR. Provisão Criando o Apostolado da Oração Na diocese de Santiago de Cabo Verde, 05/03/1947, Livro de Provisões e Pastorais [Disponível no Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Ribeira Grande, Cabo Verde], [doc. não catalogado].

¹⁴⁹ APSC. Carta de apresentação à Diocese de Dom Faustino Moreira dos Santos; S. Nicolau 20/12/1941, Livro de Provisões e Circulares, p. 146v-148v [Disponível no Arquivo da Paróquia de Santo Crucifixo, Ribeira Grande, Cabo Verde], [doc. não catalogado].

incansavelmente, embora em meio de dificuldades, para o desenvolvimento material e espiritual do rebanho a eles confiado.

2.3. Os obstáculos no apostolado

Falar das dificuldades encontradas no arquipélago é falar de uma cadeia de dramas originados sucessivamente pela existência de outros dramas preexistentes: a escassez de água decorrente da falta de chuva e a insularidade do arquipélago (que contribui para um certo isolamento em relação à metrópole) justificam em grande parte a pobreza do arquipélago e o surgir da raça mestiça (do homem cabo-verdiano), já que as circunstâncias quase forçavam o homem branco a viver sem a mulher branca (porque a não havia ali ou dela estava forçosamente separado) e a ligar-se à margem da lei com quaisquer escravas em mancebia, que se foi tornando aceitável culturalmente; por fim, as ações da República induzem o caos encontrado no país. Acontecimentos dramáticos agravam ainda mais a situação, complicando a ação missionária propriamente dita.

Como dissemos anteriormente, quando os Espiritanos chegaram a Cabo Verde foram-lhes entregues as ilhas de Santiago e Maio como seus espaços de apostolado. As duas ilhas estavam relativamente próximas uma da outra e isso fez que ambas partilhassem uma história comum. Eram ilhas onde havia um considerável número de pessoas que foram direta ou indiretamente afetadas pelas crises, pela política do Governo colonial, pelas circunstâncias da época.

2.3.1. A miséria e o regime colonial

Os missionários experimentaram dificuldades em diversos aspetos e áreas. Primeiramente por causa da pobreza do país, provocada pelas secas prolongadas que assolavam toda a flora, fauna e até mesmo provocavam a morte de muitas pessoas – alguns missionários, tal como essas pessoas, também foram vítimas da miséria que predominava em todo o Arquipélago. As más condições climatéricas causavam doenças que se propagavam pelas ilhas e, pelo facto de a medicina ser rudimentar naquela época, os missionários gravemente doentes eram conduzidos à metrópole para receber assistência médica. Os missionários da primeira fase tiveram mais dificuldades do que os da segunda. Isto porque aqueles encontraram a Diocese em decadência e necessitada de um novo rumo. Havia poucas residências paroquiais e, das existentes, todas se encontravam em estado degradante. As igrejas, na sua maioria, careciam de reparações;

havia necessidade de evangelizar as massas que pediam em bloco o batismo. As fracas ou inexistentes vias e os escassos meios de comunicação dificultavam a devida assistência dos missionários às pessoas que residiam em lugares montanhosos, particularmente no interior das ilhas. Em certa medida, a carência de vias e de meios de transporte dificultava a troca de informação entre as pessoas do interior e as que viviam no centro.

Os missionários encontraram um povo com história, marcado pela sua história. Num primeiro contacto com a realidade cabo-verdiana, missionários houve que manifestaram falta de vontade de continuar na diocese de Cabo Verde devido à falta de condições, mas acabaram por permanecer até ao fim.

O padre Lindorfo Quintas, nas cartas a um amigo de infância, relatava pormenorizadamente a alegria do povo que, à sua chegada, pôde desfrutar da presença de um padre na sua paróquia. Também descrevia o estado degradante das igrejas e a pobreza extrema em que o povo vivia. Ele, perante estas situações, teve a tentação de abandonar o seu espaço de missão. Escreveu o seguinte: «Desgraçado! Para onde te mandaram! Foge, foge desses sítios! Esta, meu amigo, a voz satânica da tentação que, aos ouvidos me soprava. Mas não a escutei, porque há, aqui, muitas almas a salvar e é preciso que Ele reine; Ele, Jesus, o divino Rei de amor»¹⁵⁰.

Tal como este missionário, também os sucessores ou seja os que iam chegando tiveram dificuldades no processo de adaptação à realidade do povo cabo-verdiano. Tiveram quase todos a mesma tentação mas, graças ao forte zelo apostólico, não abandonaram o povo, permaneceram no meio dele.

A administração colonial do século XX foi criticada por personagens que constataram a indiferença da parte do Governo colonial, pouco empenhado em resolver alguns problemas das pessoas nativas, ou seja, em velar pelo bem-estar integral das pessoas. O analfabetismo, por exemplo, foi considerado como sendo consequência da negligência do regime em não criar escolas, centros de educação profissional, liceus, universidades, suficientes para atingir o objetivo de arrancar da ignorância as gentes e de construir uma sociedade com pessoas capacitadas e especializadas. Não se deu muita importância à língua crioula, língua materna falada em todo o país pelos nacionais e, por causa da falta de educação escolar, o povo mal conseguia falar e perceber a língua

¹⁵⁰ QUINTAS, Lindorfo – Carta de Cabo Verde a um amigo de infância. *Acção Missionária*. 28 (1942) 7.

oficial, o português¹⁵¹. Foi, portanto, neste estado que os missionários encontraram a maioria do povo, um povo que vivia vítima da ignorância por falta de oportunidades. O elevado número de africanos “não civilizados” nas colónias causou perplexidades em muito boa gente até que, mais tarde, surgiram os opositores ao regime colonial.

A ação dos missionários não visou apenas o fomento das obras espirituais mas também o das obras materiais. A convicção deles era que Cristo veio restaurar o homem em toda a sua dimensão social, pelo que, como cristãos, deviam ser os primeiros responsáveis pela elevação humana da sociedade em que viviam.

2.3.2. A ignorância religiosa

Os sacerdotes seculares ordenados no antigo seminário de São Nicolau, apesar de já idosos¹⁵², na sua maioria, e de alguns terem filhos, apesar de concubinários, mesmo assim foram capazes de manter acesa a fé na alma do povo cabo-verdiano. Um missionário afirmava que os padres antigos erraram na moral, mas não na fé, porque quando chegaram não encontraram ateus – todos eram cristãos em Cabo Verde. Estes padres foram falecendo aos poucos e, embora com fraquezas humanas, ainda hoje ouvimos testemunhos de pessoas que os elogiam por causa da pregação do Evangelho e das doutrinas por eles ensinadas.

Em Cabo Verde não havia pagãos, pois desde a colonização a Igreja acompanhou os colonos durante o processo de colonização e, como já foi dito, todos os escravos eram batizados logo à chegada ao arquipélago. A seguir à colonização, a Igreja Católica continuou no seio da sociedade cabo-verdiana, presente nos bons e nos maus momentos.

A falta de assistência religiosa, principalmente de 1910 a 1940, deu azo às práticas supersticiosas, que medravam tanto mais quanto maior era a ignorância das verdades fundamentais da religião cristã. Criou-se uma atmosfera religiosa tradicional, demasiado apegada a antigas rotinas, herança dos antigos Padres “*di terra*”¹⁵³. Esta fé

¹⁵¹ Cf. AMILCAR Cabral: *Documentário*, p. 60.

¹⁵² Em Santiago encontrava-se o Padre António Cardoso na cidade da Praia, o Padre Benjamim Pinto da Cale em Santa Catarina (Assomada) e o Padre Agostinho Vieira em São Miguel (Calheta); na ilha de São Vicente encontrava-se o Padre Lucas Machado; na ilha de São Nicolau encontrava-se o Cónego José de Oliveira Bouças, que guardava a função de Vigário Capitular, o Cónego José Correia, pároco em Nossa Senhora do Rosário; na Ilha de Santo Antão encontra-se o Cónego Júlio em Nossa Senhora do Rosário e o Padre Figueiredo em Santo Crucifixo; na ilha do Fogo encontrava-se o Padre Júlio Miguel Monteiro em Nossa Senhora da Conceição e o Padre Dr. Gama em Nossa Senhora da Ajuda (Mosteiro); na ilha da Brava encontrava-se o Padre Joaquim Pontes em São João Baptista e na ilha da Boavista estava o Padre Porfírio em São João Baptista. Cf. Vinte e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 28 (1968) 76.

¹⁵³ Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 166.

tão pouco esclarecida e bastante mutilada constituiu, no começo do esforço de missão, um obstáculo sério à recristianização do arquipélago.

Em várias localidades, os recém-chegados missionários foram mal acolhidos e eram acusados de ensinarem doutrinas novas, falsas segundo eles. A doutrina nova era mais exigente e combatia alguns dos tabus defendidos pelos anciãos, nomeadamente por antigos catequistas responsáveis de algumas comunidades. Estes quiseram continuar com a doutrina antiga, que era menos exigente e oferecia mais espaço para a sensualidade¹⁵⁴. Nas ilhas de Santiago e do Maio, em determinadas localidades, houve grupos liderados pelos “velhos teimosos”¹⁵⁵ com grande influência sobre as pessoas das suas comunidades. Isso dificultou em certa medida a ação dos missionários.

Os anciãos, em certas freguesias, opunham-se à renovação da Igreja Católica através dos padres de batina branca e, com o pretexto de que os recém-chegados eram lobos vestidos de cordeiros¹⁵⁶, continuaram no seguimento dos rituais e posturas das missas da época do Papa Pio X¹⁵⁷. Afastaram-se do meio frequentado pelos padres novos, convictos de que a sua própria seita é que era a religião verdadeira. A esta seita foi dado o nome “*Rabelados*”¹⁵⁸. Associado a esta seita transparece um sentimento de um certo descontentamento com o regime colonial português¹⁵⁹. Isto, porque os rebelados, além de terem recusado os padres novos, recusavam também, no campo da cidadania, o registo civil, a frequência das escolas e a participação em algumas iniciativas sociais do Estado.

Uma outra dificuldade encontrada e considerada também obstáculo à missão foi o protestantismo¹⁶⁰ que já tinha começado a erguer vistosos templos, sobretudo em lugares de destaque, aproveitando a ausência do clero em alguns sítios e chamando depois as pessoas a juntarem-se às suas crenças. Este fenómeno causou desordem e

¹⁵⁴ Nos finais do Século XIX e início do Século XX, a igreja em Cabo Verde começou a ficar com muito pouco clero. O padre começou a associar a si os leigos para as cerimónias e a administração de alguns sacramentos. Foi-se tornando normal e aceitável certo laxismo moral devido à pouca instrução e à falta de vigilância e a outros abusos; daí que a ação catequética dos leigos depressa tenha degenerado.

¹⁵⁵ Designação concedida aos anciãos das aldeias, semelhantes aos feiticeiros do continente africano, com um grande ascendente sobre o povo.

¹⁵⁶ Cf. ASCHER – *Os Rabelados de Cabo Verde*, p. 29.

¹⁵⁷ Cf. ASCHER – *Os Rabelados de Cabo Verde*, p. 62.

¹⁵⁸ Para as autoridades, as pessoas pertencentes àquela seita religiosa eram rebeldes, porque não aceitaram os novos padres; mas os próprios “*Rabelados*” consideram-se como Revelados no sentido do fundamentalismo religioso. Cf. ASCHER – *Os Rabelados de Cabo Verde*, p. 29.

¹⁵⁹ Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 167.

¹⁶⁰ Cf. O PADRE António Vieira e as missões de Cabo Verde. *Portugal em África*. 3 (1946) 328.

exigiu mais esforços da parte dos missionários e catequistas para tentar mostrar às pessoas qual a diferença entre a Religião Católica e o protestantismo.

À medida que o tempo ia passando, as dificuldades foram sendo superadas, outras persistiram e, com certeza, também surgiram novos problemas como é próprio de cada época. Por isso, o desafio era contínuo e exigia a boa vontade, o esforço, a criatividade animada pela fé da parte dos missionários.

2.4. O desenvolvimento da atividade missionária

A primeira fase da recristianização foi fundamental e simultaneamente muito dolorosa. As duas ilhas (Santiago e Maio) foram as terras onde se começou e desenvolveu a ação missionária dos padres Espiritanos desde o ano 1941.

A ilha do Maio contava com uma paróquia: Nossa Senhora da Luz; e a ilha de Santiago contava com 11 paróquias: São Miguel, São Tiago Maior, Santo Amaro, Santa Catarina, São Salvador, São Lourenço, São Nicolau Tolentino, Nossa Senhora da Luz, Santíssimo Nome de Jesus, São João Baptista, Nossa Senhora da Graça.

Numa das cartas de Lindorfo Quintas a um amigo, ele contava que ele e o seu confrade P. Lúcio dos Anjos tinham partido de São Vicente no dia 13 de maio e chegado a Santiago no dia seguinte¹⁶¹. Ambos foram acolhidos pelo padre António Cardoso, pároco da Praia. Imediatamente à chegada, cada um foi nomeado pároco de uma determinada área: o padre Lúcio dos Anjos foi nomeado pároco da freguesia de S. Nicolau Tolentino (São Domingos) e encarregado da freguesia de Nossa Senhora da Paz e de São João Baptista; e o padre Lindorfo Quintas foi nomeado para a freguesia de São Lourenço dos Órgãos e de Santo Amaro Abade (Tarrafal). No ano seguinte, o padre Lúcio regressou à metrópole e o padre Lindorfo Quintas ficou sozinho e muito limitado por motivo de doença. No dia 15 de outubro de 1942, os padres Henrique Alves e Frederico Duff tomaram em Lisboa o rumo de Cabo Verde. A chegada dos dois padres Espiritanos à ilha de Santiago garantiu uma melhor organização e assistência apostólica às comunidades, agora assistidas pelo Padre Lindorfo Quintas e pelos recém-chegados.

Em colaboração com o Bispo D. Faustino, definiram um plano da ação missionária, com o objetivo de pôr termo à indiferença religiosa na sociedade e incutir

¹⁶¹ Cf. QUINTAS, Lindorfo – Carta de Cabo Verde a um amigo de infância. *Ação Missionária*. 27 (1942) 6.

nas pessoas um novo alento cristão. Este plano estava aberto às sugestões que visavam uma melhoria na atividade missionária.

Os Espiritanos (portugueses e suíços) que progressivamente iam chegando foram-se integrando no plano traçado, mas cada qual trabalhou segundo a sua criatividade e competência, sem esquecer o seu carisma como religioso espiritano.

O padre Henrique Alves foi o padre que teve mais cargos, pois quando chegou a Santiago, por provisão de 14 de novembro de 1942, foi nomeado pároco das paróquias que no ano anterior tinham estado à responsabilidade dos dois primeiros missionários. Também conservava o cargo de superior Religioso e Vigário forâneo, ao passo que os padres Lindorfo Quintas e o Frederico Duff foram nomeados vigários cooperadores. Em Fevereiro de 1945, com o aumento do número de missionários, achou-se conveniente e vantajoso dividir o serviço paroquial pelas duas residências. No primeiro grupo estava Nossa Senhora da Graça (Praia), SS. Nome de Jesus, São João Baptista e Nossa Senhora da Luz da ilha do Maio, com um pároco e um cooperador; no segundo grupo estava São Lourenço dos Órgãos, São Nicolau Tolentino, Nossa Senhora da Luz, Santiago Maior e SS. Salvador do Mundo, com um pároco e dois vigários cooperadores¹⁶².

2.5. Ações concretas dos missionários

Não pretendemos apresentar detalhadamente as ações dos missionários, mas salientar o essencial, sobretudo as principais atitudes e iniciativas tomadas por eles durante a recristianização do povo das ilhas onde trabalharam. De uma forma geral, podemos dizer que o país estava marcado pela ignorância em vários aspetos, como tivemos já a oportunidade de constatar.

Os missionários sabiam que, para um resultado missionário autêntico, era necessária a utilização de estratégias missionárias autênticas que fossem consentâneas com a realidade e com a cultura, para assim consolidar a missão. O objetivo dos missionários era fazer ressurgir a chama da fé. Por isso, puseram em prática, um dinamismo missionário concentrado numa visão otimista de futuro¹⁶³.

Por causa da enorme ignorância do povo em matéria religiosa, começou-se a atividade missionária pela instrução ou catequização nas paróquias, a começar pelos

¹⁶² Os missionários fixaram residência nas duas paróquias consideradas sedes residenciais (Nossa Senhora da Graça – Praia, e S. Lourenço dos Órgãos). As outras paróquias iam sendo visitadas sempre que possível.

¹⁶³ Cf. OS MISSIONÁRIOS do Espírito Santo em Cabo Verde. *Portugal em África*. 1 (1944) 191.

adultos, passando a seguir aos jovens e às crianças. A carência de sacerdotes influenciou o surgimento de uma estratégia missionária que consistia em fazer com que os leigos participassem no apostolado. Estes leigos eram denominados catequistas, recrutados e formados; os que passassem satisfatoriamente no exame sobre as verdades da fé cristã eram enviados para os lugares com mais necessidade, onde os missionários não conseguiam garantir uma presença regular. Na revista espiritana *Encontro*, encontramos um pequeno testemunho sobre os catequistas da época:

«Quando os missionários chegaram, como primeira preocupação formaram e espalharam catequistas por toda a parte; eles foram homens de doutrina e sacrifício e quase de martírio pois as invetivas que se dirigiam aos missionários pregadores de “religião nova” como diziam, eram antes de mais nada dirigidas contra eles que varonilmente as suportavam pelo bem da religião renovada»¹⁶⁴.

Estes catequistas desempenharam um papel relevante no processo da recristianização; tal como os missionários, também eles passavam por momentos difíceis e muitos abandonaram as suas aldeias para se fixarem nos lugares designados pelos Padres, acompanhados da esposa e filhos. Estando lá a residir, catequizavam, preparavam as pessoas e, quando o sacerdote passava em visita, administrava os sacramentos às que se encontravam devidamente preparadas.

Os missionários, na sua maioria, usavam como meio de transporte o cavalo e o burro. Mas a circunstância de receberem ajuda da Europa permitiu que, aos poucos, conseguissem motos e automóveis para facilitar o ministério nas paróquias mais distantes e poupar as suas forças nas visitas às escolas e aos doentes. O estado de abandono dos edifícios religiosos e das residências paroquiais fez que os missionários, em consonância com o bispo, caíssem na conta da necessidade de reconstruir e reparar aqueles edifícios em mau estado. Com a colaboração do Governo e com as ajudas que alguns padres recebiam do exterior, começaram a reparação de Igrejas e residências paroquiais e a construir capelas, para garantir uma maior e melhor assistência às pessoas das paróquias e comunidades.

Houve uma preocupação não somente com o bem-estar espiritual das pessoas mas, em cooperação com o governo administrativo, procuraram garantir às populações uma melhoria no campo da educação básica e profissional, e uma melhoria no campo sanitário; ou seja, nessa primeira fase (1941-1955), os missionários não se preocuparam somente com a construção e remodelações de edifícios religiosos, mas também se

¹⁶⁴ *ENCONTRO: Selecções missionárias*, Lisboa. 4:24 (1966) 24-25.

preocuparam em criar centros de formação profissional, escolas paroquiais¹⁶⁵, hospitais e instituições de ajuda às pessoas mais carenciadas. Apesar de muitas serem as dificuldades, não desanimaram e foram trabalhando com o firme propósito de garantir às pessoas uma melhor condição de vida social e espiritual. Os missionários mantinham uma boa relação com os membros do Governo, pautada pela Concordada de 1940, que tinha garantido à Igreja Católica o livre exercício da sua autoridade¹⁶⁶. Esta boa relação, em certa medida, favoreceu positivamente o desenvolvimento da ação missionária em Cabo Verde. Por intermédio de diálogo e acordos entre eles, os missionários aceitaram avançar com o projeto de organizar escolas paroquiais, com a condição de que o governo lhes garantisse o sustento financeiro dos docentes.

Os anos foram passando, as queixas da falta de missionários não faltaram, como podemos intuir das palavras de um missionário: «Torna-se necessário abrir um seminário em Cabo Verde; nas freguesias por nós evangelizadas começam a aparecer vocações. É urgente a formação do clero nativo. Venha pessoal para isso!»¹⁶⁷. Os poucos missionários que lá estavam tentaram habituar-se ao clima caótico do arquipélago e, simultaneamente, iam assimilando¹⁶⁸ os hábitos, os usos e costumes do povo. Muitos conseguiram adaptar-se ao clima, às comidas, à língua crioula, e de tal forma o fizeram que isso constituiu sem dúvida uma mais-valia para a ação pastoral.

Nessa perspetiva, surgiu também a ideia da abertura de um seminário, com o objetivo de dar início à formação do clero nativo; mas, por falta de pessoal, a única forma encontrada foi enviar os candidatos a formarem-se no seminário espiritano em Portugal. Estes, no final da formação, faziam votos perpétuos e, a seguir, os que pretendiam seguir até ao sacerdócio eram ordenados e enviados em missão¹⁶⁹. Por causa

¹⁶⁵ Cf. CERRONE – *História da Igreja de Cabo Verde*, p. 53.

¹⁶⁶ *CONCORDATA entre a Santa Sé e a República Portuguesa: Texto integral da Concordata e do acordo missionário estudos comentários legislação executória*. Lisboa: Almeida, 2000, p. 89.

¹⁶⁷ ALVES, Henrique – *Actividade dos padres do Espírito Santo em Cabo Verde. Portugal em África*. 2 (1945) 154.

¹⁶⁸ Os missionários (pelo menos quase todos) eram provenientes de países com culturas civilizadas e, para eles, aquele meio apresentava costumes, usos, normas quotidianas diferentes dos que estavam habituados nos seus países. Antes de começarem a usar os hábitos e costumes do povo, procuraram assimilar e compreender, ou seja, tomaram um tempo considerável para estudar e observar mais de perto a realidade. Esse cuidado só começou a vigorar com alguns que chegavam depois de terem tido notícias de alguns missionários falecidos prematuramente por falta de atenção às incompatibilidades com certos alimentos e climas. E, segundo o testemunho de um missionário que lá trabalhou de 1963 a 1974, eles não podiam viver à maneira do povo ou como o povo, porque os que tentaram viver como o povo morreram todos prematuramente.

¹⁶⁹ Embora ainda não fosse possível a sustentação de um seminário diocesano, a ação dos missionários forneceu um padre missionário originário, Paulino Livramento Évora que, tendo feito o curriculum da formação nos seminários espiritanos, no Instituto Superior Missionário do Espírito Santo, na Torre

da falta de condições para o acolhimento e formação dos candidatos, poucos foram selecionados para irem continuar a formação na metrópole.

Enquanto aguardavam pela chegada de alguns missionários que pudessem colaborar na formação, continuaram a unir forças com os leigos para melhor responder às exigências e às necessidades da igreja local. Os leigos tiveram um papel de destaque na revitalização da fé cristã. Mas, para isso, os missionários tiveram de se lançar incansavelmente no apostolado, começando pela instrução catequética, combatendo o protestantismo e, aos poucos, aproximando-se dos “*Rabelados*” (os tais que a princípio não aceitaram os padres novos) com o objetivo de os fazer consciencializar e compreender as verdades da nova doutrina¹⁷⁰. Como forma de combater o protestantismo¹⁷¹, os missionários, em colaboração com o seu bispo e na pessoa do Padre Lindorfo Quintas, escreveram um pequeno livro com 59 páginas, cujo título era *Explicando a Bíblia aos Protestantes*. Por causa dessa obra e outras iniciativas pastorais introduzidas pelos missionários, o protestantismo perdeu a força e o entusiasmo de que desfrutara desde a sua chegada e ficou reduzido a uma pequena porção de pessoas.

No campo social, os missionários descobriram um segredo incontornável, que será a chave motora da sociedade. Trata-se de formar e organizar a família, célula de toda a sociedade. O trabalho pastoral por eles começado fez com que, em 1942, houvesse 36 casamentos, mas a intensa e progressiva atividade apostólica garantiu um aumento do número de casamentos em 1955, ano em que houve 843. Por outro lado, não se preocuparam só com aumentar o número dos casamentos, mas procuraram ajudar na estruturação de lares, dentro dos princípios cristãos e sociais. A estratégia encontrada foi a de fundar nas paróquias várias associações católicas que tinham como objetivo animar a fé dos cristãos e reabilitar a família na sociedade cabo-verdiana. Estas associações garantiram, ainda, uma melhor vivência e convivência das pessoas nas comunidades.

d’Aguilha – Carcavelos, foi ordenado sacerdote em 16 de dezembro de 1962 e seria nomeado Bispo de Cabo Verde, sua terra natal, no dia 24 de abril de 1975 pelo Papa Paulo VI. Foi, no entanto, graças à ação missionária que Cabo Verde pôde ter pela primeira vez na história um bispo autóctone.

¹⁷⁰ Durante a primeira fase, o contacto com os *Rabelados* não foi difícil mas, à medida que o tempo ia passando e com as alterações litúrgicas decorrentes do Vaticano II e ainda com o despertar do cariz político da situação, a fase mais conturbada será a segunda. Cf. ASCHER – *Os Rabelados de Cabo Verde*, p. 30.

¹⁷¹ Não se trata de um combate bélico, mas sim de um confronto verbal entre os protestantes e os missionários católicos apostólicos romanos. Contava o Padre Lindorfo Quintas que os protestantes apresentavam aos padres algumas questões bíblicas e os desafiavam a dar respostas convincentes. Entretanto, constatou-se que os protestantes não eram leais na troca de correspondência com os missionários. Por isso, Lindorfo tomou a iniciativa de mostrar aos crentes protestantes a verdade que os seus mestres teimavam em lhes esconder. Cf. QUINTAS, Lindorfo – *Explicando a Bíblia aos Protestantes: os «irmãos de Jesus» não são filhos da Virgem Maria*. Lisboa: LIAM, 1943, p. 13-14.

Eis os nomes das associações que contribuíram para a reestruturação da sociedade: Conferência de S. Vicente de Paulo¹⁷², “Devoção ao Coração de Jesus pelas primeiras Sextas-feiras, Cruzados de Fátima, Cruzada Eucarística, Apostolado da Oração”¹⁷³, Legião de Maria (1953)¹⁷⁴, Confraria de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos. Cada associação tinha a sua função bem determinada e bem visível nas paróquias e comunidades.

Os frutos serão visíveis na segunda fase da evangelização, graças à estratégia apostólica usada pelo Bispo do renascimento da Diocese de Cabo Verde, Dom Faustino Moreira dos Santos, que garantiu à Diocese e ao país uma esperança de um breve triunfo sobre as dificuldades. Dom Faustino foi considerado como sendo um bispo “hercúleo”¹⁷⁵ e por isso o artífice do ressurgimento, porque conseguiu revigorar o estado da Igreja em decadência. A Igreja, antes mutilada, apresenta agora uma nova face, fruto de um trabalho que o sucessor de Dom Faustino, o Bispo Dom José Felipe do Carmo Colaço (1956-1975)¹⁷⁶ irá continuar e aprofundar. Era necessária uma renovação na continuidade, ou seja, continuar o trabalho que desde o ano de 1941 tinha sido principiado e levado a cabo com tão grande entusiasmo.

3. Segunda fase da missão espiritana (1956-1975)

A segunda fase assentou, naturalmente, no já conseguido pela intensa atividade começada ou realizada durante a primeira fase da evangelização. Não pretendemos prescindir das “sementes” lançadas ao terreno pelos primeiros missionários. A primeira fase pode ser considerada como sendo o ponto de partida; nesta segunda fase, o objetivo seria visar um ponto de chegada, mas preferimos designá-la como sendo uma fase de renovação na continuidade, porque os missionários deram continuidade àquilo que já

¹⁷² Cf. REGO, Francisco Alves do – A actividade dos padres do Espírito Santo. *Portugal em África*. 8 (1951) 376.

¹⁷³ Cf. REGO – A actividade dos padres do Espírito Santo. *Portugal em África*. 8 (1951) 378-379.

¹⁷⁴ Cf. RODRIGUES, Nuno Miguel da Silva – *Padre João Eduardo Moniz 1928-1989: Vida e Obra: 25 anos ao serviço da educação*. Açores: Direcção Regional da Ciência e Tecnologia, 2003, p. 44.

¹⁷⁵ Cf. CERRONE – *História da Igreja de Cabo Verde*, p. 53

¹⁷⁶ Cf. CERRONE – *História da Igreja de Cabo Verde*, p. 58. A respeito do novo Bispo D. José Felipe do Carmo Colaço só tivemos acesso a algumas informações que dizem respeito à sua relação ou atitudes para com os missionários no âmbito da atividade missionária. Visto que ele era de origem indiana, pouco se escreveu sobre a sua vida, como se fez com o seu antecessor. Os documentos a que tivemos acesso dizem-nos que o Bispo D. José Colaço foi colocado à frente dos destinos da Diocese com o propósito de continuar a obra já começada e uma das obras fundamentais desse Bispo foi a reabertura do Seminário diocesano na ilha de Santiago em 1957, depois da sua chegada em 1956. Cf. O NOVO Seminário de Cabo Verde. *Portugal em África*. 14 (1957) 294.

tinha sido começado e, com a sua criatividade apostólica, trabalharam com o espírito de renovar ainda mais. O Concílio Vaticano II também ofereceu sugestões pastorais úteis aos missionários durante esta fase. Em 1975, como dizia o Bispo D. Paulino Livramento Évora numa entrevista: «aquela porção eclesial se encontrava já no início da sua fase de adultez»¹⁷⁷, mas havia ainda muitas coisas por fazer – daí que não se possa pensar na conclusão da ação missionária nesta fase mas, sim, num renovar na continuidade.

3.1. A renovação na continuidade

Como justificação para o título deste segundo período – “renovação na continuidade”, não deixaremos de citar um testemunho de Frederico Cerrone que dizia o seguinte: «Ultrapassada a primeira fase de emergência material e espiritual, desceu-se mais ao profundo e tomou-se a peito a formação de catequistas empenhados»¹⁷⁸. À morte de D. Faustino, em 1955, muitas obras já tinham sido feitas, mas ainda muitas mais, tanto no domínio espiritual como material, aguardavam um impulso de melhoria na continuidade, porque havia trabalhos a concluir, trabalhos a começar e trabalhos a continuar.

Portanto, o sucessor de Dom Faustino, D. José Filipe do Carmo Colaço, conservando tudo o que encontrara organizado pelo seu antecessor, continuou a trabalhar com o intuito de levar a diocese ao maior grau de eficiência pastoral possível.

O Bispo D. José Colaço chegou a Cabo Verde num período agradável e favorável para, tranquilamente, poder continuar a dinâmica pastoral começada pelo seu predecessor D. Faustino dos Santos. O recém-chegado chegou num momento oportuno. O testemunho de um missionário que chegou a Cabo Verde em 1957, um ano depois da chegada do novo Bispo, permite-nos confirmar a situação de uma das ilhas com o seguinte: «quando cheguei a Cabo Verde, já os padres do Espírito Santo tinham operado uma maravilhosa transformação no ambiente religioso da ilha de São Tiago»¹⁷⁹. A transformação porém aconteceu não só na ilha de Santiago, mas em toda a Diocese, graças ao incansável trabalho do bispo anterior e seus colaboradores.

O novo bispo continuou o dinamismo do seu antecessor, colaborando e criando condições necessárias à atividade dos missionários. Consecutivamente, a Diocese teve o

¹⁷⁷ D. PAULINO Livramento Évora. O novo Bispo de Cabo Verde. *Acção Missionária*. 427 (1975) 4.

¹⁷⁸ CERRONE – *História da Igreja de Cabo Verde*, p. 55.

¹⁷⁹ UMA COMUNIDADE Missionária em Cabo Verde. *Portugal em África*. 30 (1973) 271.

privilégio de ter mais um bispo experiente e cheio de aptidões que soube acolher e continuar com humildade o que já tinha sido começado.

As dificuldades continuavam a fazer parte do quotidiano dos missionários que, incansavelmente e de acordo com as suas capacidades, iam colaborando com o bispo para garantir ao povo uma digna condição de vida humana e espiritual. As dificuldades foram sendo superadas lenta e progressivamente tal como na primeira fase.

Durante esta fase, os Espiritanos continuaram as suas atividades apostólicas sempre nas duas ilhas, mas liderados por um novo Bispo que não era espiritano nem português metropolitano (era goês). Para esta fase, somos desafiados a vasculhar e perceber como se foi desenrolando a ação dos missionários Espiritanos e quais foram as suas alegrias e tristezas.

3.2. Os missionários do presente e os que chegaram até 1975

O falecido D. Faustino tinha dado à diocese um bom rumo devido à sua notável capacidade na administração das suas funções apostólicas. D. José Filipe do Carmo Colaço encontrou a diocese com paróquias já organizadas, quer do ponto de vista material quer do ponto de vista espiritual e, pelas suas possibilidades e competência pastoral, em colaboração com os missionários, foi garantindo à igreja de Cabo Verde a aquisição da fase adulta.

Durante esta segunda fase, houve um aumento de mão-de-obra missionária, embora não suficiente para garantir a presença diária ou semanal dos sacerdotes em todas as paróquias e comunidades. Vamos dizer o nome de alguns missionários presentes durante este período: “P. Jerónimo Ferreira, P. Francisco Alves do Rego. P. Manuel Ferreira, P. José Pereira de Oliveira, P. Augusto Nogueira e Sousa, P. LouizAllaz, P. CyrCrettaz, P. Joaquim Barata, P. José Maria de Sousa, P. António Figueira Pinto, P. António Amâncio Ventura, P. Louis Mudry, P. Avelino Vieira Alves, P. João Eduardo Moniz, P. Custódio Ferreira de Campos, P. António de Sá Cachada, P. Arlindo de Areias Amaro, P. Joaquim G. da Cruz, P. Gil Afonso Losa, P. Miguel Madeira, P. Alberto Meireles, P. Joaquim Marques Ferreira, P. António José Gomes Marques, P. António Botelho, P. Firmino de Sá Cachada, P. Veríssimo Teles, P. Manuel dos Santos Neves, P. José Martins Vaz, D. Paulino Livramento Évora”¹⁸⁰. Estes missionários eram, na sua maioria, Espiritanos da Província portuguesa, mas um

¹⁸⁰ Apêndice intitulado *a lista dos Missionários Espiritanos em Cabo Verde (1941-1975)*.

reduzido número deles provinham da Província da Suíça. Como se depreende, quase todos os da primeira fase tinham morrido, pelo que todos os acima citados não estavam presentes no já longínquo ano de 1957; eles foram chegando no decorrer deste segundo período; por outro lado, também alguns destes foram morrendo ou seguiram para outro campo missionário. Elenco

Durante a primeira fase e perto do fim da segunda fase, os missionários trabalharam desinteressadamente sem possuir quaisquer propriedades ou imóveis próprios, ou seja, desde 1941 os missionários não se preocuparam em ter uma casa própria ou uma casa central que pudesse pertencer ao Distrito Espiritano de Cabo Verde, que já tinha sido criado oficialmente a 17 de setembro de 1946, tendo sido aprovado no ano seguinte o primeiro Concelho do Distrito.

Como é costume da Congregação, os missionários puseram os interesses das pessoas no primeiro plano, zelando pelo bem-estar material e espiritual das pessoas e das paróquias onde estavam inseridos. Só mais tarde, em 1970, compraram uma casa que rapidamente foi adaptada e, mais tarde, alargada e modificada. Esta demora em ter uma residência própria revela o culto de um autêntico espírito de pobreza e desprendimento da parte dos missionários.

3.3. O Distrito espiritano de Cabo Verde

Não pretendemos fazer um longo percurso histórico do Distrito Espiritano com todos os seus detalhes, mas sim mostrar de forma sintética como se originou e quem foram os superiores desse Distrito, desde a fundação até ao ano de 1975.

Desde a fundação até ao ano de 1975, o Distrito de Cabo Verde teve sete superiores: P. Henrique Alves (1942-1946)¹⁸¹, P. Francisco Alves do Rego (1946-1955), P. José Pereira de Oliveira (1955-1964), P. José Maria de Sousa (1964-1970), P. João Eduardo Moniz (1970-1972), P. Francisco Manuel Lopes (1972-1973), P. Manuel Santos Neves (1973-1979). Estes, de acordo com as suas capacidades e possibilidades, e segundo o contexto e a realidade do tempo em que foram nomeados superiores, e sempre em colaboração e diálogo com o seu bispo, não só buscaram organizar o ministério como também organizar-se como religiosos pertencentes a um instituto de vida consagrada, com uma regra de vida própria, de forma a cumprirem cabalmente esta

¹⁸¹ Só no ano 1946 o Distrito Espiritano de Cabo Verde foi criado oficialmente e só no ano seguinte teve o seu Conselho constituído. Por isso antes dessa data houve pouca formalidade na organização dos missionários enquanto Espiritanos, no respeitante às Regras e Constituições da Congregação.

dupla finalidade da Congregação – apostolado nas paróquias a eles confiadas, regra de vida religiosa em casa. Cada um contribuiu para o fim comum segundo a sua intuição e dom, em comunhão e colaboração com os outros confrades. O P. Francisco Alves do Rego foi oficialmente o primeiro superior e, graças a ele, num espaço de 4 anos Cabo Verde constituiu-se como Distrito autónomo da Província Portuguesa. O seu gosto pela história e pela sociologia conduziu-o a estudar em profundidade, e desde os primórdios (a partir da descoberta das ilhas de Cabo Verde), as origens do povo cabo-verdiano, a sua cultura, as suas práticas religiosas e os eventuais progressos ou retrocessos ocorridos no seio deste povo até à época contemporânea. Existem artigos escritos por ele, relatando o primeiro embate dos missionários com o ambiente encontrado em Cabo Verde. Estas informações foram úteis aos missionários que iam chegando, porque os ajudaram a perceber melhor a realidade do povo com que iam trabalhar. O P. José Pereira de Oliveira foi o segundo superior do Distrito de Cabo Verde e, simultaneamente, pároco da Praia. Como atividade, além de ter aformoseado a Igreja da paróquia da Praia e de ter restaurado e criado várias capelas novas, intensificou ainda mais o brilho do culto com cânticos e solenidades, fez desenvolver a Legião de Maria e demais associações. O futuro foi mostrando quão úteis foram as iniciativas levadas a cabo não só pelo superior P. José de Oliveira, mas pelos demais confrades. O terceiro superior do Distrito, P. José Maria de Sousa, assim como os dois antecessores, mostrou também a sua capacidade de perspetivar o futuro porque, quando chegou, teve como preocupação principal iniciar o Seminário e dar à Congregação do Espírito Santo em Cabo Verde uma nova face com a aquisição de condições necessárias para formar missionários para as demais terras africanas. Ele encontrou as paróquias já com estruturas formadas e em constante mudança. Por isso, cedo ou tarde, a paróquia principal (Praia) podia vir a ser entregue ao clero diocesano. Perante esta hipótese, visto que até então o Distrito não tinha sequer uma casa onde os Espiritanos se pudessem reunir ou espaços próprios onde se pudessem acolher confrades ou amigos de passagem e organizar a vida de grupo de forma metódica e conveniente, o P. José Maria de Sousa, enquanto superior, interveio de forma a superar aquele impasse. Num testemunho, de 13 de dezembro de 2006, em que relatou a sua atividade missionária em Cabo Verde desde a sua chegada em 1963 até 1974, data da sua partida para os Estados Unidos, dizia o seguinte:

«Desembarquei na Praia em Nov. 1963. Na Praia havia uma pequena e velha residência pertencente à paróquia de Nossa Senhora da Graça. O pároco era simultaneamente o superior do Distrito, R.P. Pereira de Oliveira a quem eu ia substituir. De acordo com o bispo da diocese D. José Colaço eu não ia tomar conta da paróquia mas simplesmente exercer o cargo de superior religioso. A residência do pároco era também a do superior religioso; aí me refugiei, pois, como não era pároco, de per si não tinha direito a estar aí. O Distrito foi-me entregue sem um tostão na gaveta, sem um palmo de terra pertencente ao distrito, tudo era da diocese, o pároco é que recebia os emolumentos; o superior, como não era o pároco, nada possuía; a casa era mantida pelo pároco, habitada por ele, por um outro confrade coadjutor e por mim. [...] Com os meus honorários do liceu e ajudinhas daqui e dali consegui comprar a Praia Negra ao Serra de Sta Catarina. Comprei a seguir o bar Benfica ao Servan onde oficialmente se instalou o distrito, começando a ter personalidade jurídica residencial. Planeei um Seminário lar a construir ligado à casa: apresentei um plano ao ministério do Ultramar que me fez a planta e prometeu uma verba para a construção. Com a independência foi-se tudo pela água abaixo; só se salvou a planta que alguém me disse ainda andar por lá nalgum bidon!»¹⁸².

Este missionário, enquanto superior, criou condições consideráveis para que os missionários pudessem desempenhar corretamente as suas funções ministeriais e viver com verdade os seus compromissos enquanto religiosos pertencentes à Congregação do Espírito Santo.

Os outros superiores também desempenharam papéis importantes, mas os acima nomeados destacaram-se pelo facto de terem passado mais anos no superiorato do que os outros. Em geral, todos participaram e tiveram importante influência no processo da ação apostólica dos missionários que, segundo as Regras e Constituições, além da obediência ao bispo no campo pastoral, devem também obediência ao superior religioso.

Os missionários não eram numerosos; por isso alguns tiveram a pouca sorte de viver isolados, passando, às vezes, meses fora do ambiente comunitário, o que era exceção prevista pelas Regras e Constituições mas só em circunstâncias especiais como no caso das fundações.

Enfim, esta segunda fase, como mostraremos mais adiante, foi um período de muito trabalho: havia ainda muita coisa por fazer e muita coisa por renovar. Foi-se construindo e renovando na continuidade a vida cristã do povo das ilhas, povo sempre a braços com as habituais, e teimosamente persistentes, dificuldades.

¹⁸²APPCSSp. Testemunho missionário escrito pelo Padre espiritano José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974; Porto, 29/06/2011; [Disponível no Arquivo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, Lisboa, Portugal, Caixa 460].

3.3.1. A contínua ação apostólica

Os missionários continuaram a ser os protagonistas da ação missionária nas duas ilhas (Santiago e Maio) durante esta fase. Com a chegada do novo Bispo, houve, antes de mais, uma apresentação dos missionários ao Bispo recém-chegado que, sem nada alterar, confiou totalmente todas paróquias daquelas ilhas aos Espiritanos. Esta boa relação com o bispo da diocese favoreceu a dita renovação na continuidade, de forma a que se consolidasse o que fora programado durante a primeira fase. Eles continuaram com as suas dinâmicas missionárias, sempre em diálogo com o bispo.

O bispo D. José Colaço, ao encontrar a diocese de Cabo Verde sem seminário, apesar das dificuldades não se deixou desencorajar por elas. Assim, a 7 de outubro de 1957, no lugar denominado Ponta Temerosa, na cidade da Praia (ilha de Santiago), estando 10 seminaristas presentes, deu-se a abertura do seminário que foi dedicado e chamado pelo nome de Seminário de S. José¹⁸³. Foi nomeado o P. Augusto Nogueira de Sousa, da Congregação do Espírito Santo, como seu primeiro Reitor.

O bispo, segundo o testemunho dos missionários, a bem dizer não interferia nos seus métodos missionários; pelo contrário encorajava a ação apostólica dos missionários. No seu testemunho, o Padre José Maria de Sousa dizia o seguinte: «Como toda a ilha dependia de nós, podíamos organizar a pastoral a nosso modo. O Prelado só queria que o informássemos mas não interferia em nada porque, vindo de outra esfera, não conhecia os métodos ocidentais»¹⁸⁴. Os missionários prosseguiram com a dinâmica que conseguiram durante o episcopado do bispo Dom Faustino e, como missionários cheios de experiência pastoral, tiveram a confiança do novo Bispo.

Ao longo dessa fase, os missionários beneficiaram das orientações pastorais elaboradas pelo Concílio Vaticano II, que teve lugar no ano de 1961. Graças a esse Concílio, os missionários puderam melhorar e aperfeiçoar alguns aspetos pastorais.

Em geral, os missionários empenharam-se com denodo na concretização de um objetivo comum. O objetivo era a evangelização integral do povo daquelas ilhas. Evangelização integral, porque se constatou que não convinha «pregar a estômagos vazios»¹⁸⁵, mas antes trabalhar para garantir às pessoas uma educação digna,

¹⁸³ Cf. CERRONE – *História da Igreja de Cabo Verde*, p. 55.

¹⁸⁴ Cf. APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011, caixa 460.

¹⁸⁵ Cf. APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011.

combatendo assim o analfabetismo, a miséria e a pobreza espiritual – pois este é o abrangente objetivo da mensagem evangélica.

Os Espiritanos durante essa fase não eram suficientes se comparado o seu número com o das paróquias a eles confiadas. Como pertenciam a uma única família religiosa, deviam viver em comunidade; e assim, na paróquia em que viviam a assistência era mais assídua, enquanto nas anexas a pastoral se reduzia por vezes aos fins-de-semana. Não se pode, pois, falar do uso de um único método pastoral, porque cada missionário, segundo a sua experiência e segundo a circunstância da paróquia, fez o uso dos meios pastorais que achou convenientes. Não houve, portanto, uma uniformização quanto às práticas e dinâmicas pastorais, devido aos aspetos que acabámos de referir.

Se compararmos a primeira fase com a segunda, podemos dar conta de que na primeira o método usado foi quase uniforme, o que não aconteceu na segunda. Na primeira fase, a evangelização aconteceu num ambiente agreste, limitado; na segunda, o ambiente já se tinha alterado consideravelmente. Os missionários constataram a necessidade de ajudar as pessoas a viverem concretamente na caridade, a celebrarem conscientemente os sacramentos, a empenharem-se seriamente no apostolado e a construírem uma nova comunidade humana, verdadeira e concreta. Portanto, se na primeira fase as pessoas eram ajudadas a memorizar as doutrinas da fé católica, na segunda fase elas passaram a ser ajudadas a compreender o verdadeiro sentido daquilo que recitavam de memória¹⁸⁶.

Era necessário que os próprios missionários estudassem a língua local daquele povo para, depois lhe ensinarem a doutrina cristã. No interior, era usado o crioulo em tudo exceto na celebração da missa; nas cidades, usava-se a língua portuguesa porque era a língua oficial, portanto a língua autorizada pela administração colonial no ensino básico, enquanto a língua materna (crioulo) era a chamada língua de casa. Foram os missionários, todavia, os primeiros a fazerem gramáticas e a usar o crioulo nas catequeses e na pregação.

Os missionários desta fase, cada um a seu modo, valorizaram o crioulo e tentaram ajudar as pessoas a conciliar as duas línguas (método apostólico considerado como

¹⁸⁶ O povo cabo-verdiano era um povo crente mas com necessidade de aprofundar a sua fé. Os Espiritanos chegados na primeira fase encontraram um povo que no seu quotidiano fazia o uso da língua crioula, isto é, pensavam e comunicavam em crioulo. Sem ter em conta este aspeto, os missionários implementaram a doutrina cristã ou evangelizaram em português, língua que o povo não dominava, e a tendência do povo era memorizar expressões, palavras sem saber quais os seus verdadeiros significados. Por isso, podemos até dizer que houve muita prática mas adoção de uma fé cega porque é necessário compreender aquilo em que se acredita.

sendo o mais eficaz). Como a alfabetização era feita em português, estimulou-se o uso desta língua entre os jovens pois, quando vinham para as cidades ou entravam nos liceus, era em português que deviam falar, escrever e exprimir-se. Talvez sem a intenção de pôr a língua portuguesa num plano superior em relação à língua crioula, os missionários constataram a necessidade de instruir, formar e educar o povo, principalmente o povo do interior da ilha e, como o crioulo era conhecido pela maioria, achou-se por bem ensinar a língua portuguesa às pessoas para que, depois, por intermédio desta língua, se pudesse fazer compreensivelmente tudo o que fosse oficial.

A segunda fase veio pôr fim às dificuldades que persistiram durante a primeira. O segundo período trouxe um notável reforço dos processos de alfabetização, educação, formação humana e espiritual. Tal como aconteceu na fase anterior, os missionários continuaram a ter apoios do Governo, e isso fez com que aumentasse e se multiplicasse o grau de progresso civilizacional. Por causa da boa correspondência entre o Governo e os agentes pastorais, as associações e obras criadas durante a primeira fase adquiriram maturidade, estabilidade e esplendor. Crianças e jovens e uma boa parte dos adultos com idades inferiores aos 35 anos foram escolarizados. Muitos estudavam até à quarta classe, não tendo possibilidades de continuar os estudos longe da sua morada, por causa da distância que os separava do liceu e da falta de meios económicos para o fazerem. A quarta classe era um nível que lhes possibilitava a leitura e a caligrafia, embora com algumas limitações.

Além disto sentiu-se a necessidade de repensar e atualizar a catequese, pois com a escolarização em massa, tornou-se mais fácil a transmissão da doutrina cristã. O P. José Maria de Sousa disse ter-se empenhado na remodelação da catequese e escreveu o seguinte:

«Falei ao Sr. bispo em remodelar a catequese; uma vez que a juventude estava agora toda escolarizada, queria convidar especialistas de Portugal para lançar a catequese em novos métodos, não apenas o de aprender de cor algumas fórmulas. Ele concordou e nomeou-me o encarregado diocesano da catequese; disse-me, porém, que não lhe pedisse dinheiro!»¹⁸⁷.

Vemos, assim, como prosseguiu a remodelação da prática pastoral em vários âmbitos. Os leigos aceitaram satisfatoriamente as orientações e propostas dos missionários. Nas paróquias, os movimentos religiosos e algumas associações aí

¹⁸⁷APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011.

implantadas tiveram adesões generalizadas, por meio de promessas de fidelidade à fé cristã e ao movimento ou grupo a que pertenciam.

Uma vez fundada a Ação Católica em Cabo Verde, ela tornou-se uma das associações que, ao ser adotada nalgumas paróquias, deixou marcas visíveis de uma autêntica renovação cristã. Sem ignorar os outros movimentos, a Ação Católica e a Legião de Maria deram vida, dinâmica e coragem ao povo cabo-verdiano na sua vivência como cidadãos e cristãos. Os organismos, fruto da criatividade apostólica dos missionários, responderam às situações sociais mais preocupantes, obviaram à ignorância do Evangelho, promoveram a defesa dos fundamentais deveres e direitos do homem, combateram a mancebia, o alcoolismo, o analfabetismo, os tabus sexuais e a indiferença ao trabalho¹⁸⁸. Podemos considerar que por estas organizações se conseguiu, em certa medida, sustentar o combate ao que causava a desordem da estrutura familiar e social.

De facto, estes organismos facultaram, às paróquias e à sociedade em geral, uma nova face e uma nova organização, porque tanto os legionários como os membros da Ação Católica tiveram uma intervenção formativa e construtiva dentro das comunidades, colaborando na tentativa de erradicar a ignorância humana e espiritual e a miséria, fazendo tudo para que a sã confraternização entre as pessoas possa dar-se.

A reestruturação das paróquias dependia da personalidade, criatividade ou iniciativa dos Párcos, mas os missionários em suas reuniões ventilavam problemas comuns. Gostaríamos de comparar as paróquias aos quadros (obras de arte) pintados, cada qual, por um artista. Assim como cada artista possui a sua própria sensibilidade, criatividade e temperamento durante a execução de uma obra de arte, assim também as paróquias e comunidades acabam por espelhar a imagem da personalidade e capacidade dos párcos que lá trabalharam. Como exemplo temos as paróquias de Santa Catarina e a dos Órgãos. Cada uma apresenta marcas características deixadas pelos missionários dinâmicos e crentes que trabalharam nestas paróquias: em Santa Catarina a Legião de Maria foi o movimento predominante, enquanto nos Órgãos predominou a Ação Católica¹⁸⁹.

¹⁸⁸ UMA COMUNIDADE Missionária em Cabo Verde. *Portugal em África*. 30 (1973) 271.

¹⁸⁹ Cada uma dessas paróquias teve a sorte de ter como párcos um dos próprios missionários fundadores desses movimentos, em Cabo Verde. O resultado satisfatório chamou a atenção dos outros missionários que aceitaram a instituição desses movimentos nas suas paróquias e, assim, foi-se difundindo o apostolado por meio desses movimentos.

Como forma de intensificar a fé cristã, os missionários difundiram nas ilhas a devoção, o culto, à Virgem Maria. Por isso, em 1948, a imagem da Virgem peregrina de Fátima percorreu toda a ilha de Santiago; e em 1958, ano centenário das aparições em Massabiele¹⁹⁰, foi a vez de se receber a imagem da Virgem de Lurdes, em jornada às ilhas de Santiago e do Maio. Estas peregrinações ou jornadas marianas ofereceram sementes de fé que, aos poucos, foram crescendo e a seu tempo deram frutos. Por isso, o Padre Arlindo Amaro, missionário em Cabo Verde de 1957¹⁹¹ a 1974, testemunhou que não se podia imaginar o trabalho ali realizado pela Mãe de Jesus, a partir da celebração daquele centenário. No mesmo âmbito, considerou como autênticos frutos da jornada ou visita da Virgem de Lurdes, as seguintes mudanças:

- Regresso à prática religiosa de muita gente.
- Centenas de casamentos.
- Forte impulso ao movimento da Ação Católica que acabava de nascer.

A Ação Católica e a Legião de Maria foram responsáveis pela modificação da cristandade local. Depois da visita da Virgem peregrina, o entusiasmo deixado por ela não diminuiu, graças às ações da Legião de Maria e da Ação Católica. A reforma ou a transformação da cristandade foi lenta, mas eficaz, conforme testemunha o P. Augusto Nogueira de Sousa¹⁹².

A ação apostólica dos missionários não se reduziu apenas a valorizar a dimensão espiritual das pessoas mas, com base no Evangelho, o seu zelo estendeu-se também à dimensão social. Portanto, através da educação nas escolas, da catequese, de reuniões e encontros religiosos, foi-se constituindo uma sociedade mais humana, mais justa e mais cristã, com novos homens que pudessem responsabilizar-se pela construção da mesma sociedade. A cristandade não pode prescindir do desenvolvimento ou progresso humano, porque ao Evangelho é intrínseco o desenvolvimento humano.

Como fruto do empenhamento na obra espiritual e social, em 1962 foi ordenado o primeiro padre cabo-verdiano da Congregação. Em 1965, havia 54 seminaristas no seminário de São José e, em Roma, em Dakar e em Portugal havia um total de 46 irmãs religiosas cabo-verdianas. Com efeito, a obra espiritual começada pelos padres Espiritanos foi ganhando balanço proporcionando o seguinte: «se em 1942, referentes às ilhas de Santiago e Maio, o total das confissões foi de 2446, o total das comunhões

¹⁹⁰ Cf. VINTE e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 25 (1968) 79.

¹⁹¹ UMA COMUNIDADE Missionária, p. 269.

¹⁹² VINTE e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 25 (1968) 79.

3039, o total de batizados 422 e o total dos casamentos 36; em 1965 o total das confissões passou para 117589, comunhões 589342, batizados 6410 e casamentos 699»¹⁹³. Os frutos conseguidos ao longo desta fase estiveram associados à continuidade da construção e reparação de edifícios (igrejas, capelas, centros ou salões de formação, residências) já iniciadas na primeira fase. Apoiados pelo Bispo, os missionários continuaram a construir edifícios importantes para a promoção e o crescimento de uma comunidade civilizada e cristã. Construíram-se ou reconstruíram-se igrejas nas seguintes paróquias: «a de S. Domingos em 1957, a da Calheta de S. Miguel em 1962 e a de S. Salvador do Mundo, nos Picos, em 1966»¹⁹⁴. Devido às distâncias e por falta de vias de comunicação até às igrejas paroquiais, construíram-se muitas Capelas nas aldeias mais populosas, facilitando assim às pessoas a participação na Missa dominical, e aos sacerdotes um apostolado mais organizado.

Apesar da falta de padres, de meios de transporte e de vias de comunicação (vias rudimentares), nenhuma paróquia foi discriminada. Sempre tentaram dividir o pessoal de forma a manter a presença sacerdotal nas comunidades, ainda que muitas vezes com dificuldade. Assim, levaram a cabo as obras tidas por imprescindíveis para dar a resposta possível às necessidades de cada uma das comunidades.

O trabalho dos missionários estendeu-se à vida social e intelectual. Houve, portanto, a preocupação dos missionários em vigiar e corrigir algumas práticas culturais que segundo eles não iam de acordo com a moral cristã. Esta vigilância teve como objetivo, não tanto o de aumentar o número de casamentos, mas o de procurar estruturar os lares dentro dos princípios cristãos e sociais.

O meio onde trabalharam os missionários era pobre, e havia gente que vivia na pobreza extrema. Como forma de remediar esta anomalia, as organizações católicas que assistem as pessoas, criadas durante a primeira fase, persistiram em trabalhar em favor dos mais carenciados e necessitados. Daí o P. Augusto Nogueira de Sousa afirmar o seguinte:

«No campo assistencial, assinalem-se as distribuições feitas anualmente, por ocasião do Natal, pela paróquia de Nossa Senhora da Graça, pelas valiosas Confrarias de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos (Santa Catarina), e a da Sagrada Família (S. Miguel). As Conferências de S. Vicente de Paulo (Praia, Santa Catarina e Tarrafal, infelizmente pouco conhecidas e, sobretudo, pouco compreendidas) todos os anos

¹⁹³ VINTE e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 25 (1968) 80.

¹⁹⁴ VINTE e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 25 (1968) 81.

distribuem, generosamente, umas centenas de contos, levando, com evangélica caridade, alívio e conforto a muitos pobrezinhos desta terra»¹⁹⁵.

Enfim, os missionários, conforme o contexto da época e da realidade de cada região, procuraram o bem-estar do povo e, ao mesmo tempo, ajudaram os chefes locais no governo do território, que continuava a ser administrado pela metrópole. Daí alguns merecidos encómios da parte de membros do Governo, como estes, por exemplo:

«Não há palavras que cheguem para fazer o elogio dos nossos missionários. Inclino-me com veneração diante das suas vidas, votadas inteiramente ao bem dos outros, com comovente simplicidade. Deve-lhes a Nação serviços inestimáveis na ocupação dos territórios que lhe pertencem [...] Os Missionários são hoje os novos pioneiros da Civilização [...] Os Missionários do Espírito Santo são os melhores guardiões do nosso ultramar»¹⁹⁶.

Em certa medida, os missionários serviram ao Governo de adjutório seguro porque, além de o terem apoiado com as ideias, trabalharam de forma a garantir ao povo melhor condição de vida, por força dos princípios cristãos.

A Concordata de 1940, entre a Santa Sé e a República Portuguesa, garantiu alguns privilégios aos missionários portugueses que, de seguida, puderam agir com uma certa liberdade. Essa liberdade permitiu aos missionários a correção de algumas negligências da responsabilidade do Governo, proporcionando ao país um novo vigor. Portanto, aquilo que o Governo devia ter feito, mas não pôde, não soube ou não quis fazer nos tempos passados foi sendo concretizado por ação dos missionários.

A prática cristã encontrada nas ilhas transformou-se, a pobreza intelectual e a material foi sendo erradicada mediante a escolarização até à quarta classe para todos os interessados. Nos princípios dos anos 70, como forma de combater a pobreza, começou-se a enviar uma grande quantidade de homens para Portugal com contratos nas empresas de construção civil. Por detrás desses contratos estavam os Espiritanos que serviam de intermediários entre os emigrantes (empregados) e as empresas. Havia, tanto no país de origem como no país de destino, missionários, espécie de capelães, responsáveis pela orientação espiritual, material, moral e laboral dos contratados. Foram os Padres José Martins Vaz e José Maria de Sousa que serviram de intermediários entre os empresários e os que pretendiam melhorar as suas condições de vida. Como forma de compreendermos melhor o trabalho destes dois missionários, vamos citar uma parte dos testemunhos de cada um deles a começar pelo Padre Vaz:

¹⁹⁵ VINTE e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 25 (1968) 85.

¹⁹⁶ Cf. VINTE e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. 25 (1968) 85-86.

«A situação económica em Cabo Verde: Dizem-nos que em Cabo Verde se está a processar um progresso visível e constante. Por informações dos Missionários e dos próprios migrantes podemos afirmar – apesar de nunca termos ido até àquelas paragens – as Autoridades Administrativas se têm preocupado, desde o início da atual crise, em dar trabalhos públicos de forma a assegurarem o sustento condigno de toda a população. [...] ... Optou-se por dar preferência aos agregados familiares que não tenham membros seus a trabalhar na Metrópole. [...] São cerca de quinze mil os cabo-verdianos que, deixando a sua terra por causa da seca que há quatro anos os atormenta, se encontram espalhados pelo país, mas especialmente concentrados em Lisboa e na sua cintura. Com graves problemas familiares, sociais, religiosos. Gente boa e simples, na sua esmagadora maioria, que espera a nossa simpatia, dedicação para minorar tanto sofrimento»¹⁹⁷.

E a seguir, pelo Padre José Maria de Sousa:

«Organizámos um sistema de emigração: pusemos em Lisboa um confrade, o P. Vaz, a contactar empresas de construção e toca a enviar aviões cheios! Todo o dinheirinho que havia foi emprestado e, como não chegasse, dirigimo-nos ao Governador que também ajudou. Em Lisboa o dinheiro da empresa ia direito ao secretariado que, deduzidas as despesas, enviava às famílias um x; o resto ficava no banco a capitalizar. Este facto ocasionou uma mudança radical em Santiago: as casas do interior que não sabiam o que era telha começaram todas a ser cobertas de telha e a serem rebocadas. A cozinha que era sempre fora da casa começou a integrar a casa, uma autêntica revolução social. Passados 2/3 anos, Santiago mudou de face. Os homens, pouco a pouco, começaram a singrar por si mesmos, uns encaminhavam outros, aliviando assim o secretariado. Acabada a crise, uns regressaram, outros ficaram definitivamente em Lisboa»¹⁹⁸.

Olhando um pouco para os testemunhos dos dois Padres, quase temos a sensação de que aquilo aconteceu “ontem”, porque na verdade Cabo Verde é um país muito jovem e em vias de desenvolvimento. É certo que ainda não atingiu o topo da classificação mas, em termos de desenvolvimento, também não está muito abaixo na tabela. Isto vai acontecendo graças às bases pré-estabelecidas por quem aqui labutou.

3.3.2. As dificuldades e desafios

No decurso da primeira fase, os problemas e dificuldades encontrados nas ilhas de Cabo Verde foram-se esbatendo consideravelmente, graças à ação dos missionários. Como referimos anteriormente, na segunda fase havia ainda dificuldades e problemas que persistiram desde o primeiro período e, como é próprio de cada época, ao longo do segundo período da evangelização foram surgindo novos problemas e dificuldades.

¹⁹⁷ VAZ, José Martins – *Os Cabo-verdianos em Lisboa*. Lisboa: LIAM, 1972, p. 25-27. Os cabo-verdianos de que fala o Padre Vaz são na sua maioria da ilha de Santiago.

¹⁹⁸ APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011.

Uma das maiores dificuldades que atormentou e atormenta os cabo-verdianos é a crise. A riqueza principal do povo cabo-verdiano é a água mas, infelizmente, este país sempre careceu, ao longo dos séculos, deste precioso recurso, por causa das secas prolongadas. Este fenómeno causou a morte de muita gente e ao mesmo tempo teve repercussão no destino de muitos e na formação ou estruturação da sociedade cabo-verdiana. De facto, para um grande número a única solução era a emigração. Segundo o testemunho de António Carreira, entre 1953 e 1973 a emigração apresentou-se com características de autêntico êxodo¹⁹⁹. Para termos uma visão mais exata da situação migratória daquela época, Carreira escreveu o seguinte:

«De 1953 a 1973, as saídas oscilaram entre 1 700 e 3 600 indivíduos por ano (exceção feita a 1955 em que atingiram os 5 097). Em 1963 subiram para 4 086 e daí em diante a mais de 6 000 por ano, sendo que em 1970 foram 11 802, em 1971, 13 726, em 1972, 18 016 e em 1973, 17 029» [...] «Em 1964 iniciou-se a saída maciça de gente, portanto antes do aparecimento dos sintomas da grande seca de 1968-1969 e que ainda perdura. Foi o maior da história das ilhas, em todos os tempos»²⁰⁰.

Dessas crises que enfraqueceram todo o arquipélago de Cabo Verde derivaram problemas vários. A ilha de Santiago e a do Maio apareciam desde sempre como as mais atrasadas em vários aspetos (religioso, social, humano, intelectual)²⁰¹. Ora a ilha de Santiago é a maior do Arquipélago e, simultaneamente, a mais populosa. Daí ter sido particularmente penosa a sua missionação: por um lado por causa da falta de missionários e, por outro, os poucos missionários aí colocados deviam percorrer distâncias consideráveis na administração de sacramentos, restando-lhes escasso tempo para o descanso. Não obstante penas e cansaços, os missionários manifestavam satisfação na sua ação apostólica, porque a massa que pedia os sacramentos, a seguir firmava-se no propósito de viver a fé como cristã. Infelizmente, como sempre acontece, vários dos que se diziam cristãos praticantes não abdicavam de práticas e crenças supersticiosas herdadas dos seus antepassados. Perante esta situação, os missionários sentiram-se desafiados a promover a recatequização, no sentido de consciencializar as

¹⁹⁹ Cf. CARREIRA – *Cabo verde*, p. 40.

²⁰⁰ CARREIRA – *Cabo Verde*, p. 41. O autor deixou bem claro que estes números diziam respeito unicamente à emigração espontânea, mas que se se lhe juntasse os da forçada a imagem seria outra. Sobre a crise de 1964, mesmo o Espiritano Padre José Maria de Sousa, no seu testemunho, dizia que a partir de 68 não houve mais chuvas regulares até 74, pelo que se afiguravam dias de mortandade como tinha acontecido nos anos 40 e 50.

²⁰¹ Pretendemos mostrar com mais afinco, a causa do atraso dessas duas ilhas em relação às outras, no próximo capítulo, e simultaneamente serviria de justificação ao porquê da presença dos Espiritanos nestas ilhas e não nas outras.

peessoas para o reconhecimento do verdadeiro valor dos sacramentos e para saberem responder por si próprias na vida à fundamental razão da sua fé.

A língua da transmissão da fé era o português, mas o povo, no seu quotidiano, comunicava-se em crioulo, a sua língua materna. Por isso, acreditamos que a mensagem do Evangelho passou, mas com muitas limitações, devido ao baixo nível escolar da maioria, que não podia avançar nos estudos devido à falta de condições que pudessem garantir às pessoas de todo o arquipélago a prossecução da sua escolaridade.

Nessa fase, ainda havia paróquias e comunidades que, pelo facto de ficarem mais para o interior e por falta de vias de comunicação, estavam mais atrasadas. Perante isto houve missionários que chamaram a atenção das autoridades que não tardaram em abrir caminhos e estradas até àquelas isoladas paróquias e comunidades.

Nesta segunda fase, a situação melhorou em vários âmbitos, mas na vertente política, à medida que os anos iam passando, os problemas foram-se adensando. Devido às visitas assíduas dos missionários, as pessoas consideradas hostis aos padres novos, nomeadamente os Rabelados, progressivamente e em grande parte, foram mudando as ideias erradas acerca destes sacerdotes, não tardando em aceitá-los; um número reduzido deles, porém, continuou obstinado em suas ideologias, práticas e crenças. Acerca desse reduzido número de pessoas ditas Rabelados, citamos o testemunho do P. José Maria de Sousa, que escreveu o seguinte:

«O problema mais grave que enfrentaram os primeiros missionários foi o embate com o sistema que tinham implantado os sacerdotes diocesanos de acordo com suas vidas pouco recomendáveis, quase só voltadas para o dinheiro: os que não se confessavam na Páscoa, se pagassem o dízimo continuavam a ser tidos como bons cristãos!»²⁰².

A partir da citação anterior pode perceber-se que muita coisa ficou subentendida. Os missionários acharam que o povo possuía um “costume gentílico”²⁰³ e consideravam batuques, orgias, comezainas e danças (morna, coladeira, funaná) como sendo uma das causas principais do elevado número de casos de mancebia. Embora estas dificuldades persistissem, graças à ação catequética e à intervenção dos movimentos e associações católicas (que tinham como objetivo a formação integral do povo, a começar pelas crianças, jovens e adultos), a sociedade pôde desfrutar de um ambiente mais saudável.

²⁰² APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011. Aqui o Padre José Maria de Sousa está a referir-se à realidade religiosa encontrada em Cabo Verde principalmente na ilha de Santiago, a quando da chegada dos primeiros missionários, em 1941.

²⁰³ Cf. ACTIVIDADE dos Padres do Espírito Santo em Cabo Verde. *Portugal em África*. 14 (1957) 308.

Por exemplo, na ilha do Maio, salientou-se a importância da Legião de Maria e do movimento das Apóstolas do Sagrado Coração de Maria, como se vê pelo seguinte:

«A Legião de Maria, fundada há um ano e seis meses conta hoje 2 «*Praesidia*» de adultos e 1 para jovens, este muito florescente. Grande é o apostolado no meio. Dos 24 casamentos realizados, 18 foram preparados pelos membros desta grande obra. A par da Legião temos o movimento admirável das Apóstolas do Sagrado Coração de Maria, que semeia o bom odor de Cristo entre um grupo de Jovens, rapazes e raparigas, que passa já 40. Eles querem ser puros e obedientes à Santa Igreja e afastar do vício os seus irmãos. Não vão ao baile e procuram afastar dele tantos e tantas que lá acham a perdição»²⁰⁴.

À medida que os anos foram passando, aumentou o trabalho mas não o número dos sacerdotes e, por isso, os superiores do Distrito fizeram pedidos à Província, insistindo que estavam a necessitar de mais missionários. Muitas vezes os pedidos não eram correspondidos ou, se o eram, para Cabo Verde vinha um número muito reduzido de missionários, devido à falta de candidatos à vida missionária nos seminários da Província e também por causa da missão de Angola, para onde a maioria dos candidatos era encaminhada depois de concluir as etapas formativas.

A segunda etapa foi também tempo de remodelações e construções. As obras levadas a cabo pelos missionários, que tiveram apoios do Governo, da Diocese e dos amigos e familiares de alguns deles, suscitaram críticas em inúmeros casos. Por exemplo, um jornalista acusou-os de vexame à pobreza da terra com a grandeza dos edifícios e frisou a indiferença e insensibilidade por parte de alguns eclesiásticos durante as crises provocadas pela escassez de chuva em que morria muita gente por falta de géneros alimentícios.

Na linha do que acabou de referir-se, constata-se que o problema adquiriu um cariz político e serviu, portanto, de argumento aos que não estavam contentes com o regime colonial e lutavam pela independência²⁰⁵. Os missionários, que na sua maioria eram quase todos portugueses, direta ou indiretamente sofreram durante aquele período de transição. Foram acusados de conluio contra alguns opositores do regime colonial e de que em certa medida eram culpados da má administração por parte dos governantes. Há pouco tempo um ex-combatente de Santa Catarina, chamado Fernando dos Reis Tavares, nascido em 1940, quando entrevistado foram-lhe feitas várias perguntas a

²⁰⁴ ACTIVIDADE dos Padres do Espírito Santo em Cabo Verde. *Portugal em África*. 14 (1957) 312.

²⁰⁵ Estes opositores foram cabo-verdianos que tiveram a oportunidade de prosseguir os seus estudos no Liceu de São Vicente e que, entretanto, tiveram contacto com alguns membros do PAIGC, que os incentivaram a pensar num Cabo Verde diferente governado pelo povo do próprio país, devendo, por isso, lutar pela independência.

respeito da situação do tempo em que vivera sob o regime colonial. Das respostas conseguimos recolher o seguinte:

«Eu experimentei a fome do ano 1947 causada pela seca e por causa da Segunda Guerra Mundial. Fui influenciado pelos membros do PAIGC que infundiam a ideologia anticolonialista. No entanto, eu participei na formação de grupos clandestinos que tinham por objetivo preparar o povo para a independência. O regime colonial era fascista, muito mau, arrogante e não tinham em mente o desenvolvimento do povo de Cabo Verde. [...] A fome matou milhares de pessoas em Cabo Verde por causa da falta de recursos alimentícios. Seria o Deus bom, inteligente, rico, responsável por esta calamidade? Não! Diria antes que as culpas são dos dirigentes que não souberam desempenhar devidamente as suas funções administrativas»²⁰⁶.

Nos documentos que consultámos, pudemos constatar que, na verdade, houve uma convivência bastante pacífica entre os Espiritanos e os membros do Governo nas colónias, a partir da Concordata de 1940 entre a Santa Sé e o Estado Português, o qual de seguida passou a subsidiar a ação missionária na condição de os bispos serem de nacionalidade portuguesa e os estrangeiros saberem português²⁰⁷. Portanto, havia forte probabilidade de que os missionários fossem em certa medida dependentes dos administradores do Estado. Contudo, muito fizeram para o bem do povo, ao mesmo tempo que, genericamente, lidavam com os governantes em bons termos: favoreciam a ação governativa, mas no que não fosse contra o povo, aliás opunham-se-lhe. O padre José Maria, por exemplo, experimentou um facto semelhante, a quando da visita do conselheiro geral, o P. Sanches, a Cabo Verde, e conta o seguinte:

«Um dia andávamos os 2 a passear na Praça da Praia em frente à Igreja; de repente aparece o Inspetor Geral da Pide junto de nós. Venho simplesmente cumprimentar porque, conforme vejo, trata-se de uma visita ilustre, disse. Eu nunca tinha podido falar com ele porque, quando se ia lá, ele estava com outros e, mal cumprimentava, mandava alguém tomar conta do assunto. Agora, encontrando-o só e sem testemunhas, disse para comigo: vais ouvir-mas todas! – Sr. Inspetor, pode explicar-me porque nós os missionários somos por vocês considerados como os maiores inimigos do bem público e da pátria? Ficou muito corado, meio zangado: – Porque diz isso? – Diga-me, porque é que as nossas cartas, contendo assuntos de consciência das pessoas que se dirigem a nós com a confiança que têm nos sacerdotes são por vocês abertas sem o mínimo escrúpulo, propositadamente, não por engano porque nunca nos pediram desculpa, coisa que não acontece em parte nenhuma para cá da cortina de ferro...!? Ele embaçado: – Sabe? Estamos em guerra...! – Em guerra inventada por vocês porque nós andamos no meio do povo e nunca vimos sequer uma arma...!»²⁰⁸.

²⁰⁶ A entrevista foi em crioulo, por isso, tomamos a iniciativa de traduzir as respostas do crioulo para o português (<http://videos.sapo.pt/RsR64UC7rggctbu2yqq5>. 10/10/2014. 22:11).

²⁰⁷ Cf. ASCHER – *Os Rabelados de Cabo Verde*, p. 26.

²⁰⁸ APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011.

Alguns missionários foram perseguidos por elementos da oposição que lutavam pela independência de Guiné e Cabo Verde e também foram acusados de colaborar com o governo colonial no fornecimento de informações contra os opositores do regime colonial. Por causa disso, aconteceu um caso em Cabo Verde no ano 1974, uma semana depois da Revolução de 25 de abril: um missionário chamado P. Arlindo Amaro foi vítima de agressão quer por parte de um ex-presos político do regime fascista português quer também, e ao mesmo tempo, por um dos líderes do movimento para a independência em Santiago, denominado Fernando dos Reis Tavares, mais conhecido por “Toco”²⁰⁹. Este incidente ocorreu num período de transição do regime português para a independência, proclamada em 5 de julho de 1975.

Em geral, os Padres e os missionários sempre foram respeitados pelo povo que evangelizavam, e reverentemente vistos como representantes de Cristo.

Muita boa gente pode achar que o desenvolvimento do povo só começou com a independência. A verdade, porém, é que depois da independência o que se tentou fazer foi simplesmente dar continuidade àquilo que já tinha sido começado nos anos anteriores. A independência encontrou o país já com uma certa base, com sinais visíveis de um país civilizado. Atribua-se, pois, o devido mérito à coragem, humildade e ação dos missionários. Por isso, na praça de Assomada em frente à Câmara Municipal de Santa Catarina não só existe a estátua de Amílcar Cabral como também se ergue a estátua do grande missionário espiritano suíço Padre Louiz Allaz, homenageado pelo povo de Santa Catarina; na Calheta de S. Miguel, em frente à porta da igreja paroquial lá estão, a pedido do povo, os Padres Crettaz e João Eduardo Moniz. Muitos outros, a que se não erigiram monumentos, deixaram obra notável, tal como o Padre António Figueira que, sem auxílio algum interno, percorreu com outro espiritano os centros de

²⁰⁹ Sobre este caso fez-se um documentário de título: “É ‘A hora de perdoar’? – Um ajuste de contas da História. Foi lançado a 1 de maio, nos E.U.A., o filme documentário “A hora de perdoar?”, que narra um incidente ocorrido há 39 anos, em Cabo Verde – uma semana depois da revolução do 25 de abril – envolvendo Toco de Assomada (Fernando dos Reis Tavares) e o padre Arlindo dos Órgãos, um português. Na curta-metragem, Toco revela que «o padre era agente da P.I.D.E. e foi responsável pela prisão de um cidadão chamado Joãozinho e seus dez filhos, todos acusados de estarem a preparar uma armadilha para matar o governador e tirar Cabo Verde à força das mãos do colonialismo português». Ainda falando em primeira pessoa, Toco recorda que o padre Arlindo foi obrigado a prestar esclarecimentos no Tribunal. E que terá sido ali que o advogado Vieira Lopes, defensor de Toco, se dirigiu ao padre português, com muitos anos de Cabo Verde, nos seguintes termos: «Sr. Vigário, se a lei me permitisse chamava-lhe de grande vigarista». Toco afirma que a história está mal contada quando se diz que ele foi à «casa de *nhô* padre propositadamente para o esbofetear». Nada mais falso, contemporiza este homem que esteve preso no Campo de Concentração do Tarrafal: «Eu fui aconselhar o padre a estar calado» mas, ao ser chamado de mentiroso, acabei por agredi-lo. E para não restarem dúvidas Toco aponta várias testemunhas: a cena aconteceu na presença de mais dois padres, José Vaz e Alberto, e de quatro cidadãos comuns» (<http://novidatv.com/archives/4235>. 08/10/2014 22:40).

imigrantes dos USA a angariar meios para construir o centro paroquial, uma obra moderna como não havia outra, ou o Padre Nogueira que agiu sob comando do Bispo mas que foi o verdadeiro construtor do Seminário Diocesano...Os missionários, porém, não procuram outros monumentos que os humanos: fazendo deles filhos de Deus, fazem deles monumentos eternos...!

3.3.3. O(s) resultado(s) conseguido(s): a inculturação dos missionários

Os Missionários da Congregação do Espírito Santo, nesta segunda fase, continuaram o trabalho começado pelos anteriores nas ilhas de Santiago e Maio, na renovação paroquial, no erguer de estruturas materiais, é verdade, mas sobretudo no âmbito da promoção da moral e da vida cristã.

Os missionários já tinham em mente, já era seu propósito, que o trabalho que estavam a realizar visava levar ao seu estado adulto a Igreja de Cabo Verde, de modo a que um dia esta pudesse ter os seus nativos a conduzir a pastoral da sua terra.

Um dos resultados que viram materializar-se foi a passagem da direção da Diocese de Cabo Verde de um bispo estrangeiro para um nacional, fruto da sua missionação. O facto aconteceu em 1975 com a nomeação e sagração do primeiro bispo cabo-verdiano, Dom Paulino Livramento Évora, que foi inteiramente formado, professado e ordenado sacerdote missionário da Congregação do Espírito Santo e já tinha experiência missionária de 6 anos de apostolado em Angola.

Um ano após a nomeação do primeiro bispo cabo-verdiano, a diocese contava já com 4 padres nativos, fruto da formação no seminário de São José, na cidade da Praia, todos formados sob a reitoria de um sacerdote da Congregação, o Padre Nogueira. Assim, progressivamente, as paróquias pastoreadas pelos Espiritanos vão passar a ser dirigidas por sacerdotes nativos, ainda lado a lado com os missionários presentes nas mais retiradas e pobres.

Depois destes anos de apostolado, o resultado é certamente muito positivo. Não porque todos os problemas estejam resolvidos mas, sim, porque as paróquias já dispõem de uma estrutura forte. Quando falamos de estrutura estamos, de certa forma, a aludir ao aspeto geral (social, espiritual, moral, humano). Rejeitada qualquer intenção de propaganda, é de inteira justiça reconhecer que os frutos deste incansável trabalho são atualmente bem visíveis. No respeitante aos frutos audíveis, considerámos os testemunhos de muitas pessoas que hoje ocupam grandes cargos na sociedade de Cabo

Verde e que destacam, com satisfação e gratidão, o quanto devem aos missionários Espiritanos que os apoiaram em diversas circunstâncias e de diversos modos. De entre essas pessoas, umas tiveram apoio dos missionários nas suas paróquias, outras no seminário de São José. Atualmente são essas pessoas que estão a governar o território, dinamizando agora elas mesmas a organização geral do seu próprio país.

Portanto, e em suma, perante tudo isto, como não considerar um sucesso a ação missionária espiritana no âmbito espiritual, civilizador e social?

CAPÍTULO III:

O CONFRONTO DO PROJETO DE LIBERMANN COM A MISSÃO DOS ESPIRITANOS EM CABO VERDE

O Padre Francisco Libermann nas instruções aos missionários sempre se esforçou por orientá-los da melhor forma possível, para que pudessem fazer um apostolado que correspondesse à vontade de Deus. Um aspeto essencial e muito valorizado por ele foi a questão da adaptação ou da inculturação. E aponta como modelo insubstituível dessa adaptação ou inculturação o próprio Verbo Encarnado que se tornou tudo para todos: caminhar na santidade a exemplo do Filho de Deus, eis o que garante bem inculturar.

Os Espiritanos, ao missionarem Cabo Verde, independentemente das condições impostas pelo estado em que estava o território, eram sempre Espiritanos observando o que mandam suas Regras e Constituições. Além do relacionamento comunitário entre os membros, a RVE indica como os missionários devem abordar as novas situações culturais. A maioria das orientações são ainda da autoria de Francisco Libermann, dadas aos missionários há 160 anos atrás. Por isso neste capítulo vamos confrontar as propostas missionárias de Libermann com as práticas missionárias dos Espiritanos em Cabo Verde, ou seja, vamos confirmar, após análise, a correspondência ou não correspondência dos missionários no que diz respeito às diretivas metodológicas libermanianas.

1. As duas pobres e abandonadas Ilhas, espaço da ação missionária espiritana

De antemão, os Espiritanos selecionaram o campo de ação de acordo com o espírito da Congregação inculcado por Libermann à primeira leva de missionários que, 100 anos antes (1845), partira da Europa para a África, pois elegeram os mais pobres e abandonados do Arquipélago, os habitantes das Ilhas de Santiago e Maio, população de

tez mais escura, de tonalidade genuinamente africana. Por isso, selecionaram Santiago e Maio (1941) para seu campo de ação. Foi, pois, por fidelidade ao carisma espiritano, e não por outra motivação qualquer, que a Província Portuguesa da Congregação assumiu o dito compromisso. Como referimos no segundo capítulo, todo o Arquipélago de Cabo Verde passava por circunstâncias de calamidade em vários âmbitos; as populações sofriam o efeito de crises várias mas com diferenciações, porque havia ilhas onde os efeitos dessas crises se sentiam menos do que em outras. As ilhas que os Espiritanos tomaram para evangelizar eram, em todos os sentidos, as mais pobres e abandonadas.

As ilhas de Santiago e Maio eram pobres em tudo, a começar pelas condições materiais de sobrevivência, devido sobretudo à escassez das chuvas, já que a sua subsistência dependia da agricultura: a falta de chuva tinha como consequência uma pobreza generalizada, que retirava às pessoas a fruição de um nível de vida social digno.

A ilha de Santiago tem um comprimento de 54 900 metros e uma largura máxima de 29 000. A nível administrativo, a ilha de Santiago era constituída por onze concelhos: Nossa Senhora da Graça, Santíssimo Nome de Jesus e S. João Baptista, S. Tiago Maior, S. Nicolau Tolentino, Nossa Senhora da Luz, S. Salvador do Mundo, Santa Catarina, S. Lourenço dos Órgãos, S. Miguel Arcanjo, Santo Amaro Abade. Santiago é a maior ilha do arquipélago e, simultaneamente, a mais populosa. O panorama histórico desta ilha, já descrito no segundo capítulo, é diferente do das outras, visto que foi colonizada por uma população de predominância africana²¹⁰ aí chegada em circunstâncias diferentes: os poucos colonos brancos precisavam de mão-de-obra, aceitavam os escravos doentes que passavam por aí a caminho da América, bem como os fugitivos dos navios dos piratas (franceses, ingleses, holandeses e castelhanos) que invadiam os portos, exigindo prepotentemente serem reabastecidos, os quais, por vezes, desciam a terra, onde semeavam o pânico. «A população abandonava a cidade para se refugiar no interior, em lugares escondidos e inacessíveis; os escravos, entretanto, aproveitavam para fugir e se dedicarem à vagabundagem»²¹¹. Devido a tão diferenciadas circunstâncias de entrada da população nestas duas ilhas (as mais próximas uma da outra), e tendo em conta a condição social de dependência dos antigos donos das ilhas bem como os efeitos das secas prolongadas, a situação do povo, mesmo após a abolição da escravatura, era penosa; a administração das ilhas, dependente da política centralizada em Lisboa nesse tempo de difíceis comunicações, não respondia

²¹⁰ Cf. CERRONE – *Cabo Verde*, p. 28.

²¹¹ CERRONE – *Cabo Verde*, p.34.

com rapidez e eficácia à urgência das situações, o que contribuía para agravar ainda mais a vida familiar e social daquela pobre gente. Vamos citar um documento bem marcante revelador da gravidade dessas circunstâncias:

«Em 1864, enquanto que as ilhas de Cabo Verde eram flageladas pela fome, um decreto do Governo Central convidava o Governador de Cabo Verde a enviar “com todos os meios de persuasão possíveis” homens e mulheres esfomeados para S. Tomé. [...] Esta emigração era uma verdadeira escravatura: os trabalhadores cabo-verdianos, na sua maioria analfabetos, empurrados ainda pela fome, assinavam um contrato trienal sem conhecimento das condições. Chegados ao destino, deviam trabalhar com salário mínimo e num clima assassino para os seus corpos. Aqueles que sobreviviam voltavam, desiludidos, para as suas ilhas, com um montante de poupanças irrisório e, muitas vezes, com a saúde abalada»²¹².

Este documento narra o que já em maior ou menor escala vinha acontecendo após a abolição da escravatura um século antes (1858). A emigração para S. Tomé não era exclusiva das duas ilhas de que falamos; S. Nicolau e S. Vicente, e outras ilhas ainda, recorreram a ela para fugir à fome, mas a maioria foi constituída por santiaguenses que se deslocavam em massa para trabalhar no cultivo do café em S. Tomé e Príncipe. Daí acontecer que, de todas as ilhas do arquipélago, a ilha de Santiago tivesse a gente mais atrasada e marginalizada pois, ao regressar, vinha no mesmo estado em que saíra, se não pior...²¹³.

A ilha do Maio é uma ilha relativamente pequena, com uma dimensão geográfica de 269km² e fica a leste da ilha de Santiago, à distância das cinco léguas do canal que medeia²¹⁴. Das dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde foi uma das primeiras a ser descoberta em 1460, e povoada após as ilhas de Santiago e Fogo. Muito cedo foi ocupada pelos pastores (escravos) que, sob as diretrizes dos donatários de Santiago, cuidavam do gado à solta e cultivavam o algodão²¹⁵. A terra não dava mantimentos que garantissem o sustento dos habitantes; estes, por sua vez, transportavam em lanchas as suas mercadorias (algodão, gado e sal) para a ilha de Santiago onde as vendiam, recebendo em troca milho e feijão. Conta-se que, devido à pobreza da ilha e aos constantes ataques dos corsários, as pessoas, que viviam em aldeias dispersas longe

²¹² CERRONE – *Cabo Verde*, p. 41.

²¹³ Cf. COSTA – *Cabo Verde*, p. 17.

²¹⁴ Cf. *NOTÍCIA Corográfica*, p. 28.

²¹⁵ Esta ilha não produzia mais que algodão e pastos para os gados. Nos anos de chuva havia sempre bastantes cabeças de gado, mas nos tempos de seca morriam em grande quantidade. Também esta ilha tem uma salina que, naturalmente, produz sal. Por isso, durante um longo período de tempo, o povo dessa ilha na sua maioria ocupava-se no trabalho da extração do sal, e os navios ingleses vinham com uma certa regularidade comprar sal. Infelizmente, por causa de uma questão diplomática com os Administradores da Companhia, os ingleses deixaram de comprar o sal aqui, causando assim um grande prejuízo aos habitantes da ilha que era muito pobre.

umas das outras, abandonaram as suas aldeias para viverem todos no mesmo local, com o objetivo de juntar forças contra os salteadores. Isto provocou a diminuição considerável de habitantes num determinado período de tempo (1718). Mas em 1969 registou-se um aumento considerável da sua população (3635 habitantes). A ilha é constituída pelas seguintes zonas ou comunidades: Cidade do Porto Inglês (Nossa Senhora da Luz), Morro (Nossa Senhora de Fátima), Calheta (São José e Sagrado Coração de Jesus), Morrinho (Santana e São Joaquim), Cascabulho (Nossa Senhora do Socorro; Reis), Santo António e Praia Gonzalo (Santo António), Pedro Vaz (São Pedro), Alcatraz e Pilão Cão (Nossa Senhora do Rosário), Ribeira D. João (São João), Figueira (Cristo Rei), Barreiro (Sagrada Família).

A população da ilha do Maio proveio, quase na sua totalidade, da ilha de Santiago: os habitantes da ilha do Maio, anteriormente, viviam na ilha de Santiago. Por isso os habitantes das duas ilhas podem ser considerados como irmãos, unidos como são por laços históricos comuns. Contudo, a situação económico-social das pessoas dessa ilha era ainda mais lamentável que a das de Santiago, devido às circunstâncias já apontadas.

Os missionários do Espírito Santo foram para Cabo Verde a pedido do Bispo D. Faustino Moreira dos Santos, que fora missionário do Espírito Santo em Cabinda, depois Prefeito Apostólico, e agora Bispo de Cabo Verde nomeado pela Santa Sé. Para a sua tomada de posse já seguiram dois Espiritanos destinados logo às ilhas de Santiago e Maio, por serem as mais carecidas de evangelização e, como vimos, também as mais pobres. A Igreja local estava em decadência, precisava de uma reforma urgente... e o Acordo Missionário abrangia também Cabo Verde. À luz desse acordo, os Espiritanos reconheceram que este era um espaço dentro dos fins da Congregação que tem como carisma, a evangelização dos mais abandonados e a promoção do seu desenvolvimento humano integral. O carisma espiritano adequava-se, pois, à situação concreta daquelas ilhas. A ação dos missionários Espiritanos naquelas ilhas não era mais que uma resposta à vocação missionária que Libermann inculcara aos seus filhos. Esse carisma consistia em ir em socorro das almas pobres e abandonadas dos povos dos países do terceiro mundo, recentemente saídos da escravatura, principalmente com o objetivo de as encaminhar para Cristo.

Foram enviados missionários para Cabo Verde, num primeiro momento, em número muito reduzido e, portanto, insuficiente para tanto trabalho em favor das

peças. Foram enviados sob o rigorismo da obediência, que era próprio da época (obediência sem diálogo prévio); não obstante, aceitaram a incumbência movidos pelo zelo missionário que a todos animava – todos traziam um profundo desejo de estar ao lado dos mais pobres, oprimidos e abandonados. Cabo Verde tinha fama de ser um país com muitas dificuldades a vários níveis e, como no passado fora terra dos degredados, havia um certo preconceito para com as pessoas que eram enviadas para lá: eram consideradas como sendo indesejáveis na metrópole e, como forma de se libertarem delas, encaminhavam-nas para as ilhas²¹⁶. Este posicionamento preconceituoso não se aplicava aos missionários que eram pessoas prontas e disponíveis a partir para onde eram enviadas. Com base nas fontes a que tivemos acesso (principalmente cartas dos próprios missionários em Cabo Verde), verificamos que eles tinham sentimentos de satisfação e andavam animados durante o apostolado e, embora alguns falassem ou relatassem demoradamente as situações difíceis que experimentavam no quotidiano, nada nos deu a perceber que andassem frustrados. Assim como Libermann formava aqueles que, impelidos pelo Espírito, todos os dias batiam à porta do noviciado, com o desejo de serem missionários, também a Congregação continuou a formar os candidatos, fazendo deles homens generosos, humildes e santos, porque só assim é que podiam ser verdadeiros instrumentos nas mãos de Deus e dóceis cooperantes na obra de salvação.

Os missionários que partiram para Cabo Verde eram padres bem formados que, na sua simplicidade e generosidade, se deram a Deus para serviço e bem do abandonado povo cabo-verdiano.

Os missionários sentiam entusiasmo em partir, não porque fossem insensíveis ao trabalho e pobreza ou porque gostassem de ter um posto importante, mas porque descobriram a riqueza espiritual de estar ao serviço dos mais necessitados e dos mais abandonados. As duas ilhas estavam na lista dos que Libermann considerava como sendo os mais abandonados, os que precisavam da presença permanente de missionários até ao dia em que a Igreja local adquirisse a capacidade de ser evangelizadora dela própria e, independente, se tornasse responsável pela cristianização do seu povo através de sacerdotes nativos.

²¹⁶ Não se pode generalizar esse facto, porque na verdade, nem todos os que chegavam a Cabo Verde eram gente inculta ou criminosos; Cabo Verde recebeu ao longo dos séculos pessoas dotadas que puseram os seus talentos a render em benefício do povo cabo-verdiano. Mas, em geral, os que eram enviadas para lá, muitas vezes não iam de boa vontade porque, pelo facto de terem tido a sorte ou a infelicidade de irem viver no Arquipélago, eram vítimas de preconceitos por parte dos próprios metropolitanos.

O envio de missionários para as ilhas de Cabo Verde demonstrou a correspondência da Congregação às diretivas de Libermann; por seu turno, este grupo enviado a Cabo Verde, deixando as suas comodidades e dirigindo-se para um espaço de missão pobre, onde a Igreja local estava em decadência, trazia consigo o desejo ardente do serviço, prova evidente de que a formação missionária dava fiel continuidade ao espírito do fundador²¹⁷.

2. Apoios e eventos em favor da ação missionária

Um dos instrumentos básicos que serviu de sustento e apoio à ação missionária dos Espiritanos em Cabo Verde foi a Regra e Constituições da própria Congregação. Nelas se encontram as orientações de princípio que, ao longo dos tempos, adquiriram concretização, e também adaptações e correções a quando dos Capítulos Gerais. Os candidatos a missionários Espiritanos após um tempo adequado à sua boa formação, professavam, como ainda hoje acontece, dispendo-se a servir a Deus e a Igreja de acordo com suas Regras e Constituições. Além das Regras há muitos escritos espirituais de Libermann que os candidatos leem e assimilam durante o ano de Noviciado que precede a profissão na Congregação. Entre esses escritos, há uma carta dirigida por Libermann aos missionários de então que serve de orientação aos missionários de todos os tempos, independentemente da sua nacionalidade e raça:

«Não julgueis à primeira vista; não julgueis segundo o que tiverdes visto na Europa, segundo aquilo a que estáveis habituados na Europa, despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; fazei-vos negros com os negros, e julgá-los-eis como devem ser julgados; fazei-vos negros com os negros para os formar como eles devem ser formados, não à maneira da Europa, deixai-lhes antes o que lhes é próprio; sede para eles como os servos devem ser para os seus mestres, nos usos, maneiras e hábitos, e isso para os aperfeiçoar, os santificar, os levantar da sua baixez e fazer deles, a pouco e pouco, com o tempo, um povo de Deus. É o que São Paulo chama, fazer-se tudo para todos, a fim de ganhar todos para Jesus Cristo»²¹⁸.

Estas palavras adaptavam-se muito bem à realidade missionária do tempo em que foram escritas, e não deixam de ser orientadoras para a das idades seguintes. Os missionários de Cabo Verde estavam imbuídos deste espírito, aliás expresso em muitos

²¹⁷ Destacamos a disponibilidade e o desprendimento como sendo qualidades libermanianas intrínsecas aos missionários, porque aceitar o desafio de partir para a realidade desolada de Cabo Verde da época, era sinal ou reflexo de que os missionários não se importavam com as grandezas deste mundo, mas com ganhar as almas para Deus. Mas só isso não chega. Entretanto, vamos procurar vasculhar os inúmeros testemunhos sobre as suas atividades para, mais adiante e com mais provas, podermos ter argumentos que sustentem as nossas posições a respeito da resposta dada pelos missionários ao projeto de Libermann.

²¹⁸ ND, vol. 9, p. 330-331.

outros escritos, sobretudo no rico epistolário dirigido aos missionários daquele tempo. Estes textos podem ser considerados como sendo tesouros que Libermann ofereceu à Congregação do Espírito Santo como forma de perpetuar a formação de bons missionários, disponíveis, desprendidos, santos e cheios de zelo pela evangelização dos mais abandonados. A Igreja de Cabo Verde, naquela fase decadente em que se encontrava, precisava de missionários capazes e cheios de qualidades apostólicas, porque só assim é que se conseguiria erguer a fé cristã nas pessoas do Arquipélago. Portanto, quem vinha formado segundo as orientações missionárias de Libermann estava destinado ao sucesso no seu apostolado, tendo em conta que as orientações libermanianas estavam de acordo com as normas eclesiásticas.

Um outro documento orientador é a Encíclica *In Saeculo Exeunte Octavo*, publicada por Pio XII em 1940:

«[...] O missionário deve ser um homem de Deus, não só pela vocação mas também pela doação completa e perpétua de si mesmo [...] é necessário que seja homem de Deus que prega Deus, que odeia o pecado e ensina a odiá-lo. [...] é necessário que o futuro missionário receba uma educação completa, quer seja científica quer pastoral afim de que possa verdadeiramente ser um “sapiente arquiteto” (1Cor 3,10) do reino de Deus»²¹⁹.

Esta Encíclica é rica pelas orientações missionárias que encerra. É uma Encíclica cheia de doutrina e exortações, afinal semelhantes ou iguais às já antes usadas por Libermann nas suas cartas aos missionários e nos seus escritos espirituais. Para um verdadeiro missionário espirital, aquela exortação do Papa seria repetição, pois ia ao encontro da herança de Libermann; porém, não deixava de ser útil, antes constituía para eles uma confirmação e fortificação no modo de exercer a missão.

Tal como o Papa Pio XII, também Libermann pedia aos missionários que fossem, primeiro que tudo, santos, ou seja, homens de Deus. Esta qualidade devia ser intrínseca a todos os missionários. Por isso, os missionários deviam sentir-se na responsabilidade de serem verdadeiros homens de Deus e consagrados a Cristo em busca das pobres almas que anseiam pelo resgate ou que desconhecem a possibilidade de serem resgatadas.

Vejamos um outro instrumento. No mesmo ano da aceitação missionária de Cabo Verde por parte da Congregação, deu-se, a pedido da Propagação da Fé, um acontecimento muito importante, e benéfico para a atividade missionária espirital nas

²¹⁹ http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_13061940_saeculo-exeunte-octavo_po.html. 20/10/2014 17:30. Encíclica de Pio XII dirigida ao patriarca de Lisboa, aos arcebispos e bispos de Portugal, datada de 13 de Junho de 1940.

colônias portuguesas. Trata-se da Concordata e do Acordo Missionário entre a Santa Sé e o Governo português, datado de 07 de Maio de 1940. Os padres da missão espirítana de Cabo Verde, que eram quase todos da Província Portuguesa (em todo o tempo só houve três suíços, efetivos dois), podiam agora beneficiar de condições favoráveis para o desempenho das suas atividades apostólicas. A Concordata tinha cedências de parte a parte, dava por um lado facilidade aos missionários enviados pela Propagação da Fé, mas por outro lado impunha-lhes exigências. Até essa Concordata, o Governo Português impedia a Propagação da Fé de enviar missionários porque esse direito, dado pela mesma Santa Sé, lhe pertencia: era o direito de Padroado; agora Portugal cedia esse direito à Propagação da Fé dentro de certas condições, uma das quais era que os missionários estrangeiros não podiam usar suas línguas, mas tinham de aprender o português.

O apoio que o Governo garantia aos missionários, por um lado podia ser vantajoso e por outro podia não ajudar os missionários a responder com verdade à sua missão de anunciar e, principalmente, de denunciar as injustiças que eventualmente podiam ser cometidas por alguns funcionários do Governo. Quanto ao modo como procederam os missionários em relação ao Acordo Missionário, retomaremos o tema mais adiante no decorrer deste nosso trabalho.

Outro instrumento que também não deixamos de apontar foi, entre 1962 e 1965, a realização do Concílio Vaticano II, que elaborou um Decreto específico para a missão *Ad Gentes*.

Constatamos mais uma vez existir um certo paralelismo entre esse Decreto e as orientações missionárias de Libermann, tanto nos aspetos teológicos como na parte pastoral. Esse Decreto foi mais um reforço documental para os missionários estarem seguros de que palmilhavam o caminho na direção certa.

Os missionários podiam queixar-se da falta de quase tudo para realizar a sua missão, mas não da falta de orientações missionárias, que existiam em abundância vindas de diversas fontes, mas todas essencialmente concordantes com o projeto de Libermann de evangelizar a África. Os missionários enviados a Cabo Verde estavam totalmente imbuídos de zelo pela salvação das almas: não obstante as demais dificuldades lançaram-se ao trabalho sempre em nome do Senhor da Missão, o Verbo Feito Carne, agora em Pentecostes do Espírito Santo.

3. Os missionários penetrados pelo espírito libermaniano

Com base na doutrina missionária de Libermann, um missionário, para salvar ou socorrer as almas, devia ser santo, ou seja, devia identificar-se com Cristo bom Pastor. A via descendente, a humildade, a pobreza, o rebaixamento são atitudes de um verdadeiro missionário. Estas atitudes podiam ser consideradas como sinais de fracasso aos olhos dos homens, mas não aos olhos de Deus, pois Ele exalta os humildes. Libermann dizia a um missionário que o povo africano não precisava das habilidades dos missionários doutos ou capazes nem se converteria por causa delas mas sim pela graça do Espírito, pela sua santidade e sacrifício oferecidos pela salvação do povo²²⁰.

Os missionários Espiritanos em Cabo Verde, desde o ano de 1941, imbuídos pelo espírito missionário, firmes na fé e cheios de humildade perante as dificuldades, foram testemunhando uma vida de santidade, rigorosos com eles próprios e com os paroquianos em alguns aspetos²²¹.

A reevangelização de Cabo Verde requeria missionários que fossem homens zelosos, santos, humildes, firmes, homens com todas aquelas qualidades que Libermann exigia aos seus missionários, porque o povo precisava de compreender que era amado por Deus, embora sujeito à miséria espiritual e material. Esses missionários repletos de espírito apostólico eram chamados a ser testemunhas e sinais de esperança no meio daquele povo padecente. Só aquele que sentisse ou experimentasse a libertação é que estaria em condições de libertar os mais pobres e abandonados da precariedade em que se encontravam.

Nas Regras e Constituições da Congregação estava bem delineada uma proposta para o processo formativo dos candidatos com desejo de ser missionários. Os candidatos eram formados e orientados para missões onde a Igreja dificilmente encontra obreiros, onde há pessoas pobres, oprimidas e sem liberdade. Os filhos de Libermann (da Congregação do Espírito Santo) tinham por desafio, nas ilhas do arquipélago, o pôr em prática estas Regras e Constituições pelas quais foi moldada a sua alma missionária.

Os missionários, conscientes da sua missão, sabiam qual era o carisma que os identificava como Espiritanos; quando partiam tinham plena consciência de que a sua missão era evangelizar os pobres e tratá-los com o mesmo amor e santidade que o Filho

²²⁰ Cf. *ND*, vol. 13, p. 143.

²²¹ Cf. MIRANDA – *Padre Louiz Allaz*, p. 35.

de Deus trouxe à Terra para a salvação e santificação das almas²²². Deviam ser advogados, sustentáculo e defensores dos fracos e pequenos contra todos aqueles que os oprimem, ou seja, ser vozes dos sem voz.

3.1. A dinâmica libermaniana nos missionários

Os missionários Espiritanos que trabalharam nas duas ilhas de Cabo Verde eram portugueses e suíços. As nacionalidades diferentes não foram um problema para o seu apostolado; foram uma riqueza e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de crescimento. Com base nos testemunhos a que tivemos acesso, torna-se claro que havia solidariedade entre os confrades e, ao mesmo tempo, solidariedade para com as pessoas, principalmente com as que sofriam mais dificuldades. Como forma de respeitar as Regras, teve-se o cuidado de evitar o isolamento dos missionários. Mas, na primeira fase da evangelização, por causa da falta de missionários na maioria das paróquias, alguns residiam sozinhos. Na segunda fase, com um ligeiro aumento de missionários, quase todas as residências passaram a ter mais de um missionário por casa. As condições foram melhorando ao longo dos anos, porque, já desde o início da sua atividade, o Bispo D. Faustino, numa carta à Congregação do Espírito Santo, num conjunto de oito artigos, definia orientações que visavam facultar aos missionários do Espírito Santo condições para a observação das suas Regras e Constituições. Num dos artigos prometeu respeitar a vida autónoma dos missionários, segundo as suas Regras e Constituições²²³. Isto seria uma das condições favoráveis à ação apostólica dos missionários em Cabo Verde, porque tinham a aceitação do Bispo diocesano.

Por intermédio de uma carta do Padre Francisco Alves de Rego (primeiro superior do Distrito religioso em Cabo Verde, oficialmente constituído) constatamos um empenho dos missionários em organizar-se como religiosos, para melhor poderem responder às necessidades das paróquias. Segundo as suas Regras, a maioria deles viviam em comunidade e eram submissos aos superiores (distrital e de comunidade). No apostolado havia uma colaboração mútua entre os missionários, ou seja, uma interajuda na pastoral, onde cada um contribuía consoante o seu dom (organização de grandes

²²² Cf. *ND*, vol. 10, p. 505.

²²³ Cf. ADECV. Carta do Bispo D. Faustino Moreira dos Santos à Província Portuguesa, Praia, 15/12/1946; [Disponível no Arquivo do Distrito Espiritano de Cabo Verde, Praia, Cabo Verde], [doc. não catalogado].

eventos, preparação das festas...). A presença dos missionários em várias paróquias foi frutífera, porque cada um dava aquilo que de mais valioso tinha em si.

Houve diversas circunstâncias em que demonstraram a caridade que tinham uns para com os outros. Quando um confrade estava doente, o outro confrade prestava-lhe assistência. Quando se tratava de doenças mais graves, tomavam a decisão de mandar o confrade à metrópole para tratamento. Quando um confrade chegava da metrópole ou do estrangeiro pela primeira vez, era bem acolhido pelos confrades e também pelo povo, permitindo ao confrade recém-chegado uma integração rápida e o sentir-se à vontade²²⁴.

Nem sempre tudo é maravilha como se idealizara, pois cada um tem sempre a sua personalidade, o seu carácter, o seu temperamento. Se havia desentendimentos entre eles, procuravam um meio adequado para a resolução dos mesmos sem ferir nenhum confrade e de forma a evitar escândalos ou tornarem-se contratestemunho perante o povo.

Em certa medida, tendo em conta a realidade da época, podemos até considerar que pairava entre eles um espírito de fraternidade e que, ao modo dos cristãos da Igreja primitiva, tinham um só coração e uma só alma. Com isso, não estamos a dizer que tudo era maravilha, ou que todos os missionários foram santos, mas sim que, de modo geral, os missionários foram exemplares, trabalhadores dedicados que deixaram marcas de santidade, de despojamento total em prol da construção de uma Igreja local que tinham encontrado em decadência. Os bons testemunhos superam, ultrapassam de longe, as pequenas debilidades e sombras que eventualmente poderão ter existido.

Os missionários Espiritanos trabalharam sem fazer propaganda da Congregação do Espírito Santo a que pertenciam. Aos missionários foram-lhes entregues as Ilhas de Santiago e Maio e, para essas ilhas, segundo um contrato com o Bispo em 1946²²⁵, só eles é que podiam ser nomeados párocos ou vigários cooperadores de todas as freguesias; discretamente, porém, e sem propaganda, continuaram as suas atividades: estruturação das comunidades cristãs, formação de um laicado comprometido e responsável; lançamento do processo de formação do clero nativo; criação de obras sociais e educativas. Essas atividades são intrínsecas ao carisma espiritano. O sucesso

²²⁴ Testemunho do Padre Veríssimo Teles in RODRIGUES, – *Padre João Eduardo Moniz 1928-1989*, p. 53.

²²⁵ Cf. ADECV. Carta do Bispo D. Faustino Moreira dos Santos à Província Portuguesa, Praia, 15/12/1946; [Disponível no Arquivo do Distrito Espiritano de Cabo Verde, Praia, Cabo Verde], [doc. não catalogado].

para alcançar o objetivo implicava o testemunho de uma vida santa, uma vida toda ela oferecida para o bem das pessoas e para o desenvolvimento sócio-eclesial.

A Igreja Católica é rica por causa da multiplicidade de carismas, frutos da ação do Espírito Santo. Do mesmo modo, a Igreja local em Cabo Verde foi adquirindo um rosto cristão pelo dom que o Espírito Santo derramava mediante a pessoa do missionário. Daí que cada paróquia tinha o seu dinamismo, ou seja, cada pároco usava um determinado método ou estratégia na missionação. E, como realçamos anteriormente, os missionários partilhavam entre si ideias pastorais, acabavam em geral por adotar os mesmos métodos na dinamização das paróquias²²⁶.

3.2. Ser libermaniano é ser missionário

O “ser libermaniano” em Cabo Verde naquela fase, durante a época da colonização, estava de acordo com o espírito da Congregação. O Padre Libermann é considerado um dos mais esclarecidos mestres da missão, porque, quando se sentiu chamado a colaborar na obra de salvação (dos infelizes, dos pobres e abandonados), pelo discernimento descobriu a vontade de Deus e prosseguiu sem reservas com o projeto a ele confiado, projeto esse que tinha as suas bases no Evangelho. Para ele, o partir e o fazer-se pobre com os pobres devia constituir a essência do espírito missionário. A Congregação, no meio da universalidade e diversidade (pobres, ricos, grandes e pequenos), tinha como desafio responder às situações precisas, de preferência nos países pobres e com mais dificuldades. O continente africano e as colónias francesas no tempo de Libermann eram as prioridades, pois eram lugares onde as pessoas negras e mestiças eram postas à margem da sociedade e da Igreja, por isso ignoravam a mensagem do Evangelho. O trabalho apostólico nesses lugares implicava sofrimentos. Perante esta situação pouco agradável, Libermann exorta os seus missionários ao seguinte: «Tudo são dificuldades, mas se nos deixamos desanimar por causa dos

²²⁶ Hoje não é difícil constatar através das características de cada paróquia e perceber em que medida foi útil a partilha das ideias pastorais e as respetivas semelhanças ou dissemelhanças entre as paróquias. Por exemplo, a Legião de Maria começou com o Padre Louiz Allaz em Santa Catarina a 8 de dezembro de 1953 com o *Praesidium* de Nossa Senhora de Fátima, e a Ação Católica fundada pelo padre Arlindo Amaro em São Lourenço dos Órgãos. Entretanto as outras paróquias consoante as afinidades que iam tendo com os dois movimentos foram aderindo, cada uma acolheu os grupos de que os párocos acharam por bem.

obstáculos, não valia a pena começar a nossa obra [...] Não posso abandonar tantos povos desditosos que Deus, assim o penso, confiou ao meu cuidado»²²⁷.

Cabo Verde, no final do século XIX e início do século XX, também foi considerado como sendo uma das prioridades missionárias. Os missionários que partiram para lá mostraram-se capazes de dar a sua entusiástica colaboração, muitas vezes sem poupar a saúde. Os primeiros que chegaram fizeram trabalhos extraordinários, considerados heroicos, na ação evangelizadora, porque sofreram por amor, deram as suas vidas em favor dos desprezados. A maioria dos primeiros missionários faleceu pouco depois, não fizeram longo apostolado, mas os frutos são testemunhas de que alguém semeou algo; e esse alguém continua eternamente presente, porque participou e colaborou segundo as suas forças na sementeira do Evangelho naquelas ilhas. Ser missionário é amar até ao fim, como o próprio Cristo: «[...] quem perder a sua vida por mim e pelo Evangelho, salvá-la-á» (Mc 8, 35). Imbuídos pelo espírito missionário do Cofundador da Congregação, Padre Francisco Libermann, os missionários tentaram agir segundo as orientações que colheram dos muitos artigos que escreveu, dos temas que desenvolveu, das passagens bíblicas que comentou, sempre com o intuito de fortificar o entusiasmo dos missionários antes e durante a missão. Em Cabo Verde os missionários não se deixaram abater ou desanimar pelas dificuldades: tinham assimilado bem as doutrinas libermanianas sobre o cultivo da esperança nos momentos difíceis. Os filhos não ignoravam as orientações do pai. Esse pai era Libermann, que sempre tinha uma palavra para os seus missionários, tal como: «Recomendo-vos que não caminheis pelo caminho do temor, mas sim pelo caminho do sacrifício, da doçura e da humildade. É um caminho de amor, de amor puro»²²⁸. Por isso, os missionários em Cabo Verde perante as dificuldades souberam agir com paciência, confiaram em Deus e sempre esperaram uma primavera que não deveria tardar. Ser libermaniano era ser autêntico missionário. Libermann era um autêntico inspirador e conselheiro dos missionários. Os libermanianos seriam excelentes missionários porque tinham as qualidades fundamentais de um missionário: a constância, a paciência, a esperança, a calma, a humildade, a caridade, a longanimidade, a oração, a doçura, o amor puro ao serviço dos pequenos e desprezados por serem vítimas de preconceito...

²²⁷ ND, vol. 6, p. 313.

²²⁸ ND, vol. 7, p. 200.

Portanto, os missionários, orientados pelas instruções de Libermann, não só tiveram sucesso no trabalho pastoral e nas suas outras lutas, como também, graças à dedicação, à humildade e à entrega total das suas vidas, ficaram para sempre no coração das pessoas e deixaram impressas marcas preciosas de todo o trabalho realizado em benefício da Igreja local e de toda a sociedade cabo-verdiana.

Aqueles missionários que, por fragilidade, se deixaram influenciar pelo encanto do poder dos grandes aos olhos dos homens (Governo) e que por um motivo ou outro foram mais agentes do regime colonial (caso de alguns com atitude conservador nacionalista) assim foram suspeitados pelo povo²²⁹.

3.3. As orientações sobre a presença espiritana nas colónias

Os missionários não deviam confundir a evangelização com a colonização, porque o objetivo principal da colonização era de ordem temporal nacionalista. O missionário não devia ser pioneiro da colonização, mas sim embaixador de Cristo, ou seja, não devia ser tratado como empregado ou funcionário dos políticos, mas antes como enviado pela Igreja e consagrado para a difusão do Evangelho. Libermann dizia a um missionário de Dakar que devia procurar adequada forma de garantir o bom relacionamento com as autoridades, fazendo-lhes favores que não pusessem em causa a justiça evangélica ou a propagação da fé. A atitude do missionário devia ser diferente do comportamento de um funcionário, porque comandada segundo a moral cristã²³⁰. Libermann achava que o missionário durante o apostolado devia ser ligado ao seu rebanho a ponto de “renunciar” à sua nacionalidade original para adotar a do povo a evangelizar (ser africano com os africanos).

A Congregação dos missionários do Espírito Santo em Portugal, com a Concordata de 1940, firmou compromissos com o Estado, que tinha de satisfazer (era um estatuto jurídico que comprometia as partes), mas o acordo em nada ofendia a missão. Os missionários sabiam quais eram as suas obrigações e deveres enquanto Espiritanos em missão, nos lugares pobres e abandonados. Em colaboração com os

²²⁹ Com base na nossa investigação, constatamos que houve missionários que não se preocuparam com os interesses pessoais ou externos, mas experimentaram o sofrimento daquele povo ao ponto de serem seus defensores. Aconteceu, por exemplo, casos em que os missionários tiveram de chamar a atenção de membros do Governo por causa das eventuais negligências e indiferenças para com a situação carente do povo. Isto tudo em favor da justiça e da paz. Houve também alguns missionários em que o respeito exagerado pelas autoridades os bloqueava nas reações críticas que deviam ter em favor do povo, mas isto não os impediu de exercer um bom apostolado, embora condicionados, algumas vezes.

²³⁰ Cf. *ND*, vol. 9, p. 240.

membros do Governo colonial, deviam trabalhar no sentido de garantir melhores condições de vida ao povo das colónias, tendo como base de orientação o Evangelho. O Governo colonial tinha um grande respeito e consideração pelas ações dos missionários nas colónias. Por isso, o Subsecretário de Estado das Colónias, Francisco Caeiro, escreveu o seguinte, acerca dos missionários:

«Os missionários, com um sopro de Deus, eles transformam simples coisas vivas, ou pouco mais, almas bárbaras, em conscientes seres humanos, crentes e cidadãos. Eles reúnem, no exercício da sua função preciosa, a bondade do pastor ou do amigo, o entusiasmo do apóstolo, o amor e a persistência do mestre, a dedicação abnegada do médico ou do sábio, o sonho ou a paixão do artista e o sublime sacrifício do santo, abrasados pelo mais alto ideal humano: cristianizar, humanizar, civilizar! Desdobram-se em frutos imortais, desgastam-se e consomem-se, como que se eterizam, deixando atrás de si um maravilhoso raio de luz. Mais belo do que o guerreiro, que subjuga pela força ou pelo medo, ou há-de eliminar toda a vida rebelde, dominam sem armas nem derramam sangue, persuadindo, inspirando as almas, que livremente se fazem servas de Deus e logo vassalas do Estado imperador. Abençoados obreiros de que a Pátria bem precisa para os gloriosos destinos do Império que o génio português construiu!»²³¹.

Este testemunho pode servir-nos para uma visão geral daquilo que se pensava sobre a presença e ação missionária dos Espiritanos, particularmente em Cabo Verde. As orientações do Padre Libermann estão representadas em parte neste testemunho (cristianizar, humanizar, civilizar).

Na parte final do texto, confirma-se o que já tínhamos sublinhado sobre as intenções nacionalistas de certos elementos do Governo colonial. Daí que houve casos de missionários levados pelo mesmo ideal, achando que os cabo-verdianos deviam ignorar aquilo que lhes era próprio e adotar as práticas, atitudes e usos portugueses. As palavras do agente geral das colónias, Júlio Cayola, vêm confirmar um pouco aquilo que acabamos de realçar, com o seguinte: «Em todas as partes do Império a ação missionária tomou sempre o carácter de uma empresa de audaciosa penetração. [...] Iluminando com o catecismo a alma gentia, civilizando-a. Assim, as populações catequizadas se tornam portuguesas, cristãs e úteis»²³². Este pensamento não é libermaniano, pois, Libermann não pretendia que os evangelizados fossem instruídos com o fim de serem europeus mas sim cristãos. O missionário é chamado a inculturar-se e, por meio da cultura indígena, deve fazer passar o Evangelho sem sentimentos nacionalistas.

²³¹ CAEIRO, Francisco – O que dos missionários se pensa no ministério das colónias. *Acção Missionária*. Lisboa. 25/11/1940, 2: 13 (1941) 4.

²³² CAYOLA, Júlio – O que dos missionários se pensa no ministério das colónias. *Acção Missionária*. Lisboa. 25/11/1940, 2: 13 (1941) 5.

Em geral, os missionários também tinham um grande respeito pelos governantes coloniais. Mas infelizmente ambas as partes não tinham as mesmas intenções ou finalidades e isso podia causar algumas tensões e instabilidade entre elas. Como já dizia Libermann, no comentário ao 10º capítulo do Evangelho de São João, o bom pastor, ao contrário do mercenário ou ladrão, dá a vida pelas suas ovelhas²³³. Os missionários em Cabo Verde esforçaram-se e tentaram ser bons pastores. Os missionários eram na sua maioria, homens desprendidos, com verdadeiro espírito de servir os mais necessitados e fragilizados. O interesse próprio não estava na intenção desses que, abandonando o bem-estar nos seus países, aceitavam estar num país quase deserto e sem condições para uma sobrevivência sadia²³⁴.

Os chefes das colónias não trabalhavam com o mesmo objetivo e sonho dos missionários. Muitas vezes houve negligência por parte do Governo em resolver os problemas concretos das pessoas nas colónias. Os missionários podiam chamar a atenção aos membros do Governo, mas é possível que nem todos tivessem a coragem de denunciar as situações menos agradáveis, acabando por pecar por omissão. Um confrade testemunhava a coragem de um confrade perante o administrador, com o seguinte:

«Foi a Santa Catarina, falou com o administrador: - que a maior necessidade de São João Baptista, é uma escola. Resposta da autoridade – que não, não há recursos, a terra é pobre! Pois se não há recursos, que se procurem, aliás, se não houver escola, daqui a algum tempo, nem o Senhor Administrador mesmo escudado por guardas, lá poderá entrar. [...] Lá se ergueu a escola. No Palácio do Governador a suplicar, a pedir, a exigir justiça para com os “coitados”. – “Senhor Padre Moniz, isto foi sempre assim e assim há-de ser”. – “Então, Senhor Governador, façamos as malas e [...]»²³⁵.

Assim como este, também houve outros missionários que conhecendo os interesses dos governantes não se deixaram levar pelas injustiças e insensibilidades dos mesmos e de algum modo obrigaram o Governo a tomar certas medidas em socorro dos padecentes²³⁶. Isto deixa-nos a impressão de que a presença missionária foi tendo influência no campo administrativo do Governo, fazendo com que todos os impedimentos ao progresso e à civilização fossem erradicados. Portanto, os missionários serviam de intermediários entre o povo, sem voz nem vez, e o Governo.

²³³ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 110.

²³⁴ É provável que de entre os missionários, alguns preocupassem mais com os interesses do Governo colonial, mas, pelo facto da falta de provas, deixaremos esse assunto em aberto.

²³⁵ Testemunho do Padre Custódio Campos, in RODRIGUES – *Padre João Eduardo Moniz 1928-1989*, p. 51-52.

²³⁶ Cf. MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 38.

As repetidas falhas do Governo no sector administrativo da colónia ocasionou o descontentamento por parte de alguns nativos letrados, que discordavam do regime colonial e que, entretanto, apresentaram as suas propostas para a obtenção de uma futura independência. Podemos interrogar-nos sobre qual foi a atitude e a posição dos missionários face às negligências do Governo. A administração colonial da época podia causar temor, pois quem manifestasse ideias ou opinasse contra ela era levado preso para o campo de concentração ou exilado. Daí que os missionários tentassem agir com prudência mas, mesmo assim, não escaparam às críticas. Entretanto, durante o período conturbado de guerra colonial, houve rumores de que alguns missionários, às vezes, indiretamente, eram usados pelo Governo como meio e fonte de informações sobre os opositores clandestinos²³⁷. Sem querer generalizar, por não termos tido acesso às fontes que pudessem confirmar esse facto, é possível que tenha havido algum missionário que inocentemente tenha fornecido algumas informações aos da administração colonial²³⁸.

3.4. Dádiva da própria vida para salvar

Cabo Verde era um país onde as crises tinham deixado de ser novidade, porque eram constantes. Essas crises provinham de fatores: económicos, sociais, políticos, culturais e religiosos. O elevado número de analfabetos, a falta de recursos, muita gente a viver em situações precárias, o relativismo religioso, eis as especificidades da realidade cabo-verdiana encontrada pelos primeiros Espiritanos. Através da correspondência com amigos e confrades da metrópole, conseguimos avaliar quão grande foi o choque que o estado de abandono desse país provocou aos missionários recém-chegados. O susto limitou-se apenas ao primeiro contacto com a realidade, porque, de seguida, o susto transformou-se em dinamismo apostólico que, progressivamente, foi respondendo às necessidades gerais.

Testemunhos vários sublinham que todos esses missionários eram homens com excelentes qualidades humanas e espirituais. Os primeiros a chegar tiveram de enfrentar duras dificuldades a ponto de a maioria ter de regressar por causa da falta de saúde. No

²³⁷ Cf. <http://nobidadetv.com/archives/4235>. 08/10/2014 22:40.

²³⁸ Como temos vindo a mostrar, o Acordo Missionário, em certa medida, condicionava as ações dos missionários. Os missionários, conforme alguns artigos do Acordo, deviam ser reconhecidos pelo Governo e em rigor deviam submeter-se às leis e tribunais portugueses (se for estrangeiro). Também, não podiam tomar quaisquer decisões sem um prévio diálogo com a administração. No entanto, não é de admirar que muitas vezes foram injustamente usados como fontes de informações para os assuntos de ordem política.

meio de muitos sacrifícios, foram semeando a esperança e, como bons pastores, puseram toda a sua riqueza humana e cristã, todos os dons de que dispunham, ao serviço das suas ovelhas, sem esperar algo em troca. Uma das questões do nosso questionário permitiu-nos uma perceção mais reta de como eram as atitudes dos missionários para com as pessoas em geral. A nossa questão foi a seguinte: “É verdade que os padres, às vezes, batiam nas pessoas?” Na maioria das respostas que tivemos dizia-se que os missionários não toleravam que se abusasse dos mais fracos e, por isso, tomavam partido pelos mais débeis. Muitas vezes autodefendiam-se porque eram confrontados por pessoas embriagadas. A conclusão de algumas pessoas era de que, por vezes, os missionários batiam nas pessoas, mas para defender os fracos dos perigos, pois era lançando mão de meios pacíficos que sempre preferiam tentar resolver os conflitos, só recorrendo à força física em caso extremo.

Os primeiros missionários Espiritanos foram vitimados pelas doenças devido às precárias condições sanitárias no arquipélago: alguns faleceram prematuramente. Foi pela fé que fizeram uma entrega total das suas vidas. Tal como Libermann, os missionários sentiram-se salvos pelo batismo e, como cristãos, sentiram-se desafiados a anunciar esta mesma salvação aos que se encontravam em estado precário e se sentiam privados da salvação. Os missionários souberam, por exemplo, dialogar e comunicar a fé aos que se mostravam opostos às doutrinas dos novos Padres. Foi mediante uma presença perseverante e um contínuo testemunho de solidariedade que muitos dos opositores acabaram por aceitá-los e aderir à nova face da Igreja com fé e entusiasmo.

Um missionário evacuado para a metrópole gravemente doente, logo que sentiu os primeiros sinais de melhoras, pediu que o deixassem partir de novo em missão²³⁹. Isto denota quão grande era a confiança em Deus que o impelia ao amor ao próximo, ao dom generoso de si mesmo.

Acreditamos que, se perguntássemos a esses homens qual seria o caminho que seguiriam se se lhes apresentasse uma nova oportunidade de recomeçar, responderiam corajosamente como Libermann já no leito de morte: «Se eu tivesse de recomeçar, faria exatamente o mesmo por amor de Jesus e Maria»²⁴⁰.

A vida espontaneamente oferecida por amor será sempre vida geradora de vidas: essa vida movida pelo Espírito será catalisadora da transfiguração de outras vidas. E a

²³⁹ Testemunho do próprio Padre José Maria de Sousa que fora missionário em Cabo Verde desde o ano 1963 a 1974.

²⁴⁰ *ND*, vol. 6, p. 310.

missão acontece: os missionários tornam-se cultivadores de vidas novas em Cristo fonte de vida. O túmulo de Cristo testemunha um acontecimento marcante para toda a Igreja: a vida doada é como o grão de trigo que morrendo produz muito fruto. A exemplo do Missionário por excelência, os missionários deram as suas vidas por amor, um amor que se ia tornando visível através do ressurgimento de uma Igreja local.

3.5. Testemunhos de santidade

O dom da vida faz-se à imitação do Mestre que se humilhou ao ponto de entregar sua própria vida para a salvação da humanidade. Imitar o Mestre é viver uma vida toda de amor e de santidade como a que o Filho de Deus viveu na Terra para salvar todos os homens. O cultivo da santidade conduz, de forma incondicional, ao dom total de si. Ser santo é um dos meios que indispensáveis à missão de libertar e santificar os homens²⁴¹. Que os missionários procurem, por isso, estar em comunhão com Deus, porque ninguém pode dar o que não tem ou falar eficazmente do que desconhece. Para o conhecimento de Deus é necessário manter uma íntima comunhão com Ele pela imitação do seu próprio Filho Jesus.

Os “filhos” de Libermann sabiam o quanto ele insistia na necessidade de se ser santo e com que frequência lhes pedia que procurassem a santidade. Segundo ele, ser santo é primordial e absoluta exigência para um missionário²⁴².

Em Cabo Verde, os sinais da santidade dos missionários andam bem gravados na memória de muitos. A 30 de outubro de 2013, numa reportagem da Radiotelevisão de Cabo Verde, fez-se homenagem ao padre Custódio Campos, missionário em Cabo Verde desde 1954 até à atualidade. Este missionário continua a ser, segundo o testemunho de alguns confrades, “símbolo de persistência missionária”²⁴³ sendo, ao mesmo tempo, considerado como “encarnação do Evangelho”²⁴⁴. As pessoas reconhecem-no como um santo vivo, devido à sua coragem, simplicidade, humildade; ele abraçou as causas das camadas mais desfavorecidas, sempre com uma mensagem de esperança e de solidariedade: trabalhador, assíduo e homem de bom senso e totalmente

²⁴¹ Cf. *ND*, vol. 13, p. 143.

²⁴² Cf. *ND*, vol. 13, p. 146-147.

²⁴³ Testemunho do Padre João Baptista, <http://www.espiritanos.pt/quem-somos/no-mundo/cabo-verde/padre-campos-de-deus-e-dos-homens.html>. 27-10-2014. 22:25

²⁴⁴ Testemunho do Padre Afonso Gil Losa, <http://www.espiritanos.pt/quem-somos/no-mundo/cabo-verde/padre-campos-de-deus-e-dos-homens.html>. 27-10-2014. 22:25

disponível ao serviço das pessoas. Este missionário, diz a repórter, «...tornou-se numa figura incontornável da sociedade cabo-verdiana»²⁴⁵.

Tal como o Padre Campos também os outros missionários que lá trabalharam deixaram consideráveis marcas de santidade. Portanto, as homenagens ao Padre Campos, ao Padre António Cachada, ao Padre João Eduardo Moniz e ao Padre LouizAllaz²⁴⁶ não devem ser vistas como algo exclusivo, mas consideradas extensivas, em maior ou menor grau, a todos os missionários que por ali passaram. Dizemos isso porque, entre os missionários, havia uma onda forte de solidariedade, comunhão e comunicação; por consequência, os benefícios de um confrade também eram benefícios para os restantes missionários e para a Congregação e eram motivo de alegria para todos. Graças ao apostolado e testemunho dos missionários, Cabo Verde desfruta ainda hoje de um dinamismo de fé viva que continua acesa no espírito das pessoas. Este resultado é positivo e animador, na perspectiva de Libermann, pois ele dizia que um missionário santo nunca será um inútil porque, ainda que a palavra da sua boca não consiga operar maravilhas, opera-as pelo testemunho e exemplo duma vida santa, e com isto conseguirá cativar mesmo as pessoas mais resistentes²⁴⁷. Isto verificou-se principalmente no início do apostolado quando os recém-chegados eram confundidos com os protestantes e hostilizados, nalgumas aldeias, por senhores que encaravam os missionários como rivais e fanaticamente se lhes opunham. A solução para esta situação consistiu no pôr em prática as orientações do Padre Libermann. Convictos de que, por mais duras que fossem as rochas, as águas com a sua leveza conseguiriam derrubá-las, seguiram a lógica da esperança, da fidelidade, da paciência, da perseverança na espera do momento de Deus. Um missionário, a respeito de um seu confrade, testemunhou:

«Na Cidade Velha encontrara ele oposição da parte de alguns cristãos tradicionalistas, particularmente um “*padridi ressa*” já de certa idade, influente na localidade, e conhecido por “Bispo do Salineiro”. É que a vida dos missionários Espiritanos, usando capacetes e batinas brancas, e montando “cavalos de ferro” (as motos) ainda que também usassem batinas pretas e montassem cavalos verdadeiros e trazendo consigo novos métodos e exigências pastorais, sobretudo no referente à catequese e aos Sacramentos, vinham quebrar o tradicional modo de ser e de fazer dos *padrisdi terra* na altura quase desaparecidos em consequência do enceramento do Seminário de S. Nicolau. Para mais, a vinda dos missionários Espiritanos coincidia com a chegada dos protestantes, o que veio a causar certa confusão e ansiedade em cristãos mal

²⁴⁵ <http://www.espiritanos.pt/quem-somos/no-mundo/cabo-verde/padre-campos-de-deus-e-dos-homens.html>. 27-10-2014. 22:25.

²⁴⁶ Os Padres Custódio Campos e António Cachada foram homenageados em vida e os Padres LouizAllaz e João Eduardo Moniz foram homenageados depois da morte.

²⁴⁷ Cf. *ND*, vol. 13, p. 146-147.

esclarecidos, que se perguntavam se estes padres vindos de fora e diferentes dos antigos não seriam falsos profetas. O Sr. Pe. Moniz deslocava-se ao Salineiro com paciente perseverança, falava e tornava a falar com aquelas gentes, chegando a fazer enterros à moda dos padres antigos, com responsos e incensamentos nas cruzes tradicionais. Pouco a pouco as pessoas foram-se abrindo e reencontrando o caminho da Igreja»²⁴⁸.

Este texto é imagem pura da ação missionária num ambiente polémico: as pessoas viviam com uma certa desconfiança relativamente aos que chegavam do estrangeiro e se denominavam católicos. Quando a santidade é intrínseca aos missionários, Deus torna-os capazes de, em todas as circunstâncias, integrar as pessoas num único rebanho, a Igreja de Jesus Cristo.

3.6. A identificação dos missionários com os pobres

Na já referida reportagem que homenageou o Padre Custódio Campos, foi-lhe perguntado se, antes da sua partida para Cabo Verde, tinha a ideia de como era a ilha para onde iria em missão. A resposta dele foi que, antes de partir para Cabo Verde, já tinha ouvido falar da crise, da falta de chuva, mas que isso não o impediu de aceitar Cabo Verde como lugar da sua primeira nomeação missionária, e acrescentou: «...se há gente em Cabo Verde eu também posso estar lá»²⁴⁹. Na sua bagagem, disse ter levado poucas roupas, mas levava consigo muita vontade de servir a Deus e a Igreja. Também os outros missionários deixaram as suas terras com o mesmo intuito, deixando as suas comodidades para se fazerem pobres com os pobres.

Chegados a Cabo Verde, encontraram uma Igreja flagelada, com pessoas a viver em pobreza extrema. Cruzar os braços diante das dificuldades não é de um cristão nem se coaduna com as orientações missionárias libermanianas. Por isso, movidos por este espírito, os missionários acreditaram que havia solução; ao mesmo tempo, porém, a aceitação da proporcional dose de sacrifício, era inevitável. Entretanto, por causa da aridez do campo de missão, assomava a tentação de abandonar ou fugir para lugares mais confortáveis, tentação que conseguiram vencer. Aquilo que para alguns parecia impossível tornou-se possível pela perseverança dos missionários. O Padre Vaz contou que estando ele uma vez com um grupo de cabo-verdianos à saída da missa dominical de Algés, em 1971, um antigo colono lhe disse o seguinte:

²⁴⁸ Testemunho do Padre António Cachada, in RODRIGUES – *Padre João Eduardo Moniz, 1928-1989*, p. 55.

²⁴⁹ <http://www.espiritanos.pt/quem-somos/no-mundo/cabo-verde/padre-campos-de-deus-e-dos-homens.html>. 27-10-2014 22:25.

«Parece-me que é dos Padres do Espírito Santo. Pois, quero dizer-lhe como velho colono da Ilha de Santiago, que nunca acreditamos na conversão do “*Badiu*” (habitante da ilha de Santiago). Mas Deus, por intermédio dos vossos padres, conseguiu o milagre que acabamos de presenciar»²⁵⁰.

O padre José Maria de Sousa, no seu testemunho, dizia que a missão de Cabo Verde era um desafio, pelo que ele procurou com os seus confrades melhorar quanto possível as condições escolares e materiais do povo, pois não se pode «pregar a estômagos vazios...!»²⁵¹. No meio daquele ambiente de carência e miséria, o missionário era desafiado à ação, a abandonar as atitudes de comodismo e relaxamento e a combater a miséria espiritual e material daquele povo, porque contentar-se com a miséria não é evangélico. Portanto, naquelas ilhas, os “filhos” de Libermann foram entrando na cultura daquele povo acolhedor²⁵² e, incansavelmente, foram ajudando o povo a se desenvolver integralmente. A presença espiritana naquele preciso momento não era nada mais nada menos que uma resposta à voz muda de um povo crente que pedia auxílio.

Pela conspícua importância desta orientação, não nos coibimos de repetir que identificar-se com os pobres é evangélico, e isso mesmo pedia Libermann aos seus missionários:

«Fazei-vos negros com os negros [...] deixai-lhes antes o que lhes é próprio [...] sede para eles como os servos devem ser para os seus mestres, nos usos, maneiras e hábitos, e isso para os aperfeiçoar, os santificar, os levantar da sua baixa e fazer deles, a pouco e pouco, com o tempo, um povo de Deus»²⁵³.

Os missionários em Cabo Verde, cada um de acordo com os seus dons e conforme as circunstâncias da época, foram tentando adaptar-se e pôr em prática as instruções de Libermann: como sempre, porém, uns conseguiram ser mais humildes e mais servidores do que outros.

Os missionários do século XX, nas colónias portuguesas, tiveram a sorte de ter o apoio do Governo colonial. Isto também podia ser para os missionários uma tentação de

²⁵⁰ VAZ, José – Carta de Cabo Verde: Os Missionários do Espírito Santo na Ilha de Santiago. *Ação Missionária*. Lisboa. 34: 419 (1974) 7.

²⁵¹ APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974 Porto, 29/06/2011; [Disponível no Arquivo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, Lisboa, Portugal].

²⁵² Vários missionários na sua correspondência falaram do acolhimento que tiveram quando chegaram pela primeira vez, quer em Cabo Verde quer na paróquia para onde iriam trabalhar. Eram acolhidos com festas e de forma calorosa. Havia toda uma organização de receção aos recém-chegados, que logo à chegada deparavam-se com a multidão que vinha ao encontro deles, com cânticos e foguetes e da igreja paroquial fazia-se ouvir o sino.

²⁵³ ND, vol. 9, p. 330-331.

esquecer os pobres, em vez de se identificarem ou configurarem com o Cristo, servo humilde. Libermann dizia que os missionários não deviam buscar os postos de comando, de poder, mas que trabalhassem nos postos mais humildes e que fossem servos em vez de chefes. Todavia, no parecer do missionário Padre Francisco Gonçalves, nem sempre os missionários puseram em prática a atitude de escolha do serviço humilde, nas colónias. E confirma esse facto, partindo do que ouvira dizer a respeito de certos missionários e do que tinha observado em alguns confrades:

«Há, em Angola, quem acuse os Institutos religiosos de certo monopolismo. [...] As palavras do nosso fundador, gastas pelo uso, ficaram muitas vezes, esquecidas na prática da nossa evangelização. Todos lembramos e reconhecemos, em nós e nos outros, episódios ou fases de inegável devastação, que patenteiam desvios deste nosso espírito originário. Parece chegado o momento de rogar perdão à África por não termos sido absolutamente fiéis a tal orientação de Libermann; de não termos comungado suficientemente nos valores africanos para que Cristo lhes transmitisse todo o Seu vigor de renovação»²⁵⁴.

Este missionário, consciente de alguns desvios e negligências na observância das orientações de Libermann, reconhece com humildade que os missionários lhes poderiam ter sido mais fiéis. Infelizmente, pelo testemunho de muitos outros, constatamos sentimentos e pontos de vista diferentes. São missionários que se gloriam de terem realizado maravilhas, mas têm dificuldade em aceitar as admoestações ou em se sentirem culpados de nem sempre terem sido o modelo de missionário proposto por Libermann. Por isso, algumas vezes, quando alguém lhes fazia alguma crítica aos seus modos de agir, havia dificuldades da parte de alguns em aceitar os fracassos com humildade, concentrando-se mais nos elogios de que eram alvo²⁵⁵. Do ponto de vista libermaniano, os missionários deviam ser humildes, pobres com os pobres e, nos momentos de tensão, deviam ser como o cordeiro que não morde o lobo que o ataca. Jesus Cristo é esse Cordeiro que, sendo rico, se fez pobre para enriquecer a humanidade. A lógica de Cristo confunde os poderosos, porque Ele se identifica com os desprezados e os humilhados. Os missionários são, pois, chamados a imitar o Mestre, sem a pretensão de querer ultrapassá-lo, porque o discípulo não é maior do que o seu Mestre.

²⁵⁴ GONÇALVES, Francisco – Não buscamos o comando mas o trabalho: Libermann o missionário que África precisa. *Acção Missionária*. Lisboa. 36: 434 (1976) 4.

²⁵⁵ SOUSA, Augusto Nogueira de – Vinte e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. Lisboa. 25 (1968) 83.

3.6.1. Ser cabo-verdiano com os cabo-verdianos: os depoimentos

No seu projeto, Libermann insistia em pedir que, em qualquer território, os missionários se inculturassem. Exortava-os a compreenderem e adotar a cultura e a só evangelizarem depois. Pedia-lhes que fossem africanos com os africanos. É como se lhes pedisse que imitassem o Verbo de Deus que se fez homem para os homens. Estando os missionários em Cabo Verde, eram chamados a ser cabo-verdianos com os cabo-verdianos. Trata-se de um caminho que devia ser feito lado a lado com o povo cabo-verdiano.

Como forma de saber qual o ponto de vista dos leigos sobre as ações dos missionários, elaboramos um pequeno questionário com alguns pontos que nos permitissem recolher algumas informações fidedignas²⁵⁶.

Houve uma sã diversidade de depoimentos, mas uma sensibilidade comum relativamente a uma certa faceta. Quando se lhes perguntou como o povo e a cultura cabo-verdiana, foram vistos e respeitados pelos missionários, em geral deram-nos a perceber que, entre os missionários, havia uns mais solidários com a cultura e outros que trabalhavam incansavelmente mas, afastados do povo, eram apelidados de antipáticos. Eram exigentes, porque todos, inclusive os solidários com a cultura local, recusavam batizar as crianças dos amancebados; uns participavam nas diversões com o povo, mas outros não participavam, talvez por não estarem habituados ou mesmo pelo preconceito decorrente de informações que circulavam sobre as perversidades e imoralidades provenientes das diversões. Aqueles que condenaram o batuque, a tabanca, o funaná, as danças tradicionais, continuaram afastados desses ambientes; aqueles que se aproximaram mostraram-se mais solidários e olharam aquelas práticas tradicionais como algo a valorizar e, ao mesmo tempo, deram a sua colaboração no campo da logística, além de, por intermédio dessas atividades, irem instruindo as pessoas no sentido de evitarem comportamentos inadequados durante as diversões²⁵⁷. Alguns foram radicais na forma como reprovaram as práticas litúrgicas antiquadas, atos litúrgicos herança dos antigos, causando rivalidades e oposição por parte dos que ainda adotavam as normas tridentinas.

As pessoas não só responderam ao inquérito como também tentaram justificar o porquê das reservas de certos missionários em participar das atividades recreativas do

²⁵⁶ Cf. Apêndice – Relatório do questionário aos leigos em Cabo Verde.

²⁵⁷ MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 72.

povo. Na verdade, antes da chegada dos missionários, os padres participavam nas diversões, mas alguns de entre os recém-chegados proibiram categoricamente as músicas e os bailes porque, neles, aconteciam muitas imoralidades e os próprios *padrisdi terra*, não resistindo às tentações, caíram naquelas imoralidades²⁵⁸. Alguns recém-chegados recusaram, por isso, aquelas práticas, por receio de ter a mesma sorte dos padres anteriores, se não evitassem as ocasiões, perigosas na sua ótica.

As declarações dos leigos correspondiam à realidade, mas variavam de acordo com as paróquias e consoante as atitudes dos padres que nelas trabalharam. Temos o exemplo de duas paróquias: a de Santa Catarina, onde o pároco proibiu categoricamente os bailes²⁵⁹ e mais algumas outras práticas tradicionais, dizendo que iriam para o inferno todos os que perseverassem naquelas práticas de diversões²⁶⁰, e a paróquia de São Lourenço dos Órgãos onde, por intermédio das atividades organizadas pela Ação Católica, foi purificada aos poucos a mentalidade e o comportamento das pessoas nas diversões, começando-se pela formação dos jovens e dos casais novos, considerados como pontes de ligação com as crianças e com os adultos²⁶¹. A convicção do pároco o P. Arlindo Amaro era a seguinte:

«Uma paróquia não se pode considerar Igreja de Jesus se os seus cristãos não procuram a libertação das amarras que mais os escravizam, como: a ignorância do Evangelho e dos fundamentais deveres e direitos do Homem, o analfabetismo, a preguiça, a indiferença, o individualismo egoísta, as taras e tabus sexuais, a irresponsabilidade familiar, os campos secos, as fontes sujas, os divertimentos imorais, a miséria, a bebedeira, a mancebia, etc.»²⁶².

Olhando as iniciativas tomadas pelos dois párocos, surge-nos a pergunta: qual seria a posição de Libermann perante aquelas situações? Libermann daria tempo para conhecer a realidade conjunta do lugar. Um conhecimento que havia de começar pelo estudo da língua do povo, pelo estudo da cultura, indo aos pormenores como forma de evitar julgamentos prematuros. Como instrutor e guia, Libermann pediria aos missionários que agissem com prudência, discernimento e calma como homens santos.

²⁵⁸ Com isto não queremos generalizar, mas mostrar que, nas paróquias, os missionários párocos não agiram e nem reagiram da mesma forma face à cultura e tradição do povo. Uns quiseram suprimir algumas práticas tradicionais do povo e outros pretenderam no lugar da supressão purificar as práticas consideradas perversas, através da formação das crianças e dos adultos.

²⁵⁹ Cf. REGO, Francisco Alves do – A atividade dos padres do Espírito Santo. *Portugal em África*. Lisboa. 10 (1953) 338.

²⁶⁰ Tivemos acesso a esta informação num diálogo com o Padre José Maria de Sousa que disse ter conhecido e convivido com o pároco daquela paróquia, o Padre Louiz Allaz de nacionalidade suíça.

²⁶¹ Cf. AMARO, Arlindo – Uma Comunidade Missionária em Cabo Verde. *Portugal em África*. Lisboa. 30 (1973) 271.

²⁶² AMARO – Uma Comunidade Missionária, p. 271.

A alguns missionários custou-lhe assimilar certos valores da cultura cabo-verdiana de herança africana e consideravam o povo cabo-verdiano não 100% africano, mostrando pouca estima pelos traços africanos nele presentes; por vezes a sua tendência era de tratar as pessoas como se de portugueses se tratasse²⁶³. Muitas vezes implementavam os mesmos modelos pastorais que se usavam em Portugal e, por isso, tiveram influência considerável na formação dos hábitos e costumes de muitos cabo-verdianos. Por conseguinte, Cabo Verde é hoje considerado, apesar de país do espaço geográfico africano, como povo mestiço portador de cultura mais europeia que africana. Em certa medida a influência europeia ganhou mais força com a presença dos missionários europeus. Não era fácil, portanto, ser cabo-verdiano com os cabo-verdianos na realidade daquele tempo, numa época em que os missionários, em certa medida, deviam seguir algumas orientações do Governo administrativo que nem sempre partilhava as mesmas ideias dos missionários²⁶⁴. Alguns missionários, porém, superaram o regime e não temeram valorizar e fazer valorizar o povo e a cultura²⁶⁵. Não eram numerosos os que quiseram inculturar-se a fundo para, a seguir, evangelizar como se fossem filhos de pais originários²⁶⁶.

3.6.2. Ser cabo-verdiano com os cabo-verdianos: um desafio

Na tentativa de ser cabo-verdiano com os cabo-verdianos, os missionários, homens com votos perpétuos de pobreza, obediência e castidade, não deviam menosprezar nenhum desses votos. A vivência da pobreza foi, em certa medida,

²⁶³ Nem todos tinham a atitude nacionalista. Essa atitude não deve ser vista como se aqueles missionários não quisessem o bem do povo. O povo cabo-verdiano que não era nem totalmente europeu nem totalmente africano, dividiu-se por causa da divergência de ideias. Uns com ideias independentistas e outros com ideias de que como insulares não podiam ser considerados colónia como aconteceu na Guiné, e portanto, contra a independência.

²⁶⁴ Cf. *AMILCAR Cabral: Documentário; África Minha*, p. 47.

²⁶⁵ Cf. *MIRANDA – Padre LouizAllaz*, p. 53.

²⁶⁶ O Padre Custódio Campos no vídeo da sua homenagem, dizia que o primeiro contacto com a língua crioula foi quase fatal pois não conseguia perceber muito menos falar. E o pior, dizia ele, era que nem sequer havia livros ou gramáticas por onde se pudesse estudar. Animado pelo seu confrade Padre Nogueira de Sousa, aos fins-de-semana ia conviver com as pessoas simples nas aldeias; lá ouvia batuque nos casamentos, convivia com as pessoas, e aos poucos, foi aprendendo a falar a língua crioula e entretanto já fala perfeitamente o crioulo. Dizia um senhor da paróquia de Calheta São Miguel que conheceu muito bem o Padre João Eduardo Moniz, que este padre não tinha comportamentos racistas e que ele parecia uma pessoa nascida e criada na ilha de Santiago, porque tratava-os como irmãos. O Padre José Maria de Sousa compilou um conjunto de músicas populares tradicionais cabo-verdianas que foi juntando ao longo do seu apostolado e publicou em dois volumes a obra intitulada “*Hora di Bai*” no ano de 1973. Estes factos são provas de que os missionários em certa medida não foram indiferentes à cultura cabo-verdiana.

conturbada, porque as regalias que o Acordo Missionário de 1940²⁶⁷ facultou aos missionários, deram azo a várias especulações. Tais regalias poderiam alimentar a ideia de que os missionários desempenhavam as suas funções em conluio com o Governo e não ao serviço incondicional dos mais pobres e abandonados. A respeito disso, um missionário dizia: «O Acordo Missionário enquadrou-nos nas malhas do funcionalismo público. Subsídios do Governo e viagens de repouso contribuíram imenso para nos considerarem tais»²⁶⁸.

Libermann pedia insistentemente aos missionários que não escandalizassem os pobres negros, pela colaboração ou pelo convívio com os chefes ou patrões, que muitas vezes eram opressores daquele povo. Os missionários em terras de missão não deviam limitar-se à investigação dos defeitos dos nativos, mas deviam esforçar-se por partilhar os seus problemas quotidianos, com o objetivo de lhes garantir uma vida cheia de esperança através do anúncio do Evangelho. Em relação ao que Libermann pedia aos missionários, constatamos que, tal como nas outras colónias portuguesas, em Cabo Verde a atividade evangelizadora e a promoção da educação se conformava com os princípios doutrinários da Constituição portuguesa, seguindo as linhas dos projetos e dos programas emanados pelo Governo. Num artigo intitulado *O Padre António Vieira e as Missões de Cabo Verde*, o Padre António Brásio expôs o seguinte: «As populações que educamos querem, certamente a nossa civilização, cristã e portuguesa. [...] Os pretos da nossa África querem ser cristãos e querem ser portugueses, não há negá-los, – o que constitui, de certo, o testemunho mais valioso da nossa política colonial»²⁶⁹. O perigo do apostolado missionário da época colonial foi a quase absoluta submissão dos missionários ao Governo colonial. Ora este nem sempre respeitou devidamente a privacidade e a especificidade missionárias, incitando a que os missionários se limitassem a ser empregados do Governo e um meio para garantir o domínio quase absoluto das colónias. Os Espiritanos, direta ou indiretamente, deviam seguir certas ordens do regime colonial. O cumprimento dessas ordens implicava, por vezes, transgredir aquilo que devia ser essencial para um missionário cristão e espiritano.

Cabo Verde teve a sorte de ter, na sua maioria, missionários corajosos que não se deixaram influenciar totalmente pelo regime colonial. Estes missionários não se

²⁶⁷ Cf. ASCHER – *Os Rabelados de Cabo Verde*, p. 26.

²⁶⁸ GONÇALVES, Francisco – Não buscamos o comando mas o trabalho: Libermann o missionário que África precisa. *Acção Missionária*. Lisboa. 36: 434 (1976) 5.

²⁶⁹ BRÁSIO, António – O Padre António Vieira e as Missões de Cabo Verde. *Portugal em África*. Lisboa. 3 (1946) 333.

envaideceram com os privilégios adquiridos pelo Acordo de 1940, porque através do novo estatuto fornecido pelo Acordo, os missionários puderam fazer uma canalização desses benefícios em prol da missão²⁷⁰. Com o surgimento das guerras coloniais, os missionários enfrentam um novo desafio. Não podendo manifestar-se a favor dos nacionais que ansiavam pela independência, adotaram, até certo ponto, uma atitude de neutralidade e de não aberta oposição ao regime colonial.

Um outro desafio que se levantava a certos missionários era o de ultrapassar a dificuldade que revelavam na necessária e inadiável adaptação à cultura cabo-verdiana. Os primeiros missionários morreram quase todos prematuramente e o testemunho de alguns afirma que morreram quer por se terem alimentado da comida dos nativos à qual não estavam habituados, quer por não terem tido em devida conta as suas limitações físicas. Os missionários seguintes fizeram a releitura destes factos e constataram que deviam adotar o tipo de alimentação a que estavam habituados, o que os levou a evitar comerem nas casa das pessoas; isto fez com que estas formassem imagens e ideias erradas a respeito dos missionários, julgando que estes não podiam juntar-se com as pessoas ordinárias, e que tal era a forma usada por eles para guardarem a pureza²⁷¹. E por tal motivo o povo respeitava essa distância com muita devoção.

Segundo Libermann, inculturar-se não é fazer ou usar tudo aquilo que é próprio dos nativos; consiste, em respeitar e ir discernindo quais as atitudes ou práticas que ajudam os missionários a trabalhar de forma a resgatar para Deus o maior número possível de almas. Os missionários, em Cabo Verde, estavam a agir corretamente, mas faltou-lhes uma abertura mais solidária à cultura do povo. Podiam manifestar essa solidariedade mesmo não podendo servir-se dos mesmos hábitos. Também houve missionários que não tiveram receio de respeitar tais hábitos e de servir-se deles (desde a alimentação até à língua), e estes foram justamente apontados como modelos.

3.7. O compromisso religioso e a vida fraterna comunitária

O espírito missionário de Libermann tem seu sólido fundamento na Santidade que o Filho de Deus, Jesus Cristo, trouxe à Terra a fim de restituir a vida a toda a

²⁷⁰ Cf. MIRANDA – *Padre Louiz Allaz*, p. 51.

²⁷¹ As pessoas daquele tempo, catequizadas pelos missionários, não toleram certos atos dos padres novos (os diocesanos acabados de ser ordenados) ou seja, essas pessoas escandalizam-se quando veem um padre bebendo bebidas alcoólicas nas refeições, e também ficam escandalizadas ao ver um padre a dançar. Essas práticas são diabólicas no entender delas, porque os padres precedentes, nomeadamente, os da Congregação nunca puseram em prática tais práticas na presença delas.

humanidade. A tarefa da evangelização das almas não implica que se tenha apenas boa disposição e vontade; implica sobretudo, a firme disposição espiritual de imitar o Missionário por excelência, Jesus Cristo. A imitação do Mestre só é verdadeiramente imitação quando o missionário assume por completo todas as dimensões da exigência da sua missão enquanto missionário religioso. A vida religiosa segundo Libermann é um meio de perfeição, de santificação dos missionários. A fidelidade à prática da vida religiosa santifica todo o apostolado missionário e será motivo de salvação para as almas.

Na Regra Provisória, Libermann deixou também claro que a vida em comunidade fraterna era exigência absoluta para todos os missionários. Viver em comunhão fraterna é característico da posição dos Espiritanos na Igreja. Um libermaniano não devia viver isolado por muito tempo, pois pode acabar por fracassar na sua ação apostólica por não conseguir responder com fidelidade à sua vocação específica na Igreja.

Por conseguinte, os missionários em Cabo Verde fizeram o propósito de manter uma vida santa e em comunidade fraterna, orientada pelas Regras e Constituições da Congregação. A presença missionária vinha também pôr termo à imagem ou ideias que as pessoas tinham dos padres, pois os “*padrisdi terra*” falharam na moral e deram uma imagem errada da santidade do sacramento da ordem²⁷². A situação geográfica e climática, a extensão da diocese e o reduzido número de missionários puseram obstáculos às atividades dos missionários e, mais concretamente, tiveram uma forte influência na organização da vida comunitária e pastoral.

O conjunto das testemunhas revelou que os missionários eram homens bem formados, com boas disposições para servir, homens de fé, capazes de semear o Evangelho nas terras de missão. As duas ilhas (Santiago e Maio) beneficiaram imensamente da criatividade, sacrifício e esforço de tantos missionários zelosos, piedosos, humildes e trabalhadores. Esses missionários comprometeram-se, enquanto cristãos consagrados e sacerdotes, a testemunhar o Evangelho como Espiritanos e como ministros ordenados.

²⁷² Com isso não estamos a dizer que estes padres não foram úteis. Porque embora limitados, conseguiram manter a luz da fé cristã acesa, em Cabo Verde, até à chegada dos padres novos.

3.7.1. A vivência fraterna em comunidade

Os dois primeiros Espiritanos a chegar à ilha de Santiago não puderam ficar na mesma residência porque cada um recebeu a responsabilidade de várias paróquias. Por causa da extensão da ilha e pela falta de padres, cada um fixou residência numa paróquia²⁷³. Foram as circunstâncias da época que levaram a essa separação, a qual não foi fruto de opção pessoal em viver fora do ambiente comunitário. Viver sozinho numa residência depois de estar habituado a viver em comunidade não parece cómodo. No entanto, foi o que aconteceu com os missionários recém-chegados; habituados a viver em comunidade, tiveram de sofrer com paciência o isolamento.

No ano 1941, os únicos Espiritanos em Santiago eram os Padres Lúcio dos Anjos e Lindorfo Quintas. No ano seguinte, o Padre Lúcio dos Anjos teve de regressar à metrópole e o outro confrade ficou sozinho, mas não por muito tempo, porque no mesmo ano teve a alegria de acolher dois confrades, os Padres Henrique Alves e Frederico Duff. Quando estes chegaram, «o solitário do P. Quintas mal soube da sua chegada, foi-lhes ao encontro, feliz por estar entre confrades»²⁷⁴. Este acontecimento testemunha a alegria e a valorização da vida fraterna em comunidade.

À medida que ia aumentando o número dos missionários, a partir do ano 1942, as condições foram-se tornando propícias para uma organização comunitária. E isso garantiu aos missionários condições favoráveis não só ao cultivo de uma vida santa, como ainda lhes possibilitava um melhor desempenho nas suas atividades pastorais. Os missionários foram distribuídos pelas paróquias em grupos de dois, de forma a evitar o isolamento de alguns.

Quer pela sua dinâmica interna quer pela excelente relação com o Bispo, o Distrito Espiritano de Cabo Verde rapidamente foi ganhando estruturas e organização capaz. No que respeita às normas das Regras e Constituições da Congregação, o Superior Geral e seu Conselho elegeram para Superior principal do Distrito um dos confrades a quem todos os outros deviam obediência. Naquela época, os missionários eram exemplares no que dizia respeito ao voto da obediência. Quando eram destinados para uma paróquia, ainda que sozinhos, não apresentavam nem resistências nem exprimiam insatisfações. Numa entrevista um missionário contava o seguinte:

²⁷³ Um dos missionários residia em São Domingos em quarto alugado e o outro residia na casa de um paroquiano em São Salvador do Mundo, Picos. (Cf. *ENCONTRO: Selecções Missionárias*, Lisboa. 4: 24 (1966) 14).

²⁷⁴ *ENCONTRO: Selecções Missionárias*, Lisboa. 4: 24 (1966) 14.

«Como o trabalho aumentasse e sempre cada vez mais quer nas duas paróquias da ilha de Santiago quer na ilha do Maio e, além disso, as forças do Missionário, embora cheio de boa vontade, fossem diminuindo [...] pedi aos superiores para me desligarem da ilha do Maio e ficar somente com as paróquias de São Miguel Arcanjo e de Santiago Maior ou de me desligarem destas e de me fixarem definitivamente na ilha do Maio. Optaram pela ilha do Maio, uma das mais pequenas do Arquipélago de Cabo Verde e me nomearam Pároco daquela ilha. Quando recebi a notícia da nomeação preparava-me eu para a visitar mais uma vez, que julgava ser a última, pois, pensei que os superiores atendendo a que ficaria só e em atenção à idade e à saúde me desligassem de Maio»²⁷⁵.

As exceções de isolamento não faltaram, aliás previstas nas regras precisamente nas circunstâncias particulares das fundações, mas também não faltou a boa vontade e o empenho no combate a elas. Entre os missionários reinava um ambiente fraternal de paz e de muita cordialidade. Baseado nos documentos Espiritanos da Província Portuguesa, averiguamos a recorrência de atitudes e comportamentos fraternos dos missionários entre si: quando um confrade chegava pela primeira vez era bem acolhido; mal um confrade adoecia, o outro membro empenhava-se com zelo na sua recuperação²⁷⁶. Muitos outros gestos de fraternidade se registaram, de confrades que assumiram com seriedade e respeito o culto da vida fraterna.

Em 1963, de acordo com o testemunho de um missionário, a situação era mais estável e mais animadora. Realça ele ainda alguns detalhes que confirmam o rigor, o respeito, o cultivo da vida fraterna dando cumprimento às Regras e Constituições. Trata-se do testemunho de um missionário que relata a sua experiência em Cabo Verde enquanto confrade e enquanto superior do Distrito:

«Nas 12 paróquias não havia mais que 2 confrades em cada uma. Resolvemos fazer a reunião de todas as comunidades em conjunto com o superior do distrito na Praia. Todas as 2as feiras vinham à Praia para os seus negócios ou assuntos com o bispo, antes da refeição tínhamos a reunião comunitária, almoço em conjunto, regressar pela tarde. Para o almoço cada um contribuía como podia sobretudo com frutas ou legumes que traziam do interior mas nada de obrigatório. O pároco da Praia como era suposto ser o mais rico aguentava com as despesas, o que fazia <animo volente>. As nossas reuniões bem como a vida de comunidade eram muito simples. Não havia o sistema de superiores e inferiores: havia o pároco e coadjutor ou párocos porque por vezes os 2 confrades eram párocos: dos Órgãos, dos Picos, da Cidade Velha, de S João Baptista, etc. O que era comum deveria sempre resolver-se na reunião, nunca comprar um utensílio senão de comum acordo; tudo o que era pessoal cada um adquiria; tudo porém devia ser registado na agenda Deve/Haver. Era uma vida simplíssimas e agradabilíssima. Só me lembro de ter havido um caso para que foi necessário chamar a atenção: alguém não matriculava as entradas de dinheiro; ao inspeccionar as contas

²⁷⁵ BARATA, Joaquim – Foi assim que eu cheguei àquela ilha. *Acção Missionária*. Lisboa. 34: 418 (1974) 3.

²⁷⁶ Cf. Testemunho do Padre António Botelho. In RODRIGUES – *Padre João Eduardo Moniz 1928-1989*, p. 53.

notei que isso acontecia por negligência talvez, chamei a atenção para tal. De resto, um grupo exemplar e responsável, assim não custa ser superior!»²⁷⁷.

Esse testemunho deixa transparecer a realidade dos missionários em Cabo Verde. A organização era cada vez maior e mais eficaz, porque cada membro dava a sua colaboração na edificação de uma autêntica união e comunhão entre os confrades. O laço fraternal aumentava devido ao diálogo nos encontros distritais e às reuniões de comunidade onde vários assuntos eram decididos.

A dificuldade financeira causada pela pobreza do próprio Arquipélago impeliu alguns missionários a pedir auxílio do exterior. Alguns parentes e amigos se comprometeram a beneficiá-los com ofertas em dinheiro e em materiais diversos. Tudo isto era feito com o consenso do superior e com o parecer dos outros membros, nomeadamente dos confrades. Portanto, não se tratava de planos individuais. Os bens recebidos não eram diretamente geridos pelo autor do pedido, mas sim por intermédio do superior e com o consentimento dos outros – esses bens destinavam-se às necessidades mais urgentes. Deste modo, construíram-se escolas, igrejas, capelas, salões de formação e compraram-se muitos meios de transporte (cavalos, motos, carros) com dinheiros provenientes dos benfeitores (familiares de alguns confrades suíços e L.I.A.M. de Portugal).

Em suma, no que dizia respeito à vida fraterna em comunidade, foram-se buscando formas e estratégias para pôr fim ao isolamento em que viviam alguns missionários num determinado período de tempo. Os missionários em comunidade manifestavam laços fraternos recíprocos, e a nível distrital fazia-se a partilha de bens em obediência às Regras e Constituições da Congregação. Isto é o reflexo do respeito pela estrutura definida por Libermann, para o qual era requisito espiritual essencial ter vocação para a vida em comunidade fraterna, convicto de quão importante era que todos os membros da Congregação do Espírito Santo fossem fiéis a esse precioso meio de santificação. Um missionário isolado, segundo Libermann, estaria condenado ao fracasso na sua ação apostólica, por faltar um dos apoios fundamentais à sua resposta à vocação missionária como espiritual na Igreja.

²⁷⁷APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011.

3.7.2. O despojamento

Não foi fácil aos missionários deixarem tudo aquilo que lhes era próprio para responderem de forma generosa ao apelo missionário. Por vezes, os missionários, inconscientemente, quando chegavam à terra de missão tinham a tentação de impor às pessoas as suas ideias, os seus costumes e o modo de agir baseado no teor de vida do seu país de origem. Libermann insistiu muito, apelando aos missionários que se despojassem de todo o sentimento de domínio e que, em terras de missão, fossem exemplares adaptando-se à maneira de viver das pessoas humildes. Esta convicção decorria da contemplação do Verbo feito carne que, sendo rico, se fez pobre para enriquecer com a sua riqueza a todos os homens de boa vontade. O despojamento é imprescindível para um missionário que deseja imitar Jesus Cristo, o Missionário por excelência. Libermann citava com frequência a frase do Apóstolo Paulo: «fazei-vos tudo para todos, a fim de salvar alguns, a todo o custo» (1Cor. 9,22). Dizia ainda Libermann, aos missionários, que deviam descer ao nível das pessoas e falar com simplicidade e brevidade. Passado um século, as palavras e as orientações de Libermann continuam a servir de guia aos missionários. A modernidade, através do bem-estar e do conforto generalizado, influenciou muitas pessoas (missionários) a encarar com leveza (ou com leviandade) os valores fundamentais do cristianismo.

Os missionários que partiram para Cabo Verde eram provenientes de realidades, de espaços diferentes de Cabo Verde, ou seja, de lugares mais desenvolvidos, onde as pessoas experimentavam um relativo conforto no seu quotidiano. Portanto, se os missionários deixaram o conforto da sua terra para irem em missão em lugares difíceis, isso significa que tinham no interior um zelo missionário que os impelia a uma oferta total das suas vidas em benefício dos mais abandonados dos que viviam privados da palavra de Deus.

É o Espírito Santo que infunde em cada um o zelo, o dom, o carisma, a alegria de partir e de repartir com os desprezados, os mais distantes de Deus. Isto é, a Congregação do Espírito Santo, pelos seus membros, tem como missão os ministérios mais humildes e difíceis, para os quais a Igreja mais dificilmente encontra obreiros apostólicos, especialmente a evangelização dos infiéis e, entre estes, os mais miseráveis, os da raça negra²⁷⁸. É, portanto, movidos pelo espírito de serviço que os Padres missionários

²⁷⁸ Cf. BRÁSIO, António – Cabo Verde, novo campo de ação dos missionários de Espírito Santo: A rede ao largo. Lisboa. *Acção Missionária*. Portugal, 2: 24 (1941) 4.

Espiritanos deixaram as suas terras. Antes de partir, certamente cada um já se tinha informado do histórico do Arquipélago de Cabo Verde, que estava num estado de abandono em vários âmbitos.

Através dos testemunhos dos missionários que trabalharam em Cabo Verde, pelos inúmeros relatórios e pela correspondência com a Província e também pelos testemunhos de pessoas que conviveram com os missionários, apreendemos que alguns missionários, principalmente os da primeira fase, à medida que iam chegando, no primeiro contacto com a realidade do país, acusaram a dureza do choque com a realidade, ficaram consternados com a extrema pobreza a que estava sujeito aquele povo e sentiram a tentação de regressar, de “fugir”:

«Fui, depois, celebrar missa à minha igreja residencial. Não te posso descrever a impressão desoladora com que de lá vim. [...] Desgraçado! Para onde te mandaram! Foge, foge destes sítios! Esta, meu amigo, a voz satânica da tentação que, ao ver tamanha desolação, aos ouvidos me soprava. Mas não a escutei, porque há aqui, muitas almas a salvar e é preciso que Ele reine; Ele, Jesus, o divino Rei de amor»²⁷⁹.

Quanto mais forte for o amor, maior será a disponibilidade no serviço a Deus e aos irmãos. Este missionário reconheceu a sua fragilidade e pobreza e, ao mesmo tempo, confiou. Pela confiança em Deus, pôde ultrapassar a fragilidade e a tentação.

Na reportagem em homenagem ao Padre Custódio Campos, alguém dizia que este missionário, embora levasse pouca roupa na sua mala para Cabo Verde, em compensação levava muita vontade de servir a Deus e à Igreja com absoluto desprendimento e, por isso, pôde colocar-se sem reservas ao serviço do Evangelho²⁸⁰. Um dos inquiridos que respondeu ao nosso questionário ressaltou a benevolência, a bondade e a humildade de um missionário que fora pároco da sua paróquia:

«Entretanto, houve quem gabasse das atitudes solidárias do Padre LouizAllaz (Santa Catarina), considerado como sendo muito generoso, pois pagava renda às pessoas com mais dificuldades, ajudava os pais a fazer o acento e a registar os filhos gratuitamente. Ajudou muita gente e o amor por aquela gente fê-lo gastar toda a sua vida em benefício de muitos»²⁸¹.

As dificuldades foram acompanhando os missionários ao longo das suas atividades e, graças aos seus esforços, dedicação e amor, puderam presenciar os frutos, resultado de todo o trabalho realizado. Foi também pelo seu despojamento que os

²⁷⁹ QUINTAS, Lindorfo – De Cabo Verde: carta a um amigo de infância. *Acção Missionária*. Lisboa. 3: 28 (1942) 6-7.

²⁸⁰ Cf. <http://www.espiritanos.pt/quem-somos/no-mundo/cabo-verde/padre-campos-de-deus-e-dos-homens.html>. 27-10-2014 22:25.

²⁸¹ Apêndice relatório do questionário aos leigos das ilhas de Santiago e Maio.

missionários conseguiram responder ao objetivo principal da sua missão; de outra forma não seria possível atingi-lo: de facto a lógica modelo é a de Jesus Cristo, deixada à sua Igreja. Era necessário que o grão de trigo morresse, porque de outra forma ficaria sozinho; se, porém, aceitasse morrer produziria muito fruto. Libermann convidou os missionários a seguir a lógica descendente, a exemplo do Jesus Cristo servo e pobre.

4. Na construção da civilização do amor

Libermann pretendia que os povos fossem ajudados de forma a desenvolverem-se integralmente. Esse desenvolvimento era possível pela fé cristã que é civilizadora²⁸². Daí que ele próprio apelava aos missionários para que a missão não se reduzisse apenas ao anúncio da palavra de fé, mas também à iniciação dos povos na civilização cristã, porque o cristianismo é portador de benefícios úteis, espirituais e materiais. Nessa mesma linha de reflexão, um missionário em Cabo Verde apresentava o seu ponto de vista sobre a pastoral cristã, dizendo que Cristo veio restaurar o homem em toda a sua dimensão, pois quando o mal (pecado) afastou o homem de viver em semelhança divina, em comunidade, Cristo veio criar a fraternidade e, através do seu Novo Mandamento, inaugurou com os discípulos a primeira comunidade de base²⁸³. Cristo instituiu a sua Igreja para continuar a sua missão libertadora. Não se trata de uma libertação particular ou reduzida apenas a algumas dimensões do homem ou a uma pequena porção da humanidade, mas trata-se de uma libertação integral do homem total.

Sem se afastar do espírito da Igreja, Libermann achava que combater a ignorância era o melhor meio para a criação de uma civilização capaz. A instrução, a formação, são indispensáveis na edificação da civilização possível. Ele tinha, portanto, uma visão de futuro, um futuro próspero para os povos mergulhados numa certa desorganização da vivência quotidiana. No Memorial de 1846, Libermann esboçou um programa completo para a promoção dos Africanos:

«A civilização rudimentar, que apenas ensina a manejar mediocrementemente a enxada e a ferramenta, tem muito pouco alcance para operar mudança nos costumes dos povos e não pode ser senão de curta duração. Não basta, pois, mostrar a estes homens novos a prática do trabalho: é necessário, pouco a pouco, inculcar-lhes a teoria das coisas, para assim, lentamente, os porem em estado de já não precisarem dos missionários para continuarem a sua obra; de outro modo, estes povos ficarão sempre na infância e, logo

²⁸² Cf. *ND*, vol. 8, p. 248.

²⁸³ Cf. AMARO, Arlindo – Uma comunidade missionária em Cabo Verde. *Portugal em África*. Lisboa. 30 (1973) 269-270.

que os missionários venham a faltar-lhes, recairão na barbárie. E então a fé não sobreviverá à civilização»²⁸⁴.

Os missionários em Cabo Verde tinham a consciência de que a sua ação devia ser social e não reduzida apenas à pregação e à catequese, porque a Igreja que aqui se pretendia plantar é uma Igreja local inerente ao solo (sociedade perfeita). A ação missionária, para lançar raízes e perdurar, devia dirigir-se à inteligência e ao coração do indígena, através de escolas, hospitais e outros centros de apoio social. Durante muito tempo, o povo cabo-verdiano carecia de uma identidade que o levasse a reconhecer-se ou como africano ou como europeu. Sendo mestiço, as duas particularidades encontravam-se em choque e, no entanto, havia a necessidade de uma harmonização das duas partes. Os missionários, conscientes da crise social de um povo à deriva, por intermédio do Evangelho e segundo o carisma da Congregação, foram ajudando o povo a construir a sua própria sociedade. Para isso, era necessário discernimento de forma a ajudar o povo simples a acolher aquilo que serve para a edificação da sua sociedade e a recusar os maus hábitos, ou seja, tudo aquilo que não serve para edificar uma sociedade civilizada onde reine a união e a comunhão²⁸⁵. Com respeito pelas instruções de Libermann, os missionários consideravam a ignorância como sendo inimiga do desenvolvimento e, simultaneamente, como principal fonte dos vícios. Os próprios missionários procuraram compreender melhor a cultura do povo cabo-verdiano e a especificidade das suas origens. Os documentos a que tivemos acesso comprovam todo o esforço feito pelos missionários para a compreensão de certas atitudes ou comportamentos deste povo. A civilização acontece por amor e não pela atitude de domínio e julgamento prematuro. Em Libermann, os missionários, no primeiro contacto com o espaço de missão, não deviam começar por julgar as pessoas ou a cultura delas à primeira vista.

A exemplo de Libermann, que foi um autêntico defensor dos mais fracos, os missionários sentiram-se desafiados a seguir as mesmas pegadas. Aquando da chegada dos primeiros missionários, Cabo Verde, a nível social, apresentava-se um pouco desorganizado por causa da reinante desordem familiar. Diziam os missionários que a mancebia era a lei geral²⁸⁶ e que os cabo-verdianos, às vezes, eram moles e um pouco

²⁸⁴ ND, vol. 8, p. 248-249.

²⁸⁵ MIRANDA – *Padre Louiz Allaz*, p. 53.

²⁸⁶ ENCONTRO: *Seleções Missionárias*, Lisboa. 4: 24 (1966) 32.

indolentes²⁸⁷. Essa constatação era real na época, mas era necessário mergulhar no âmago da situação de um povo, que é fruto da sua história. Os missionários, como forma de defender e ao mesmo tempo de ajudar o povo, justificaram o porquê da persistência daqueles hábitos nos cabo-verdianos. A mancebia originou-se e foi persistindo na sociedade cabo-verdiana devido ao fenómeno da mestiçagem resultante do envolvimento entre os homens brancos e as mulheres negras, na maioria das vezes à margem da lei. Eram moles e indolentes por causa do clima e da falta de estímulos. Entretanto, não se deixou de sublinhar as qualidades desse mesmo povo: «Grandes qualidades e alguns defeitos tem este povo, a que o clima e as circunstâncias sociais não conseguiram roubar uma notável distinção física e espiritual»²⁸⁸. Os missionários descobriram na alma do povo uma grande disponibilidade para acolher o Evangelho porque era um povo considerado com capacidades e inteligência. O estado em que estava não justificava o contrário, porque na realidade o que faltava era a instrução. Os missionários acreditaram na capacidade e inteligência do povo; por isso, confiantes de que o povo tinha capacidade para aprender, muitas iniciativas e atividades foram por eles levadas a cabo.

Antes da sementeira, era necessário queimar as roças, construir os socalcos e preparar o terreno. O mesmo procedimento se fez no âmbito da reevangelização em Cabo Verde. O amor antecipa a civilização. O amor por aquela gente fez com que os missionários dessem o melhor deles para o surgimento de uma sociedade civilizada. Criaram-se escolas paroquiais; começou-se a catequização de adultos, jovens e crianças; construíram-se centros de formação profissional; criaram-se associações e movimentos religiosos e abriu-se o seminário diocesano para acolher as vocações nativas, isto tudo com a finalidade de pôr termo à desorganização social e religiosa.

Os missionários foram estruturando as paróquias; e a sociedade em geral, progressivamente, ia adquirindo maturidade. Trata-se da aquisição de estruturas e capacidades que garantiram uma certa liberdade e independência por parte dos que vinham do exterior. Não se trata de uma liberdade ou independência política, porque os missionários não tinham e não deviam ter os mesmos objetivos que os agentes da dominação colonial. Isto tornou-se verídico, e mesmo visível, com os acontecimentos da independência das colónias, em que todos os soldados voltaram para as suas pátrias, permanecendo firmes no terreno os missionários que ansiavam por uma comunidade de

²⁸⁷ Cf. *ENCONTRO: Selecções Missionárias*, Lisboa. 4: 24 (1966) 34.

²⁸⁸ *ENCONTRO: Selecções Missionárias*, Lisboa. 4: 24 (1966) 34.

paz e de vida, porque estavam ao serviço da Igreja, que é sinal de salvação para todos os homens.

Inspirados pelo carisma espiritano, manifestado na fidelidade às Regras e Constituições da Congregação, os missionários seguiram as instruções de Libermann durante a reevangelização do Arquipélago de Cabo Verde. Ajudaram as pessoas a sentir-se cristãs e a viver como cristãos. A tal respeito, um missionário dizia o seguinte: «...costumo atribuir sempre mais culpa à Igreja do que ao Estado, quando oiço falar, em ambiente de maiorias cristãs, de certas sociedades políticas, qualificando-as de injustas, anquilosadas, retardatárias, etc»²⁸⁹. As pessoas deviam sentir-se capacitadas a trabalhar de forma a construir uma sociedade nova, onde todos fazem a experiência do serviço em função do bem comum.

Por isso, nas alíneas que se seguem, vamos apresentar algumas iniciativas missionárias levadas a cabo pelos missionários, que são espelho fiel de uma missão que teve em conta a metodologia missionária de Libermann.

4.1. A catequese

A catequese foi considerada por Libermann como meio fundamental para a salvação de um povo. Convidou os missionários a catequizar os adultos, mas a valorizar sobretudo a educação cristã das crianças, que são os futuros homens e mulheres da sociedade. Além disso, Libermann considerava a infância uma fase em que a pessoa está com mente livre de preconceitos, sem maldades; ao contrário dos adultos, a infância é uma fase em que não se põem resistências à graça. No entanto, os missionários deviam ser criativos e saber pôr-se ao alcance delas, exprimindo-se com clareza e simplicidade²⁹⁰. Um ponto valorizado por ele, foi a questão da instituição dos catequistas, ideia sublinhada e reforçada depois do desastre acontecido com os primeiros missionários enviados à Guiné em 1844. Libermann elaborou um projeto de missão especialmente para o povo africano, que definia orientações e esquemas de formação aptos para a aquisição do desenvolvimento integral dos catequistas. Segundo Libermann, o povo devia ser formado consoante a capacidade e a vocação de cada um. Portanto, os missionários teriam a grande missão de ajudar as pessoas a descobrir o potencial existente nelas, ou seja, de orientar as pessoas com o objetivo de um dia serem

²⁸⁹ AMARO – Uma comunidade missionária, p. 270.

²⁹⁰ ND, vol. 2, p. 476.

elas mesmas responsáveis e missionárias (catequistas, padres, professores, agricultores e outros) nas suas próprias terras, em benefício da sua sociedade e comunidades eclesiais.

Os missionários, em Cabo Verde, puseram em prática aquilo que Libermann apresentou como método missionário e isso garantiu uma melhor vivência e convivência com os nativos. Os nativos foram considerados capazes de aprender e de um dia serem eles a catequizar no seu próprio país.

Os missionários não tardaram em instruir o povo. A catequese foi um dos primeiros métodos usados logo no início e teve o seu resultado. Como forma de reacender a chama da fé cristã e travar ou pôr termo aos atos imorais e ainda de lutar contra a fome e a miséria, os missionários começaram por catequizar as pessoas e a formar catequistas que futuramente seriam importantes colaboradores seus. A catequese foi um importante meio de reevangelização.

Em seguida, foram surgindo movimentos paroquiais dinamizados pelos missionários com o objetivo de dar um novo vigor à vivência religiosa do povo. Com base nas instruções de Libermann, os missionários em Cabo Verde apostaram fortemente na formação de pessoas de toda a categoria (adultos, jovens e crianças), mas sobretudo da classe infantil e juvenil. Um missionário confirmou-o com estas palavras: «Pedimos então aos pais para dispensarem as crianças após a escola para cursos de formação: havia a formação cristã, a formação culinária, preparação do vestuário para si e para a família, como cuidar das casas, da higiene... uma formação integral»²⁹¹. Libermann, também propunha evangelizar para o desenvolvimento integral: «Os missionários ensinarão também aos povos por eles evangelizados tudo o que possa contribuir para o seu bem-estar natural, tendo, todavia, o cuidado de não lhes dar, neste ponto, conhecimentos que possam ser-lhes prejudiciais»²⁹². Ainda no que diz respeito à promoção das mulheres, muito se fez, sobretudo no âmbito das atividades domésticas; recebiam formação pessoal e profissional de vários tipos para, no futuro, poderem ser mães responsáveis. As iniciativas levadas a cabo foram-no de acordo com o contexto da época: o homem era considerado responsável pelo sustento da sua família e a mulher responsável pelos cuidados da casa e dos filhos.

²⁹¹APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011.

²⁹²ND, vol. 10, p. 452.

A catequese não podia ser feita separada do desenvolvimento pessoal e social. Ela oferecia uma base espiritual cristã para a ação: a catequese era um meio auxiliar do desenvolvimento integral do homem como criatura de Deus em sociedade.

4.2. Os movimentos e associações paroquiais

Os movimentos e associações nasceram da criatividade e zelo dos missionários em resposta às necessidades materiais e espirituais das pessoas. Nas paróquias não houve uniformidade nas respostas às necessidades porque cada paróquia tinha o seu histórico e a sua própria realidade. Consoante a realidade de cada uma, e de acordo com as convicções dos missionários, de forma espontânea foram-se adotando diferentes movimentos e associações. Estes movimentos e associações cristãs ocuparam um lugar importante para a construção de uma igreja e de uma sociedade mais fraterna. São eles: Legião de Maria, Ação Católica, Apostolado da Oração²⁹³, Cruzada Eucarística²⁹⁴, Conferência de São Vicente de Paulo²⁹⁵, Consoladora dos Aflitos²⁹⁶. Todos eles contribuíram para um profundo desenvolvimento social, todos ajudaram à promoção humana e cristã das pessoas. Cada um deles teve impacto na transformação e organização da sociedade cabo-verdiana. A Legião de Maria desempenhou um papel preponderante na recristianização, pois, onde se adotou a Legião de Maria²⁹⁷ os

²⁹³ Nessa Organização os membros tinham como objetivo principal ou seja, tinham como obrigação rezar para a reparação do Sagrado Coração de Jesus.

²⁹⁴ Esta é uma Organização de Crianças da 2ª e 3ª infância e da 1ª adolescência, que tinham por missão, enfeitar as procissões nas grandes festas (Cf. MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 73).

²⁹⁵ Já sublinhado no segundo capítulo do nosso trabalho. Esta associação tinha como missão o cuidado pelos mais pobres e carenciados. Como forma de angariar fundos os sócios promoviam atividades caritativas incentivando aos mais favorecidos a colaborar com alguns dons que depois seriam distribuídos aos mais carenciados.

²⁹⁶ Essa associação foi criada graças à iniciativa do missionário P. LouizAllaz que tocado pela desigualdade no modo como se enterrava um pobre, comparando com o enterro dos comerciantes, proprietários e funcionários, pensou em criar uma associação mutualista entre as famílias dos camponeses e outras de fraca capacidade e poder de compra, como forma de ajudar com as despesas e favorecer que os pobres pudessem desfrutar de um digno funeral. Daí, em setembro de 1959 mesmo sem reconhecimento formal do Bispo D. José do Carmo Colaço a associação fundada foi cumprindo com a sua missão junto dos mais pobres. Esta associação é regional, na medida em que foi fundada em Santa Catarina, e em Santa Catarina permaneceu até à atualidade (Cf. MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 181; 184-185).

²⁹⁷ Este movimento foi fundado em Cabo Verde pelo Padre LouizAllaz, no dia 8 de dezembro 1953 em Santa Catarina (Assomada), pois, na sua viagem para Cabo Verde teve a oportunidade de visitar a Casa-Mãe dos Espiritanos em Paris, e ali conheceu a Legião de Maria por intermédio do Diretor espiritual da Cúria de Amiens, o Padre Reboud. Tocado com o nível, os valores e utilidade pastoral dessa organização, buscou formas de fundar e divulgar a Legião de Maria em Cabo Verde. Esta iniciativa agradou ao Bispo D. Faustino, que incitou a criação do mesmo para as outras paróquias. Por isso, pouco tempo depois, expandiu-se por todas as paróquias da ilha de Santiago, com exceção da paróquia de São Lourenço dos Órgãos. Inclusive as ilhas do Maio e Boavista acolherão a Legião de Maria. Também por intermédio de

legionários esforçaram-se por evitar a mancebia e com o seu bom exemplo ajudavam as outras pessoas segundo a caridade evangélica. O fundador desse movimento em Cabo Verde, pretendia que a população tivesse a facilidade e possibilidade ao bem espiritual e ao bem-estar comunitário. Por isso a Organização tinha como objetivo imediato os seguintes aspetos:

«Que a presença do Pároco chegasse a todos os lares e a todos os paroquianos; que o nível de vida dos cristãos fosse melhorado; que a Eucaristia fosse mais participada e que os restantes sacramentos fossem mais bem compreendidos e recebidos; que houvesse núcleos de encontro onde os cristãos pudessem compartilhar da dor e da alegria dos irmãos; que Deus fosse mais reconhecido e mais bem acolhido na pessoa de um irmão; que a mãe de Jesus fosse reconhecida como medianeira e mensageira entre Deus e os seus filhos; que o desejo de santificação passasse a reinar em todos os corações; que o espírito de perdão e de reconciliação fosse entendido como uma exigência cristã; que o espírito de partilha passasse a fazer parte da vida quotidiana dos paroquianos; e que os paroquianos entendessem que a caridade deve ultrapassar a justiça»²⁹⁸.

A Ação Católica²⁹⁹, por sua vez, foi fundamental para a transmissão da moral cristã aos jovens, o futuro da sociedade; a sua forma de ver, por mais humana e cristã ajudou a combater os frequentes incidentes que ocorriam durante os convívios (jogos e danças folclóricas). Esta associação atraía mais a classe jovem, mas no entanto, mesmo as pessoas de avançada idade faziam parte como membros dessa associação. A Ação Católica foi considerada como sendo lugar ou espaço de introdução à experimentação do Reino escatológico, com o argumento de que se o Céu é casa da eterna alegria, na terra, a Ação Católica é o reflexo temporário dessa alegria³⁰⁰. Como forma de erradicar a pobreza, promoveram-se iniciativas solidárias a favor dos mais necessitados. Os leigos, orientados pelos missionários, deram-se conta de que, como cristãos, deviam ser responsáveis pela construção de uma sociedade mais humana, mais justa, onde cada um deve cooperar, o quanto puder, na criação de uma comunidade fraterna.

Foram construídas escolas, centros de formação profissional e associações de solidariedade, principalmente para os que viviam na extrema pobreza. Estas ações são libermanianas, no seu espírito, porque segundo Libermann civilizar é um dos processos que deve acompanhar a evangelização. O apostolado missionário em Libermann devia

uma cabo-verdiana, Maria Cecília Nunes, a Legião de Maria expandiu-se de Cabo Verde para a Guiné-Bissau (Cf. MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 59; 65-66).

²⁹⁸MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 54-55.

²⁹⁹ Esta associação dividia-se em JAC (Juventude Agrária Católica) e LAC (Liga Agrária Católica).

³⁰⁰ Cf. MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p.72.

corresponder ao do Mestre, que consiste em anunciar o Evangelho a todas as nações, mas em particular aos mais pobres e abandonados, de preferência³⁰¹.

Os missionários em Cabo Verde não fugiram às orientações de Libermann, pois trabalharam com o objetivo de estabelecer o reino de Jesus Cristo nas almas das pessoas. Tal como Libermann pedia aos seus missionários, eles confiaram na divina providência; por isso foram descobrindo formas de encarnar o Evangelho na sociedade onde já se tinha começado a perder o essencial do que é ser cristão. Através dos organismos paroquiais, os missionários formaram, integraram e ajudaram o povo a viver cristãmente, como filhos de Deus e irmãos em comunhão. Ensinaram e inculcaram no povo a confiança e a autoestima, fazendo com que ele se sentisse capaz de fazer muitas coisas maravilhosas em benefício da sua comunidade, tornando-se discípulo de Jesus e missionário no meio onde vive. Graças às intervenções e criatividade dos missionários, as duas puderam desfrutar de um desenvolvimento geral e integral, visível, notório.

O testemunho do atual Primeiro-ministro de Cabo Verde permite-nos confirmar aquilo que temos vindo a sublinhar a respeito da ação dos missionários, quando disse:

«...Quis, desde cedo, ser Padre, sempre quis partilhar com as pessoas os valores nobres do cristianismo, que ia aprendendo na Igreja, e marcam profundamente a minha forma de ser e de estar, sempre propugnei por uma sociedade mais igual, mais justa, mais solidária, tive sempre um desejo ardente de servir, de realizar o bem comum. Filho de mãe solteira, não pude entrar no Seminário de São José. João Branco, meu avô, santantonense de gema, também nunca gostou da ideia... Mas sempre ajudei à missa – lembro-me com saudades dos Padres Moniz e António Botelho, meus grandes amigos. O Padre Moniz emprestou-me os primeiros livros sobre a Igreja e a literatura portuguesa, enfim, um professor – participei em grupos de teatro da Igreja, lembro-me da homenagem ao Senhor Padre Luís Allaz nos 25 anos da sua chegada a Santa Catarina e o poema que recitei «...Missionários de Deus, que tudo dão a Deus no seu adeus... e lá vão, lá vão...», fui catequista, ainda muito jovem, tal a confiança que o saudoso António da Moura, responsável dos catequistas em Pedra Barro, tinha em mim...»³⁰².

Enfim, os missionários inspiraram confiança a muitas pessoas que hoje ocupam lugares de suma importância na sociedade cabo-verdiana. Eles fizeram apostolado desinteressadamente, sem a pretensão de fazer publicidade à sua Congregação. Daí que muitas pessoas desconheçam a pertença dos missionários à Congregação do Espírito Santo, porque sempre foram denominados de padres e não de Espiritanos. Tal atitude é libermaniana: uma vez Libermann dizia a um missionário de Dakar que os padres deviam evitar que o povo os considerasse como partidários políticos do Governo

³⁰¹ Cf. *ND*, vol. 2, p. 235.

³⁰² <http://josemarianeves.blogspot.pt./09-10-2014 00:00>.

francês, mas que os devia ver como padres do Altíssimo autor da verdade e nada mais³⁰³.

4.3. O clero diocesano

Libermann, na sua estratégia missionária, sabia que tudo podia redundar em fracasso, se não houvesse um plano apostólico, uma organização pastoral que permitisse uma persistência apostólica nas terras de missão, quer na presença quer na ausência dos missionários estrangeiros. Para o efeito, Libermann apresenta como meio básico a formação dum clero indígena: «É absolutamente impossível proporcionar salvação a estes países, sem um clero indígena»³⁰⁴. Mas até lá era preciso muito trabalho, dedicação, paciência e perseverança. Para Libermann os missionários estavam encarregados de construir os fundamentos de um futuro edifício.

Dizia um missionário em Cabo Verde numa entrevista que ser missionário é ser semeador e não ceifeiro ou colhedor. Fazemos dessa palavra as palavras de tantos missionários que por cá labutaram numa época de decadência como autênticos semeadores do Evangelho.

Segundo o relato dos primeiros missionários, à sua chegada Cabo Verde não tinha mais do que meia dúzia de sacerdotes seculares ordenados no antigo seminário da ilha de São Nicolau, todos eles já muito idosos e que, naturalmente, foram falecendo.

A nomeação de D. Faustino Moreira dos Santos para Bispo da Diocese de Cabo Verde, homem de grande experiência e maturidade apostólica, proporcionou uma estrutura às paróquias em vários moldes. Ajudado pelos missionários da Congregação do Espírito Santo e de outras Ordens³⁰⁵ que ele foi chamando, fez com que no ano da sua morte, 1955, a Diocese de Cabo Verde dispusesse de condições para reabrir um seminário diocesano, o que aconteceu no mandato do seu sucessor, D. José do Carmo Colaço, em 1957, na ilha de Santiago.

A missão espiritana em Cabo Verde aparece, desde as suas origens, fiel ao coração do carisma espiritano traduzido por uma forte comunhão com a Igreja diocesana local. Conscientes da sua missão, os primeiros missionários assumiram

³⁰³ Cf. *ND*, vol. 7, p. 162.

³⁰⁴ *ND*, vol. 6, p. 420.

³⁰⁵ Depois da chegada dos Missionários do Espírito Santo em 1941, chegaram os Padres Salesianos em 1943, e a seguir, em 1947 chegaram os Padres Capuchinhos. O mesmo aconteceu com as Congregações femininas. Em 1943 chegaram as Irmãs do Amor de Deus e em 1946 as Irmãs Espiritanas.

imediatamente as responsabilidades e encargos diocesanos, perante a evidente escassez do clero nativo diocesano. Inspirados pelas doutrinas e instruções espiritanas puseram os seus talentos a render em benefício da Igreja local.

A primeira preocupação dos missionários Espiritanos foi a de zelar pela promoção das comunidades cristãs e pela formação de um laicado comprometido e responsável. Esta intensa atividade pastoral teve como fruto o nascimento de vocações sacerdotais, religiosas e missionárias. Quando a diocese começava a ganhar uma estrutura estável, reabriu-se, pois, um seminário diocesano dedicado a São José e como tal designado. O primeiro Reitor desse seminário foi um espiritano, o padre Augusto Nogueira de Sousa.

O Padre Libermann desejava construir Igrejas locais africanas aí profundamente enraizadas; por isso aconselhava os missionários a formar um clero indígena, porque os naturais já estavam habituados ao clima do país, ao contrário dos Padres europeus que muitas vezes nunca chegavam a habituar-se a ele³⁰⁶.

A formação do clero indígena numa primeira fase far-se-ia certamente em número reduzido; mas com o desenvolver da atividade apostólica era de esperar que o número de vocações sacerdotais viesse a aumentar. Os Padres indígenas, na perspectiva de Libermann, não deviam continuar sempre subalternos, mas deviam ser, desde que as condições o permitissem, chamados a presidir aos cristãos locais, ou seja, seriam eles próprios (os nativos) a ocupar a cabeça diretiva da evangelização no próprio país. Como forma de dar início ao grande projeto, Libermann mandou que enviassem a França candidatos que se mostrassem desejosos do ministério sacerdotal, pois ele próprio iria fazer um esforço para garantir uma boa formação a esses candidatos indígenas³⁰⁷.

Em Cabo Verde, antes da reabertura do Seminário diocesano, os missionários acolheram alguns jovens desejosos da vida missionária e enviaram-nos para Portugal, a fim de continuarem a formação nos seminários da província portuguesa da Congregação do Espírito Santo. Dos enviados, o primeiro a ser ordenado foi Paulino Livramento Évora que, logo depois da ordenação, em 1963, foi missionário em Angola. Mais tarde, a 22 de abril de 1975, três meses depois da independência, foi nomeado bispo da Diocese de Cabo Verde. Viria a ser ordenado bispo na missão de Cacuso, em Angola, onde missionava, em 1 de junho de 1975³⁰⁸. O Padre Paulino Livramento Évora

³⁰⁶ Cf. *ND*, vol. 6, p. 276.

³⁰⁷ Cf. *ANTOLOGIA Espiritana*, vol. 1, p. 294.

³⁰⁸ Cf. NEIVA – *História de Província Portuguesa 1867-2004*, p. 773.

começou a sua atividade pastoral em Cabo Verde em 1975 como bispo da diocese de Cabo Verde, como primeiro bispo cabo-verdiano natural.

Tendo o seminário sido aberto em 7 de outubro de 1957 e sendo Reitor o espiritano Padre Nogueira de Sousa, em 1965 contava já com cerca de 80 alunos³⁰⁹. Nessa época, as paróquias iam ganhando novas facetas, experimentava-se já uma certa ordem e respeito nas igrejas e uma consciencialização da vida cristã, disso resultando inúmeras vocações sacerdotais e religiosas. Os candidatos ao sacerdócio e à vida religiosa eram bem acompanhados e formados. Depois de um certo tempo de acompanhamento por parte ou do seminário (aos seminaristas) ou dos religiosos e religiosas, os candidatos eram enviados a continuar a formação fora das suas dioceses de origem. Concluída a formação no exterior, os que seriam ordenados padres recebiam o sacramento da Ordem no país de origem.

O clero diocesano foi aumentando aos poucos, mas ainda em 1975 a diocese de Cabo Verde não conseguia autopastorear-se sem o auxílio dos missionários. Nesse ano só contava ainda com dois ordenados nativos. Mas em 1976, foram ordenados três diocesanos e um espiritano, todos cabo-verdianos³¹⁰.

Por causa do reduzido número de padres diocesanos, a Congregação, com o desejo de implantar uma igreja local, permitiu que o espiritano nativo recém-ordenado ficasse a trabalhar por algum tempo no seu próprio país. Entretanto, o clero diocesano ia crescendo a um ritmo lento, sempre auxiliado pelos missionários ali presentes.

Os clérigos diocesanos que foram acompanhados e orientados pelos missionários Espiritanos são testemunhas da autenticidade da formação que receberam. Foram excelentes párocos nos lugares onde foram colocados e as pessoas demonstram grande respeito para com eles porque, de certa forma, esses padres têm procurado o bem-estar das pessoas e ao mesmo tempo têm evitado ser motivo de escândalo para os seus paroquianos. Usando as palavras de Libermann, estes sacerdotes adquiriram uma excelente capacidade humana e espiritual graças ao exemplo e ao testemunho que dos missionários tinham recebido. Libermann aconselhava assim os seus missionários: «o importante é conservardes a liberdade do vosso ministério. [...] Esperai com paciência, sede prudentes, calmos, homens de paz. Deus está convosco. Se fordes fiéis, seguramente lançareis base sólida de uma Igreja ...»³¹¹. Como agentes da pastoral, em

³⁰⁹ Cf. *ENCONTRO: Selecções Missionárias*, Lisboa. 4: 24 (1966) 28.

³¹⁰ Cf. CACHADA, Firmino – Mais um jovem ao serviço da Igreja. *Acção Missionária*. 36: 442 (1976) 3.

³¹¹ *ND*, vol. 8, p. 398.

colaboração com o bispo, os missionários em Cabo Verde adotaram as intuições e orientações libermanianas impressas nas Regras e Constituições da Congregação, em favor do ressurgimento de uma Igreja local.

Os frutos de um incansável apostolado tornaram-se visíveis a seu tempo. A Igreja de Cabo Verde é muito jovem e ainda continua a beneficiar do entusiasmo cristão impresso pelos missionários e da presença dos missionários que continuam a trabalhar ali. Santiago, hoje, é a ilha cabo-verdiana com maior número de vocações sacerdotais e religiosas graças, certamente, à dinâmica pastoral que os missionários, em colaboração com os seus bispos, souberam implantar.

5. O contributo da espiritualidade libermaniana para a ação missionária

Por fim, e porque o consideramos muito importante, vamos sublinhar alguns marcos espirituais libermanianos que acompanharam a ação apostólica dos padres Espiritanos em Cabo Verde.

Durante a formação nos seminários Espiritanos, os candidatos estudam a história da Congregação, a espiritualidade dos seus fundadores, e aprofundam o seu conhecimento do carisma da Congregação. Libermann foi a fonte preciosa de inspiração para os missionários que souberam acolher as suas palavras, o seu espírito e o seu exemplo. Mesmo depois da sua morte, continua a ser o mestre espiritual de todos os missionários: deixou-lhes preciosos escritos espirituais, hoje à disposição de todos os interessados.

Um século depois, as palavras de Libermann continuam atuais, a orientar os missionários, a dar-lhes ânimo. Impelido pelo Espírito Santo, dócil ao mesmo Espírito, Libermann deu à luz os exercícios espirituais que, acolhidos pelos missionários, fomentam uma melhor missão.

Segundo Libermann, o fundamental num missionário deve ser a oração, a íntima união com Deus, que promove a imitação de Cristo humilde, servo, e faz com que o pastor caminhe sobre os passos de Maria, a Mãe de Jesus. Maria começou a ter um espaço especial na vida de Libermann desde o seu batismo: «Quando a água do batismo caiu sobre a minha cabeça de judeu, de súbito comecei a amar Maria, a quem até ali eu detestava»³¹²; a partir daí, a sua devoção a Maria foi sendo para ele fonte perene de paz. A oração acompanhava o quotidiano de Libermann, que veio a propor aos seus

³¹² ND, vol. 1, p. 98.

missionários um modo especial de rezar por ele praticado. Tratava-se de uma forma de oração que designa de união prática.

A Mãe de Jesus Cristo e a oração foram dois pilares que sustentaram a pastoral dos missionários em Cabo Verde. Esses dois importantes pilares foram em simultâneo inculcados aos movimentos e associações católicas que tinham o objetivo de fazer as pessoas contemplar e meditar na figura de Maria, a Mãe de Deus. No entanto, podemos considerar a Legião de Maria e o Apostolado de Oração como sendo meios pelos quais se aprofundou a fé alimentada na liturgia oficial e nas práticas devocionais. Graças a essas associações, as paróquias onde trabalharam os Espiritanos ganharam um amor grande a Maria e, como forma de imitá-la, imbuíram-se do gosto pela oração que se tornou um hábito em todos os momentos e circunstâncias.

5.1. Chegar a Jesus por Maria

Em Maria estão concentradas todas as valências espirituais, a qualidade cristã que um missionário devia ter, segundo Libermann, porque Maria recebeu todos os dons, todas as graças do mistério da Encarnação. Maria recebeu a plenitude da graça trinitária que fez dela a pessoa mais indicada para acolher Jesus, e é por isso também que serve de modelo aos missionários. Maria tornou-se numa pessoa querida e apreciada por Libermann desde o dia do seu batismo. A devoção a Maria foi aumentando e, por isso, fez dela sua confidente. Em todos os seus projetos pedia a intercessão de Maria e nunca se arrependeu de ter atribuído tanta confiança à Mãe de Deus, que nunca o desiluiu. A primeira Sociedade (antes da fusão) por ele fundada adotou o nome de Sociedade do Sagrado Coração de Maria e, depois da fusão, a Congregação do Espírito Santo manteve-se sob a proteção do Sagrado Coração de Maria.

O Coração de Maria está muito próximo de Deus e muito próximo dos homens. Por isso, Libermann pedia insistentemente aos missionários que tomassem o Coração apostólico de Maria por modelo porque, se Cristo é o único mediador dos homens junto de Deus, Maria será sempre intermediária dos homens junto de Cristo, ou seja, Maria tem a celeste missão de conduzir os homens a Deus. Em Maria, Libermann encontrou, em todas as circunstâncias, um importante fator de paz; por isso não deixou de passar essa experiência aos missionários.

Atualmente, em Cabo Verde, a devoção à Virgem Maria é muito forte e é celebrada com fé e sempre com a participação de muita gente. Os missionários, durante

a formação nos seminários, adquiriram um considerável apreço por Maria, de tal forma que à chegada aos seus espaços de missão fizeram com que Maria fosse reconhecida, conhecida e amada pelos seus evangelizados. As aparições de Nossa Senhora em Lourdes (França, 1846) e em Fátima (Portugal, 1917) e a fundação da Legião de Maria na Irlanda (1921) foram acontecimentos que atearam nos fiéis a devoção e o culto mariano³¹³.

O amor pela Mãe de Jesus Cristo impulsionou os missionários a difundir a devoção mariana quer por intermédio da atribuição de títulos marianos às paróquias e comunidades quer incentivando as pessoas a se integrarem nos grupos apostólicos de leigos com o objetivo de imitarem a pessoa de Maria nas suas ações apostólicas.

Num levantamento feito com o objetivo de saber qual o Santo cuja festa se repete mais vezes em Cabo Verde, descobriu-se que Nossa Senhora é a mais celebrada no país, por ser a padroeira de várias paróquias e comunidades com as seguintes designações: Senhora de Fátima, Senhora da Luz, Senhora do Socorro, Senhora da Graça, Senhora da Lapa, Senhora do Rosário, Senhora do Monte, Senhora das Dores, Senhora do Livramento. A Legião de Maria teve o seu início em Cabo Verde no ano 1953 com o Padre Louiz Allaz, e rapidamente, pelo positivo resultado no processo da evangelização, o Bispo Dom Faustino concedeu, em 1955, que se estendesse a outras paróquias³¹⁴. Aliás como mostramos anteriormente, a Legião de Maria, desempenhou um papel relevante para a consolidação da fé cristã nas paróquias que a acolheram.

Nossa Senhora é amada pelo povo cabo-verdiano, e tal é o seu amor por ela que, quando um cabo-verdiano viaja a Portugal, raramente regressa sem uma peregrinação a Fátima. Essa devoção foi aumentando por intermédio de diversos rasgos de criatividade pastoral da iniciativa dos missionários. O Padre Augusto Nogueira de Sousa testemunha assim a iniciativa de um dos primeiros Espiritanos em Cabo Verde:

«Todos nós, os antigos, ainda nos lembramos dessa figura asceta, talvez excêntrica, do Senhor Padre Lindorfo, que pregava nos bancos da praça Alexandre de Albuquerque publicava semanalmente as suas homilias dominicais, rezava o terço com as crianças pelas ruas do Tarrafal, caminhava descalço em procissões de penitência nos Picos e nos Órgãos, essa figura alta, de barbas em desalinho, que passara como meteoro por estas terras, mas deixara após si um bom núcleo de cristãos, uma boa equipa de

³¹³ Ao longo da nossa investigação descobrimos que muitos jovens que tiveram a coragem de se entregar totalmente a vida missionária, eram pertencentes às famílias devotas da Virgem Maria, e no entanto, eram de ambientes onde o culto à Nossa Senhora celebrava-se com uma determinada intensidade.

³¹⁴ Cf. Testemunho do Padre António Cachada in RODRIGUES – *Padre João Eduardo Moniz*, p. 44.

catequistas e, sobretudo, um fermento espiritual que haveria de levedar toda a massa»³¹⁵.

Em certas paróquias, os missionários mandaram vir de Portugal imagens da Sagrada Família e faziam a mesma imagem visitar uma casa por dia nas aldeias; rezava-se o terço nessa família juntamente com os vizinhos que se juntavam para o mesmo. Também o mês de maio era e é considerado como sendo um mês importante, o mês de Maria; por isso, durante esse mês, juntava-se muita gente, cada dia numa família para o “terço campanha”. O terço foi-se tornando uma prática comum dos leigos empenhados em viver cristãmente a sua vocação. Houve datas marcantes que impulsionaram a devoção mariana nas paróquias:

«A visita da Virgem peregrina de Fátima, em 1948, levada em romagem de triunfo até Santa Catarina; o solene cortejo através das ruas da cidade em 1954, em união com a Igreja de silêncio, a grandiosa manifestação de fé e de amor filial, em 8 de dezembro do ano mariano de 1954; a jornada apoteótica da Virgem de Lurdes através de toda esta ilha e da ilha do Maio em 1958, ano centenário das aparições em Massabiele»³¹⁶.

O povo das paróquias com o movimento Legião de Maria e o povo da paróquia dos Órgãos (não adotaram a Legião de Maria) acolheram calorosamente as visitas das duas imagens da Virgem Maria peregrina. Por exemplo, o Padre Arlindo Amaro, fundador da Ação Católica na paróquia dos Órgãos, não aceitou a Legião de Maria na sua paróquia, não por não ser devoto de Nossa Senhora, mas porque o movimento Ação Católica respondia às necessidades da paróquia no sentido da formação, enquanto para vertente da devoção tinha o Apostolado da Oração já bem implantado. Este movimento foi reconhecido em Cabo Verde no dia 11 de fevereiro de 1958, no centenário das aparições de Nossa Senhora em Lurdes, França. Com isto, queremos sublinhar o apreço dos Espiritanos por Maria, a Mãe de Jesus Cristo e Mãe de todos os homens.

Dentro das instruções de Libermann, os missionários em Cabo Verde tomaram Maria por protetora e por modelo, ao longo de toda a sua atividade pastoral. Por isso um missionário, nos 50 anos da atividade missionária, testemunhou: «Por graça de Deus, o semeador conseguiu, com a proteção de Maria, semear boa semente em boa terra e, 50 anos após, graças à dedicação e ao trabalho generoso de muita gente, os frutos estão à vista, apesar das naturais dificuldades inerentes ao trabalho apostólico»³¹⁷. No ano

³¹⁵ SOUSA, Augusto Nogueira de – Vinte e cinco anos em Cabo Verde. *Portugal em África*. Lisboa. 25 (1968) 78.

³¹⁶ SOUSA – Vinte e cinco anos, p. 79.

³¹⁷ Testemunho do Padre António Cachada in RODRIGUES – *Padre João Eduardo Moniz*, p. 45.

1975, as paróquias adquiriram a força e o entusiasmo cristão, animadas pelo mesmo Espírito que encarnou o Verbo no seio da Virgem Maria.

5.2. Fortalecidos pela oração

A oração é algo que deve acompanhar cada missionário, quer na vida em comunidade quer nas atividades pastorais. Segundo Libermann, os missionários deviam, pela união com Deus, andar repletos da graça santificante. Para isso, é necessária a disponibilidade ou a disposição interior de cada um para a receção da graça de Deus pelo Seu Espírito Santo. Andar na presença de Deus constitui um princípio fecundo na vida espiritual para a progressão na santidade. Libermann chama, por isso, a atenção dos missionários exortando-os a que se compenetrem da necessidade de rezar sempre e de nunca o deixar de fazer. Rezar, para ele, não podia limitar-se somente às horas habituais das orações comunitárias: a oração deve ser um ato contínuo³¹⁸, mesmo nos momentos em que o espírito seja obrigado a ocupar-se de coisas que não dizem respeito a Deus. Portanto, em todos os momentos o missionário deve estar em íntima união com Deus. Esta oração é designada por Libermann de união prática.

De entre as muitas palavras de Libermann encontramos uma que se adequa particularmente à realidade vivida pelos missionários em Cabo Verde desde 1941. Trata-se de um trecho das suas cartas dirigido a uma religiosa onde dizia: «Se lhe mandarem fazer qualquer coisa que transtorne um pouco a sua oração e exercícios de piedade, obedeça sem dificuldade: é necessário Deus por Deus»³¹⁹. Nas palavras de Libermann à religiosa, ele não estava a pôr em causa a vivência comunitária nem a devoção ou piedade religiosa. Tudo devia ser feito com caridade e pela caridade e, quando assim é, tal não mexe com a vivência comunitária nem com a piedade da pessoa, ou seja, a pessoa estará simultaneamente em comunhão com Deus e com a sua comunidade mesmo estando ausente fisicamente porque, segundo o Evangelho, quando um benefício é feito aos mais pobres, isso agrada a Jesus que está presente no pobre, ao mesmo tempo que é ponto de união e congrega a todos.

³¹⁸ Cf. *ND*, vol. 11, p. 533.

³¹⁹ *ND*, vol. 4, p. 164-165.

Muitas vezes os missionários tiveram de quebrar as suas rotinas individuais e comunitárias quando eram chamados por causa de uma emergência³²⁰; daí a importância da união prática (contínua união e comunhão com Deus em qualquer sítio).

Os documentos a que tivemos acesso não nos falam diretamente das práticas devocionais e da vida orante dos missionários em missão. Isso não significa que os missionários não tenham o hábito da oração individual ou comunitária.

No estado em que se encontrava Cabo Verde, os missionários não conseguiam seguir rigorosamente os atos comunitários devido às caóticas circunstâncias em que na época se desenrolava a sua atividade.

Vivendo sozinhos, e embora querendo manter uma disciplina rigorosa e os hábitos de oração do quotidiano, achamos que, muitas vezes, a multiplicidade de trabalhos pastorais e as distâncias que tinham de percorrer impediam a sua assiduidade na prática dos hábitos comunitários (oração comunitária, refeição, diversão); à medida, porém, que o tempo ia passando, a situação foi melhorando e os missionários foram cumprindo os seus deveres de Padres religiosos, esforçando-se por observar as Regras e Constituições da Congregação.

Embora faltassem condições para um seguimento exato dos horários nas orações comunitárias, junto do povo, os missionários foram autênticos cultivadores da oração. Se, em comunidades ou em suas residências, por causa das ausências não conseguiam rezar em comunidade, no meio do povo rezavam e ensinavam o povo a rezar, fazendo assim comunidade com ele e incentivando as pessoas a valorizar e cultivar a oração. Porque eram homens de oração, os missionários dela receberam força e ânimo para a missão. A fé, em cada missionário, era forte e assim se compreende como conseguiram ultrapassar as dúvidas, as fragilidades e os momentos de tensão e de turbulência.

Os movimentos e associações católicas foram meios que estimularam e motivaram os leigos no cultivo da oração. As orações mais frequentes nesses grupos eram o terço (incluindo a Catena³²¹), a leitura bíblica, a leitura do Manual da Legião de Maria acompanhada de meditações e partilha, a hora santa e a via-sacra, organizadas

³²⁰ Cf. MIRANDA – *Padre Louiz Allaz*, p. 37.

³²¹ Este termo refere-se a uma oração a qual segundo as normas da Legião de Maria cada membro tem a obrigação de fazer a sua recitação diária. Depois da meditação dos cinco mistérios, após o salve Rainha segue uma oração em que os legionários oferecem a Deus por Cristo os mistérios meditados (seria a primeira parte seguida de uma pausa). Depois da pausa, prossegue-se com a reza da catena que é composta de uma antífona o *Magnificat* e termina pela oração de interceção dirigida a Jesus Cristo. Estrutura-se da seguinte forma: recita-se a mesma antífona (quem é esta que avança como a aurora...) antes e no final do *Magnificat* e de seguida faz-se a oração dirigida a Cristo (digo isto por experiência própria porque fui legionário durante muitos anos em cabo Verde).

nas capelas e igrejas. O amor das pessoas pela oração ainda hoje é visível, embora com algumas limitações.

A dedicação e o testemunho dos missionários causaram admiração a muita gente; por isso é que alguns foram apelidados de “santos vivos”³²².

Os clérigos nativos formados pelos missionários ainda hoje continuam com a maioria das iniciativas pastorais iniciadas pelos Espiritanos. A formação recebida garantiu à igreja local dispor de clérigos responsáveis, com capacidade para dirigir o apostolado nesta Igreja.

Nós achamos que os missionários, discretamente e consoante as circunstâncias, foram pondo em prática as orientações que o Padre Libermann lhes deixou nas Regras e Constituições. Podemos, no entanto, constatar que não houve a obsessão do estrito seguimento das Regras e Constituições, mas que tudo se fez com naturalidade e serenidade adaptativa, com a disponibilidade e o discernimento que os levaram a aceitar os constrangimentos decorrentes dos imprevistos com que iam deparando. E isto é libermaniano³²³.

³²² Cf. <http://www.espiritanos.pt/quem-somos/no-mundo/cabo-verde/padre-campos-de-deus-e-dos-homens.html>. 27-10-2014 22:25.

³²³ Libermann nas suas orientações aos missionários apelava que os missionários esperassem o momento oportuno para ação (momento de Deus); deviam ser ponderados em tudo, principalmente no seguimento da Regra de Vida; os missionários não deviam expor-se ao martírio, porque caso contrário ficaria arruinado todo o projeto começado em prol das almas mais abandonadas. Libermann valorizava o sacrifício que cada um fazia, porque o sofrimento faz parte da missão, mas ele defende que os missionários não devem “perseguir” o martírio. Jesus Cristo o Servo sofredor, mesmo sabendo que o Filho do homem devia passar pelo sofrimento, não se expôs com uma atitude masoquista, mas Ele conhecendo a sua hora, muitas vezes teve de afastar porque alguns queriam fazer-lhe mal. Ele afastava-se porque tinha de cumprir a sua missão até ao fim (até o momento da sua hora). Também é nesse sentido que Libermann exortava os seus missionários a usar meios úteis, favoráveis para a salvação de muitas almas. E isso devia acontecer através da presença física ativa no meio do povo.

CONCLUSÃO

Após nos termos debruçado sobre o projeto do Padre Francisco Libermann e apreciado o processo da reevangelização de Cabo Verde pelos Espiritanos a partir de 1941 e estabelecido um confronto entre as atividades levadas a cabo pelos missionários e o projeto e as orientações do Padre Libermann, vamos delinear algumas conclusões do conjunto do trabalho.

No primeiro capítulo, o Padre Francisco Libermann foi apresentado como homem do seu tempo, judeu convertido ao cristianismo. Quando descobre a sua verdadeira vocação por intermédio de colegas seminaristas e de seus orientadores espirituais, passa a dedicar toda a sua vida à defesa dos mais fracos, dos mais desprotegidos e dos mais abandonados. Para concretizar esse objetivo, em diálogo com aqueles que faziam parte da Obra, Libermann elabora um projeto missionário que devia servir de instrumento-guia da ação dos missionários em missão. Tratava-se de um projeto prático, que visava a organização da Obra ou da Sociedade fundada, incluindo quer a organização dos membros dentro dela quer a organização da sua ação pastoral, de forma a evitar o choque entre a vida em comunidade e a vida pastoral. No meio de muitas dificuldades, Libermann confiou em Deus e, progressivamente, foram surgindo resultados positivos na missão *ad gentes*. As suas qualidades naturais, sublimadas pela graça, ajudaram-no a ler os sinais dos tempos e a agir com moderação perante as situações que iam surgindo. O seu projeto tinha como objetivo não só melhorar as condições da ação missionária no trabalho do campo apostólico, como também garantir uma adequada preparação interior ou espiritual aos missionários que deviam partir em missão. Uma série de qualidades exigia Libermann aos seus missionários. Uma delas era a de que os missionários imitassem Jesus Cristo, o Verbo incarnado, o bom Pastor, na santidade, porque só assim poderiam ser verdadeiras testemunhas do Evangelho; e assim, com os seus bons exemplos, atrairiam as almas a Deus, de preferência as mais abandonadas e afastadas da Igreja. Este projeto vai contribuir para uma maior organização dos seus membros, enquanto pertencentes a uma Sociedade ou

Congregação missionária de vida em comunidade. Impresso na Regra Provisória, o projeto entrou nas constituições e continua a orientar a vida dos Espiritanos em missão. O desejo de se fazerem negros com os negros, ou seja, de imitarem Cristo que se identificou com os mais débeis, levou os Espiritanos da Província Portuguesa (e também da Província Suíça) a partir, em 1941, para Cabo Verde, na fidelidade ao carisma da Congregação, dada a situação de quase total abandono da Diocese de Cabo Verde. Cada qual, com as suas qualidades e limitações, deu-se generosamente ao trabalho de fazer ressurgir aquela Diocese em confrangedora decadência.

Na nossa dissertação procurámos verificar até que ponto o projeto do Padre Libermann ganhou corpo na ação missionária dos Espiritanos em Cabo Verde. Concluímos que estes missionários conseguiram, em certa medida, alcançar os objetivos essenciais do projeto libermaniano, embora, os meios usados no apostolado (por parte de alguns deles) não respeitassem totalmente as linhas mestras da orientação proposta por Libermann. Constatámos um dinamismo missionário muito forte logo aquando do acolhimento dos Espiritanos pelo bispo D. Faustino Moreira dos Santos, homem de uma coragem indomável, cuja obra foi energicamente continuada e acrescentada pelo seu sucessor D. José de Carmo Colaço, e posteriormente consolidada pelo sucessor deste, o espiritano cabo-verdiano D. Paulino do Livramento Évora, agora bispo emérito.

Cabo Verde possuía um campo apostólico correspondente aos fins da Congregação, pelo que não admira que tenha aceitado esse campo de apostolado. Abriu-lo a um missionário já treinado nas missões de África, D. Faustino Moreira dos Santos (espiritano) que, em 1941, trouxe consigo para Cabo Verde a sua Congregação.

A visão de D. Faustino, porém, não era congregacionista mas eclesial. Não se limitou a trazer para Cabo Verde os missionários do Espírito Santo, mas procurou por toda a parte outros e outras. Acorreram Capuchinhos, Salesianos, religiosas do Amor de Deus, Espiritanas. D. Faustino pensou, desde logo, edificar uma casa que fosse autossuficiente. Recebeu não só religiosos mas também Padres de dioceses do continente que pediam para ser incardinados. Repartiu o pessoal que aderiu ao seu chamamento de acordo com seus carismas. Por isso, entregou aos Espiritanos as ilhas de Santiago e Maio onde o povo era mais pobre, constituído quase só por rendeiros dos grandes senhores. Após a morte um tanto prematura de D. Faustino, D. José Filipe do Carmo Colaço, vindo de Goa em 1956 para lhe suceder, encontrou uma diocese já estruturada, onde o povo de todas as ilhas dispunha de assistência religiosa, se não

perfeita, pelo menos basilamente satisfatória. D. Faustino pensou também na formação *in situ* de um clero diocesano. Deixou tudo preparado para o seu sucessor fundar o seminário. O novo bispo fez desta fundação uma das suas prioridades. D. José, advindo do clero diocesano, não estava, naturalmente, a par das especificidades da vida religiosa, mas o seu humanismo e espírito eclesial levavam-no a respeitar o carisma de cada sociedade missionária. Eis um gesto de suma importância, ainda que o não pareça, porque deste modo o grupo dos Espiritanos podia trabalhar à vontade segundo seus métodos de evangelização, que não se limitam à faceta meramente religiosa, mas visam também à promoção do homem todo, a começar pela escola, seguindo-se a vida familiar e ainda a social. Atualmente, as ilhas que eram consideradas mais degradadas devido à sua pobreza e falta de assistência religiosa aparecem como as mais florescentes. Isto demonstra a eficácia do apostolado missionário dos Espiritanos. Os Espiritanos, dentro do seu carisma de zelar pelos mais abandonados, dedicaram-se a esse povo, ainda de certo modo fora das vias do progresso; hoje os frutos estão à vista, e há quem, no que concerne à vida cristã e social, considere as ilhas (que lhes foram entregues em estado degradado) como as mais prósperas religiosa e socialmente.

De acordo com as orientações de Libermann, os missionários assumiram a missão das zonas mais desfavorecidas, as ilhas de Santiago e do Maio. Cada missionário, embora num ambiente caótico e pouco agradável à sobrevivência humana, foi sendo sinal de esperança para aquele povo padecente. Se Libermann insistiu em que os missionários fossem santos e assim ganhassem as almas para Deus, em Cabo Verde os missionários procuraram viver na santidade e, ao mesmo tempo, convidavam os seus paroquianos a mudarem de vida, com propostas que facultavam uma nova dinâmica cultural, social e religiosa. Os Espiritanos também deram um grande contributo para a edificação de uma sociedade com estruturas bem enraizadas na terra cabo-verdiana. Isto concretizou-se na criação de escolas paroquiais e na generalização da educação. O resultado dos esforços dos primeiros missionários não demorou a manifestar-se. O balanço do trabalho realizado após a morte do bispo D. Faustino em 1955 é muito positivo. Conseguiu erguer simultaneamente o edifício humano-espiritual da Igreja e da sociedade cabo-verdiana. Portanto, se durante a redação do nosso trabalho dissemos que os Espiritanos deram um novo vigor à Diocese e à sociedade cabo-verdiana, não foi porque em todas as ilhas houvesse Espiritanos, mas pelo facto de ter sido um espiritano, o bispo D. Faustino, a promover este renascimento.

Em colaboração com os bispos diocesanos, os missionários procuraram respeitar as suas Regras e Constituições, através da observância dos seus votos de pobreza, castidade e obediência e do cultivo da vida fraterna em comunidade. Mas muitas vezes, porém, as circunstâncias do território levaram-nos a adaptar as normas comunitárias à realidade, para assim conseguirem responder cabalmente às necessidades do povo. É por isso que o nosso segundo capítulo está repleto de referências às iniciativas levadas a cabo, aos desafios empreendidos e aos riscos ou perigos que alguns correram ao longo da sua atividade. Nessa época de domínio colonial, poder-se-ia pensar que todos os missionários vinham exclusivamente servir os colonos. Ainda que tenha havido alguns que se limitaram a estar às suas ordens, a grande maioria trabalhou e lutou em benefício das camadas mais desfavorecidas, enfrentando por vezes contrariedades de vária ordem por parte da administração. As atitudes missionárias constatadas no segundo capítulo levaram a que tirássemos algumas conclusões, apresentadas no capítulo terceiro. O facto de terem abandonado as comodidades dos seus países para irem para o sítio dos degredados revela quão sólida fora a formação dos missionários nos seminários espiritanos. Tudo indica que tiveram uma rigorosa formação e que durante o seu tempo de seminário aprenderam a cultivar a vida que devia ser oferecida por amor em benefício dos fracos. Os nativos são testemunhas de que os missionários fizeram muito para melhorar as suas condições de vida, quer a nível material para a sua subsistência quer a nível espiritual e moral, o que contribuiu para uma maior organização familiar e social das populações autóctones. Libermann insistia em que se formasse clero indígena. Os missionários, tornando essa insistência uma prioridade, tudo fizeram para desenvolver uma Igreja local autónoma com clérigos bem formados.

Para conferirmos o sucesso da missionação, basta olharmos para os resultados: agora há dois bispos nativos (um dos quais elevado recentemente ao cardinalato), clero autóctone quase suficiente, muitos missionários a sair para o Brasil e outras nações sul-americanas, centenas de religiosas nativas também já a sair de Cabo Verde para evangelizar em outras paragens.

Em suma, os missionários conseguiram pôr em prática o projeto de Libermann; Imprimiram no espírito das pessoas o desejo da comunhão com Deus e com os irmãos. Por isso dizemos que os missionários deram ao povo tudo aquilo que receberam: através do seu testemunho, criou-se nas pessoas apreço pela Virgem Maria, o gosto pela oração e a sensibilidade para com as camadas mais desfavorecidas dentro das paróquias. O

projeto de Libermann ajudou a tornar os pobres pessoas mais livres. Hoje as estruturas sociais têm outra dignidade e estão em constante progresso.

Os missionários espíritanos souberam ultrapassar obstáculos, como o do relacionamento com o governo colonial ou o da inicial resistência do decadente clero local e o da própria crise do país. Foi uma superação na diversidade, porque cada qual assumiu a sua própria atitude perante as dificuldades e obstáculos que se lhe apresentavam. Em suma, apesar das variadas e desfavoráveis circunstâncias em que o apostolado teve de ser desenvolvido, verificámos terem sido bons os resultados dos esforços dos missionários que trabalharam de acordo com o espírito do projeto de Libermann e, graças a isso, Cabo Verde hoje desfruta de uma primavera religiosa em constante floração.

O empenho que pusemos na sua elaboração foi-nos benéfico: além de termos alargado os nossos conhecimentos em relação aos temas aqui versados, tivemos de fazer um sério esforço de aperfeiçoamento das nossas competências para a investigação.

Esta investigação pode ainda servir de ponto de partida para trabalhos mais aprofundados sobre a história da evangelização de Cabo Verde. Muitos documentos continuam guardados e alguns só agora começam a ser conhecidos. O nosso trabalho fica aberto à crítica de quem se mostre interessado ou apaixonado pela história da Congregação do Espírito Santo e pela história religiosa de Cabo Verde e, movido por desejo construtivo, queira lançar-se ao aprofundamento desses assuntos. A nossa tentativa foi a de sintetizar um todo amplo de acontecimentos. Lançamos desde já este desafio: que em cada ilha, em cada paróquia e nas pequenas comunidades se faça uma investigação pormenorizada, de forma a preservar por escrito todos os traços da construção cristã e humana que os missionários deixaram impressos por onde passaram. O nosso desiderato é que este trabalho seja um começo, não um fim, um despertar de interesses em conhecer a verdadeira história de um povo que, vindo do mais baixo nível social e religioso, está atingindo o auge, se o situarmos comparativamente no ambiente geográfico em que se integra.

APÊNDICE I:
LISTA DOS MISSIONÁRIOS ESPIRITANOS EM
CABO VERDE (1941-1975)

1. Bispo D. Faustino Moreira dos Santos (1885-1955)³²⁴.

2. P. José Neiva Araújo (1899-1979)

De nacionalidade portuguesa, natural de Anha, Viana do Castelo. Nasceu em 17 de setembro de 1899. Chegou a Cabo Verde em 1941 e trabalhou como secretário de Bispo D. Faustino Moreira dos Santos. Regressou a metrópole em 1944, onde vai assumir o cargo de professor no seminário do Fraião. Faleceu em Luanda o dia 26 de dezembro de 1979³²⁵.

3. P. Lindorfo Quintas (1912-1945)

Português e natural de Penha Longa, marco de Canavezes. Nasceu em 2 de janeiro de 1912. Chegou a Cabo Verde em 1941 na companhia do Bispo e colegas. Trabalhou como Pároco em São Salvador do Mundo (picos). No ano seguinte com o regresso do P. Lúcio dos Anjos, e com a chegada do P. Henrique Alves, foi nomeado vigário cooperador do pároco P. Henrique Alves. Por motivos de doença regressou a metrópole em 1944, e acabou por falecer no Fraião-Braga a 7 de abril de 1945³²⁶.

4. P. Lúcio dos Anjos

Português de nacionalidade. Chegou em 1941 acompanhado do Bispo e colegas. Tendo chegado à ilha de Santiago, em companhia de seu Confrade P. Lindorfo Quintas, imediatamente, foi nomeado Pároco da freguesia de São Nicolau Tolentino (São Domingos). No ano seguinte voltou a metrópole por motivo de saúde, deixando o seu confrade Lindorfo Quintas sozinho.

³²⁴ Ver o segundo capítulo na página 53.

³²⁵ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*, 242-243.

³²⁶ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*, 110.

5. P. Frederico Duff

De nacionalidade suíça. Chegou a Cabo Verde em 1942, na companhia do Padre Henrique Alves. Faleceu em Cabo Verde no ano 1947 e os seus restos mortais foram sepultados no cemitério da Praia.

6. P. Henrique Alves (1909-1986)

Natural de Padronelo, Amarante (Portugal). Nasceu a 24 de dezembro de 1909, na Diocese do Porto. Chegou a Cabo Verde em 1942. Durante alguns anos, desempenhou o cargo de Vigário Geral e superior em Cabo Verde. Regressou a Portugal no ano 1946. Faleceu em Torre d'Aguilha no dia 22 de abril de 1986. Faleceu no Fraião em 15 de março de 1987³²⁷.

7. P. Augusto Nogueira de Sousa (1919-1987)

Natural da Diocese do Porto, Gandra, Paredes, nasceu a 22 de abril de 1919. Chegou a Cabo Verde no ano 1943 e só regressou definitivamente a Portugal, por motivo de Saúde, em 1978. Durante os anos que passou no território ocupou vários cargos importantes. Foi vigário cooperador da Praia (1943); foi pároco de Santo Amaro (Tarrafal) em Santiago e pároco da ilha do Maio (1947); foi administrador apostólico da Diocese (1955); foi professor e reitor do seminário da Diocese (1957) e por fim foi vigário geral da Diocese (1959)³²⁸.

8. P. Fernando Bussard

É de nacionalidade Suíça. Chegou a Cabo Verde em 25 de fevereiro de 1944. Em 1950 partiu para o Senegal.

9. P. Manuel Rodrigues Ferreira

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde em 27 de dezembro de 1944.

10. P. António Amâncio Ventura (1921-1992)

De nacionalidade portuguesa. Nasceu a 9 de abril de 1921 em Melo, Gouveia, Diocese da Guarda. Chegou a Cabo Verde em 1946 e regressou a Portugal em 1966. Faleceu em 23 de setembro de 1992.

11. P. Arthur Emery

De nacionalidade suíça. Chegou a Cabo Verde a 20 de fevereiro de 1946 e regressou a Portugal em 1966.

³²⁷ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*, 292.

³²⁸ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*, 297.

12. P. Francisco Alves do Rego (1904-1982)

De nacionalidade portuguesa, e natural de Sobreira, Paredes. Nasceu a 24 de agosto de 1904. Trabalhou em Cabo Verde desde 1946 até 1960. Durante estes anos foi superior principal e pároco de Nossa Senhora da Graça (Praia). Faleceu no Porto em 10 de dezembro de 1982³²⁹.

13. P. CyrCrettaz

De nacionalidade suíça. Chegou a Cabo Verde em 1946 e faleceu em 1989 em Cabo Verde a ali mesmo foi sepultado ao lado do seu confrade P. Eduardo Moniz anteriormente falecido.

14. P. António Figueira Pinto (1917-2009)

Nasceu a 12 de junho de 1917 na freguesia de Salgueiro, concelho do Fundão, Diocese da Guarda. Foi missionário em Cabo Verde desde 1946 a 1972. Faleceu em Portugal no dia 3 de janeiro de 2009.

15. P. Jerónimo Ferreira (1890-1977)

Nasceu a 2 de abril de 1890 em Baltar, Paredes, Diocese do Porto. De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde em 1947 e regressou a Portugal em 1956. Faleceu em Viana do Castelo a 6 de agosto de 1977³³⁰.

16. P. LouizAllaz (1915-1976)

Nasceu a 1 de março de 1915 em Sulz Bei Kuntlen, Suíça. Chegou a Cabo Verde em 1947. Por intermédio dele fundou-se a Legião de Maria em 1953, que progressivamente foi sendo adotada por muitas paróquias da Diocese de Cabo Verde. Trabalhou como vigário cooperador em várias paróquias e finalmente desde 1953 foi pároco de Santa Catarina (Assomada) até ao ano que regressou à sua terra por motivo de saúde em 1976, e acabou por falecer pouco tempo depois³³¹.

17. Louis Mudry

De nacionalidade suíça. Chegou a Cabo Verde no ano 1950.

18. P. Miguel Madeira

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde no ano 1950 e regressou a Portugal em 1954.

³²⁹ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*, 261.

³³⁰ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*, 234.

³³¹ Cf. MIRANDA – *Padre LouizAllaz*, p. 23;27-28.

19. P. António de Sá Cachada (1928-2009)

Português de nacionalidade. Nasceu a 27 de janeiro de 1928 na freguesia da Vila Cova no concelho de Barcelos, Diocese de Braga. Em 1954 partiu para Cabo Verde e lá trabalhou até ao ano 2009, ano do seu falecimento.

20. P. Custódio Ferreira de Campos (1927 -)

Português de origem. Nasceu a 15 de agosto de 1927 na freguesia de Joane, concelho de Famalicão, Diocese de Braga. Chegou a Cabo Verde em 1954 e continua como missionário em Cabo Verde.

21. P. Afonso Vieira Gomes

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde no mês de junho de 1953. Por ordem do médico teve de regressar a Portugal sem demora.

22. P. Avelino Vieira Alves

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde a 19 de dezembro de 1953.

23. P. João Eduardo Moniz (1928-1989)

Natural da Diocese de Angra nasceu a 28 de setembro de 1928 na freguesia de Ponta Garça, concelho de Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel, arquipélago dos Açores-Portugal. Ordenado sacerdote em 1952, partiu em missão para Cabo Verde em 1953. Ali trabalhou como vigário cooperador, foi nomeado pároco de várias paróquias. Em 1970 foi nomeado superior principal do Distrito embora por pouco tempo. Em 1972 foi nomeado pároco de Santa Catarina (Assomada) e no ano seguinte foi nomeado pároco de Calheta São Miguel, onde faleceu em 18 de abril de 1989³³².

24. P. José Pereira de Oliveira (1909-1986)

Sendo português, natural de Guizande, Santa Maria da Feira, nasceu a 4 de outubro de 1909. Chegou a Cabo Verde em 1955 e regressou em 1966. Chegou a desempenhar a função como superior do Distrito de Cabo Verde durante cerca de 9 anos³³³. Faleceu na Silva a 24 de fevereiro da 1986³³⁴.

25. P. Arlindo de Areias Amaro (1932 -)

Português de origem. Nasceu a 17 de janeiro de 1932 na freguesia de Marinhas no concelho de Esposende, Diocese de Braga. Chegou a Cabo Verde em 1957 e trabalhou nesse território como missionário até ao ano 1975. Atualmente é missionário nos USA, onde trabalha pastoralmente com os cabo-verdianos.

³³² Cf. RODRIGUES – *Padre João Eduardo Moniz*, p. 23;25-28.

³³³ Cf. *ENCONTRO: Selecções Missionárias*, Lisboa. 4:24 (1966) 54.

³³⁴ Cf. *MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007)*, 288.

26. P. Joaquim G. da Cruz

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde em 1961 e regressou a Portugal em 1978.

27. P. Gil Afonso Losa (1937 -)

Português de origem. Nasceu a 24 de abril de 1937 na freguesia de Marinhas no concelho de Esposende, Diocese de Braga. Chegou a Cabo Verde em 1963 e continua a trabalhar ali ainda hoje como missionário.

28. P. José Maria de Sousa (1920 -)

Português de origem. Nasceu a 2 de fevereiro de 1920 na freguesia de Figueireda no concelho de Penafiel, Diocese do Porto. Chegou a Cabo Verde em 1963 e lá trabalhou como missionário até ao ano 1974.

29. P. Joaquim Barata

Português. Foi para Cabo Verde em 1964, e por causa da saúde teve de regressar a Portugal em 1979.

30. P. Joaquim Marques Ferreira

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde em 1964 e regressou a Portugal em 1968.

31. P. António José Gomes Marques

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde em 1965 e regressou a Portugal em 1968.

32. P. Veríssimo Teles (1942 -)

Português de origem. Nasceu a 3 de janeiro de 1942 na freguesia de Romeu no concelho de Mirandela, Diocese de Bragança. Chegou a Cabo Verde em 1967 e nesse território trabalhou como missionário até ao ano 1972.

33. P. Afonso da Cunha Duarte (1940 -)

De nacionalidade portuguesa. Nascido a 26 de janeiro de 1940 na freguesia de Bustelo, concelho de Penafiel Diocese do Porto. Em 1970 foi para Cabo Verde e foi coadjutor na paróquia de Nossa Senhora da Graça (Praia) e era também professor de moral no liceu da Praia. Em 1977 partiu para Portugal onde foi desempenhar a função de capelão dos cabo-verdianos em Lisboa.

34. P. Alberto Barbosa da Cunha Meireles (1939 -)

Português de nacionalidade. Nasceu a 20 de março de 1939 na freguesia de Lever, concelho de Vila Nova de Gaia Diocese do Porto. Chegou a Cabo Verde no ano 1968 e ainda hoje é missionário em Cabo Verde na Paróquia de São Lourenço dos Órgãos.

35. P. António Botelho (1918-2011)

De nacionalidade portuguesa. Nasceu a 12 de fevereiro de 1918 na freguesia de Tarouca, Diocese de Lamego. Em 1972 foi nomeado para Cabo Verde e lá trabalhou até ao ano 2011. No mesmo ano regressou a Portugal e faleceu no mesmo ano.

36. P. Firmino da Costa de Sá Cachada (1945 -)

Português de origem. Nasceu a 31 de janeiro de 1945 na freguesia de Vila Cova no concelho de Barcelos, Diocese de Braga. Chegou a Cabo Verde em 1972 e lá trabalhou como missionário até ao ano 1979

37. P. Manuel dos Santos Neves (1928 -)

Português de origem. Nasceu a 21 de fevereiro de 1928 na freguesia da Foz do Sousa no concelho de Gondomar, Diocese do Porto. Chegou a Cabo Verde em 1973 e trabalhou nesse território como missionário até ao ano 1979.

38. P. José Martins Vaz (1924-2011)

De nacionalidade portuguesa. Chegou a Cabo Verde em 1974 e regressou a Portugal no ano seguinte. Faleceu a 11 de março de 2011 em Portugal.

39. Bispo D. Paulino do Livramento Évora (1931 -)

De Origem cabo-verdiana. Nasceu a 22 de junho de 1931 na freguesia de Nossa Senhora da Graça no concelho da Praia, Diocese de Santiago de Cabo Verde. Em 1949 entrou no seminário em Godim; em 1963 foi ordenado sacerdote e um pouco mais tarde em 1975 foi nomeado bispo de Cabo Verde, o primeiro bispo originário de Cabo Verde.

APÊNDICE II:

RELATÓRIO DO QUESTIONÁRIO AOS LEIGOS DAS ILHAS DE SANTIAGO E MAIO

No âmbito do nosso trabalho achamos conveniente elaborar um questionário aos leigos para podermos conseguir algumas informações sobre a atividade missionária dos Espiritanos em Cabo Verde. Dos 10 questionários distribuídos só conseguimos seis respostas, e das seis respostas, cinco eram homens e uma mulher. É um número reduzido, mas não nos impediu de extrair informações úteis à nossa dissertação. As seis pessoas tinham a idade entre 50 a +80 anos, quatro são da ilha de Santiago, e de paróquias diferentes, e duas são da ilha do Maio.

O questionário tinha um total de 16 questões, que podem ser colocadas nas seguintes categorias: dados pessoais, o contato das pessoas com os missionários, que atividade foi levada a cabo pelos Espiritanos, a relação dos missionários com as pessoas e com a cultura cabo-verdiana e a atitude dos missionários durante a guerra colonial.

A maioria dos inquiridos respondeu com seriedade e liberdade às nossas questões, por isso, quando não sabiam responder deixavam a questão sem resposta.

Em geral, todos mostraram ter conhecido e contactado com os missionários, cada um à sua maneira, uns mais próximos e outros menos. Alguns até se lembravam dos primeiros missionários chegados em 1941.

Em comparação com os “*padrisdi terra*” os missionários foram considerados como sendo diferentes, em vários aspetos: eram zelosos em guardar a castidade (não tinham filhos como os anteriores), eram mais exigentes e conservadores, mas ao mesmo tempo respeitadores e ajudaram a Igreja de Cabo Verde para a prática cristã.

No respeitante à solidariedade com a cultura do povo cabo-verdiano, tivemos a opinião de que os missionários eram solidários com a cultura, mas por vezes mostravam algum receio, antipatia e afastamento. Recusavam batizar filhos de casais solteiros, e proibiram as danças e músicas tradicionais (batuque, tabanca, funana) assim como a

oração de *bêsprá* (é como dizer véspera mas não se corresponde). Alguns tiveram o cuidado de sublinhar que nem todos pensavam da mesma forma e que uns eram mais tolerantes. Sublinhou-se ainda de que os missionários se mostraram afastados e contra as diversões do povo porque durante as diversões aconteciam muitas imoralidades. Alguns mantinham distância para com o povo, permanecendo nas suas residências e igrejas. Entretanto, houve quem elogiasse as atitudes solidárias do Padre Louiz Allaz (Santa Catarina), considerado como sendo muito generoso: pagava renda às pessoas com mais dificuldades, ajudava os pais a fazer o acento e a registar os filhos gratuitamente. Ajudou muita gente e o amor por aquela gente fê-lo gastar toda a sua vida em benefício de muitos.

Os missionários fundaram associações e movimentos em diferentes paróquias, e pretendiam reestruturar a cultura e dar uma orientação cristã à sociedade onde estavam. Alguns inqueridos eram membros de diferentes grupos e associações. Através desses movimentos e associações eram formados segundo a moral cristã (meninas preparadas para ser futuras mães, podia-se dançar mas afastado um do outro).

Sobre a questão de confirmar se os missionários batiam nas pessoas, tivemos a resposta de que era verdade, mas por justa causa ou em legítima defesa de si próprios e dos oprimidos. Havia situações em que um missionário se sentia na obrigação de usar a força física, principalmente quando alguns desrespeitavam os lugares ou momentos sagrados, e quando alguém desrespeitasse a liberdade da outra pessoa.

As novidades trazidas pelo Concílio Vaticano II não ficaram despercebidas pelo povo que pouco sabia a respeito do Concílio. No entanto, com a ajuda dos missionários dizem ter percebido algumas renovações que o Concílio trouxe à Igreja Católica. Entre os aspetos que foram alterados referem a Eucaristia celebrada de costas para o povo, as senhoras menstruadas impedidas de se aproximarem do altar e a missa celebrada em latim.

Sobre a questão da percepção deles a respeito das atitudes dos missionários perante as guerras coloniais, tivemos como resposta duas posições: uma parte defende que os missionários eram a favor da independência justificando que alguns missionários denunciavam os maus-tratos contra o povo por parte dos administradores coloniais; e a outra parte defendia que os missionários não queriam a independência de Cabo Verde. Por fim, salientou-se também que a Igreja na pessoa do Papa Paulo VI, quando recebeu

Amílcar Cabral em audiência em Junho de 1970, se mostrou a favor da paz pela independência.

ANEXO:
RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO AOS LEIGOS
DAS ILHAS DE SANTIAGO E MAIO

1. Homem / Mulher

- a. Homem
- b. Homem
- c. Homem
- d. Mulher
- e. Homem
- f. Homem

2. Idade

- a. 71-80
- b. +80
- c. +80
- d. +80
- e. 50-60
- f. +80

3. Onde nasceu e cresceu em que paróquia e localidade? Quem era o Pároco?

- a. Picos S. Salvador do mundo – P. Manuel Ferreira e P. Avelino Vieira Alves
- b. Ribeirão Almaço, paróquia de Santiago Maior

- c. Santa Catarina
- d. Pedra Badejo – Santa Cruz (atualmente nos Picos)
- e. Vila do Maio
- f. Maio

4. Quem é que orientava a catequese? Era como a nossa catequese hoje? Diga as diferenças.

- a. Primeiro os padres, a seguir os catequistas de várias localidades. Mas a catequese não era como a de hoje por causa da pouca formação dos catequistas (analfabetos); o ensino incluía o castigo físico, formação irrisória ou irrelevante e por vezes deficitária.
- b. Não responde.
- c. Não responde.
- d. Não responde.
- e. Crismado pelo P. Joaquim Barata. Antes do meu casamento fui preparado pelo padre Botelho durante cinco semanas.
- f. Não responde.

5. Conheceu o bispo Dom Faustino Moreira dos Santos? Como era ele?

- a. Sim conheci-o pessoalmente. Era de baixa estatura, muito conservador. Fui confirmado por ele em Sta Catarina no ano 14/05/1950.
- b. Não se lembra
- c. Não
- d. [Não se lembra].
- e. Não.
- f. Sim trabalhou muito. [Não diz como].

6. Conheceu o bispo Dom José Colaço? Como era?

- a. Conheci também o Rev. Bispo Dom José do Carmo Colaço. Era duma estatura razoável. Era uma pessoa extrovertida e sem mais.
- b. [Não se lembra].
- c. Sim. Foi ele que me crismou.

- d. Não. [Lembra-se que o padre campos foi pároco nos Picos, mas depois foi mandado para uma outra paróquia].
- e. Sim. Residia na Praia e fez muito para a Igreja de Cabo Verde.
- f. Sim [e não diz como].

7. Lembra-se da data da chegada dos Espiritanos? Quando é que foi? Diga o nome deles.

- a. Fui batizado por Lindorfo Quintas supostamente em Dezembro de 1941.
- b. Não me lembro. P. Gil e P. Barbosa.
- c. Não.
- d. Sim mas não da data.
- e. Não os conheci mas sei que chegaram em 1941.
- f. Sim.

8. Os padres spiritanos eram iguais aos padres que já cá estavam (*padre di terra*)? Se não eram iguais, diga em que aspetos é que se diferenciavam?

- a. Os Espiritanos não eram iguais aos padres anteriores nem iguais aos de hoje. Trabalhavam com um grupinho e os restantes nem por isso.
- b. Eram diferentes. Antigamente todos os padres tinham filho, mas os padres Espiritanos eram mais conservador[es] e respeitador[es]. Os Espiritanos eram mais exigentes.
- c. Enquanto Evangelho era o mesmo. A igreja Católica é uma. Cada Domingo é um Evangelho.
- d. Não tive contacto com os padres Espiritanos porque sou analfabeta (*não tenho escola*).
- e. Por aquilo que ouvi eram exigentes e ajudaram a igreja de Cabo Verde para a Prática cristã.
- f. [Não percebeu a questão].

9. Os padres spiritanos eram solidários com a cultura do povo cabo-verdiano ou só queriam impor a sua cultura? Se sim, dê exemplo de alguns aspetos da cultura cabo-verdiana que não aceitavam.

- a. Os Espiritanos eram afastados nalguns casos, antipáticos.

- b. Sim eram solidários com a nossa cultura. Mas eram exigentes e recusavam batizar as crianças dos amancebados.
- c. Na altura os portugueses é que mandavam, é claro que proibiam algumas práticas culturais como as “*Vésperas*” (não é o mesmo que as da liturgia).
- d. Não sei.
- e. Não eram solidários com a nossa cultura, não aceitaram batuque, funaná, tabanca. Nas diversões nem todos participavam, talvez seja por causa da cultura e hábito deles.
- f. Proíbiam as danças e músicas “*di terra*”.

10. Os padres Espiritanos eram próximos das pessoas, simpáticos ou eram antipáticos e afastados do povo?

- a. [Sem resposta].
- b. Eram mais reservados. Mantinham uma certa distância em relação as pessoas diferente dos diocesanos. Não participavam nas diversões do povo. Antes os padres participavam mas depois da chegada deles proibiram categoricamente, porque havia muitos atos imorais no meio dessas diversões. A tabanca tinha muita imoralidade, por isso foi rejeitada pelos padres.
- c. Não. Eram pontuais nas suas tarefas. Eram afastados do povo, mas havia um grupo onde os padres se sentiam mais à vontade. O P. LouizAllaz era muito generoso, pagava renda às pessoas com mais dificuldades, ajudava os pais a fazer o acento e a registar o filho gratuitamente. Ajudou muita gente e o amor por aquela gente fê-lo gastar toda a sua vida em benefício de muitos.
- d. [Não responde].
- e. Todos não eram simpáticos, viviam isolados em suas residências e Igreja.
- f. [Deu a perceber que mais ou menos].

11. Os padres Espiritanos fundaram alguns grupos, movimentos e associações? Diga o nome dos grupos e a data da sua fundação e o nome do/a fundador/a.

- a. Ação Católica (L.A.C.F/M) P.J.A.C.M./F. pelo P. Arlindo Amaro, em 1963.
- b. Grupos de Legionários, Ação Católica, no tempo de Padre Crettaz.

- c. Ação Católica: novos escolhem Deus. Rito de amor. Dançávamos sem pegar um no outro.
- d. [Não responde].
- e. Legião de Maria, Grupos de jovens, Apostolado de Oração, Movimento de Jovens.
- f. Grupos de jovens, cruzada, grupos de legionários.

12. Você fazia parte de alguns grupos, movimentos ou associações? Diga o nome do grupo.

- a. Fui sempre dirigente destes órgãos, ora presidente ora secretário da J.A.C. depois de casado fui nomeado presidente da F.A.C dos Picos. Fundamos concelho paroquial.
- b. [Não fazia parte de nenhum dos grupos].
- c. Participava apenas na missa.
- d. Fazia parte da Ação Católica, Legião de Maria, grupo de jovens.
- e. Sim grupo de jovem e Legião de Maria.
- f. Sim. Grupo de jovens.

13. É verdade que os padres, às vezes, batiam nas pessoas? Algum padre lhe bateu ou viu algum padre a bater em alguém? Se sim, diga qual foi a razão.

- a. Certo. Batiam, por justa causa ou em legítima defesa dos oprimidos.
- b. Não é verdade. Não ouvi nem vi dizer as outras pessoas. Batiam em legítima defesa, eles não insultavam as pessoas, mas sim defendiam-nas.
- c. O P. LouizAllaz era boxeio, tinha coragem e defendia com socos às meninas que muitas vezes eram atacadas pelos rapazes.
- d. [Não sabe, mas diz que os padres não podem bater nas pessoas].
- e. Nunca vi, e nem ouvi.
- f. Não.

14. O seu pároco falou-lhe do Concílio Vaticano II? Tem uma ideia sobre o concílio?

- a. Sim falaram. O Concílio trouxe renovação história à Igreja Católica. Exemplo: A Eucaristia celebrada de costas virada para o povo, as senhoras menstruadas não deviam aproximar-se do altar, missa celebrada em latim, são aspetos que foram alterados.
- b. Não, não ouvi falar.
- c. Não responde.
- d. Não sabe.
- e. Sim, mas não sei da data. A missa que antes era em latim passa a ser celebrada em português; o padre celebrava de costas para o povo enquanto este rezava o terço.
- f. Sim.

15. Os Espiritanos eram na sua maioria de nacionalidade portuguesa. Havia uma minoria de padres Espiritanos suíços em Cabo Verde. Conheceu pessoalmente algum padre Espiritano suíço? Quem?

- a. Sim. P. LouizAllaz, P. Luiz Mudry, P. Crettaz
- b. Sim. P. LouizAllaz
- c. Sim. P. LouizAllaz
- d. [Não conheceu].
- e. [Sim o Padre barata trabalhou com ele] (era forte).
- f. P. Nogueira, P. Campos, P. Crettaz.

16. Qual foi a atitude dos padres face às guerras coloniais?

- a. A atividade das almas, era contra tendo em conta a 1ª reação dos principais agentes responsáveis.
- b. Não sei.
- c. Todos os padres eram contra a independência
- d. Passei um bocado de tempo em Angola, portanto fora de Cabo Verde e só cá voltei em 1975. Por isso não estou informado à cerca disso.
- e. Nem todos os padres spiritanos eram a favor da independência. Na audiência que o Papa Paulo VI fez à Cabral manifesta a sua vontade a favor da independência.

- f. Eles criticavam a maneira como o povo era tratado. Alguns eram a favor da independência.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

1.1. Fontes inéditas

ARQUIVO DO DISTRITO ESPIRITANO DE CABO VERDE, Praia, Carta do Bispo D. Faustino Moreira dos Santos à Província Portuguesa, 15/12/1946 [doc. não catalogado].

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, Ribeira Grande, Cabo Verde, Carta de apresentação à Diocese de Dom Faustino Moreira dos Santos; S. Nicolau 20/12/1941, Livro de Provisões e Circulares [doc. não catalogado].

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE SANTO CRUCIFIXO, Ribeira Grande, Cabo Verde, Provisão Criando o Apostolado da Oração Na diocese de Santiago de Cabo Verde, 05/03/1947, Livro de Provisões e Pastorais [doc. não catalogado].

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, Santo Antão, Provisão Criando o Apostolado da Oração Na diocese de Santiago de Cabo Verde. In Livro de Provisões e Pastorais da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Concelho de Ribeira Grande, Santo Antão. Praia, 05/03/ 1947, [doc. não catalogado].

ARQUIVO DA PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, Lisboa, Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, Porto, 29/06/2011, caixa 460.

1.2. Fontes publicadas

ANTOLOGIA Espiritana. Textos escolhidos e apresentado por Christian de Mare. Lisboa: Congregação do Espírito Santo, 2010, vol. 1.

CONCORDATA entre a Santa Sé e a República Portuguesa: Texto integral da Concordata e do acordo missionário estudos comentários legislação executória. Lisboa: Almeida, 2000.

CONGRÉGATION du Saint-Esprit et du Saint-Cœur de Marie – Directoire Spirituel ou Instructions du Vénérable F.-M.-P. Libermann aux membres de la Congrégation. Paris: Maison - Mère, 1910.

COROGRAFIA Cabo-verdiana: das províncias das ilhas de Cabo Verde e Guiné. Publicada por José Conrado Carlos de Chelmicki. Lisboa: Typ de L. C. da Cunha, vol. 1.

DIRECTOIRE Spirituel ou Instructions du Vénérable F.-M.-P. Libermann aux membres de la Congrégation. 2^a Ed. Paris: Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Cœur de Marie -Maison - Mère, 1910.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1914-1922 (Bento XV) – *Maximum Illud*: [Carta Apostólica de 30 de nov. 1919]. AAS. 11 (1919)440-455.

—————II Concílio Vaticano, 1963-1965 – Const. Past. *Gaudium et Spes*, n. 1. AAS. 58 (1966) 1025-1026.

LETTRES Spirituelles du Vénérable Libermann: premier supérieur général de la Congrégation du S. Cœur de Marie. 3^{eme} édition, Paris: Libraire Poussielgue Frères, 1889, vol. 2.

LETTRES Spirituelles du Vénérable Père aux Membres de la Congrégation. Paris: Procure Générale de la Congrégation, 1889, vol. 4.

NOTES et Documents relatifs à la vie et l'œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann. Paris: Maison-Mère, 1929-1941, vol. 1-13.

NOTÍCIA: Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde por um amante da Pátria e Leal Vassalo da sua Majestade Fidelíssima – 1789, (Inéditos Coloniais, Série A; 3), Lisboa, Empresa da Revista Diogo Cão, 1937.

2. Estudos

ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal.* Porto: Livraria Civilização, 1970, vol. 3.

AMÍLCAR Cabral: Documentário; África Minha. Apresentação de António Duarte Silva. Lisboa: Cotovia, 2008.

COSTA, Alfredo da – *Cabo Verde: Conferência em sessão especial realizada em a noite de 10 de Janeiro de 1913 na Sociedade de Geographia de Lisboa*. Lisboa: Tipografia Universal, 1913.

ASCHER, Françoise – *Os Rebelados de Cabo Verde: história de uma revolta*. Paris: L'Harmattan, 2011.

AUBERT, Arcène – *Orar 15 dias com François Libermann*. Paris: Paulus, 2004.

BARCELLOS, Christiano José de Senna – *Alguns Apontamentos: As fomes em Cabo Verde desde 1719 a 1904*, Lisboa: Typ. da Cooperativa Militar, [s.d.].

BARROS, Simão – *Origens da colónia de Cabo Verde*. Lisboa: Cosmos, [s.d.]. Cadernos Coloniais; 56.

CARREIRA, António – *Cabo Verde: Classes sociais, Estrutura familiar, Migrações*. Lisboa: Ulmeiro, 1977.

CERRONE, Frederico – *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*. S. Vicente: Gráfica do Mindelo, 1983.

————— *Cabo Verde: Cruzamento do Atlântico Sul*. 2ªEd. Turim: Centro Missões Estrangeiras Frades Capuchinhos; Mindelo: Rádio Nova, 1998.

COSTA, António Luís Pinto da – *Levados por um Sonho: Vida quotidiana e educação nos seminários espiritanos portugueses (1919-1984)*. Braga: Uniases, 2012.

COULON, Paul; BRASSEUR, Paule – *Libermann 1802-1852: Une pensée et une mystique missionnaires*. Paris: Cerf, 1988.

COULON, Paul – *François Libermann: Petit traite de la vie intérieur*. Paris: OrbeyArfuyen, 2011.

DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, vol. 1.

DICIONÁRIO de Pastoral. Porto: Perpétuo Socorro, 1990.

GAY, Jean Mgr – *François Libermann: Les Chemins de la Paix*. Paris: Congrégation du Saint-Esprit, 1995.

GILBERT, Alphonse – *Nas tuas mãos Senhor: um caminho de santidade com Francisco Libermann*. Lisboa: Missionário do Espírito Santo, 1997.

GRAÇA, António Duarte da – *Quatro meses e meio de uma administração ultramarina a pontapés, ou A administração da Sr. Marinha de Campos*. Lisboa: Flat Lux, 1911.

HISTÓRIA Geral da África: África do século XII ao XVI. Editado por DjibrilTamsirNiane. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, vol. 4.

HISTÓRIA Geral de Cabo Verde. Coordenação de Maria Emília Madeira Santos. Lisboa: Instituto de investigação Científica Tropical; Praia: Instituto nacional da cultura de Cabo Verde, Imprensa de Coimbra Lda, 1995, vol 2.

MARTINS, Amadeu Gonçalves – *Espiritualidade Missionária de P. Libermann*. Lisboa: LIAM, 2002.

MEMORIAL Espiritano (1867 – 140 Anos – 2007). Lisboa: Secretaria Provincial, 2007.

MIRANDA, José Pereira – *Padre LouizAllaz: Missionário em Cabo Verde 1947-1976: Uma estrela na madrugada cabo-verdiana*. Assomada: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2014.

NEIVA, Adélio Torres – *História da província portuguesa 1867-2004*. Lisboa: Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria, 2005.

QUINTAS, Lindorfo – *Explicando a Bíblia aos Protestantes: os «irmãos de Jesus» não são filhos da Virgem Maria*. Lisboa: LIAM, 1943.

RODRIGUES, Nuno Miguel da Silva – *Padre João Eduardo Moniz, 1928-1989: Vida e Obra: 25 anos ao serviço da educação*. Açores: Direcção Regional da Ciência e Tecnologia, 2003.

VAZ, José Martins – *Os Cabo-verdianos em Lisboa*. (Jornal «Época» de 30 de Julho de 1972), Lisboa: LIAM.

VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa-Rita – *História da medicina em Cabo Verde*. Maia: ICL, 1989.

3. Periódicos

ACÇÃO Missionária, Lisboa.

BOLETIM da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo. Missionário e Prefeito apostólico. Lisboa. 1952-1958.

ENCONTRO, Selecções Missionárias. Lisboa. 1963-2009.

MÉMOIRE Spiritaine. Paris. 1995-2006.

PORTUGAL EM ÁFRICA: Revista da cultura missionária. Lisboa. 1940-1973.

4. Páginas Web

<http://josemarianeves.blogspot.pt/.09/10/2014>. 00:00.

<http://nobidadetv.com/archives/4235>. 08/10/2014. 22:40.

<http://videos.sapo.pt/RsR64UC7rggctbu2yqq5>. 10/10/2014. 22:11.

<http://www.espiritanos.pt/quem-somos/no-mundo/cabo-verde/padre-campos-de-deus-e-dos-homens.html>. 27/10/2014. 22:25.

<http://www.legrandsoir.info/l-abbe-gregoire-catholique-franc-macon-et-revolutionnaire-en-1789.html>. 21/05/2014. 21:13.

http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_13061940_saeculo-exeunte-octavo_po.html. 20/10/2014. 17:30.

ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS	1
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I: FRANCISCO LIBERMANN E O SEU PROJETO MISSIONÁRIO	9
1. A resposta a uma vocação missionária	10
1.1. O percurso de um judeu	11
1.2. Do batismo à ordenação sacerdotal	12
1.3. Da fundação da Sociedade à fusão com os Espiritanos	14
2. O zelo pela evangelização dos marginalizados	15
2.1. A vocação de Francisco Libermann perante os desfavorecidos	17
2.2. Liberto para libertar os pobres e abandonados	18
2.3. A visão do homem africano	21
2.4. A especificidade metodológica da missão	23
2.4.1. O ir para onde ninguém quer ir	24
2.4.2. A vocação apostólica dos futuros missionários	25
2.4.3. O verdadeiro modelo de vida apostólica	27
2.5. A vida religiosa	28
2.5.1. O viver pobremente	29
2.5.2. A castidade	31
2.5.3. A obediência e a vivência fraterna	31
2.6. A vida comunitária	32
3. Orientações missionárias	34
3.1. Ser negro com os negros	36
3.2. Missionário, simultaneamente ovelha e pastor	37

CAPÍTULO II: A ATIVIDADE MISSIONÁRIA DOS ESPIRITANOS EM CABO VERDE (1941-1975)	41
1. Da descoberta à véspera da chegada dos Espiritanos.....	41
1.1. Descoberta e povoamento.....	42
1.2. A situação social e económica.....	43
1.3. A situação religiosa e política.....	46
2. Primeira fase da missão espiritana (1941-1955).....	49
2.1. O reacender da chama com a chegada dos Espiritanos.....	49
2.2. Os primeiros Espiritanos recém-chegados.....	51
2.2.1. D. Faustino Moreira dos Santos.....	53
.1. O percurso de um bispo missionário.....	53
.2. A sua atividade apostólica.....	54
.3. A sua espiritualidade missionária.....	57
2.3. Os obstáculos no apostolado.....	59
2.3.1. A miséria e o regime.....	59
2.3.2. A ignorância religiosa.....	61
2.4. O desenvolvimento da atividade missionária.....	63
2.5. Ações concretas dos missionários.....	64
3. Segunda fase da missão espiritana (1955-1975).....	68
3.1. A renovação na continuidade.....	69
3.2. Os missionários presentes e os que chegaram até 1975.....	70
3.3. O Distrito Espiritano de Cabo Verde.....	71
3.3.1. A contínua ação apostólica.....	74
3.3.2. As dificuldades e desafios.....	81
3.3.3. O(s) resultado(s) conseguido(s): a inculturação dos missionários.....	87
CAPÍTULO III: O CONFRONTO DO PROJETO DE LIBERMANN COM A MISSÃO DOS ESPIRITANOS EM CABO VERDE	89
1. As duas pobres e abandonadas Ilhas, espaços da ação missionária.....	89
2. Apoios e eventos em favor da ação missionária.....	94
3. Os missionários penetrados pelo espírito libermaniano.....	97
3.1. A dinâmica libermaniana nos missionários.....	98
3.2. Ser libermaniano é ser missionário.....	100
3.3. As ideias sobre a presença espiritana nas colónias.....	102
	172

3.4. Dádiva da própria vida para salvar.....	105
3.5. Testemunhos de santidade.....	107
3.6. A identificação dos missionários com os pobres.....	109
3.6.1. Ser cabo-verdiano com os cabo-verdianos: os depoimentos.....	112
3.6.2. Ser cabo-verdiano com os cabo-verdianos: um desafio.....	114
3.7. O compromisso religioso e a vida fraterna comunitária.....	116
3.7.1. A vivência fraterna em comunidade.....	118
3.7.2. O despojamento.....	121
4. Na construção da civilização do amor.....	123
4.1. A catequese.....	126
4.2. Os movimentos e associações paroquiais.....	128
4.3. O clero diocesano.....	131
5. O contributo da espiritualidade libermaniana para a ação missionária.....	134
5.1. Chegar a Jesus por Maria.....	135
5.2. Fortalecidos pela oração.....	138
CONCLUSÃO.....	141
APÊNDICE I: LISTA DOS MISSIONÁRIOS ESPIRITANOS EM CABO VERDE (1941-1975).....	147
APÊNDICE II: RELATÓRIO DO QUESTIONÁRIO AOS LEIGOS DAS ILHAS DE SANTIAGO E MAIO.....	153
ANEXO: RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO AOS LEIGOS DAS ILHAS DE SANTIAGO E MAIO.....	157
BIBLIOGRAFIA.....	165
ÍNDICE.....	171